

Dr Carlos Tôrres Pastorino

Professor de Grego e Latim da Universidade de Brasília, D.F.

***SABEDORIA DO
EVANGELHO***

Nova tradução

Direta do Original Grego

Vol. 6

Sabedoria

1969

OBRAS DO AUTOR

- 1 - "Pequena História da Música" Rio, 1938 (esgotada).
- 2 - "A Música Através dos Séculos" Rio, 1942 (esgotada),
- 3 - "Chave da Versão Latina", Rio, 1947 (esgotada).
- 4 - "Garcia Lema" (em espanhol), Rio, 1948 (esgotada).
- 5 - "Wim Van Dijk" (em francês), Rio, 1948.
- 6 - "De Pestilitate In, Lucreti. Poemate" Rio, 1950.
- 7 - "Farrapos d'Alma" (poesias), Rio, 1958.
- 8 - "Método Elementar de Esperanto" Rio, 1959 (2.a edição)
- 9 - "Latim para os Alunos", 1ª série, Rio, 1981.
- 10 - "Latim para os Alunos", 2ª série, Rio, 1961.
- 11 - "Teu Lar, Tua Vida" Rio, 1962.
- 12 - "Latim para os Alunos" Curso Complementar, Rio, 1963
- 13 - "Teu Amor, Tua Vida" Rio, 1963.
- 14 - "Sabedoria do Evangelho" 1º volume, Rio, 1964.
- 15 - "La Reencarnación en el Antiguo Testamento, Rio, 1964.
- 16 - "Sabedoria do Evangelho" 2º volume, Rio, 1965
- 17 - "Minutos de Sabedoria", Rio. 1970 (3ª edição)
- 18 - "Sabedoria do Evangelho" 3º volume, Rio, 1966.
- 19 - "Sabedoria do Evangelho" 4º volume, Rio, 1967.
- 20 - "Sabedoria do Evangelho" 5º volume, Rio, 1968.

Sabedoria do Evangelho. Vol. 6

Relação de textos na seqüência do Volume (Original/Atual)

Ser discípulo	6 / 1	Libelo de repúdio	87 / 52
A ovelha desgarrada	12/4	Jesus e as crianças	101/61
A dracma perdida	15/7	O moço rico	105/63
O filho pródigo	17/8	Dificuldade dos ricos	111/67
O administrador não justo	26/13	Trabalhadores da Vinha	120/73
O rico e Lázaro	34/19	Ressurreição de Lázaro	127/78
Trigo e joio	39/22	Decretação de morte	145/90
Explicação da parábola	41/23	Predição das dores	150/94
Escândalos	46/23	Pedido extemporâneo	155/96
O perdão	54/31	Cura de Bartimeu	167/167
Servos inúteis	61/35	Zaqueu	171/106
Os dez leprosos	65/39	Os talentos	175/109
Dentro de vós	70/42	Onde está Jesus	181/114
O "dia" do Filho do Homem	73/44	A unção em Betânia	182/115
A prece	78/47	Contra Lázaro	186/118
Vaidade	82/49		

Textos do Evangelho tratados neste volume, referindo-se as páginas do original

João	Ver.	Vol/pag	Lucas	Ver.	Vol/pag	Marcos	Ver.	Vol/pag	Mateus	Ver.	Vol/pag
Cap			Cap			Cap			Cap		
11:	1-16	6,127	14:	25-33	6, 6	10:	2-12	6, 87	18:	6-10	6,46
	17-27	6,131	15:	1 - 7	6, 12		13-16	6,101		12-14	6;12
	18-37	6,134		8-10	6, 15		17-22	6,105		15-35	6,54
	38-44	6,135		11-32	6, 17		23-31	6,111	19:	3-12	6,87
	55-57	6,181	16:	1-17	6, 26		32-34	6,160		13-15	6,101
12:	1- 8	6,182		19-31	6, 34		35-45	6,155		16-22	6,105
	9-11	6,186	17:	1- 2	6, 46		46-52	6,167		23-30	6,111
				3- 4	6, 55	14:	3- 9	6,182	20:	1-16	6,120
				7-10	6, 61					17-19	6,150
				11-19	6, 65					20-28	6,155
				20-21	6, 70					29-34	6,167
				22-30	6, 73				25:	14-30	6,175
			18:	1- 8	6, 78					26:	6-13
				9-14	6, 82						
				15-17	6,101						
				18-23	6,105						
				24-30	6,111						
				31-34	6,150						
				35-43	6,167						
			19:	1-10	6,171						
				11-28	6,175						

SER DISCÍPULO (6 – 11)

Lucas 14:25-33

- 25 Saía com ele grande multidão e, voltando-se disse (Jesus) a eles:**
26 “Se alguém vem a mim e não odeia seu pai, e a mãe, e a esposa, e os filhos, e os irmãos, e as irmãs, e até também a própria alma, não pode ser meu discípulo;
27 quem não carrega sua cruz e vem atrás de mim, não pode ser meu discípulo.
28 Quem de vós, pois, querendo edificar uma torre, primeiro não se senta a calcular o gasto, se tem para acabar?
29 Para que não suceda que, pondo o alicerce e não podendo terminar, os que vêm comecem a caçoar dele,
30 dizendo; “este homem começou a edificar e não pode terminar”.
31 Ou que rei, saindo a lançar-se em guerra com outro rei, primeiro não senta, deliberando se é forte com dez mil, passa enfrentar ao que vem com vinte mil contra ele?
32 Se não, estando ele ainda longe, envia uma legação, pedindo as (condições) para a paz
33 Assim, pois, qualquer de vós que não se destaca de todas as suas posses, não pode ser meu discípulo”.

As “multidões” saíam, acompanhando Jesus, correndo atrás de Sua fascinante personalidade humana, maravilhadas com Seus poderes psíquicos, com Suas “palavras de amor” Luc. 4:22; vol. 2 pág. 49) , de sabedoria e autoridade. O Mestre observa os componentes do grupo: quantos ali estão a Ele se prendem somente por causa dos benefícios recebidos ou a receber... Não. Não é isso o que importa, não é isso que interessa. Não é imitá-Lo externamente, nas palavras e gestos. É algo mais profundo e misterioso.

Volta-Se, então, e mais uma vez fala, repisando temas já versados outras ocasiões, a fim de fixar responsabilidades e alertar contra entusiasmos fáceis e efêmeros. Já expusera longamente, certa feita, as condições essenciais para ser Seu discípulo (cfr. Mat. 16:24-28; Marc. 8:34-38; Luc. 9:23:-27; vol. 4º pág. 64 ss).

[7] Novamente frisa, com outras palavras, as condições indispensáveis para que possa alguém ingressar na senda do discipulado.

1ª — “odiar” (*míseô*) os parentes, por mais próximos e queridos que sejam, e cita: “pai, mãe, esposa, filhos (em geral, dos dois sexos, *tékna*), irmãos, irmãs. Em Mateus 10:37 (vol. 3º pág. 92), são citados: pai, mãe, filho, nora e filha. E pelas palavras aí registradas por esse evangelista, compreendemos o sentido deste “odiar”. Lá encontra-se: *ho philón patéra è mêtéra hyper emé*, isto é, “o que ama o pai ou a mãe acima de mim” (mais que a mim). Trata-se, portanto, de dois termos de comparação entre dois amores, levada ao extremo exagero por metáfora, devido à exuberância do linguajar oriental.

2ª — Não apenas os seres queridos “externos”, mas até a própria alma (*psychê*), ou seja, sua personagem terrena. Em outro passo (Mat. 16:24; Marc. 8:34; Luc. 9.23; vol. 4º pág. 64) essa exigência é dita com a expressão “negue-se a si mesmo”. Então, desligamento total de amores personativos externos e internos.

3ª — Carregar sua cruz, já explicado no vol. 4º pág. 65-66.

4ª — Caminhar após Ele (idem, ibidem).

5ª — Calcular sua capacidade. Exigência que pela vez primeira aparece. Ou seja, fazer o indispensável balanço no que possua de compreensão, de cultura intelectual, de conhecimento, para ver se tem possibilidade de iniciar e terminar o estudo e a “construção da torre”.

6ª — Calcular suas possibilidades, isto é, as forças de que dispõe para enfrentar um adversário numeroso e ferrenho.

7ª — E última: destacar-se (o verbo grego *apotássô* é composto de *tássô*, “por no lugar devido”, e *apó*, longe de”), ou seja, saber colocar nos devidos lugares, bem longe um do outro, o Espírito e os bens materiais (*hypárchousin*)...

Para esclarecer de vez o sentido do vers. 26, vamos reler o Bhagavad-Gita. Arjuna vê, formados no exército que devia combater, “seus avós, sogros, tios, irmãos e primos com seus respectivos filhos e netos, seus camaradas, professores e amigos” (I, 26 — por coincidência o mesmo número do artigo!) e assim fala:

“Ó Krishna, ao ver estes meus parentes reunidos aqui, desejosos de lutar, meus membros cedem, arde-me a boca, meu corpo tiritando, meus cabelos arrepiam-se, o arco me escorrega das mãos, a pele se me abrasa. Ó Krishna, não sou capaz de manter-me, os pensamentos se me confundem, vejo maus presságios. Não aspiro a vitória, nem a reino, nem a prazeres. Mestres, tios, filhos e netos, avós, sogros, além de outros parentes — que inspiravam o desejo de império, alegria e prazeres — eles próprios estão aí, em ordem de batalha, renunciando à vida e à fortuna. Que valem, pois, reino, alegria, e mesmo a existência. Ó Govinda? A esses guerreiros não quero matar, embora por eles seja eu morto, nem pelo domínio dos três mundos, quanto mais por causa desta Terra, ó matador de Madhu, ó Janárdana, que prazer pode advir a nós do assassinio dos filhos de Dhritarashtra? Só o erro se apossará de nós, por termos massacrado esses **malfetores**. Portanto, não devemos matar esses filhos de Dhritarashtra, que são **nossos parentes**; como podemos nós, ó Madhava, ter felicidade destruindo **nossos próprios parentes**? Embora eles, dominados pela ambição, não vejam mal em destruir a família, nem erro em hostilizar amigos. Mas, ó Janárdana, por que não recuamos deste erro, já que percebemos claramente o mal em destruir a família”? (I. 28:39).

No capítulo segundo, Krishna esclarece Arjuna de que todos esses “entes caros” são as exterioridades transitórias e ilusórias, os veículos inferiores da personagem terrena, com seus vícios (e, por isso, destruindo-os, realmente não há prazer em reinos nem em alegrias terrenas) mas que precisamos combater para atingir- a essência íntima, o Eu verdadeiro: “esses corpos são perecíveis, (II, 18). Mas o Eu é “eterno, onipresente, imutável, permanente, perpétuo” (II, 39), pois é no linguajar evangélico, o “reino dos céus”. A explicação é bastante clara.

“O sábio, dotado de conhecimento, abandonando o fruto de suas ações, torna-se **livre dos grilhões do berço** e alcança o estado que está além de todo mal. Quando teu intelecto houver atravessado o pântano da ilusão, então, e só então atingirás a indiferença em relação às coisas ouvidas e por ouvir. Quando teu intelecto, agindo pelas várias opiniões antagônicas das Escrituras, se firma inabalavelmente **no Eu**, então atingirás a Yoga (auto-realização ou união com Deus)” (II, 51-53)

E continua:

“Ó Partha, quando um homem chega a satisfazer-se apenas com o Eu pelo Eu, e baniu completamente todos os desejos da alma, então se diz que ele possui firme sabedoria. Aquele cuja alma não se agita em calamidades, e que não aspira ao poder, e que está liberto do apego, do medo e da cólera é em verdade tido como um santo de firme sabedoria. Aquele que é liberto de todo apego, e que não se rejubila ao receber o bem, nem se perturba ao receber o mal, tem sua sabedoria bem confirmada. Sua sabedoria começou a ficar bem firmada, quando ele retirou inteiramente seus sentidos dos objetos dos sentidos, como a **tartaruga renuncia aos membros**. O encarnado, pela prática da abstinência (não dando alimento aos sentidos), pode amortecer os sentimentos dos sentidos, mas os anseios ainda permanecem em seu coração; todos os anseios se abatem, quando tiver visto o Supremo. O filho de Kunti, os sentidos (parentes) são perigosos, chegam mesmo a arrastar à força o espírito de um homem sensato que está lutando pela perfeição. O homem de firme sabedoria, tendo-o subjugado a todos eles (os sentidos, seus “parentes” mais caros) fica fixado em Mim, o Supremo. Aquele que tem os sentidos sob controle, tem a sabedoria bem firmada. Cuidando dos objetos dos sentidos, o homem se torna apegado a eles. Do apego nasce o anseio, e do anseio a cólera. Da cólera nasce o delírio, e este causa a perda de memória. Com esta arruína-se a faculdade de escolha, e com a ruína desta faculdade o homem perece. Mas aquele que se domina alcança a paz e circula por entre os objetos com os sentidos controlados, isento de qualquer anseio ou aversão. Na paz, cessa a infelicidade e o espírito cheio de paz em breve se firma na sabedoria. Não há sabedoria para o instável nem para o que não medita. E como poderá haver ventura para quem não tem paz? O espírito que condescende com os sentidos indisciplinados e errantes, arrasta consigo sua sabedoria, exatamente como um barco na água é arrastado pelo vento. Portanto, ó poderosamente-armado, sabedoria firme é a daquele cujos sentidos estão bem afastados de todos os objetivos dos sentidos”.

O ensinamento do Espírito, do Cristo, é um em todas as épocas e em todos os quadrantes, porque “há um só corpo e um só Espírito... um só Senhor, uma só fé, um só mergulho, um só Deus e Pai de todos, que está acima de todos, e é por todos e está em todos” (Ef. 4:3-6).

Fica, pois definitivamente explicado o sentido profundo e simbólico do verbo “odiar” neste trecho evangélico, tão incompreendido até hoje.

Mas passemos à interpretação do texto no campo iniciático.

Ainda uma vez encontramos preciosas lições de como deve preparar-se aquele que pretende ingressar na “Assembléia do Caminho”, essa criação sublime de Mestre e Hierofante Divino, que veio pessoalmente instruir-nos. Vejamos as condições requeridas:

1 — *Compreensão absoluta do desligamento total de tudo o que é terreno, como seu corpo, suas sensações, suas emoções, seu intelectualismo humano, com todos os seus agregados “animais”, que a ele se colaram durante o percurso evolutivo pelos reinos inferiores: preguiça, sensualismo, paixões, vaidade e orgulho; de tão arraigados, com ele mesmo confundidos, são considerados “parentes consangüíneos: pai, mãe, esposa, filhos, irmãos, irmãs. Tudo o que constitui matéria, duplo etérico (sangue) e astral deve ser abandonado e como que “odiado”, voltando-se o candidato na direção oposta: o “Espírito Puro”. Como, de modo geral, o ambiente familiar é contrário a qualquer elevação espiritual do iniciado (e Jesus tinha experiência pessoal disso, cfr. Marc. 3:21 e 33-35), o candidato deve estar convicto de que, também; seu progresso espiritual está desligado de qualquer laço familiar, se for indispensável cortar os afetos (emoções) para dedicar-se integralmente ao Espírito. Muito mais fortes são as ligações espirituais, que as consangüíneas. A fraternidade espiritual é REAL E ETERNA, já que somos filhos do mesmo PAI ETERNO; ao passo que o parentesco sangüíneo é passageiro, de uma só encarnação, podendo, na seguinte, ser realizado em outro grupo, em outra terra, em outra raça.*

2 — *Entretanto, não são apenas os apegos externos que precisam ser cortados, mas até o do próprio eu pequeno, da personagem terrena transitória — o filho único tão querido — a própria “alma”, com suas idiossincrasias, seus gostos, suas características temperamentais. Esse é o maior apego nosso. E não basta convencer-se disso, mas é preciso realizar (ou seja, pãthein) experimentar, “sofrer” destaque total e passar a viver no Eu verdadeiro. Só realizando esses dois desligamentos é que o candidato poderá tornar-se discípulo. E aqui mais uma vez comprovamos o emprego da terminologia técnica das escolas iniciáticas: discípulo o que põe o pé na senda para iniciar a caminhada. Só após perulstrar o discipulado em seus graus primeiros (discípulo em provação e discípulo aceito) é que pode pretender o ingresso na iniciação. E dificilmente se obtém isso numa só existência terrena. Os próprios “Mestres de Sabedoria” continuam até hoje a denominar-se a Si mesmos. “Discípulos”, Daí não acreditarmos em quem se chama a si próprio de “iniciado”: quem o diz, não o é; porque quem verdadeiramente é iniciado, não o diz.*

3 — *A terceira condição para ser discípulo-aceito, é receber com alegria o peso da própria cruz, que tem vários aspectos. Inicialmente, é a própria encarnação, quando a criatura se torna consciente de que se acha “pregado” na cruz de carne, limitado em suas possibilidades, grudado ao chão de matéria. Mas, além desse peso, outros podem superpor-se: pobreza, falta de meios e de ambiente, aderentes incompreensivos, exploradores e abusadores, dores e sofrimentos, deficiências físicas humilhações e desprezos, perseguições e até morte. E, não obstante tudo isso, continuar firme o trajeto, sem abater-se nem desanimar.*

[10]

4 — *O passo seguinte é o de palmilhar a estrada que o Mestre exemplificou, com Sua humildade, Seu espírito de sacrifício, Sua dedicação integral ao serviço à humanidade, Sua união com o Pai, Seu amor sem condições a todos. “Vem atrás de mim” ou “seguir-Lo”, quando são frases proferidas pelo Cristo, significa realmente unir-se a Ele, buscá-lo por todos os meios, “mendigar o Espírito” com lágrimas, procurando “ajustar-se” com a sintonia crística, até unificação final.*

5 — *Para ingressar no discipulado, faz-se ainda mister capacidade cultural, a fim de bem compreender os ensaios, sem limitações nem distorções. Muitos há que desejam ardentemente ingressar como discípulos-aceitos ou, até mesmo, atingir a iniciação. Inegavelmente, são, muitas vezes pessoas ardorosas de amor e ansiosas de perfeição. Mas não possuem as condições essenciais para isso, não tem conhecimento. Para iniciação são essenciais três condições pessoais: amor, amadurecimento e sabedoria (cf. vol. 5.” pág. 65):*

“Jesus crescia em sabedoria, amadurecimento e amor” (Luc. 2:5; vol. 1o., pág. 106). Então, os que não conquistarem o conhecimento, e ainda precisarem dedicar-se ao estudo, não são cortados do espiritualismo: podem seguir a via devocional ou a via mística. Mas não a senda iniciática. A via devocional e a mística são linhas evolutivas pessoais, ao passo que a senda iniciática é grupal, e prepara a criatura para o magistério sacerdotal. Ora, sem cultura e conhecimento, como se poderá ensinar? Há enorme perigo não apenas de desviar-se, mas, pior ainda, de afastar do rumo certo aqueles que neles confiam. Daí serem tão rigorosas as escolas que preparam discípulos para a iniciação na admissão de candidatos. Jesus, em diversas ocasiões — como esta agora — alerta quanto às condições indispensáveis para ingressar no discipulado: examine-se se tem capacidade intelectual desenvolvida, para que não inicie uma obra e se veja obrigado a parar na metade do caminho.

6 — Outro requisito para entrar na Escola é saber se conseguiu vitória, ou se está capacitado para obtê-la, contra os inimigos internos e externos. Em outras palavras, se seus instintos inferiores animais não estão mais fortes que sua capacidade de luta. O “rei” (o Espírito) precisa calcular suas forças, a fim de ver se são superiores às do “outro rei” (a personagem). Se forem inferiores as forças do Espírito, este “pede as condições de paz”. Isto é (por exemplo) se a sensualidade predominar e o Espírito não tiver condições de sublimá-la, obedeça à força de sua personagem e se dedique à família, sem pensar em desapegar-se; se a violência do temperamento não pode ser dominada, afaste-se da senda nessa vida, e volte quando puder contar com o domínio de suas energias exuberantes. E assim por diante. Então, calcule bem suas possibilidades de luta e de vitória antes de lançar-se ao combate, a fim de não arriscar-se a derrotas espetaculares que, além de

[11] descoroçá-lo podem trazer sérios prejuízos à instituição a que se filia. Dai o rigor que os instrutores manifestam, antes de receber alguém, e o longo período probacional a que são submetidos: comprovar que superaram todos os vícios. Aqueles que ingressam na senda por sua alta recreação, de modo geral caem fragorosamente, quer desviando-se para a magia negra, quer aniquilando-se até na parte humana: corrúptio óptimi, péssima, ou seja, a corrupção do melhor, é a pior.

7 — Finalmente é mister destacar-se de todos os bens materiais, de todas as “posses” para que não seja por elas “possuído”. Deverá ser capaz de dar tudo, e passar o resto da existência a mendigar seu sustento. Ainda que isso não lhe seja exigido, no entanto deve ser capaz de fazê-lo sem sofrimento moral. Portanto, desapego total.

Essas são as regras para todas as épocas e regiões do globo, sem exceção. Como vemos, encontramos no ensino crístico a orientação completa e integral. A única necessidade é saber interpretar Suas palavras de sabedoria, e não apenas fixar-se na letra fria e morta.

A OVELHA PERDIDA (12 – 14)

Mateus 18:12-14

- 12 “Que vos parece? Se um homem tem cem ovelhas e uma delas se extravia, não abandona as noventa e nove sobre o monte e, indo, procura a extraviada?
13 E se acontece achá-la, em verdade vos digo, que se alegra mais por causa desta, do que pelas noventa e nove que não se extraviaram.
14 Assim, não é da vontade de vosso Pai que está nos céus, que se perca nem um destes pequeninos”.

Lucas 15:1-7

- 1 Estavam próximos a ele todos os cobradores de impostos e os desencaminhados a ouvi-lo.
2 E os fariseus e escribas murmuravam, dizendo: este recebe os desencaminhados e come com eles.
3 Disse-lhes pois esta parábola, dizendo:
4 “Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e tendo perdido uma, não deixa as noventa e nove no deserto e sai atrás da perdida até que a ache?
5 E, achando, a superpõe sobre seus ombros alegre,
6 e vindo à casa, convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: alegrai-vos comigo, porque achei minha ovelha perdida.
7 Digo-vos que assim haverá mais alegria no céu sobre um desencaminhado que muda sua mente, do que sobre noventa e nove justos, que não têm necessidade de mudança de mente”.

Lucas ambienta a parábola, fazendo-a surgir de uma queixa dos fariseus e escribas (os “cumpridores rigorosos” da lei mosaica, que se denominavam “*pharusim*”, ou seja, “os separados” da multidão de errados ou desencaminhados da reta via). Estranham que Jesus converse e coma com os cobradores de impostos (publicanos) e os errados ou desencaminhados (extraviados do caminho certo).

Em Mateus, a parábola é dada como confirmação da anterior assertiva de “não desprezar os pequeninos, cujos anjos contemplam a face do Pai”. E a introdução é interrogativa, solicitando-lhes a opinião: “Que vos parece”?

Apresenta-nos a figura de um homem que é pastor, e possui cem ovelhas. Em Mateus temos, literalmente: “há (*génêtai*) para um homem cem ovelhas”, construção comum com *gínomai* nas terceiras pessoas do singular de todos os tempos, equivalendo ao nosso “haver” impessoal. Nesta construção, o possuidor é dado em dativo (em latim “dativo de posse”).

[13]

A fórmula “que homem dentre vós” (*tís ex hymōn ānthrōpos*) constitui quase um pleonasma. Mas figura bem um ofício comum a muitos dos ouvintes. O número cem é simbólico, pela totalidade. Das cem ovelhas uma “se extravia” (Mat.: *planáō*) ou “se perde” (Luc.: *apólymi*), coisa fácil numa região como a Palestina, cheia de colinas, buracos, cisternas e pequenos lugares desérticos.

Dando pela falta, o pastor “abandona” (Mat.: *aphíēmi*) ou “deixa” (Luc.: *kataleípō*) as noventa e nove “na montanha” (Mat.) ou “no deserto” (Luc.) e sai “atrás da perdida” (*poreúetai epí tō apolólōs*) até achá-la. Lucas anota pormenor: “ao achá-la, coloca-a sobre os ombros”, E ao regressar, convoca amigos e vizinhos para, com eles, celebrar o reencontro, pois sua alegria é transbordante.

Psicologicamente, qualquer reencontro de qualquer coisa que se haja extraviado, produz alegria. Mas aqui o sentido é mais profundo. Confirma com um exemplo, a assertiva que foi dada em Lucas (5:32) “não vim chamar os justos, mas os desencaminhados à mudança de mente” (ouk elélytha kalésai dikáious allà hamartólous eis metánoian).

Descobrimos, com toda a sua plenitude, a lei do SERVIÇO. Nenhum Manifestante Divino, nenhum Avatar, nenhum Adepto, jamais desce à Terra para gozar da companhia dos justos e dos bons: estes não necessitam de iluminação. A única finalidade que os traz a este planeta, são exatamente os desencaminhados, os errados, os “pecadores”, os que estão fora do caminho certo.

Dai o sacrifício desses Seres, que abandonam o Seu “céu” de justos para vir sofrer às mãos dos involuídos.

Uma das características do verdadeiro iniciado é o campo de trabalho em que se situa. Se seu círculo de relações e suas andanças só se realizam entre eleitos, revelam não ser trabalhadores a serviço do Cristo e da Hierarquia. Quem se coloca sob a orientação dos Dirigentes Brancos, convive com enfermos e deficientes, com incrédulos e perturbados, com ateus e malfeitores.

Estes necessitam de guia e conforto espiritual. Como afirmou Krishna: “Sempre que há declínio da virtude e predominância do vício, encarno-me” (Bhagavad Gita, 4,7).

E mais alegria causa a reconquista de um desencaminhado, que a permanência de noventa e nove justos no caminho certo.

A frase de Mateus traz um esclarecimento definitivo quanto ao problema dito da “salvação”. Versam as discussões teológicas a respeito do número de “salvos”, em relação ao dos “perdidos”. Alegam, pela parábola das bodas, que poucos se salvam, e a grande maioria se perde. Outros alegam que Deus não perderia para o “Diabo” (!). No entanto, sabemos que a Vontade de Deus é Todo-Poderosa e se realiza incondicionalmente. Ora, aqui é dito: “não é da Vontade de vosso Pai que se perca nem um destes pequeninos”. Temos pois, a garantia de que nem um homem se perderá, porque essa é, taxativamente, a Vontade do Pai. Nenhuma discussão, pois, pode ser autorizada, já que essa afirmativa anula qualquer possibilidade de não atingirem TODOS a meta.

[14]

Há casos em que “pastores” de almas tenham que interromper temporariamente seu trabalho entre os discípulos fiéis, para afastar-se em busca de alguma alma que lhes interessa e que se transviou do redil. Há que escalar montanhas, baixar a abismos, enfrentar feras e monstros, rasgar-se nos espinheiros, sujar-se no lodo dos pantanais, patinar em paúis, arrastar-se sobre areias movediças... e aguardar o resultado. Se conseguir reconquistar a ovelha, perdida, ele a colocará sobre seus ombros, pois se tornará “a mais querida”, em vista dos sacrifícios que lhe custou. Não se escandalizem os que ficam, ao ver o pastor afastar-se temporariamente: são tarefas realmente sacrificiais, impostas pelo dever e pelo amor, e que freqüentemente representam compensações de abandonos em outras vidas, que agora são corrigidos a custa de dores e renúncias dolorosas. “Não julgueis, para não serdes julgados, não condeneis, para não serdes condenados” (Luc. 6:37). Quem está encarregado de certas tarefas, conhece razões desconhecidas pelos outros, e sabe o que deve fazer e o que não deve.

A DRACMA PERDIDA (15 – 16)

Lucas 15:8-10

- 8 “Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma não acende o candeeiro, varre a casa e a procura diligentemente até achá-la?**
- 9 E achando-a convoca as amigas e vizinhas, dizendo: alegrai-vos comigo porque achei a dracma que perdera.**
- 10 Assim, digo-vos; há alegria na presença dos mensageiros de Deus por um errado que muda sua mente.”**

Repete-se o mesmo motivo que na parábola da ovelha que se tresmalhou, e que será sublinhado a seguir na do “filho pródigo”, com pormenores sempre diferentes em cada caso.

O exemplo aqui trazido à baila é de uma dona de casa, que conseguira pequena economia de dez “dracmas”. A dracma não era moeda palestinese, mas, embora grega, tinha curso corrente em qualquer mercado oriental, como o dólar de hoje. Era de prata e pesava, nessa época, quatro gramas e meio, equivalendo ao salário de um dia de trabalho.

Inconformada com a perda de uma das moedas, mune-se de um candeeiro, varre a casa, revolve tudo, até achá-la. Depois, alegre com o que só tinha importância para ela mesma, não resiste à tagarelice feminina e vai comentar o fato com as vizinhas e amigas, as “comadres” sempre ávidas de uma novidade que interrompa a monotonia dos trabalhos domésticos.

O fato mais corriqueiro tem sempre uma lição a ensinar-nos, desde que tenhamos capacidade de ver: milhões de homens observaram milhões de maçãs a cair de seus galhos, e no entanto, desse fato banal Newton deduziu a lei da gravitação universal. Assim, do sumiço de pequena moeda entre o desamano de um lar, traz-nos o Mestre o ensinamento sutil do que ocorre conosco.

No meio do desconchavo da vida e de seus atropelos, perdemos de vista a moeda preciosa de nossa ligação com o espírito. Quando percebemos — se percebemos — esse extravio, esforçamo-nos em reave-lo, dando os passos necessários, que foram bem delineados no texto:

[16] *1º — acendemos a candeia, gesto indispensável, para quebrar as trevas densas em que estamos mergulhados, e poder vislumbrar o caminho a seguir,*

2º — varremos a casa, isto é, procedemos à catarse de nossos veículos personalísticos, a fim de possibilitarmos a procura interna da moeda extraviada sem que nenhum embaraçamento no-la faça perder de vista, sem nenhum véu de poeira a possa isolar de nosso contato.

Os espíritos “Mensageiros de Deus” alegram-se quando um errado (que se extraviou do caminho certo) muda seu modo de pensar; ou quando um profano (vol. 5º pág. 105, nota) entra na senda iniciática à procura da moeda.

Admiramos a sabedoria profunda de cada linha do Evangelho, onde cada palavra está pesada, medida e situada em seu tempo certo. Há muitos objetos que uma dona-de-casa pode ver extraviados: anéis, brincos, colares, peças de vestuário, e qualquer outro aparelho doméstico. Todavia, a escolha da moeda como exemplo é a mais perfeita, já que representa o poder aquisitivo, e não a utilidade em si mesma, Ou seja, possuir uma moeda por si mesma nada vale, pois só representa valor pelo que com ela pode obter-se.

Portanto ensina-nos a parábola que o espírito não se extraviou, mas o meio de consegui-lo. Nenhum objeto se perdeu, mas o meio de adquiri-lo. O Espírito lá está: o meio de encontrá-lo é que não se conhece.

O FILHO PRÓDIGO (17 – 25)

Luc. 15:11-32

- 11 Disse pois: “Certo homem tinha dois filhos.
12 Disse o mais moço deles a seu pai: “Pai, dá-me o que me cabe na partilha dos bens. Ele repartiu-lhes os meios de vida.
13 E não muitos dias depois, ajuntando tudo, o filho mais moço partiu para um país distante e lá, por viver prodigamente, dilapidou seus bens.
14 Tendo gasto tudo, sobreveio grande fome àquele país e ele começou a sofrer privações.
15 E saindo, ligou-se a um dos cidadãos desse país, que o enviou a seus campos a apascentar porcos;
16 e queria fartar-se das alfarrobas que os porcos comiam, e ninguém lhas dava
17 Mas caindo em si, dizia: quantos empregados de meu pai se fartam de pão e aqui morro de fome !
18 Levantando-me irei a meu pai e dir-lhe-ei: Pai erre contra o céu diante de ti;
19 já não sou digno de ser chamado teu filho; faze-me como um de teus empregados.
20 E levantando-se foi para seu pai. Estando ainda a grande distancia, viu-o seu pai e compadeceu-se e, correndo, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o.
21 Disse-lhe o filho: Pai, erre contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho,
22 Disse, então, o pai a seus servos : Trazei depressa a melhor túnica o vesti nele e dai um anel para a mão e sandálias para os pés;
23 e trazei o bezerro gordo e matai-o e comendo alegremo-nos,
24 porque este meu filho estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado. E começaram a alegrar-se.
25 Seu filho mais velho, porém, estava no campo; e voltando chegou a casa e ouviu sinfonias e coros,
26 e chamado um dos moços perguntou-lhe que era aquilo.
27 Este disse-lhe: teu irmão chegou e teu pai matou o bezerro gordo, porque o recebeu com saúde
28 Aborreceu-se, então, e não queria entrar. Mas saindo, seu pai o convidava
29 Respondendo, porém, disse a seu pai: Eis tantos anos te sirvo e nunca transgredi uma ordem tua e jamais me deste um cabrito para que me alegrasse com meus amigos:
33 mas quando veio esse teu filho que te devorou os haveres com meretrizes, mataste para ele um bezerro gordo
31 Ele disse-lhe porém: Filho, tu sempre estás comigo e tudo o que é meu é teu
32 é preciso alegrar-se e rejubilar-se porque esse teu irmão estava morto e reviveu, e estava perdido e foi achado.

[18] Volta o mesmo argumento das parábolas anteriores. Ampliam-se, porém os pormenores, e aprofunda-se o ensino.

O filho mais moço pede seja feita a partilha dos bens ainda em vida do pai. Seu quinhão era de um terço da fortuna paterna (Deut. 21:17), pois o resto pertencia de direito ao primogênito. Quer sua parte para ter liberdade de agir, e não cogita de amor nem piedade filial.

Viaja para país longínquo, a fim de não ser “vigilado” em seu modo de agir, e dissipa os bens sem cogitar de repor o que gasta, por meio do trabalho. Lógico que o capital chega ao fim. Diz o texto que o dispêndio foi feito por viver ele “prodigamente”, isto é, por “gastar sem guardar” ou, mais

literalmente “sem salvar”: é o sentido etimológico de *asôtâs* (hápax bíblico, ou seja, esta é a única vez, na Bíblia, que aparece esta palavra).

Com a escassez de colheitas que sobreveio ao país, mais difícil se tornou sua posição. Emprega-se com um cidadão de posses, mas sofre a suprema humilhação que poderia sobrevir a um israelita: apascentar porcos, os animais “imundos” por excelência. Nesse mister, passa por suas mãos a alimentação abundante dos animais, as “alfarrobas” (vagens adocicadas que, quando secas, são comestíveis, produzidas pela alfarrobeira, a *ceratonia siliqua* dos botânicos. E vem a vontade de devorá-las para “fartar-se” (*Chortastliênai*, atestado pelos melhores códices, como papiro 75 do 3º século, o Sinaítico e o Vaticano do 4º, etc.; a lição “encher a barriga” — *gemisai tén koillian autoú* — só aparece depois do 5º século, no códice Alexandrino e outros mais recentes).

Nesse ponto da descida social, parado enquanto olhava os bichos, pode meditar sobre sua situação; e o evangelista e médico Lucas, sabe dizê-lo com uma expressão psicológica bem adequada: “entra em si mesmo” (*eis eautón êlthôn*), passando a julgar pela razão, e não sob o domínio dos sentidos. E percebe que cometeu grave erro.

Resolve, então, regressar ao lar paterno. Estuda a frase com que se apresentará a seu pai, solicitando um lugar como empregado, já que sente não mais merecer, de justiça, o posto de filho. Pelo menos, ainda que como servo, terá alimentação, e não mais viverá entre suínos. Revela, portanto, humildade e confiante amor pelo pai.

Feita a viagem, é percebido ainda no longe pelo instinto paterno. A frase estudada é proferida, com exceção da última parte: diante da recepção amigável e efusiva do pai, constituiria ofensa pedir-lhe para ser considerado simples empregado (embora essa segunda parte da frase apareça nos códices Sinaítico e Vaticano, não aparece no papiro 75, parecendo que a correção do copista se deve ao automatismo de fazer o moço dizer ao pai a frase completa que preparara).

Além de manifestar sua alegria pessoalmente, com abraços e beijos, manda vesti-lo com a melhor túnica, calçá-lo com sandálias (só os servos andavam descalços), e colocar-lhe no dedo o anel simbólico da família, e ordena se proceda a um banquete, mandando matar um bezerro gordo, como nas grandes festas (cfr. Gên. 18:7).

[20] Essa matança de bezerras é a recordação ou revivescência do passado egípcio, quando nosso planeta estava sob o signo de Touro (“boi Apis”). Os hebreus que já haviam saído desse signo (a “saída do Egito”) teimavam em recordar os “velhos tempos” e a querer adorar o bezerro, como ocorreu no deserto (cfr. Êx. cap. 32) ou por obra de Jeroboão (1º Reis 12:30).

No entanto, a era dos judeus estava sob o signo do Cordeiro, como nos dá conta o capítulo 12 de Êxodo, com o ritual da passagem (“Páscoa”) do signo do Touro para o signo do Cordeiro.

Quando de sua estada na Terra, Jesus fez a passagem do signo do Cordeiro (tendo sido Ele chamado “O Cordeiro de Deus” pelo Batista) para o signo de Peixes, como deixou bem claro com as duas multiplicações de pães e peixes (cfr. vol. 3º pág. 114 e vol. 4º pág. 29) e quando, depois da “ressurreição”, dá aos discípulos, os “pescadores” de homens, na praia, pães e peixes (João, 21:13), e também como exprime a própria palavra grega I-CH-TH-Y-S (“peixe”), adotada como pentagrama de JESUS CHRISTO FILIUS DEI SALVATOR (em grego) em substituição ao tetragrama de YHWH, e bem assim o desenho do peixe como “sinal” secreto dos iniciados cristãos entre si.

Atualmente, quando passamos de Peixes para Aquário, tudo é renovado: símbolos, sinais, palavras, senhas, etc. Mas só os que são realmente iniciados se conhecem através deles, porque só eles os conhecem, e outras pessoas passam por eles sem nada perceber. Só podemos informar, pelo que nos dizem, que não se trata de nenhum dos símbolos antigos ressuscitados: é tudo novo e tão simples, que, mesmo vendo-os ninguém os nota.

Só agora aparece o filho mais velho, chegando do campo onde trabalhava, e estranha a festa de que não tivera notícia. Quando sabe do motivo, por meio de um dos servos, transborda seu despeito e inveja, e reclama acremente, tomando a atitude infantil do “não brinco mais”.

Os hermeneutas interpretam a parábola como aplicando-se aos fariseus (o mais velho) e aos publicanos (o mais moço). Mas Dâmaso compreende o mais velho como representante dos “justos”, embora a um justo, diz ele, não convenha “que se entristeça com a salvação de outrém, especialmente de um irmão” (*ut de salute alterius et maxime fratris contristetur*, *Patrol. Lat.* vol. 22, col. 380). E Jerônimo o acompanha (*Patrol. Lat.* vol. 22, col. 389): *ut licet videatur obsistere, quod reversioni fratris invideat*, isto é, “embora pareça opor-se, porque inveja o regresso do irmão”.

Há outras interpretações possíveis, além dessa que transparece, à primeira vista, da “letra” do texto, e que foi aventada em época pelos pais da igreja. Realmente a atitude de total modificação mental apresentada pelos “publicanos” e a vaidosa pose dos “doutores em Escritura” e dos “fariseus”, dá margem a que a parábola se adapte plenamente a eles, demonstrando que os primeiros são recebidos com alegria porque se modificaram; ao passo que os segundos são advertidos a respeito da necessidade de perdoar e amar aos que retornam do caminho árduo das experiências dolorosas. Alerta que vale até hoje, quando os religiosos ortodoxos sempre ficam prevenidos com os antigos “pecadores”, julgando-os inferiores a si,

[21] *Mas procuremos mergulhar mais a fundo no “espírito que vivifica” (João, 6:63) e façamos rápida análise do texto.*

Observemos o triângulo escaleno, formado pelo pai e pelos dois filhos, um “mais velho” (presbyteros) e portanto teoricamente mais experiente, porque mais vivido, e o outro “mais moço” (neôteros) e por conseguinte necessitando adquirir as experiências que o primeiro já vivera. No entanto, a parábola não confirma essa impressão e vai mostrar-nos um “mais velho” inexperiente, de mentalidade infantil, que jamais se afastou da proteção paterna. E, por falar nisso, observemos que a parábola não fala, em absoluto, da mãe dos rapazes.

O “mais moço”, cheio de vigor e ambição, sente o impulso íntimo de ganhar a amplitude da liberdade, para agir por conta própria segundo seu livre-arbítrio. Requer, então, os meios indispensáveis para lançar-se a campo e conquistar aprendizado à sua custa. Não quer “avançar” no que lhe não pertence: solicita apenas o que de direito lhe cabe, pela natureza e pela lei. E o pai atende à solicitação do filho sem nada indagar, já que reconhece o requerido não apenas justo, mas necessário, a fim de que o filho possa adquirir experiências que o façam evoluir.

Faz-lhe, então, entrega do que foi solicitado. E aqui observamos que, no original, está escrito que o pai dividiu-LHES (autois), como se tivesse dado a mesma coisa aos dois, e não apenas ao mais moço.

Mas, cada palavra do texto escriturístico tem sua razão. Notemos que o filho pede “o quinhão dos bens” (méros tês ousías). E essa expressão é usada duas vezes, nos vers. 12 e 13. Todavia, o evangelista, também duas vezes, nos vers. 12 e 30, diz que o pai lhe deu, literalmente, “a vida” (tòn bíon). Guardemos essa observação, (1) pois ela nos alerta para uma primeira interpretação: o filho “pródigo” que parte do pai e volta a ele após as experiências, é o ensino que nos revela todo o processo involutivo-evolutivo de Centelha, que é emitida da Fonte, se individua e cai até o fundo do Anti-Sistema (pólo negativo) para daí regressar à Fonte de onde se desprende, após todo o aprendizado prático.

(1) A palavra **bíos** (“vida”) aparece nove vezes no Novo Testamento, sendo:

- duas vezes neste trecho;
- duas vezes (Mat. 13:44 e Luc. 21:4) quando Jesus afirma que o óbolo da viúva representava “toda a sua vida” ou “o meio de, sua vida”;
- quatro vezes com o sentido de “vida” biológica (Luc. 8:14; 1ª Tim. 2:2, 2ª Tim. 2:4, 1ª João 2:16);
- e a nona vez em 1ª João 3:17 quando o evangelista fala na “Vida do Mundo” (tòn bíon tou kosmou), que também pode interpretar-se como “bens do mundo”.
Realmente **bíos** pode sofrer uma sinédoque, exprimindo a parte pelo todo, ou seja, o “meio de vida”, em vez de “vida”, e isso foi aproveitado pelos autores gregos da boa época (cfr. **Hesíodo**, “Obras e Dias”, 31, 42; **Eurípedes**, “Suplicantes”, 450 e 861; **Aristófanes**, “Pluto” 751 e “Vespas” 706; **Platão**, “Leis” 936 b; **Sófocles**, “Filoteto” 931; **Xenofonte** “Memoráveis de Sócrates---, 3, 11, 6; etc.).

Todavia, chama a atenção o fato de que, no próprio vocabulário de Lucas há outros termos, que também exprimem especificadamente “bens, riquezas, posses”. Aqui, vers. 12 e 13, Lucas emprega **ousía** (que só aparece aqui em todo o Novo Testamento); mas ainda encontramos **chrêma** (Marc. 10:23; Luc. 18:24; At. (Luc. 8:18, 20 e 24:26); e **ktêma** (Mat. 19:22; Marc. 10:22; At. (Luc.!) 2:45 e 5:1); e mais **hypérchonta** (Mat. 19:21, 24; 25:14; Luc. 8:3; 11:21; 12:15, 33, 44; 14:33; 16:1, 19:8; At. (Luc.!) 4:32; 1.a Cor. 13:3; Heb. 10:34).

Estendemos esta nota, a fim de que se observe o modo como procedemos em nosso estudo. Não são opiniões aventadas, mas pesquisas sérias e racionais, de que nos servimos para fazer a tradução mais honesta que podemos. Aqui, Pois, concluímos pela seguinte observação: enquanto o rapaz pede “bens” (**ousía**) e dilapida os “bens” (**ousía**), o pai lhe dá “meios de vida” (**bíos**) e o irmão o acusa de haver consumido os “meios de vida” (**bíos**). Na escolha de palavras (“**elegantia**”) há

sempre um motivo sério e ponderável, nas obras inspiradas, e não deve escapar-nos esta minúcia.

[22]

Anotemos os pormenores. A Centelha sabe e solicita sua partida, ansiosa de terminar o ciclo. Pede ao Pai tudo o que de direito lhe cabe para essa viagem. O Pai lhe dá a vida, ou seja, a substância da vida, a individualização indispensável que a distinga do Todo-Homogêneo indiferenciado e a torne autônoma. E ela sai (apó) de seu ambiente (dêmos) para um país distante (apedêmêsen eis chôran makran) ou seja, destaca-se aparentemente do Todo pela individualização (não ainda individualização), tornando-se um “eu” à parte, e vai cair no pólo negativo. Mas dentro de si está a “vida” (tón bíon) recebida do Pai.

Começa a caminhada e avança seu aprendizado, atravessando os estados de mineral, vegetal e animal. Mas ao atingir a individualização no estado humano, e com o desenvolvimento progressivo do intelecto, ela percebe que está faminta, que a “vida” lhe está oculta, que ela se encontra vazia de espiritualidade, pois vive dominada e explorada por seres desse país longínquo (do Anti-Sisterna); e que o ambiente em que atualmente se encontra é terrível, pois são animais imundos (porcos) que a cercam, e o alimento que lhes é dado não lha satisfazem.

Resolve mudar a direção da caminhada e voltar-se para o Pai, que a recebe feliz, com a alegria compartilhada por todos, menos por seu “irmão mais velho” (não é casual o emprego da palavra presbyteros) que, embora seja assim denominado, não tem a vivência nem o conhecimento espirituais necessários para compreender. Por jamais haver-se afastado da luz, julga-se mais perfeito; erro básico de julgamento cometido por todos os que se apegam às exterioridades. O isolamento das experiências confere isenção, mas não aprendizado. A virtude real (qualidade adquirida) é produto da experiência, e não da ignorância. Não pode ser grande pintor quem jamais tenha lidado com pincéis, nem escritor emérito quem não conheça o alfabeto; assim, puro não é o que ignora e, por isso, se abstém da sensualidade, mas aquele que, conhecendo a fundo toda a gama da sensualidade, aprendeu a dominá-la em si mesmo, por ter superado o estágio animal.

Um dos grandes perigos da pseudo-virtude, manifestada pelo irmão mais velho, é exatamente a vaidade (palavra que vem de vânicas, que designa o “vão”, o “vazio”) pois toda vaidade é fruto da ignorância (uma e outra são apenas “vazios” de saber). Só a experiência, não apenas estudada teoricamente (mathein) mas experimentada o sofrida na prática (pathein, Vol, 4º pág. 62) podem conferir à criatura a base sobre que construir a própria ascensão evolutiva.

Mas, olhando o contexto com atenção, descobrimos outra interpretação, apropriada às Escolas Iniciáticas.

Como todas as criaturas de Deus, o ser partiu da Fonte e se encontra no meio da jornada.

No ponto exato em que o ser abre os olhos e sabe ver-se a si mesmo, aí se situa o apoio onde se toma o impulso para regressar, isto é, aí está o fim da estrada da descida involutiva, e o início da senda da subida evolutiva. Também a esse despertar pode aplicar-se o “conhece-te a ti mesmo”.

1º passo — Abertos os olhos, considerado seu estado, o ser “entra em si mesmo” (eis eautón êlthôn) ou seja, dá o MERGULHO em seu íntimo e entra em meditação. Nesse estado de espírito, reconhece que vem errando (vagueando fora da senda) e não é digno de ser chamado filho: é o ato de humildade. Logo a seguir vem o complemento, o ato de amor, pois prefere a qualificação de servo, contanto que possa permanecer junto ao Pai, como disse o salmista (84:10) “é melhor estar no limiar da casa de meu deus, que morar nas tendas da perversidade”.

2º passo — Esses atos de humildade e de amor confiante (“quem se humilha será exaltado”, Luc. 14:11; e “o amor cobre a multidão de erros”, Luc. 7:47) fazem elevar-se sua sintonia vibratória, fato confirmado com o verbo empregado no texto: “levantando-se foi para seu pai”; ou seja, apurando suas vibrações automaticamente, pela humildade e pelo amor, aproximou-se do Pai, embora se mantivesse “ainda a grande distância” (éti dê autou makrán apéchontos). Mas a graça responde de imediato ao primeiro passo do livre-arbítrio da criatura, e o Pai se precipita amorosamente, envolvendo o filho de ternura e carinho.

3º passo — Diante da efusão abundante e confortadora da graça, a filho estabiliza, na prática, a metanóia, que teoricamente fora decidida durante a meditação.

Os demais passos são citados em rigorosa ordem, embora a narração os precipite, em poucas palavras, quase num só versículo.

4º passo (ação de graças) — o regresso à casa paterna com a esfuziante alegria da gratidão por ter sido recebido.

5º passo (matrimônio) — a veste nupcial, “a melhor túnica”, para que vivesse permanentemente com o Pai.

6º passo (sacerdócio) — o “anel para a mão”, simbolizando a consagração da mão de quem serve à Divindade; anel que traz o selo da família, fazendo o portador participante da “família do deus” (note-se que se fala em “anel”, não em “aliança”).

[24]

7º passo (cristificação) — As “sandálias para os pés”, a fim de simbolizar o total desligamento, destacando-se do solo do planeta, renunciando à matéria.

O último passo iniciático, nas ordens antigas, era comemorado com grandes festejos, que aqui também não faltam. Anotemos a escolha do animal (sobre que já comentamos), assinalando que, em três versículos (23, 27 e 30), fala-se na morte do bezerro, significando que o novo iniciado atingiu a meta (conseguiu seu grau) ao sair da evolução egípcia (signo de touro), que acaba de ser superada. E apesar de poder interpretar-se, por dedução, que a festa consistiu em “comer-se” o bezerro, isso não é dito. O que se afirma claramente é que participaram de um banquete no qual se entregaram à alegria e à beleza, com “sinfonias e coros”. Pode-se, pois, nesta interpretação, compreender-se como “banquete espiritual de regozijo”, palavra esta (ou “alegria”) usada nos versículos 23 e 24.

A razão é dada pelo pai aos convidados, e depois ao “mais velho” (vers, 24 e 32): o filho “morrera e reviveu, se perdera e foi achado”. Realmente, ele se encontrava morto (nekrós) na matéria e perdido (apolólôs) nas estradas falsas., mas reviveu (anézêsen, composto de zôê) e foi achado (heuréthê,) na senda certa. Daí a razão de “alegrar-se” (euphrainesthai) .

O filho mais velho, que chega do campo, não se conforma em ver a festa tributada ao mais moço. Deixa-se levar pelo despeito e pela inveja: sempre ficara ao lado do pai, servindo-o, e nunca teve, nem sequer um cabrito, para alegrar-se com seus amigos. É a posição normal da pseudo-virtude. O pai procura justificar sua conduta, demovendo-o de sua infantilidade mental. O parabolista deixa em aberto a questão, sem dizer se ele atendeu ou não ao apelo do pai.

Apesar de “mais velho” (presbyteros) revela-se infantil e comprova, com isso, que não é a idade nem a permanência nos santuários, que vale como testemunho de evolução. Nem tampouco vale o fato de dedicar-se à vida religiosa reclusa, em permanente adoração. Nem sequer o apego a mandamentos, cerimônias e ritos externos, religiosamente obedecidos. E aqui aprendemos que, se tudo isso pode conferir merecimentos, não exprime de modo algum, evolução (ver revista Sabedoria, ano 2., nº 14, pág. 52). E portanto, que muitas criaturas podem possuir toneladas de merecimento, sem que isso signifique que são evoluídas. No entanto, o merecimento, por trazer colaboração de amigos gratos, ajuda e influi numa facilitação de carrinho evolutivo.

Uma das acusações do mais velho, é que o mais moço devorou a vida do pai com meretrizes (ho kataphagôn sou tóri bion metá pornôn), ou seja, distribuiu sua substância, não apenas monetária mas também a física, sensória, emotiva e intelectual, com criaturas de toda ordem, numa prodigalidade que marcou o rapaz e o caracteriza até hoje. “Há mais alegria em dar” (At. 20:35) traço normal do ser evoluído, enquanto o “pedir” é típico do involuído, que tudo quer receber.

[25]

No final, o pai dirige-se ao mais velho, recordando-lhe que “ está sempre com ele “ em união inseparável, e que “tudo o que é meu é teu” (párita tà emá sà estin), frase que Jesus emprega na oração sacerdotal (João, 17:10) em relação ao Pai.

Realmente, se considerarmos esse “irmão mais velho” como um espírito já evoluído, em união total com o Pai, é profundamente estranho esse comportamento despeitado e invejoso, que atesta imenso atraso. Essa contradição novamente nos impele à meditação, para ver se conseguimos perceber de que se trata. E a idéia que nos chega é que esse irmão “mais velho” representa a centelha antes da peregrinação; daí aquela imagem simbólica de Lúcifer (o “Portador da Luz”) que se rebela (tal como o mais velho) e, por esse motivo, é expulso do “céu”, numa “queda” espetacular, para fazer sua evolução; representaria, também, em outro plano, o tipo religioso ortodoxo, quando ainda apegado a exterioridades e aparências, antes de compreender o verdadeiro caminho da iniciação, para dentro de cada um.

O ADMINISTRADOR NÃO-JUSTO (26 - 33)

Luc. 16:1-17

- 1 Disse Jesus também a seus discípulos: “Certo homem era rico e tinha um administrador, e este lhe foi acusado como dilapidador de seus bens.**
- 2 E tendo-o chamado, perguntou-lhe: “Que ouço dizer de ti ? Presta conta de tua administração, pois não podes mais administrar”.**
- 3 Disse o administrador consigo mesmo: “Que farei, porque meu senhor me tira a administração ? Não tenho forças para cavar, tenho vergonha de mendigar...”**
- 4 Sei o que farei para que, quando for removido da administração, me recebam em suas casas”**
- 5 Tendo chamado cada um dos devedores de seu senhor, disse ao primeiro: “Quanto deves a meu senhor-?”**
- 6 Respondeu ele: “Cem cados (1) de azeite”. Disse-lhe então: “Pega tua fatura, senta-te já e escreve cinqüenta”.**
- 7 Depois perguntou a outro: “E tu, quanto deves”? Respondeu ele: “Cem coros (2) de trigo”. Disse-lhe : “Pega tua fatura e escreve oitenta”.**
- 8 E o senhor louvou o administrador não justo, porque procedeu prudentemente; porque os filhos deste eon são mais atilados para com sua geração, do que os filhos da luz.**
- 9 E eu vos digo: Fazei para vós amigos da riqueza não justa, para que, quando vos faltar, vos recebam eles nas tendas do eon.**
- 10 Quem é fiel no pouco, também é fiel no muito; e quem não é justo no pouco, também não é justo no muito.**
- 11 Se pois não vos tornastes fiéis na riqueza vã, quem vos confiará a verdadeira?**
- 12 E se não vos tornastes fiéis no alheio, quem vos dará o que é vosso?**
- 13 Nenhum empregado pode servir a dois senhores: porque, ou aborrecerá a um e amará o outro; eu se unirá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e às riquezas.**
- 14 Ouviam tudo isso os fariseus, que eram amigos do dinheiro, e caçoavam dele.**
- 15 Disse-lhes Jesus: “Sois vós que vos justificais perante os homens, mas Deus conhece vossos corações; pois o que é elevado entre os homens, é abominável diante de Deus.**
- 16 A lei e os profetas (foram) até João: desde então o reino de Deus é alegremente anunciado, e todos forcejam para ele.**
- 17 Mas é mais fácil passarem o céu e a terra, do que cair um til da Lei”.**

(1) Cada, medida que equivale a 40 litros. A dívida, portanto, era de 4.000 litros, que foram reduzidos a 2.000.

(2) Coros, medida que equivale a 400 litros. A dívida, pois, era de 40.000 litros, reduzidos a 32.000 litros.

[27]

Mais uma vez Jesus se dirige a Seus discípulos. No entanto, como havia elementos estranhos ao colégio iniciático por perto (cfr. vers. 14), utiliza, como de hábito, uma parábola. Talvez mais tarde a tenha explicado em particular ao grupo.

O exemplo escolhido é de um mordomo ou administrador (em grego ecônomo) que se demonstrou infiel para com seu senhor. E as falcatruas chegaram aos ouvidos do amo, pelo que este, agindo

corretamente, afirma que ouviu acusações sérias, e portanto pede que lhe sejam apresentadas as contas. pois, caso se verifique o acerto da acusação, não poderá mais gerir seus bens.

O verbo *diabállô* tem o sentido de “acusar”, embora também aceite o sentido de “caluniar” (cfr. Dan. 3:8,9 e 2º Mac. 3:11). Desse verbo vem o adjetivo *diábolos*, que é o “acusador”, o “adversário” que acusa ou calunia. ou seja, a matéria que se opõe à espiritualização, o “Anti-Sistema” (P. Ubaldi) ou pólo negativo, em que mergulha a Centelha ou Mônada.

O parabolista não esclarece (nem interessa à história) a espécie de desonestidade do mordomo, se era simples má gestão ou real malversação dos bens para proveito próprio. A continuação da parábola demonstra inclusive a que ponto podia chegar: falsário.

O administrador estava tão convicto da verdade das acusações. que não cogita aproveitar-se do ensejo de defesa que o patrão lhe coloca à disposição: apresentação das contas, demonstrando correção. Ao invés, passa logo a cogitar de como sair-se para defender-se depois de despedido.

Resolve aproveitar o curto espaço de tempo que lhe ficou à disposição para organizar seu balanço), a fim de falsificar a escrituração. Mas engaja os devedores em sua falsificação, de forma a tê-los presos a si, impossibilitados de acusá-lo sem que também sejam envolvidos no mesmo crime; e daí, uma vez complicados pela cumplicidade, se verem obrigados a dar cobertura ao mordomo despedido.

O “devedor” (*chreôpheilétês*) de que fala o texto é aquele que realizou a compra e ainda a não pagou, por ter que fazê-lo apenas 30 ou 60 dias “fora o mês”. Modificando a escrituração do balanço, e modificando a fatura de entrega da mercadoria, nada apareceria de errado, embora toda a transação fosse desonesta.

O mordomo, ainda investido de suas funções, convoca os devedores, embora cada um seja introduzido em particular, conforme especifica o texto. A cada um é feita, inicialmente, a pergunta de “quanto deve”, ou seja, é pedida uma “confissão de dívida” explícita, para que fique bem clara a transação, irregular a realizar-se.

Apenas dois exemplos são dados. As medidas utilizadas, bem estudadas no artigo do Pe. Barrois, “La Métrologie dans la Bible”, publicado na “Revue Biblique” de 1931 (pág. 212), são bem diferentes uma da outra. O batos (do hebraico *bâth*) tem 39,384 litros, ao passo que o coros (do hebraico *kórs*) têm dez vezes mais, isto é, 393,384 litros. Arredondando, os cem batos correspondem a 4.000 litros, enquanto os cem coros correspondem a 40.000 litros. Daí os primeiros CEM terem sido reduzidos à metade, num abatimento de 2.000 litros; ao passo que os segundos CEM só foram reduzidos de 20%, isto é, de 8.000 litros. As dívidas, portanto, desceram de 4.000 para 2.000 e de [28] 40.000 para 32.000. A redução da segunda dívida de 50% seria muito forte e, talvez, não teria sido aceita pelo próprio devedor, temeroso de ser descoberto.

“Nada há de oculto, que se não venha a conhecer”: o senhor descobriu a falcatrua do mordomo, não se diz como. E reconheceu que o administrador foi atilado e agiu com prudência, embora continue denominando-o “não-justo” (*adikíás*).

Até aqui a parábola. Seguem-se as considerações do Mestre aos discípulos, dando a interpretação mais chã (já que falava diante de profanos) e aproveitando a ocasião para aconselhá-los.

Em primeiro lugar, salienta a prudência com que agem os filhos “deste eon” (*toú aiônos toútou*) entre si, “em. sua geração” (*eis tén geneán tén heautôn*), e lamenta que os “filhos da luz” não utilizem a mesma habilidade para conquistar o “reino dos céus”.

Depois vem um conselho em estilo algo confuso, que requer muita atenção, a fim de ser bem compreendido: “fazei para vós amigos da riqueza não justa (Huberto Rohden traduz, com muita propriedade, “riqueza vã”) para que, quando esta faltar, vos recebam eles (esses amigos) nas tendas do eon”. As traduções correntes aproveitam o sentido de “por meio de”, que recebe a preposição grega *ek* (cfr. Xenofonte, Helênicas, 3,2,11 e *Anabase*, 2,3,10; Sófocles, Filoctete, 702 e Plutarco, *Temístocles*, 4), para apresentar: “fazei-vos amigos com (por meio da) riqueza vã”. No entanto, a Vulgata traduz o *ek* pela preposição latina de: *fácite vobis amicos de mammona iniquitatis*, conservando a mesma perífrase que o grego. Em inglês usaríamos *from*, em lugar de *by*. Observemos que o sentido muda totalmente. Analisemos.

Fazer amigos por meio da riqueza vã, é utilizar a nossa riqueza para conquistar esses amigos. Fazer amigos da riqueza vã, é conquistar a amizade dos ricos, pelos serviços a eles prestados. Por mais generalizada que seja a primeira interpretação, preferimos a segunda, considerando que os

discípulos “filhos da luz” não são, de modo geral, pessoas que abundem de bens terrenos materiais, embora sejam ricos de espírito de serviço e de bondade desinteressada.

Doutro lado, a expressão “quando esta faltar” (*hótan eklípeí*, no singular, muito mais bem testemunhado que o plural *eklípete*) pode referir-se às riquezas, dando margem às duas interpretações: se somos ricos e usamos a riqueza para conquistar amigos, quando esta faltar, seremos recebidos por esses amigos a quem conquistamos; ou: se conquistamos a amizade dos ricos, quando o dinheiro nos fizer falta, seremos por eles recebidos. Quer dizer, ambas as interpretações são válidas no contexto. Outros intérpretes chegam mais adiante: quando faltar “a vida”, isto é, quando morreremos, abandonando forçadamente as riquezas, seremos recebidos pelos amigos conquistados.

Recebidos aonde? “Nas tendas do eon” (*eis tãs aiôníous skénás*). Também, aqui entendemos nas “casas deles”, nas residências do eon, do século, do mundo, da matéria; embora a maioria dos exegetas prefira traduzir *aiôníous* por “eternas”: seremos recebidos “nos tabernáculos eternos”, isto é, nas casas celestiais. A interpretação corrente, pois, é que: se conquistarmos amigos por meio de nossas riquezas, dando esmolas, os que receberem essas esmolas se tornarão nossos amigos e nos

[29] receberão “no astral”, quando lá chegarmos desprovidos de tudo, já que as riquezas ficaram na terra. Não chegamos a entender, positivamente, esse jogo de interesses, de querer “comprar” um lugar no “astral” ou no “céu”, por meio das riquezas terrenas, como se evolução espiritual fosse coisa comprável com dinheiro.

Daí nossa preferência por “tendas de eon”, ou seja, casas terrenas, do “século”, do qual são “filhos” os homens atilados, e onde podem eles agir como “donos” da situação. E não no “astral” ou “céu”, onde pouco devem poder os que vivem na matéria e para a matéria.

Quanto ao vocábulo “riquezas”, é tradução do aramaico *mammona*, que tem o sentido de “confiado, depositado, ganho”, conforme fala também Agostinho (*Patrol. Lat. Vol. 34 col. 1290*): *lucrum púnice mammona dicitur*, isto é, “em cartaginês o lucro é chamado mamona”.

Seguem-se duas frases em estilo axiomático: fidelidade ou desonestidade são qualidades que não dependem de medida: o fiel e o desonesto o são tanto nas coisas mínimas como nas máximas: é uma atitude intrínseca, congênita na pessoa.

A conclusão imediata é que, se alguém não se tornou fiel na riqueza vã (nos bens materiais) tampouco merece confiança para receber em depósito as riquezas verdadeiras (espirituais), pois não sendo fiéis no alheio, não terá oportunidade de receber o que lhe é próprio.

Chega, então, a conclusão geral: impossível servir a Deus e às riquezas. Repetição do que já foi dito antes (Mat. 6:24).

Os fariseus, ditos aqui “amigos do dinheiro” (*philárgyroi*) já que consideravam os bens materiais como um dom divino em recompensa da fidelidade à lei (Deut. 28.1-14), só podiam ter uma atitude em relação a esses ensinamentos: zombaria.

Mas Jesus responde que eles se dizem e se fazem justos perante os homens. mas por conta própria, porque Deus conhece “os corações deles”. E acrescenta que tudo o que é julgado grande pelos homens, para Deus não passa de coisa abominável. Interessante observar que o termo grego *bdélygma* é o que se renega, por causa do fedor”.

Segue-se a afirmativa que “A lei e os profetas até João” sem verbo, que geralmente é suprido por “duraram” ou “vigoraram”. Entendem alguns que depois de João a Lei e os profetas não mais têm ação, só passando a vigorar o Evangelho, a Boa-Nova. O próprio texto dá a entender isso, afirmando que “desde então o reino de Deus é alegremente anunciado (*evaggélizetai*) e todos forcejam por penetrar nele. No entanto, Jesus já afirmara que não veio destruir a lei, mas aperfeiçoá-la (cfr. Mat. 5: 17-20).

O final da parábola é categórico: mais fácil é ruírem céu e terra que um “til” (*keráia*, que é um daqueles sinais minúsculos colocados nos caracteres hebreus, para facilitar a leitura) da lei deixar de ser cumprido.

O Senhor da Terra, isto é, do Planeta, não a trabalha diretamente, mas por meio dos homens, pois as criaturas humanas são as ADMINISTRADORAS dos bens terrenos que lhes não pertencem, mas sim ao Dono da Terra, ao Supremo Governador (a que os hebreus chamam Melquisedec, os hindus Rama ou Naráyana).

[30] Todas as vezes que a criatura que recebe a mordomia dilapida os bens de seu Senhor, utilizando-os em benefício próprio com prejuízo daqueles que também possuem direitos sobre eles; ou quando não os sabe conservar e gerir de forma a multiplicá-los; ou os esbanja em frioleiras e

gozos exagerados, em vez de empregá-los em benefício de obras úteis; ou com eles compra terras e as deixa improdutivas, com a idéia egoísta de guardá-las só para si e para os seus; ou os enterra em bancos sem aproveitamento — essa criatura está dilapidando os bens de seu Senhor, porque os não está empregando segundo a Vontade Dele, mas sim de acordo com seus caprichos.

Definida esta parte, observemos os ensinamentos da parábola.

O Senhor chama o administrador — a criatura que emprega mal os bens que recebeu em mordomia — e pede as contas, porque chegou a um ponto em que não pode continuar gerindo bens terrenos. É geralmente o momento da desencarnação e aproximação da morte.

Nesses últimos momentos, a criatura se lembra de que realmente agiu com egoísmo. E sabe que vai ter que abandonar não só os bens, mas a própria decisão a respeito deles. Então, só então, se lembra de que há pobres (os pobres são os que entram na Terra como devedores, e por isso não recebem bens para gerir) e resolve diminuir-lhes as dívidas, dando-lhes parte da fortuna que está gerindo, saldando, de um, 50% da dívida, de outro 20%, etc. . . .

Essas importâncias dadas (ou deixadas em testamento) têm a vantagem, segundo essa criatura, de fazer que os beneficiados lhe demonstrem gratidão no eon futuro. Tinha, pois, muita razão, o Senhor de louvá-lo, pois agira, atiladamente e com prudência, E aqui pode compreender-se plenamente o termo utilizado pelo evangelista: o “administrador não-justo”. Lembramo-nos de que os que se aproximam do Caminho foram divididos por Jesus em três classes: os profetas, os justos, e os discípulos (vol. 3º pág. 98). Aqui é simplesmente citado o caso de alguém que ainda não atingiu o segundo grau: ainda não é justo, o que não significa que seja positivamente “íniquo” nem “desonesto” integralmente. Não percamos de vista que os Evangelhos adotam um linguajar técnico rigoroso de Escola Iniciática (vol. 4º pág. 91 ss). Nem poderia supor-se o contrário de livros especializados e “inspirados”. Dizer que o Novo Testamento é escrito em linguagem popular porque seus autores não tinham conhecimentos, é desvalorizar a inspiração do Alto. O sentido de cada palavra é sempre rigidamente empregado dentro da técnica do ensino ministrado pelo Mestre, que era um Hierofante da categoria sublime de Jesus, e da inconcebível e incomensurável Sabedoria do Cristo que através Dele se manifesta. Não são obras de ignorantes nem de iletrados: são documentos perfeitos e cientificamente redigidos, embora em alguns pontos os homens os tenham modificado para adaptá-los às suas conveniências. Podemos admitir que seus autores não eram gênios, mas temos que convir que suas mãos eram dirigidas por Inteligências superiores. Não pode conceber-se que obras, destinadas ao ensinamento profundo da humanidade durante milênios, fossem deixadas ao acaso das incompetências e limitações cerebrais de homens sem cultura. Afirmar o contrário é irreverência e até mesmo blasfêmia inominável.

A continuação do texto vem confirmar esta segunda interpretação. Observemos as frases:

[31]

a) “fazei para vós amigos da riqueza vã” (não-justa), isto é, da riqueza terrena material (ou também, “por meio da riqueza vã”), pois, de qualquer maneira, ao terminar o ciclo da vida material, essas amizades perdurarão no ciclo astral e espiritual. As amizades, no ambiente terreno, são sustentadas e alimentadas pelos obséquios, pelos presentes trocados, pelos favores dados e recebidos, o que facilita uma sintonização de interesse mútuo que, com o tempo, se tornará sintonização de vibrações intelectuais e, mais tarde, de vibrações espirituais.

b) “quem é fiel no pouco se-lo-á igualmente no muito”, etc.; verdade substancial, já que honestidade, fidelidade, justiça são qualidades intrínsecas (já o vimos) e independem da quantidade.

c) portanto, ao homem é apresentada a ocasião de exercitar-se e de revelar suas qualidades, e de aperfeiçoá-las, enquanto na matéria, no “pouco” (bens terrenos materiais) para que, se for dada prova de possuir a qualidade mestra da justiça e da fidelidade, lhe seja entregue a riqueza verdadeira. Ponto essencial para não correr-se o risco de dar as riquezas verdadeiras (o conhecimento espiritual) a criaturas ainda incapazes, que poderão transformar-se em “magos negros”. Daí a necessidade de escolas com períodos probatórios longos. Daí as numerosas encarnações de experimentação rígida de valores. Só depois de longos séculos de provas em muitos campos, e depois de haver treinado a administração dos bens materiais, pode a criatura ser aceita como discípulo. E, mesmo depois desse passo, chegam os exames, os “passos iniciáticos” as provas rigorosas, a prática, a vivência (páthein, vol. 4º pág. 62), para que, depois de tudo isso, possam ser dados, confiantemente, os graus iniciáticos, até atingir-se o adeptado. Se não dermos provas cabais e definitivas de fidelidade na administração sábia dos bens terrenos (e todos os que administram por profissão estão ainda nesse passo), não estaremos aptos a receber o conhecimento da riqueza verdadeira.

d) A mesma idéia é repisada com outras palavras: a fidelidade no alheio é uma garantia para recebermos o que é nosso. Dentro da pura concepção humana terrena, esse conceito é logicamente

absurdo. Ninguém experimenta a fidelidade de uma criatura confiando-lhe riquezas alheias para se comprovada a qualidade — entregar-lhe a riqueza própria. Temos, pois, um ensino mais profundo: se não nos tornarmos fiéis no que é dos outros, ou seja, no que pertence aos veículos inferiores, ao planeta físico, aos demais seres que nos cercam, comprovamos não estar aptos a entrar na posse dos bens espirituais, a que temos direito por nossa origem divina. E essa é uma das razões de nossa encarnação na matéria: aprender a governar-nos no que é alheio, mas sem importância capital, até tornar-nos capacitados para recebermos a herança que nos pertence. Ninguém nos dará a riqueza verdadeira (espiritual) a que temos direito, se antes não tivermos atingido a perfeição da justiça naquilo que é material e transitório. Todos os que estão atualmente encarregados de administrar as riquezas materiais, estão se preparando ainda para que no futuro possam na posse das verda-

[32] -des espirituais. São períodos encarnatórios de treino, indispensáveis para verificação da capacidade intrínseca de cada um. E a VIDA é sábia, e distribui as profissões a cada um, de acordo com o degrau evolutivo que tiver atingido. Que os dirigentes de Escola estejam atentos, pois, em não confiar iniciações àqueles cuja profissão terrena oficial ainda for administração financeira.

e) “não podeis servir a dois senhores”. Realmente é impossível dedicar-nos à gestão e conquista de riquezas materiais e ao espiritualismo da busca divina. Claro e lógico. São duas direções opostas. Ninguém pode caminhar ao mesmo tempo para o norte e para o sul. Ninguém pode dirigir-se simultaneamente para o Sistema e para o Anti-Sistema, para o pólo positivo e para o pólo negativo. Questão de orientação fundamental do caminho a ser percorrido. Quem se encaminha na direção do Sistema, fixando-se na Individualidade, aborrece as riquezas; e quem se prende às riquezas para multiplicá-las, a fim de comprar apartamentos, casas de campo, comodidades, conforto etc., automaticamente desprezará as filigranas espirituais e o desprendimento total, por que precisa agir na zona pesada dos interesses que não admitem sentimentalismos. O esclarecimento final do Mestre acaba com as dúvidas: Deus e as riquezas (posses = Mammona) são pólos opostos. Ou seguimos para a direita, abandonando tudo o que é material e seguindo Cristo, ou para a esquerda, e possuiremos bens terrenos, estando atentos às nossas contas bancárias. Os que nesse campo se aproximam dos espiritualistas, estão exercitando para que, em próximas vidas, possam aprender a renunciar totalmente aos bens terrenos.

A intervenção dos fariseus provoca outros ensinamentos.

f) “o que é elevado entre os homens, é abominável diante de Deus”: posições, honrarias, títulos, cargos, riquezas, fama, domínio — tudo o que se julga nobre e digno de respeito na humanidade terrena, constitui algo desprezível e “fedorento” (bdélygma) para Deus e para os Seres que já superaram o caminho evolutivo e se encontram no ápice da pirâmide. Deus conhece os corações, porque neles habita, conscientemente impelindo e dirigindo a evolução de cada um. E os que buscam Deus e a evolução, procuram realmente apagar-se no campo terráqueo do Anti-Sistema.

g) A expressão “lei e profetas” exprime o Antigo Testamento, que é o símbolo da personagem terrena; o Novo Testamento é o reino de Deus, que é o campo da Individualidade.

Moisés legislou para a personalidade terrena; Jesus para a individualidade espiritual. O reino da personalidade durou até João, que foi o maior entre os “filhos de mulher” (cfr. vol. 1º pág. 155; vol. 3º pág. 22 e vol. 4º pág. 61); ao passo que Jesus é o “Filho do Homem”, trazendo à Terra o “Reino de Deus”, que é “anunciado alegremente”. Portanto, até João ainda vigoravam os preceitos para a personalidade, que perderam sua razão de ser nesse nível, porque foram completados e aperfeiçoados (cfr. vol. 2º pág. 134) pela vinda de Jesus, que os elevou, para aplicá-los e adaptá-los à individualidade.

[33] h) “Todos forcejam para o reino dos céus”, exprime a velocidade maior no final da carreira (motus in fine velocior). Uma vez percebida e compreendida a meta, a criatura envereda com entusiasmo pela senda, forcejando e violentando-se, e percorre o que falta em relativamente menor número de encarnações. Exemplifiquemos grosseiramente: se levara 80.000 encarnações para percorrer de 1 a 80 (à razão de 1.000 em cada passo), levará agora 200 encarnações para caminhar de 80 a 100 (à razão de 10 em cada passo). Essa pressa violenta (como dá a entender o verbo grego biázô) exprime o esforço de atingir o objetivo o mais depressa possível. Mas jamais nos iludamos de que estamos na “última encarnação”. Só poderemos afirmar isso, se tivermos alcançado a evolução que Jesus tinha. Quem a tem?

i) O último ensino é categórico: a LEI se cumprirá. Aqui não há mais, referência à lei mosaica, escrita para a personagem transitória, e portanto transitória ela mesma. Trata-se da LEI suprema da evolução, da LEI MAIOR, que não toma conhecimento de privilégios nem de pistolões.

Essa, pois, a segunda interpretação que podemos dar à magnífica lição contida na parábola do administrador não-justo. Outras existirão ainda, pois cada parábola encerra em si ensinamentos de profundidade variável, de acordo, com a capacidade de quem a lê.

O RICO E LÁZARO (34 – 38)

Lucas 16:19-31

- 19 Certo homem era rico e se vestia de púrpura e linho finíssimo, e leviano banqueteava-se todos os dias alegremente.
- 20 Certo mendigo, de nome Lázaro, todo em chagas, fora deitado diante do ádrio dele,
- 21 desejando saciar-se com o que sobrava da mesa do rico; mas até os cães vinham lambe-lhe as úlceras.
- 22 Aconteceu, porem, morrer o mendigo e ser levado pelos espíritos ao seio de Abraão; morreu também o rico e foi sepultado.
- 23 No hades, estando em provação, levantou seus olhos e viu Abraão ao longe, e Lázaro em seu seio.
- 24 E ele chamou, dizendo: “Pai Abraão, compadece-te de mim e envia Lázaro, que mergulhe na água a ponta de seu dedo e refrigere minha língua, porque muito sofro nestas chamas”
- 25 Abraão, porém, respondeu: “Filho, lembra-te de que recebeste teus bens em tua vida, e igualmente Lázaro os males; agora, pois, ele foi aqui consolado, mas tu sofres;
- 26 e nestas regiões todas, entre nós e vós estabeleceu-se imenso abismo, de tal forma que os que querem passar daqui para vós, não podem, nem os de lá passar para nós”.
- 27 Ele disse: “Peco-te, então, ó Pai, que o envies à casa de meu pai,
- 28 porque tenho cinco irmãos; de modo que os avise, para que também eles não venham a este lugar de provação”.
- 29 Mas disse Abraão: “Eles tem Moisés e os profetas: que os ouçam”.
- 30 Retrucou ele: “Não, Pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for a eles, mudarão a mente”.
- 31 Respondeu Abraão: “Se não ouvem Moisés e os profetas mesmo se levante alguém dentre os mortos, não se persuadirão”.

Aqui deparamos outra parábola com ensinamentos seguros a respeito do plano astral, como conseqüência imediata da vida neste plano terráqueo. Temos a impressão, por isso, de que as duas foram narradas seguidamente, pois havendo falado nas “casas” (vers. 4) “deste eon” (vers. 8) e nas “tendas do (outro) eon” (vers. 9), era interessante, e até conveniente, que o ensino prosseguisse no esclarecimento das realidades ocorrentes em uma e outra “localização” das criaturas.

[35]

Alguns “pais da igreja” julgaram tratar-se de fato verídico, como se depreende da versão copta saídica e de um escólio do grego, que dão o nome de *Níneve* ao rico denominado *Pineas* por Prisciliano (“Tractatus” IX) e pelo pseudo-Cipriano (“De Pascha Comp.”, 17). A dedução é feita em virtude de constar o nome Lázaro, pois não é da técnica parabólica a citação de nomes próprios. No entanto, justifica-se o aparecimento do nome, já que não poderia mais designar-se por “o mendigo”, quando este tivesse chegado à nova situação “no seio de Abraão”.

[36]

Destaca o ensino, o contraste entre a grande riqueza e a extrema miserabilidade. O manto de púrpura e as túnicas de linho fino (*byssos*) eram a roupa normal dos grandes ricos da época. E o “banquetear-se alegremente” (*euphrainô*) confirma o padrão elevado de vida.

Ao lado disso, aparece o pobre, com o nome apropriado de Lázaro (diminutivo de Eleazar, que significa “Deus ajuda”). Descrito como “mendigo” (*ptôchós*) que, além de nada possuir, se achava coberto de chagas (*eilkôménos*) e permanecia deitado, sem poder movimentar-se, de tal forma que nem conseguia afastar os cães que lhe vinham lambe as úlceras.

O verbo *bállô*, no mais que perfeito passivo, de sentido continuativo (*ebéblêto*) indica que ali “fora deitado” e ali continuava sem de lá sair. E disso deduzimos que, quando ele “desejava saciar-se com a sobra da mesa do rico”, ele o conseguia. Não fora assim, teria buscado outro local. Não corresponde, pois, à realidade o acréscimo da Vulgata Clementina: *et nemo illi dabat* (“e ninguém lho dava”), sem nenhum apoio nos códices gregos. Provavelmente foi para aí trazido da parábola do

“filho pródigo” (Luc. 15:16). Portanto, embora não cuidado com amor, era diariamente alimentado pela criadagem do rico que, por isso, se sente encorajado a pedir de Abraão que permita que Lázaro lhe retribua os pequenos favores prestados. Preferimos na tradução, “o que sobrava da mesa do rico” (*tõn piptõtõtõn apõ tes trapézês tou plousiõu*), à precisão “as migalhas” (*tõn psichión*) que caíam, expressão que aparece em numerosos manuscritos. No entanto, os mais antigos e mais seguros omitem-na (papiro 75, Sinaítico, Vaticano, Régio, versões itálicas e coptas saídica e boaídica, e os “pais” Clemente, Adamâncio, Ambrósio e Gaudêncio).

Lázaro, afinal, larga seu corpo chagado e é conduzido pelos espíritos protetores ao “seio de Abraão”. Mais tarde também o rico abandona o corpo nédio, que é sepultado com as honras de praxe. Aqui também a Vulgata trouxe, por paralelismo, o início do vers. 23 para o final do vers. 22, sublinhando a oposição entre “o pobre no seio de Abraão” e “o rico sepultado no inferno”. Mas não há justificativa em nenhum original grego. Inclusive o tratamento trocado entre Abraão, que chama o rico de “filho” (*tékna*) e este que a ele se dirige respeitosamente como “pai”, demonstra que o rico não estava no “inferno”.

[37] A crença israelita da época dizia que todos os desencarnados se localizavam num só sítio, o *cheol* (em grego *hades*, que é o termo aqui empregado), que se dividia em vários planos, pois lá se encontravam bons e maus, santos e criminosos, patriarcas e ladrões e todos se viam e podiam comunicar-se. Não era, portanto, em absoluto, a idéia de “céu” e “inferno” que posteriormente se formou em muitas seitas cristãs. A expressão “seio de Abraão”, isto é, “regaço de Abraão” era o plano mais elevado, dirigido pelo patriarca fundador e “pai” de todos os israelitas. Mas não se pense que os espíritos desencarnados eram literalmente “carregados no colo”, pelo velho patriarca...

Conforme vemos, a descrição feita por Jesus do mundo astral é muito mais conforme aos ensinamentos espiritistas que a outras teorias: o plano é o mesmo, só existindo, entre os diversos níveis, uma distância vibratória; elevada e trazendo bem-estar aos que haviam descarregado na vida física, pela catarse, todos os fluidos pesados agregados ao corpo astral; e trazendo sofrimento, por sua vibração baixa e portanto carregada de calor e queimante com o fogo purificador, aos que haviam transcorrido vida viciada no plano físico.

Permanecendo, pois, no *hades*, em provação (*básanos*, o *lâpis Lydius* dos latinos, era uma “pedra de toque”, com a qual se reconhecia o ouro. Trata-se, portanto, da “experimentação” ou provação a que são submetidos os desencarnados que necessitam purificar-se) sofria a dor da limpeza pelo fogo purificador que queima os agregados do corpo astral. É quando levanta os olhos e vê Abraão e, no círculo por ele governado, o ex-mendigo Lázaro. Lembra-se de que, na Terra, ele o favorecia com os restos de sua mesa e lhe permitia ficar deitado junto ao portão de sua casa. Suplica, então, que Abraão lhe envie Lázaro, após mergulhar o dedo na água, a fim de trazer-lhe um pouco de refrigério, pois o que mais o martiriza é a sede. Pede pouco (uma gota d'água) porque também dera pouco (as sobras apenas).

Responde Abraão a seu “filho” que sofre, explicando-lhe o mecanismo da Lei de causa e efeito. O rico recebera todas as facilidades, e delas se servira abusivamente, não cogitando de, com ela, servir generosamente. Agora tinha que suportar a dor da limpeza, para purificar-se e evoluir. No entanto, essa fase já fora superada por Lázaro, que fizera sua purificação através da mesma dor na vida terrena. Já pronto, achava-se agora reconfortado. Ambos tinham que sofrer as mesmas operações. Mas enquanto Lázaro as suportara no corpo, o rico preferira aproveitar sua existência em gozos e prazeres, adiando a limpeza para o plano astral — Tivesse, pois, paciência.

Completando a ilustração, explica-lhe que “em todas aquelas regiões” (*en pãsi toutois*) há verdadeiros abismos vibratórios entre um plano e outro, tirando qualquer possibilidade de transitar-se de um a outro: o rádio de onda longa não tem possibilidade de sintonizar a onda curta, nem vice-versa; há entre as duas freqüências, verdadeiro abismo.

O rico compreende a lição e conforma-se. Mas, possuidor de bons sentimentos, recorda-se de que deixou encarnados no planeta mais cinco irmãos, que moram com seu pai. E preocupa-se com o futuro estado deles. Se a dificuldade de ele receber o alívio reside na distância vibratória imensa, certamente esse empecilho não existirá entre o *hades* e o plano físico. Lázaro não poderia aparecer na casa de seu pai terreno para avisar a seus irmãos?

Abraão faz-lhe ver que, na Terra, seus irmãos já receberam toda a elucidação possível da parte de Moisés e dos profetas, cujas obras costumam ouvir lidas aos sábados nas sinagogas. Essa orientação é-lhes suficiente para dirigir corretamente suas vidas. Mas o rico, que desencarnara havia pouco, lembra-se bem de que também ele não dera atenção a Moisés e aos profetas: a leitura

[38] daqueles textos consistia simplesmente numa rotina tradicional, sem qualquer influência maior na prática da vida. E se algum “defunto” aparecesse causaria tamanha sensação, que certamente eles

ficariam alertados e acertariam o rumo de suas existências, pois “mudariam a mente”, renovando suas crenças.

Mas Abraão conhece bem a humanidade. E sabe que, mesmo depois de 2.000 anos, ainda continuará igual: de nada adiantará o aparecimento de “fantasmas”, por mais comprovado que seja: todos quase continuarão descrentes, duvidando de tudo. Não será a aparição de espíritos que os persuadirá (como até hoje ocorre). Terão que modificar-se de dentro para fora, e não com acontecimentos exteriores, por mais sensacionais que sejam.

Verificamos, pois, que o rico não é condenado pelo fato de não haver atendido ao pobre — porque, embora minimamente, ele o atendeu — mas é ensinada, apenas, através do contraste chocante de situações na terra e no plano astral, a lei de causa e efeito, que age nos dois planos (físico e astral) que são interligados e interpenetrantes.

A lição é por demais preciosa, sobretudo por vir trazer confirmação de muitas obras espiritualistas (Antonio Borgia, Francisco Cândido Xavier, Yvonne A. Pereira e muitos outros) que são recusadas pelas igrejas ortodoxas.

TRIGO E JOIO (39 – 40)

Mateus 13:24-30

- 24 Outra parábola lhes propôs (Jesus), dizendo: “Assemelhou-se o reino dos céus a um homem que semeou boa semente em seu campo.**
25 Enquanto, porém, dormiam os homens, veio o inimigo dele e semeou por cima joio, por entre o trigo, e foi embora.
26 Quando, pois, cresceu a erva e produziu fruto, então apareceu também o joio.
27 Chegando os servos do dono da casa, disseram-lhe: “Senhor, não semeaste boa semente em teu campo? Onde, então, vem o joio”?
28 Ele respondeu-lhes: “um homem inimigo fez isso”. Os servos disseram-lhe: “Queres então que vamos colhê-lo”?
29 Repliou ele: “Não, para que colhendo o joio, não arranqueis juntamente com ele o trigo;
30 Deixai crescer ambos até a colheita; e na época da colheita direi aos ceifeiros: colhei primeiro o joio e amarraí-o em feixes para queimá-lo; mas o trigo, recolhei-o ao meu celeiro”.

Segue-se outra parábola, esta menos clara, de tal forma que os discípulos, ao chegarem a casa, pediram uma explicação em particular.

Observe-se que geralmente o verbo é usado no presente: “o reino dos céus é semelhante” (*homoía estin hê basileía tōn ouránōn*, cfr. 13:31, 33, 44, 45, etc.), e uma vez aparece no futuro: “assemelhar-se-á” (*homoiôthêsetai*, 25:1); no entanto aqui é empregado o aoristo: “assemelhou-se” (*homoiôthê*).

A semeadura é boa, e não há razão para vigilância noturna enquanto as sementes ainda se encontram sob a terra. E os lavradores aproveitam a noite para dormir. Aproveitando-se da escuridão, alguém percorre os sulcos recém-semeados de trigo, e lança à terra fofa a semente do joio. Daí Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26 col. 93) avisar aos chefes da igreja que não durmam, para que não se façam semeaduras de heresias entre os fiéis.

[40]

O joio (em grego *zizânia*) é o *Lolium temulentum* de Linneu, planta que apresenta grande semelhança com o trigo, pois é também uma graminácea, e frutifica em espigas, embora menores e mais magras que as do trigo. Cereal venenoso, com efeitos de náuseas e embriaguez, por causa do cogumelo microscópico (*Endoconidium Temulentum*, de Prillieux e Delacroix), que vive em simbiose com o grão, logo que ele se forma, como foi comprovado por P. Guérin (“Journal de Botanique”, 1898 pág. 230). Quando se formam as espigas, torna-se fácil distingui-lo do trigo, mas com ele se confunde durante todo o crescimento (Jerônimo, *Patrol. Lat.* Vol. 26, col. 94). Abundante sobretudo no oriente e na Palestina. O hábito de querer prejudicar alguém plantando sementes nocivas em campos úteis não devia ser raro, pois foi previsto, no Código Penal de Roma.

Quando os lavradores percebem o fato, indagam do Senhor como terá ocorrido esse desastre. Dada a explicação e proposta a extirpação do joio, é-lhes ordenado aguardar a colheita, quando o trigo, crescendo mais alto, será mais fácil de distinguir. Será então colhido o joio junto com a palha e queimado, e o trigo será recolhido ao celeiro (1).

O segundo comentário será feito junto com o do capítulo seguinte

(1) Como curiosidade anotemos o correspondente grego de “celeiro”: *apothêke*, que etimologicamente significa “caixa cofre” (*thêka*) “debaixo” (*apó*), e designava geralmente a adega, onde se guardavam os vinhos. Essa palavra passou diretamente do grego ao português, masculinizando-se *apothêke* - boteco, donde saiu o diminutivo *botequim*.

EXPLICAÇÃO DA PARÁBOLA (41 – 45)

Mat. 13:36-43

- 36 Tendo, então, deixado as turbas, veio para casa. E, aproximando-se dele seus discípulos, disseram: “Explica-nos a parábola do joio do campo”.**
- 37 Respondendo, disse: “O semeador da boa semente é o Filho do Homem.**
- 38 O campo é o mundo; a boa semente são os filhos do reino; o joio são os filhos do mal;**
- 39 o inimigo que o semeou é o adversário; a colheita é o término do eon; os ceifeiros são os espíritos (mensageiros).**
- 40 Então, como é colhido o joio e queimado no fogo, assim será no término do eon:**
- 41 enviará o Filho do Homem seus mensageiros e recolherão de um reino todas as pedras de tropeço e os que agem ilegalmente,**
- 42 o os lançarão na fornalha de fogo; aí haverá choro e ranger de dentes.**
- 43 Então os justos brilharão como o sol no reino do Pai deles. Quem tem ouvidos, ouça”.**

Mais uma vez o Mestre explica a parábola aos “discípulos”, em particular, depois que chegaram a casa.

O uso de parábolas no ensino iniciático, quando dado ao povo, era comum desde a antigüidade. O Salmo (78:2) de Asaph, que conforme 2º Crôn. (28:30) era profeta, já dizia: “abrirei minha boca em parábolas, narrar-lhes-ei os mistérios ocultos desde a fundação do mundo”. Jerônimo (*Patrol. Lat.* v01. 26, col. 93) afirmava que os acontecimentos da história bíblica no Antigo Testamento deviam entender-se *parabólice*, isto é, alegoricamente.

Vemos, assim, que Jesus se serve do mesmo estilo dos antigos profeta hebreus. E aqui mesmo, dá a explicação alegórica desta parábola.

[42]

ALEGORIA — Uma alegoria pode ser explicada por três processos:

- 1 — *Equação* ou *aplicação direta*, em que cada palavra tem seu próprio significado;
- 2 — Por *substituição*, quando as figuras são substituídas pela realidade;
- 3 — Por *comparação*, como nas parábolas simples.

Nesta explicação, como anota Piro, o Mestre utiliza simultaneamente os três processos. Trata-se, portanto, de um paradigma de interpretação parabólica. Encontramos, por exemplo:

- 1º — *Equação*: “o campo é o mundo”; “a boa semente são os filhos do reino”, etc.
- 2º — *Substituição*: “O Filho do Homem enviará seus mensageiros”;
- 3º — *Comparação*: “Assim como é colhido o joio e queimado no fogo, assim será no término do eon”.

Analisemos os termos.

“O Semeador é o Filho do Homem”, ou seja, aquele que já atingiu a superação do estágio hominal.

“O campo é o mundo” (*kósmos*), isto é, todo o planeta, não apenas determinada região nem raça.

“A boa semente são os filhos do reino”, ou seja, aqueles que, em sua vida interna e externa, seguem os preceitos do Espírito, filiando-se às Escolas ou independentes.

“O joio são os filhos do mal”. Aqui o genitivo *poneróu* pode ser do substantivo *ponerón* (o “mal”) ou do adjetivo *ponerós*, (o “mau”). O comum das interpretações traz “o mau”, referindo-se ao “diabo”, citado no vers. 39. Ora, assim teríamos que as criaturas podiam provir de duas origens: ou “filhos de Deus” ou “filhos do diabo”. Dois criadores. Dois princípios autônomos e poderosos. Não podemos aceitar essa interpretação. Resta-nos, pois, considerar o genitivo *poneróu* como. do substantivo, e

compreender “filhos do mal”, isto é, da matéria. Temos, então, que o Criador é um só, o Pai, que dá origem aos Espíritos; estes, ao mergulhar na matéria, que é o mal (cfr. vol. 2.0, pág. 165) tornam-se “filhos do mal”, isto é, sujeitos à matéria. Então, o semeador do joio é o “adversário” (*diábolos*, acusador, adversário) ou seja, o baixamento de vibrações e sua condensação.

“A colheita é o término do eon”, isto é, do presente ciclo evolutivo, e não do “fim do mundo”.

“Os ceifeiros são os espíritos” (mensageiros), os chamados “anjos”. Espíritos bons, sem corpo físico ou com ele, que se dedicam a cumprir, como “Mensageiros”, a Vontade do Pai. Estes, no corpo físico ou fora dele, estão encarregados de fazer a triagem (em grego *krísis*, que geralmente é traduzido mal como “juízo”) dos bons e dos maus, daqueles que seguem já o caminho evolutivo, embora ainda apresentem alguns defeitos, e daqueles que voluntariamente se opõem à evolução.

[43] A separação será feita “no fim do ciclo”. Na Terra permanecerão os “filhos do reino”, enquanto os “filhos do mal”, os substancialmente maus, dela serão afastados para a “fornalha de fogo inextinguível”, em outro planeta, porque “meus escolhidos herdarão a Terra, e meus servos habitarão nela” (Is. 65:9).

Constitui este versículo uma das provas, para certas seitas, da “eternidade” do fogo do inferno. Não há a menor razão para isso. O “fogo inextinguível”, segundo Emmanuel, é o fogo do Amor Divino, que faz que todos se purifiquem de seus erros. Nós diríamos, o “fogo do carma”, que não se apaga enquanto a catarse não estiver terminada, e esse fogo causa “choro e ranger de dentes” em todos os que a eles estão sujeitos. Essa expressão aparece em Mat. 8:12; 13:50; 22:13; 24:51; 25:30; Luc. 13:28.

Já os justos (aqui não se fala nem dos profetas nem dos discípulos) os simples “justos” brilharão como o sol, na comparação de Daniel (12:3), ou seja, expandirão luz sobre todos.

João Crisóstomo (*Patrol. Gr.* vol. 58 col. 475) afirma ter Jesus apresentado essa parábola, a fim de evitar que, no futuro, as comunidades cristãs se perturbassem diante dos maus elementos que contra ela agiriam. De qualquer forma, não há outro remédio: a convivência de bons e maus é inevitável. Resta aproveitar o máximo de bem que se possa extrair dos maus, “exercitando-os no bem”, como escreveu Tomás de Aquino. Agostinho (*Patrol. Lat.* vol. 3^o, col. 1371) também diz que “os maus exercitam a paciência dos bons, e que estes se esforçam por trazer-los ao bem”. Por isso Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26. col. 93) aconselha: *ne cito amputemus fratrem*, ou seja, “não cortemos depressa um irmão”.

A separação só ocorrerá no fim do ciclo (do eon).

João Crisóstomo, ao aplicar a parábola aos “hereges”, diz que “é permitido reprimi-los, fechar-lhes a boca, tirar-lhes a liberdade de palavra, dissolver suas assembleias, rescindir seus contratos, mas é proibido matá-los” (*Patrol.- Lat.* vol. 33, col. 477), lição de que a “Inquisição” não tomou conhecimento: preferiu a opinião de Agostinho, quando já no fim da vida escreveu que “a violência não deixa de produzir bons resultados” (*Patrol. Lat.* vol. 33. col. 321); e a de Tomás de Aquino que autorizou a violência, embora “usada com discricção” (*Ópera*, vol. 10, pág. 131); e sobretudo a do jesuíta Maldonado, frontalmente oposta à de Jesus, pois escreveu: *quid opus est messem exspectare? mature evellenda sunt, rnature comburenda sunt*, ou seja, “por que é preciso esperar a colheita? Devem ser logo arrancados, devem ser logo queimados” (*Commentarii in Quattuor Evangelistas*, pág. 277).

Quem escreveu essas linhas se diz cristão e não é julgado “herege”, por contradizer taxativamente o Mestre. E muitos preferiram seguir Maldonado, a seguir Jesus... apesar de se dizerem “representantes oficiais e exclusivos de Jesus na Terra !

Encontramos aqui a interpretação alegórica externa, que o próprio Mestre Jesus deu da parábola do trigo e do joio, ensinando a Seus discípulos como fazer Para interpretar todas as demais parábolas diante do público que deixara de ser “profano” Para ser “catecúmeno”.

[44] *Agora, à distância de dois milênios, outras interpretações já podem ser dadas; acreditamos que, mesmo àquela época, em particular aos discípulos, e sem autorização para divulgar, já tivessem sido ensinados outros modos de entende-las.*

A primeira versão que nos ocorre é a compreensão do homem em si mesmo. Cada criatura é constituída do “trigo” do Espírito (Individualidade) e do “joio” do quaternário inferior (personagem).

A palavra “semear” (speirô) nesse sentido de “nascer, surgir” é usada por Paulo: “serneia-se em corrupção, é ressuscitado em incorrupção; semeia-se em vileza, é ressuscitado em glória;

semeia-se em fraqueza, é ressuscitado em poder; semeia-se corpo animal, é ressuscitado corpo espiritual” (1ª Cor. 5:42-44). Então, “semeiar” é utilizado como significando a formação do corpo físico, da personagem; e o verbo ressuscitar ou levantar-se (anístemi) para exprimir a libertação do Espírito do quaternário interior. A interpretação, portanto, tem base escriturística.

Ora, criado ou semeado o Espírito, o “inimigo” (isto é, a vibração material) semeia a personagem, que vai perturbar o crescimento desse Espírito, entretendo-o como se lhe fora real inimigo. A proposta de “arrancar de imediato” o joio (destruir os veículos inferiores) para favorecer o crescimento do Espírito é inviável: a própria evolução do ser vai depender do atrito com sua personagem rebelde. Mister portanto que se deixem ambos crescer juntos até a colheita (o final do eon), quando então aqueles que tiverem superado a inferioridade do pólo negativo poderão “brilhar como o sol”; ao passo que os que permaneceram estacionários no Anti-Sistema, serão “lançados nas chamas inextinguíveis” da correção e purificação cármicas, a fim de prosseguir sua evolução em outros planetas.

Outra justificativa desse modo de ver transparece do próprio texto parabólico, quando se diz que “a boa semente são os filhos do reino, e o joio são os filhos do mal, designando-se com isso a individualidade e a personagem, que representa o mal para o Espírito. Daí o último pedido do “Pai Nosso” ser exatamente esse: “liberta-nos do mal”, isto é, da matéria.

Para a Escola iniciática apresenta-se bastante clara a interpretação. Os emissários (apóstolos) e todos os que atingiram o grau de Filho do Homem na escala iniciática superior, são semeadores da boa doutrina, exemplificadores de atos corretos, diretores de consciências, instrutores dos discípulos que lhes seguem os passos. Ora, o próprio Mestre Jesus não se livrou de ter entre seus mais íntimos, um traidor. Assim, somos avisados, pela parábola e pelo exemplo do Mestre, que, entre aqueles que nos seguem, há de tudo: trigo e joio.

Não devem, pois, os encarregados de ensinar, entristecer nem julgar-se fracassados porque, entre a semente que lançaram, venha a ser semeado o joio das más interpretações, da discórdia, da ambição do mando, do desejo de desviar a Escola do caminho traçado, tornando-se joguete de vaidades pessoais e busca de grandezas financeiras, exibicionismo, etc.. Sempre haverá, nos, melhores ambientes, o joio, que se misturará ao trigo, penetrando nos recintos mais sagrados e recônditos (como na “Assembléia do Caminho”), com o fito de destruir a obra benéfica em benefício próprio. Os homens tomam-se, então, simples marionetes inconscientes nas mãos das forças do mal. Não haja pânico. Ação segura e firme em todos os momentos, é a ordem. Não afrouxar as rédeas, embora jamais se deva tentar arrancar o joio, como Jesus também não expulsou Judas do Colégio Apostólico, apesar de saber de antemão o que estava para suceder. Os elementos que não se afinarem sairão por seus próprios pés no momento exato em que devem sair. Os mensageiros (Espíritos bons) se encarregam de “recolher todas as pedras de tropeço e os que agem ilegalmente”, afastando-os do convívio das obras, para que estas não se desviem da rota traçada. A “Assembléia do Caminho” não sofreu abalo ao perder o concurso de Judas. Assim prosseguirão seu curso normal as obras que estiverem realmente ligadas às forças Superiores.

[45]

O momento da colheita poderá chegar individualmente para cada criatura. Nessa hora crítica dá-se a separação do joio, que será afastado e, ligado, em feixes” (em conjunto com outros elementos que com eles sintonizem) será lançado à fornalha de fogo das provações espirituais, onde “o choro e o ranger de dentes” os farão ver o erro cometido, incentivando-os a humildemente voltar ao caminho certo. Se houver humildade verdadeira, regressarão à “Casa Paterna” e prosseguirão na felicidade do lar espiritual a participar do banquete eucarístico. Mas se o orgulho e a vaidade predominarem, só em outras vidas, e depois de passar pelo fogo da dor, receberão novas oportunidades, porque o Amor do Pai é incomensurável, ilimitado, infinito, eterno, e a “Hora do Encontro” soará para todos.

Não nos esqueçamos, porém, de que essa separação será feita automaticamente, pelo princípio da frequência vibratória, sendo atraído cada espírito para o ambiente de acordo com sua sintonia íntima (tal como, em nossos rádios, selecionamos as estações, recebendo-as conforme --sintonizamos o “dial”).

ESCÂNDALOS (46 – 53)

Mateus 18:6-10

- 6 “Quem fizer cair um destes pequenos que crêem em mim, mais lhe conviria que suspendesse uma mó (de burro) em torno do pescoço dele e se submergisse na profundidade do mar.
- 7 Ai do mundo, por causa dos escândalos, porque é fatal que os escândalos venham; mas ai do homem por quem vem o escândalo.
- 8 Se tua mão ou teu pé te fazem cair, corta-os e lança-os de ti: melhor é para ti entrares na vida manco ou coxo que, tendo duas mãos ou dois pés, seres lançado no fogo do eon.
- 9 E se teu olho te faz cair, extrai-o e lança-o de ti; melhor te é entrares na vida com um só olho, do que, tendo dois, seres lançado na geena de fogo.
- 10 Vede não desprezeis um destes pequeninos, pois vos digo que os Espíritos deles, nos céus, incessantemente vêem a face de meu Pai nos céus”.

Marcos 9:42-48

- 42 'E quem quer que faça cair um destes pequenos que crêem em mim, seria melhor se pendurasse uma mó (de burro) em torno do pescoço dele e se lançasse no mar.
- 43 E se tua mão te faz cair, corta-a; melhor te é entrares manco na vida que, tendo duas mãos, saires para a geena, para o fogo inextinguível.
- 45 E se teu pé te faz cair, corta-o; melhor te é entrares coxo na vida que, tendo dois pés, seres lançado na geena.
- 47 E se teu olho te faz cair, arranca-o; melhor te é entrares com um só olho no reino dos céus que, tendo dois olhos, seres lançado na geena,
- 48 onde o verme deles não morre e o fogo não se extingue’.

Lucas 17:1-2

- 1 Disse Jesus a seus discípulos: “É inevitável que venham escândalos, mas ai daquele por quem venham: 2 ser-lhe-ia mais útil se amarrasse a seu pescoço uma pedra de moinho, e se lançasse no mar, que fazer cair um destes pequenos”.

Antes de passarmos à análise do texto, examinemos alguns vocábulos.

Os moinhos (*rêhhaim*) eram de dois tipos: o leve (portátil) chamados “moinhos de homem (*rêhhaim shel ‘adâm*) e os pesados, denominados “moinhos de burro” (*rêhhaim shel hamôr*), porque essa alimária era utilizada para fazer girar a pedra móvel (a que chamamos mó) ou “cavaleiro” (*rekhebh*), que pisava o grão rodando sobre a outra pedra de baixo (*petah tahtith*), também dita “que dormia” (*shakkâbh*).

[47] Os gregos também distinguiam o moinho a mão (*cheiromylê*, cfr. Êx. 11:5; Juizes 9:53 e Mat. 24:47) e moinhos de burro (*epimylion*). A mó deste segundo era dita *líthos mylíkós*.

Os romanos os conheciam, bastando lembrar Ovídio: *pumíceas versat asella molles* (Fastos. 6, 318), isto é: “a burrica gira as mós de pedra-pomes”.

A figura “pendurar uma mó ao pescoço” aparece em *Qidduchin* 29-b, quando o Rabbi Jochanan diz: “casar-se e depois estudar a Lei, é condenar-se a estudá-la com uma mó no pescoço”.

Quanto a lançar ao mar alguém com um peso, diz Suetônio (*Augustus*, 67) que foi suplício usado: *oneratos gravi pøndere cervícibus praecipitavit in flumen*, ou seja: “precipitou(-os) no rio, carregados com grande peso nos pescoços”.

Entre os israelitas, porém, o afogamento era suplício inaceitável, porque privava a vítima de sepultura.

ESCÂNDALO

Muitas vezes aparece em o Novo Testamento a palavra “escândalo” (grego *skándalon*), que literalmente significa “pedra de tropeço” ou “armadilha para fazer alguém cair”. Assim também o verbo *skandalízein* que é “provocar a queda” (escandalizar).

Pelas frases “escandalizar os pequenos” e pelas ações, certificamo-nos de que se trata de palavras ou ações que “desviam do rumo certo” (em grego *hamartánô*, em latim *peccare*, este

composto precisamente de *pes*, “Pé”, e *cádere*, “cair”, dando a idéia de “tropêço” que provoca a queda).

O exemplo de Paulo é totalmente esclarecedor. Vejamos:

1) aos romanos: “Sei e estou persuadido no Senhor, de que nenhuma coisa é, em si, impura (a não ser para aquele que a tem como tal)... Bom é não comer carne, nem beber vinho, nem fazer alguma coisa em que teu irmão se escandalize” (Rom. 14:14, 21).

2) aos coríntios: “Quanto ao comer as carnes sacrificadas aos ídolos, sabemos que um ídolo nada é no mundo... A comida, porém, não nos recomendará a Deus: não somos piores se não comermos nem melhores se comermos. Mas vede que essa liberdade vossa não venha de alguma forma a ser pedra de tropeço para os fracos... Por isso, se a comida serve de pedra de tropeço a meu irmão, jamais comerei carne, para que eu não sirva de Pedra de tropeço para meu irmão” (1ª Cor. 8:4, 8, 13).

[48] Compreendemos, então, que essa “pedra de tropeço” ou esse “escândalo” não é somente o ver e admirar-se: é o afrouxar a vigilância e imitar o ato, embora a consciência do escandalizado o condene por isso. O que torna má e prejudicial uma ação, não é a ação em si, mas o que nossa consciência o julga. Se sabemos que beber cerveja não constitui “pecado”, mas o vizinho ao lado julga que o seja, diante dele procuraremos evitar esse ato, pois ele poderia ser levado a imitar-nos e a ficar com a consciência pesada, criando a vibração do remorso, que atrairia infalivelmente o carma negativo. O sofrimento que, por esse fato, lhe adviesse seria causado por nós; e, como coresponsáveis, também sofreríamos. E quiçá mais do que pudéssemos supor, pois responderíamos por todas as conseqüências decorrentes de um ato que talvez, para nós, não tivesse representado nada ou quase nada.

Estamos dando exemplos de coisas pequenas, de somenos importância, mas sabemos todos que há coisas muito mais graves, cujo remorso pode provocar carmas negativos que necessitem duas ou mais encarnações para serem queimados. Quanto mal, quanto atraso podemos causar a companheiros de jornada terrena, se não tivermos a delicadeza de “sentir” o que podemos ou não fazer e dizer perante eles!

Esse é o escândalo, o tropeço, que é fatal ocorrer. Mas, ai daquele que for o causador: receberá pelo “choque de retorno” toda a carga que tiver jogado sobre os ombros dos irmãos ou irmãs.

O “escândalo” ou “pedra de tropeço”, consiste, também, em desviar irmãos “menores” (em evolução, em inteligência, em conhecimentos) do caminho certo, influenciando para que se afastem de grupos onde se acham bem; ou para que abandonem a religião que lhes fala à alma. Daí o erro do proselitismo: cada um deve modificar seu modo de pensar de dentro para fora, quando chegar a necessidade íntima, e não por influências e pregações externas.

Vejamos agora a tradução corrente, que diz: “é necessário que o escândalo venha”. Não pode essa tradução, na verdade, ser taxada de errada, mas corresponde muito mais ao grego *anáγκη* o português “fatal” ou “inevitável”. Cremos não ser preciso demonstrar a diferença entre “é necessário” e “é inevitável”.

Jerônimo já descobrira a traição ao original, quando escreveu que “se fosse necessário o escândalo, não haveria culpa da parte de quem o ocasionasse; mas, ao contrário, cada um por sua culpa faz cair” (*unusquisque suo vitio scándalis patet, Patrol. Lat. vol. 26, col. 129*). A expressão de Lucas *anéndekton estin* confirma nossa asserção: “é inevitável”.

Em Sua vida terrena, Jesus evitava escandalizar, como, por exemplo, no caso da didracma (cfr. Mat. 17:24-27; vol. 3º pág. 133). E Paulo refere-se ao escândalo em Rom. 14:21; 1ª Cor. 8:13 e 2ª Cor. 11:29).

Examinemos, agora, o enfático conselho que, comparativamente, é dado: seria melhor o suicídio por afogamento, que a provocação do escândalo.

A razão salta aos olhos: o suicídio traz sofrimento bárbaro, do qual só nós responderemos perante a Lei, sofrendo-lhe pessoalmente as conseqüências dolorosas. O escândalo, que induz ao mal, na armadilha que preparamos, escondendo um perigo (portanto intencionalmente, cfr. Sab. 14:11) traz resultados danosos aos outros, multiplicando nossa responsabilidade pelo número de pessoas que desviamos do caminho com o nosso exemplo ou as nossas palavras. E sofreremos a dor de nosso erro e do carma dos erros de todos os que fizemos sair da estrada certa, numa reação em cadeia incalculável e imprevisível. A ignorância poderá atenuar: mas o peso será total se o fizermos conscientes, quer motivados por espírito de maldade, só para prejudicar, quer levados por orgulho ou pela vaidade ferida.

[49] Examinando, agora, as três comparações da amputação da mão, do pé e da extração do olho (Mateus, que aqui evidentemente resume Marcos, engloba os dois primeiros num só versículo), vemos o que significa a comparação com o suicídio.

Não se trata da amputação física do corpo material-denso, cortando os membros que nos atrapalham a evolução. Assim o entendeu Orígenes, o grande escritor cristão grego; mas entendeu mal, e por isso a igreja, ainda à sua época, o condenou. Sendo ele vítima de fortes apelos sexuais, resolveu, baseado neste texto, e naquele outro que fala dos “que se tornam eunucos por causa do reino dos céus” (Mat. 19:12) fazer-se castrar fisicamente, amputando aquilo que o levava à queda em sua opinião. Opinião errada, porque não é o físico, mas o espírito que causa essas perturbações.

No entanto, a simples leitura atenta do texto demonstra que essas amputações são realizadas no corpo astral, antes da encarnação. Com efeito, “é melhor entrar NA VIDA” — isto é, na vida FÍSICA da matéria densa — coxo, manco ou cego de um olho, que nascer aqui perfeito e ser lançado na “geena” dos vícios e das lutas, que tanto nos fazem sofrer. Sim, porque ninguém poderia supor que essa “vida” de que fala Jesus, se referia ao “céu”. Que adiantaria ficar nesse céu mitológico na condição de coxo; de cego ou de manco, se: 1º lá não haveria mais perigo de cair; 2º lá tudo é perfeito; 3º se lá não se produzem mais escândalos?

PROVA DA REENCARNAÇÃO

Este trecho constitui uma das mais insofismáveis provas de que Jesus, pelos próprios textos evangélicos, aceitava a doutrina da reencarnação. De que a reencarnação era ensinada clara e categoricamente. Não sabemos por que os adeptos do Espiritismo e das doutrinas reencarnacionistas só costumam evocar as provas de Nicodemos e de Elias-Batista, e deixam de lado esta preciosidade.

Essas palavras evangélicas explicam incontestavelmente a questão dos nascimentos diferentes: a razão das crianças que nascem aleijadas, cegas, surdas, ou com qualquer deficiência, enquanto outras surgem no planeta, perfeitas e saudáveis.

Dá-nos ainda a compreender que, se algumas crianças nascem aleijadas por motivo de carmas negativos, outras assim renascem por escolha pessoal, antes da encarnação, a fim de evitar quedas sucessivas ou retardamentos prejudiciais na evolução; então voluntariamente interrompem o caminho do erro e enveredam pela senda do auto-aperfeiçoamento, sentindo-se privadas, na vida da carne, daqueles órgãos que constituíram sua desgraça no passado.

Quanto ao fogo inextinguível, já o estudamos no capítulo anterior.

No vers. 10 de Mateus, lemos que “os Espíritos dos pequenas vêm incessantemente a face do Pai nos céus”. Isso contradizia a crença israelita da época, que só admitia que tivessem a “visão beatífica” os Anjos Superiores. A expressão “ver a face” equívale a “estar na presença” e permanecer unido ao Pai.

[50] Mas aceitavam plenamente a doutrina dos “anjos de guarda”. Acreditavam firmemente que cada criança entrava na vida acompanhado por um espírito bom, encarregado de ajudá-la, e também por um espírito mau, sempre pronto a derrubá-la.

Também entre os cristãos a crença no anjo de guarda é antiga. Jerônimo escreveu: *magna dignitas animarum, ut imaquaeque habeat ab ortu nativitatis, in custodiam sui, angelum delegatum*, isto é, “grande é a dignidade das almas, para que cada uma tenha desde o nascimento, um anjo delegado para sua guarda” (*Patrol. Lat.*: vol. 26, pág. 130).

Várias considerações há que fazer, em pesquisa mais apurada, além das que já foram aduzidas. Inicialmente, é mister insistir no ensinamento verdadeiro do trecho.

Sabemos que os evangelistas reproduziram, em anotações rápidas e fragmentárias, os ensinamentos de Jesus e as palavras do Cristo através Dele, para que não fossem esquecidos nem distorcidos pelos futuros membros da Escola Iniciática “Assembléia do Caminho”, sobretudo por parte dos encarregados da explicação da doutrina.

Dessa forma, destinavam-se os Evangelhos à memorização de fatos e ensinamentos especializados para os irmãos (adelphós): assim eram denominados os que se filiavam à Irmandade da Escola. Só entre eles era usado o título de irmão. E os autores dos escritos inspirados bem o sabiam, classificando os companheiros como irmãos ou santos (sadios, purificados).

Sabiam, também, o que significavam as expressões “pequenos”, “pequeninos” ou “crianças, criancinhas”: eram aqueles que estavam pretendendo ingresso ou começando a freqüentar as reuniões ainda exotéricas, os “infantes” espirituais. Assim como “cachorrinhos” ou “cães” eram os profanos, totalmente afastados do espiritualismo. Quando um “desses pequeninos” era aceito e inscrito nos primeiros cursos da Escola, recebia o nome de “catecúmeno”.

Não foram escritos, pois, os Evangelhos, com endereço popular, com destino a profanos daquela época. Essa intenção básica refletiu-se durante séculos na igreja romana, que reservava a leitura e o estudo evangélico apenas aos “clérigos”. Quando a humanidade, muito mais tarde, conquistou a maturidade que a tornou apta a compreender os textos, veio à Terra o grande missionário Lutero, com a tarefa específica de vulgarizar os Evangelhos entre o grande público.

Mas os escritores sabiam que as anotações que registravam nos papiros e pergaminhos poderiam cair (e caíram mesmo) em mãos profanas, sem qualquer condição, nem moral nem intelectual de penetrar-lhes a profundidade do ensino. Dai a necessidade absoluta de transmitir o ensino verdadeiro mas de forma velada (“não deis coisas santas aos cães nem pérolas aos porcos”, Mat. 7:6). Essa forma alegórica e simbólica seria entendida apenas pelos possuidores das “chaves de decifração”. Quem conhecia o “segredo do cofre”, poderia abri-lo a qualquer momento.

[51] *Doutro lado, só os fatos essenciais, cuja interpretação pudesse servir de ensino, é que foram anotados. Não havia necessidade, nem convinha, que se lançasse na publicidade incontrolada do papel, um “tratado” completo. Aos que haviam cursado a Escola, bastariam pontos essenciais acenados, quer sob forma parabólica ditada por Jesus, quer sob o disfarce de fatos e exemplos, quer sob a forma alegórica ou simbólica de ensinamentos rápidos, em que o essencial era resumido, apenas como esquema mnemônico.*

Outra vantagem havia nessa maneira de expor assuntos capitais para a evolução, mas perigosos como armas de dois gumes para os que não houvessem conquistado o direito de acesso ao santuário: ao cair entre mãos profanas, as palavras seriam entendidas segundo seu sentido corrente vulgar, e isso permitiria que mesmo com o obscurantismo que sucederia na era de Pisces, o ensino pudesse ser aproveitado em sua forma material, acessível às mentalidades pouco espiritualizadas da massa ignara.

Obra de suma responsabilidade, reveladora da profunda psicologia de seus autores. Como escreveu Renan, em outras palavras, “negar a genialidade de Jesus acarretaria dificuldade muito maior: a de admitir a genialidade dos quatro evangelistas”.

Com a natural evolução da humanidade, chegaríamos a compreender o sentido real e profundo dos ensinamentos evangélicos. Questão de tempo e de ascensão espiritual dos homens. A obra foi confiada aos pergaminhos. A semente foi plantada. Os frutos chegariam no tempo devido.

A lição que aqui se acha oculta sob a frase chocante, de que era preferível o suicídio ao “escândalo”, é dirigida particularmente aos encarregados do ensino nas Escolas. Para o vulgo, ela assusta e faz evitar as ações erradas que possam fazer cair os companheiros fracos.

Mas aos que seguem a carreira do mestrado, ela admoesta que um ensino errado — quer provocado por estudo desidioso que não chega a quebrar a capa da ignorância, quer por improvisação de conceitos (dado que a vaidade não deixa confessar a insciência) — equivale a um suicídio da pior espécie.

Quem, ao exaltar-se na cátedra, arrasta os “pequenos” de compreensão e os de boa-fé a acreditar nele, pessoa humana, que se constitui ídolo vivo, intitulando-se “mestre” em busca de glórias, arca com responsabilidade tão imensa, que chega a equivaler a um suicídio moral.

Quem ensina, por falta de conhecimento ou, pior ainda, de sinceridade, a ir em busca de um Deus externo e mau, severo e vingativo, inconstante e volúvel que, mesmo exigindo dos homens que perdoem “setenta vezes sete”, ele mesmo não perdoad e lança seus “filhos” num inferno eterno, é tão culpado perante a Lei como se cometesse um suicídio.

Quem distorce as verdades evangélicas, interpretando-lhes as palavras para apoiar suas idéias (e não no sentido real), por vezes até opostas ao ensino de Jesus, está de fato preparando armadilhas

[52] *para que os pequenos retardem sua evolução. Seu sofrimento será maior que o do suicídio, na vida fora da matéria.*

Todos esses tipos de “escândalos” são inevitáveis que ocorram, em vista do atraso dos homens, imbuídos de vaidade ignorante e de presunção orgulhosa.

Entretanto, melhor seria se se apresentassem diante dos homens com sincera honestidade: coxo ou manco de conhecimento ou meio cego de compreensão, e humildemente confessassem sua ignorância do assunto, sem a vaidade de “saber tudo” Muito melhor que arcar com a responsabilidade de um ensino errôneo ou personalístico. O carma negativo que se colhe quando se age mal — sobretudo quando é conscientemente — é terrível, porque “o verme do remorso não morre e o fogo da consciência não se extingue”.

No vers. 47 de Marcos, a expressão “entrar na vida” é substituída por “entrar no reino de Deus”. Com efeito, quem não ensina certo não tem possibilidade de realizar, na Terra, a união divina, sintonizando com o Pai.

O vers. 10 de Mateus, que avisa: “não desprezeis um destes pequenos, pois vos digo que os Espíritos deles nos céus, incessantemente vêem a face de meu Pai nos céus”, traz a revelação de uma verdade ainda pouco divulgada.

Todos nós sabemos ser constituídos de uma individualidade que se condensa em personagem, para conquistar a evolução, Mas precisamos compreender que essa condensação é literalmente uma condensação, ou seja, o Espírito ilimitado se reduz num corpo relativamente minúsculo, embora permaneça o Espírito com as mesmas características ilimitadas. Então, enquanto está preso na personagem, está também “nos céus”, ligado ao Pai (“vendo-lhe incessantemente a face”).

Não podemos dizer que “uma parte” do Espírito se condensa, e “outra parte” permanece ilimitada, porque o Espírito não tem “partes”, já que não possui extensão nem dimensão: é UM TODO inespacial, adimensional, ilimitado, vibracionalmente consciente em todos os planos, inclusive no plano divino geração Dele” (At- 17:28).

Por isso, mesmo que nossa consciência atual não o saiba nem o perceba, nós (o Espírito) “estamos em Deus, Nele nos movemos e existimos e somos geração Dele” (At. 17:28).

Por menor e mais involuída que se apresente a nós a criatura, ali está a manifestação visível, com forma, de um Espírito invisível e divino em sua essência. Logo, não há motivo para desprezar alguém por ser ignorante, pobre, pequeno, aleijado ou criminoso. Estas são as “aparências” externas da personagem “filha do mal”, criatura do Anti-Sistema, vibração condensada no pólo negativo de um Espírito que vive incessantemente consciente no pólo positivo.

A sublimidade do ensino chega a estarrecer-nos, sem dúvida. Mas está claro na palavra de Jesus. É nova concepção da Vida, da existência do ser. Trata-se de verdadeira revelação consoladora e estimulante.

Quando os homens souberem disso e se convencerem dessa realidade, o ambiente da Terra se modificará totalmente.

[53]

Verdade essa que foi vivida pelos Grandes Seres, e agora é permitida sua divulgação ampla, pois soou a hora de alertar a todos da REALIDADE sublime de nossa divindade substancial. A revelação gradativa reserva-nos grandes surpresas, e ainda outras coisas há que dizer, que virão a seu tempo determinado.

Aproveitemos este ensejo para meditar a respeito do que é um Filho do Homem: um ser que conquistou, a duras penas, a consciência do que ele verdadeiramente é: um Espírito unido ao Pai pela vibração mística que constitui sua essência mais profunda. A personagem, transitória e carregada de defeitos, é veículo temporário e deficiente, que apenas representa a exteriorização mínima e sem importância de uma realidade que está acima de nossa mais fértil imaginação.

O PERDÃO (54 – 60)

Mateus 18:15-35

- 15 Se teu irmão errar (contra ti), vai avisá-lo entre ti e ele sozinho. Se te ouvir, terás ganho teu irmão.
- 16 Mas se não ouvir, toma contigo ainda um ou dois, para que por boca de duas ou três testemunhas se resolva toda a questão.
- 17 Se, porém, não lhes atender, dize à comunidade; se também não atender à comunidade, seja-te como o estrangeiro e o cobrador de impostos.
- 18 Em verdade vos digo, tudo o que ligardes sobre a terra será ligado no céu; e tudo o que liberardes sobre a terra, será liberado no céu.
- 19 Novamente vos digo, que se dois de vós, sobre a terra, concordarem sobre qualquer coisa que pedirem, ser-lhes-á feita por meu Pai que está nos céus.
- 20 Porque onde dois ou três estão reunidos em meu nome, aí estou no meio deles.
- 21 Então, aproximando-se Pedro, disse-lhe: “Senhor quantas vezes errará meu irmão contra mim e o relevarei? Até sete vezes?”
- 22 Disse-lhe Jesus: “Não te digo até sete vezes, mas até setenta vezes sete.
- 23 Por isso, foi assemelhado o reino dos céus a um homem rei, que quis ajustar contas com seus servos.
- 24 Tendo começado a ajustá-las, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos.
- 25 Como não tivesse, porém com que pagar, mandou-o o Senhor ser vendido, e também a esposa e os filhos e tudo o que tinha, para pagar.
- 26 Prostrando-se então; o servo, instava dizendo: “Senhor, tem paciência comigo e tudo te pagarei”.
- 27 Compadecendo-se o Senhor daquele servo, liberou-o e relevou-lhe a dívida.
- 28 Tendo, porém, saído aquele servo, encontrou um de seus companheiros, que lhe devia cem denários, e segurando-o o sufocava dizendo: “paga o que me deves”.
- 29 Caindo-lhe, então aos pés, seu companheiro o implorava dizendo: “tem paciência comigo, e te pagarei”.
- 30 Ele porém não quis e, indo embora, lançou-o no cárcere até que pagasse a dívida.
- 31 Vendo, pois, os companheiros dele o ocorrido, entristeceram grandemente, e foram revelar tudo isso ao seu senhor.
- 32 Então chamando-o, o Senhor disse-lhe: “Servo mau, relevei-te toda aquela dívida, porque me pediste;
- 33 não devias também tu compadecer-te de teu companheiro, como eu me compadeci de ti”?
- 34 E, indignando-se, seu Senhor entregou-o aos verdugos, até que pagasse toda a dívida.
- 35 Assim também meu Pai celestial fará convosco, se cada um não relevar a seu irmão do imo do coração”.

Lucas 17:3-4

- 3 “Cuidai-vos de vós. Se teu irmão errar, repreende-o, e se mudar a mente, libera-o,
- 4 e se sete vezes no dia errar contra ti, e sete vezes no dia voltar a ti dizendo: “mudo a mente”, liberá-lo-ás”.

[55]

Grande lição aqui se apresenta a nós, esclarecendo a regra pela qual devemos pautar nossa vida prática em relação a nossos companheiros de jornada.

Alguns códices importantes (Sinaítico, Vaticano) versões (manuscritos coptos saídico e boaídico) e pais (Orígenes, Cirilo, Basílio, Jerônimo) não registram as palavras “contra ti”, que aparecem em D, K, L, X, *delta, theta, pi*, alguns minúsculos, versões bizantinas, itala, Vulgata, siríaca e pais Cipriano e Hilário.

Poderiam ser mantidas por dois motivos:

1º o texto fala de erros “contra ti” (cfr. vers. 21);

2º se a ação do irmão não diz respeito a nós, nada teríamos com isso.

No entanto, parece melhor suprimi-las, porque o trecho se refere mesmo à correção fraterna. Se algum irmão errar, mesmo que não seja contra nós, devemos buscar corrigi-lo. Lógico que deve tratar-se de erro grave, que afete a evolução dele ou o bom nome da instituição a que pertence.

A lei mosaica (Lev. 19:17-18) já estipulava: “Não aborrecerás teu irmão em teu coração; não deixarás de repreender teu próximo, e não levarás sobre ti um erro por causa dele. Não te vingarás nem guardarás ressentimento contra os filhos de teu povo, mas amarás a teu próximo como a ti mesmo: eu sou YHWH”. E os bons israelitas obedeciam a este preceito: “Se tens companheiros que te repreendem e outros que te louvam, ama o que te repreende e despreza o que te louva; pois o que te repreende te conduz à vida do mundo futuro, e o que te louva te leva fora desse mundo” (Rabbi Meir, in Strack e Billerbeck, tomo 1, pág. 787).

Se o irmão atende, tê-lo-emos conquistado para o caminho certo, como afirma Jerônimo (*Patrol. Lat.*, v. 26, col. 131): *si quidem audierit, lucrificamus animam ejus, et per alterius salutem, nobis quoque acquiritur salus*, isto é: “se em verdade nos ouvir, lucraremos a alma dele e, pela salvação de outro adquiri-se também a salvação para nós”.

[56]

Se não atender à nossa admoestação, convoquemos testemunhas, depois levemos o caso à comunidade e depois, se nada disso adianta, coloquemo-lo de lado, tratando-o com toda a consideração e amor, como devemos fazer ao estrangeiro, mas não com a intimidade do “irmão”.

A razão de tudo isso é dada: tudo o que ligamos a nós neste plano, permanecerá ligado no mundo astral, antes e depois do desencarne; e de tudo o que nos liberarmos neste plano terráqueo, permaneceremos desligados e liberados no plano astral. Ora, é de todo interesse que se não constituam liames entre nós e pessoas erradas, que poderão envolver-nos em seu carma negativo por complacência culposa de nossa parte.

As palavras que acabamos de citar, e que pertencem de direito a este trecho, foram transportadas para o vers. 16 do cap. 16 do mesmo Mateus, como comprovamos exaustivamente no vol. 4º pág. 49 e seguintes.

No entanto, é neste versículo que se baseia a igreja romana para justificar seu direito de “excomungar”.

Passa a seguir o Mestre, sem transição, para uma das comprovações de que, o que ligarmos na Terra, será ligado “no céu”: se duas pessoas concordarem sobre determinado assunto, tudo o que pedirem lhes será feito.

Strack e Billerbeck (I, 793) cita: “Rabbi Acha bar Chanina dizia: que se são ouvidas as preces feitas na sinagoga, no momento em que a comunidade ora, isso decorre do *midrasch* de Job (36:5): “Deus não despreza a multidão”, e do Salmo (55:19): “Ele libertará em paz minha alma do combate que me é feito, porque a multidão (da comunidade em prece) estava em torno de mim”.

O fato de o Cristo de Deus afirmar que onde há criaturas reunidas em Seu nome, Ele está no meio delas, tem precedente na crença judaica da presença da *Chekinah*, que permanecia entre aqueles que falam sobre a Torah”, como dizia Rabi Chanina bar Teradjon. E acrescentava: “Deus é dito *mâqôm* (“O lugar”) porque está em todos os lugares”.

Depois desse desvio, que confirma que o perdão deve ser dado (cfr. Mat. 6:14-15), vem o ensino exemplificado com uma parábola. desenvolvida por ocasião de uma pergunta de esclarecimento feita por Pedro: quantas vezes perdoar?

Simão Pedro, acostumado ao sistema de seu povo de perdoar até três vezes, julga-se extremamente generoso propondo faze-lo até SETE vezes. Mas Jesus, sem impressionar-se, calmamente estende para setenta vezes sete, NO MESMO DIA: *éôs hebdomêkontákis heptá*.

Jerônimo comenta: *ut toties peccanti fratri dimitteret in die, quoties ille peccare non possit*, ou seja: “para que tantas vezes se perdoe ao irmão que erre num dia, quantas ele nem possa errar” (*Patrol. Lat.* vol. 26, col. 132). E João Crisóstomo: *tò ápeiron kaí diênékés kaí aefí*, isto é: “ao infinito, incessantemente, sempre” (*Patrol, Graeca*, vol. 58, col. 589).

Quanto à parábola, anotemos que o ensino principal, que é uma ilustração nos vers, 14 e 15 do cap. 6 de Mateus: se não perdoarmos aos nossos companheiros da Terra, não obteremos o perdão.

[57] Quanto aos dados. O servo devia 10.000 talentos. Um talento equivalia a 6.000 dracmas (ou 6.000 denários). Então, 10.000 talentos são 60.000.000 de dracmas, quantia realmente elevada, em comparação com os 100 denários (100 dracmas). Lembremos que a dracma (ou o denário, moedas equivalentes, a primeira grega, a segunda latina) era o preço normal de um dia de salário de um trabalhador braçal.

Chamado para prestar contas e condenado por insolvência confessada, prostra-se aos pés do credor (o rei) e pede paciência. O resultado é o perdão da dívida, a anulação do débito. Mas ao defrontar-se com um colega de serviço (*syndoulos*) que lhe deve a quantia de cem denários, perde o controle, avança sobre ele, tenta sufocá-lo e de nada adianta ouvir do companheiro as mesmas palavras que ele mesmo havia proferido diante do rei: impiedosamente o condena à prisão.

Os outros servos não se conformam com essa atitude e vão contar a cena triste “com pormenores” ao rei. Este se aborrece e vê que o perdão dado foi errado e o entrega não a simples carcereiros, mas aos carrascos (*basanístais* = experimentadores).

A lei mosaica (Ex. 22:3) só permitia que fosse vendido o ladrão insolvente, ou então (Lev. 25:39) permitia aceitar a escravidão voluntária de um israelita extremamente pobre, mas que deveria ser tratado com humanidade, e ser libertado no primeiro ano de jubileu.

Os teólogos, aplicando a parábola a Deus. dizem que nossos débitos para com a Divindade são imensos, em comparação com as dívidas feitas pelos homens entre si. Mas surge-lhes a dúvida: se Deus pode modificar uma decisão Sua e condenar, depois que perdoou. Tomás de Aquino (*Summa Theol.* III^a, q. 88, art. 1-4) alega que o segundo castigo veio por causa das agravantes, e não pela revivescência da falta já perdoada. Mas nada isso interessa ao ensino, que se destina a prescrever o perdão entre os homens, como salienta João Crisóstomo (*Patrol. Graeca* vol. 58, col. 589).

Mas há outros ensinamentos mais profundos a deduzir deste trecho. Para estudá-los, dividamos os dois assuntos principais.

CORREÇÃO FRATERNA - Não percamos de vista que Jesus deu essas instruções aos discípulos (*Mat. 18:1 e Luc. 17:1*). Ora, os discípulos eram os filiados à “Assembléia do Caminho”, já em graus mais elevados, pois davam, entre si, o tratamento de “irmão” (vol. 5^o pág. 184). Todo o trecho, pois, assim como a parábola que se segue, refere-se estritamente aos membros da Fraternidade Inicial entre si, e nada absolutamente tem que ver com os que se acham fora.

O primeiro ensino, pois, é que o irmão tem a obrigação de chamar a atenção do irmão que erra. Não é deixado livre de fazê-lo ou não: “se errar... vai avisá-lo”. Mas esse primeiro passo deve manter-se secreto, e jamais será divulgado. Se ouvir nosso aviso, e mudar sua forma de agir, é um irmão que ganhamos em nosso convívio, pois não terá que deixar a fraternidade.

[58] Mas pode dar-se o caso de não sermos atendidos. Chamemos, então, o testemunho de mais um ou dois (que somados a nós farão duas ou três testemunhas) a fim de solucionar o caso. Trata-se, portanto, não de uma ofensa feita a nós, mas de um erro que acarreta conseqüências danosas ao próprio ou à comunidade.

Caso persista o erro, deve-se avisar a comunidade, a corporação ou ekklêsía a que ambos pertencem. Far-se-á, já neste ponto, uma admoestação oficial, buscando reconquistar aquele que se está transviando do caminho (*hamartolós*).

São, pois, três advertências. Se após as três persistir o desvio da conduta, deve então esse “irmão” ser considerado alienígena ou estrangeiro, ou “publicano”, isto é, novamente profano, saindo da comunidade a que pertencia a fim de não trazer prejuízos a todo o conjunto. Mas nem por isso deve ser maltratado nem desprezado: antes, como preceitua a lei, o estrangeiro deve ser tratado com delicadeza e consideração. Apenas não participará dos mistérios.

Verificaremos, então, que há dois comportamentos: ligar ou soltar, amarrar ou desprender. E qualquer dos dois atos é realizado não apenas na Terra, mas também no céu, ou seja, no mundo espiritual, em todos os planos: astral, mental e espiritual.

O ensino é de importância capital, pois ficamos sabendo que as ações do mundo físico têm repercussão bem maior do que poderia supor-se. Uma ligação com determinada criatura reflete-se no mundo espiritual e perdura além do plano terrestre-denso. E o mesmo ocorre se houver um desligamento.

O ensinamento (que verificamos tratar-se de uma repetição: “Novamente vos digo” ...) traz uma conseqüência de sumo interesse: se houver ligação e sintonia vibratória perfeitas entre duas criaturas, a força daí resultante é tão poderosa que é capaz de atrair tudo o que for pedido. O Pai reside em cada um de seus filhos. Mas se houver união plena entre dois, concordância total, sintonia absoluta, em qualquer assunto (perì pantòs prágmato) não importa qual, a obtenção é garantida por parte do Pai “que está nos céus”. Não há dúvida de que duas mentalizações são mais eficientes que uma só. E as duas notas emitidas em unísono movimentam as forças que modificam o curso dos acontecimentos. Confortadora promessa, mas perigosa: porque também a mentalização do erro surtirá efeito...

A razão disso é dada pelo Cristo Divino, que se vinha manifestando em Sua qualidade de Mestre único: “onde duas ou três pessoas estão reunidas em meu nome, ai estou no meio deles”. E a razão científica do fato prende-se a que, embora a presença crística seja constante e integral em todos os lugares e situações, inclusive dentro de cada pessoa, no entanto, se houver uma ligação entre duas ou três pessoas, forma-se uma corrente mais fortalecida, que poderá movimentar forças magnéticas ambientes mais poderosas, com repercussões nos diversos planos espirituais; da mesma forma que uma bateria é muito mais forte que uma pilha isolada. Dessa maneira a presença é mais sentida e essa própria conscientização aumenta a força de cada um. Isso mesmo já era ensinado nas Escolas Judaicas (Kábbalah), que dava o nome o nome de Chekinah a esse acréscimo perceptível da presença real do FOHAT divino entre as criaturas. Diziam, então, que era a “presença de Deus”.

[59]

PERDÃO - Entra Pedro (o símbolo das “emoções”) com a pergunta de quantas vezes terá que perdoar ao “irmão” que faz algo contra ele. Não se trata mais de erro (desvio da rota certa) no sentido evolutivo, mas de algo pessoal entre os membros da corporação.

Isto, diz o Cristo de Deus, não apresenta a menor importância. São criancices. E o número de sete vezes (num dia!) é julgado pouco pelo Mestre, que o amplia para setenta vezes mais (cfr. vol. 4º pág. 113 e vol. 5º pág. 7), o que significa sempre. O Espírito que já entrou na linha evolutiva conscientemente, não pode estar perdendo tempo com essas questiúnculas das personagens. Não dá relevo a picuinhas e a pirraças. Para ele não importam ofensas nem calúnias: segue em frente, sempre para o alto, e tudo o que possa ocorrer “contra ele”, isto é, contra a personagem, bate de raspão e perde-se no espaço, sem deixar sequer moessa nem arranhão por mais leve que seja. Então, PERDOE SEMPRE, sem nem contar as vezes. Seja sempre a rocha que não se abala pelo choque das ondas. Deixe que os profanos sejam como a areia, que vai e vem com as ondas do mar.

Essa é a razão de ter sido assemelhado o Reino de Deus a um homem-rei, designação típica do hierofante, do “rei” da Escola Iniciática, a suma autoridade para os membros da fraternidade. A escolha do hierofante como modelo é típica, pois refere-se á autoridade do Rei do Mundo, que o hierofante representa para seus discípulos em cada comunidade. Em relação ao hierofante os irmãos são designados como servos, pois a ele devem obediência irrestrita e sem discussões, pois se se entregaram à sua direção, é porque nele reconhecem o Mestre que penetra os mais recônditos segredos dos corações.

A parábola fala de um débito de 10.000 talentos, imagem de uma dívida evidentemente espiritual, e não material. A comparação das conquistas espirituais com “talentos” foi feita, também, em outra parábola (cfr. Mat. 25:14-30; Luc. 19:11-27).

Encontramos, pois, que a interpretação nos revela que o Rei ensinara os mistérios em sua maior profundidade a esse servo, dando-lhe conhecimento vastos. Mas quando lhe foi “pedir contas” do que lhe devia, como lição “passada para estudo”, verificou que ainda não aprendera, e continuava devendo. Julgou-o incapaz, e sua vontade inicial foi “prendê-lo a ele, à mulher e aos filhos”, isto é, coloca-lo, com todos os seus veículos, novamente na prisão do mundo profano, afastando-o do convívio dos demais “irmãos” seus conservos. Não apenas a ele (ou seja ao Espírito) se referia a restrição que as condições impunham, mas a todos aqueles que formavam o ser e que atrapalhavam sua evolução.

No entanto, em vista de sua humildade, resolveu esperar mais: “perdoando-lhe a dívida” naquele momento, para que mais tarde verificasse se realmente tinha conseguido aprender.

[60]

Ao sair dali, entretanto, esse mesmo servo encontra outro a quem havia dado noções (100 denários, quase nada) de espiritualismo. Pede as contas, e verifica que seu companheiro não havia aproveitado. Nesse ponto, perde o controle emocional, agarra-o e procura sufocá-lo, naturalmente com palavras violentas, e manda que vá para a prisão do mundo. Por aí vê-se que realmente tinha autoridade dentro da fraternidade, confirmando que o débito alto se referia a aprendizado mais profundo.

Os companheiros estranham o fato e — verificando a inutilidade do aviso em particular e com testemunhas — levam logo o ocorrido ao conhecimento do hierofante. Comprova, então, o rei que realmente o primeiro não havia compreendido, nem mesmo aprendido a lição. Resolve, pois, entregá-lo aos “experimentadores” (basanístais), ou seja, às provas cármicas do mundo, que terão que experimentá-lo normalmente, até que a custa própria e por experiência vivida, aprenda que “deve fazer aos outros o que quer que os outros lhe façam” (Mat. 7:12).

A lição é singela e clara na letra e no espírito: dar, para receber. Amar para ser amado. Perdoar para ser perdoado. “A medida com que medirdes, essa será usada convosco” (Mat. 7:2; vol. 2°, pág. 24).

Cientificamente, temos que considerar a lei das frequências vibratórias. Se estamos na frequência do perdão, estendendo-o aos outros, nós mesmos nos beneficiamos dessa onda tranqüila. Mas se saímos da faixa do perdão e caímos na da cobrança impulsiva, sintonizamos com essa frequência mais baixa, onde também nos será cobrado. Não há necessidade, hoje, de levar o problema ao “sobrenatural”, nem de envolver Deus no processo puramente humano, para saber se Ele pode ou não anular um ato de perdão já concedido. Com a eletrônica, atualmente, vemos que o indivíduo é que se situa, vibratoriamente, numa ou noutra faixa, à sua vontade, recebendo o que transmite. Qualquer rádio-amador sabe disso.

A personificação de um fato científico era indispensável há dois mil anos. Mas hoje atrapalha, mais que ajuda, porque as mentes pouco habituadas à ciência e os intelectos viciados em imaginar figuras antropomórficas da Divindade, continuam acreditando que existe uma “pessoa”, sentada num trono de ouro, a fazer o julgamento e a lavar sentenças.

Não há, pois, razão, para discutir se Deus volta atrás de uma sentença! A criatura recebe o choque de retorno, porque desce suas vibrações ao plano das emoções (plano animal, lei da justiça), tanto assim que, figuradamente, o credor avança para o devedor e tenta estrangulá-lo; descendo de plano, caiu na armadilha cármica.

Isso porque Deus, imutável e perfeito, nem sequer pode ser ofendido, pois não é atingido por qualquer espécie de ação humana, nem pode “perdoar”: a criatura é que se coloca no plano da libertação cármica, por sua própria vibração interna, ou se lança, por descontrole emocional no plano da justiça, na lei de causa e efeito.

Dai a ordem de “perdoar setenta vezes sete”, ou seja, SEMPRE. Porque uma só vez que não se perdoe acarreta a entrada na vibração baixa da vingança ou do ressentimento. Por isso já fora dito: “se estiveres apresentando tua oferta no altar e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão, e depois vai apresentar tua oferta” (Mat. 5:23-24). Porque qualquer questão com o “irmão” provoca baixa de vibrações.

Se temos obrigações de “amar os inimigos” (Mat. 5:44), muito maior é o dever em relação aos irmãos de comunidade.

SERVOS INÚTEIS (61 – 64)

Lucas 17:7-10

- 7 “Qual de vós, tendo um servo arando ou pastoreando, lhe dirá ao vir ele do campo: vem já, reclina-te (à mesa) ?
- 8 Mas não lhe dirá: Prepara o que cearei e, cingindo-te, serve-me, enquanto como e bebo, e depois tu comerás e beberás .
- 9 Acaso agradecerá ao servo porque cumpriu as ordens?
- 10 Assim também vós, todas as vezes que tiverdes cumprido todas as ordens, dizei: somos servos inúteis, fizemos o devíamos fazer”.

O caso do servo fiel refere-se, evidentemente, a um escravo cujo tempo integral deve estar à disposição de seu senhor, já que o assalariado dispõe para si de todas as horas, antes e após o serviço contratado.

O exemplo trazido parece demonstrar uma pessoa que só possuía esse servo para todo o serviço.

Embora pareça mais “humano” que o servo fosse primeiramente comer e ter rápido repouso após a estafa do campo, o fato aqui comentado é uma lição que precisa ser interpretada como alegoria de outra realidade mais alta. Tanto assim, que em Lucas (12:37) dá-se até o exemplo contrário: o servo, que o senhor encontra vigilante, é servido pelas mãos de seu senhor, com alegria e gratidão.

A única explicação necessária é quanto ao servo “cingir-se”. O trabalho pesado no campo era realizado pelos servos totalmente nus ou com pequena tanga, a não ser no sol escaldante do verão, quando então vestiam uma túnica larga, enfiada pelo pescoço, com um turbante à cabeça. Ao terminar o trabalho, entravam em casa, em qualquer época, com a túnica esvoaçante, que não se adaptava, porém, a serviços domésticos . Para realizá-los, ou para sair à rua (vol. 3º pág. 80) amarravam um cordel à cintura (“cingiam-se”), para que os movimentos fossem facilitados.

[62]

Lição das mais belas.

O Senhor do Mundo, por meio de Seus discípulos graduados, os Mestres de Sabedoria, governa larga rede de Adeptos, Iniciados, Discípulos aceitos e Discípulos em provação, conscientes ou inconscientes de suas ligações; e isso em todos os setores religiosos, filosóficos, políticos, industriais, comerciais, artísticos, na medicina, na engenharia, no jornalismo, em todas as profissões, mas especialmente no magistério de todos os graus. Através dessas criaturas, são executadas as tarefas necessárias à recuperação da humanidade e do planeta, para que tudo evolua dentro dos planos do Grande Concílio.

Assim, todos os que estão conscientes das tarefas que lhes foram cometidas e das obrigações que assumiram voluntariamente, são como escravos que se venderam, para dedicar-se à obra em regime de tempo integral, dia e noite, abandonando, se necessário, família, afazeres, negócios, posses particulares, de forma a que nenhum minuto seja dedicado a outros interesses. O serviço, para quem quer que entre para a Fraternidade, tem que ser total e desinteressado, constante e contínuo, alegre e despreocupado dos frutos que nos não pertencem: todo o fruto do trabalho do escravo pertence a seu senhor, de direito e de fato. Todas as horas são absorvidas pelo trabalho assumido, não havendo desculpas para interrupções nem afrouxamentos, sob pena de desligamento automático da Fraternidade à qual espontaneamente nos filiamos, levados pelo amor altruísta de AJUDAR aos outros sem pensar em nossa personagem transitória e deficiente.

Quem não coloca a obra acima da personalidade, em TODOS os aspectos, não pode ser “discípulo”. Por isso existe o “discípulo em provação”, assim chamado durante o tempo em que é experimentado, para ver se realmente é desinteressado (não apenas monetariamente, mas em todos os sentidos), se é capaz de sacrificar emprego, família, comodidade, sono, alimentação, tudo, em benefício e para servir à obra. Essa “provação” dura, em cada existência, cerca de sete anos. Findos estes se as provas não foram de fato concludentes, mais sete anos são acrescentados, numa segunda e última oportunidade, para verificar-se a possibilidade de ingressar na Escola como “discípulo aceito”. As lições verdadeiras chegam-nos desde a mais remota antiguidade. O Antigo Testamento já nos ensinara que assim ocorre, narrando um fato com valor simbólico.

Observemos, inicialmente, o significado dos nomes. LABÃO quer dizer “branco, brilhante”, e representa o Mestre Hierofante e Iniciador. JACOB exprime “o suplantador, ou vencedor” das provas. LIA (Le'ah) quer dizer “cansado, falta de forças”. E RAQUEL (Rahhel) significa “cordeiro ou ovelha”. Analisemos, agora, os fatos como se passam.

Jacob pretende Raquel (o Cordeiro era o signo daquela era, isto é, o máximo da evolução) e Labão, o Mestre, exige que ele “sirva” na escola durante sete anos. Findos os quais, não lhe dá Raquel, porque o pretendente não alcançara o grau necessário, mas, antes sente-se “cansado” (recebe Lia, em lugar de Raquel). Fica resolvido, então que “servirá” mais sete anos. E vence (é “o vencedor, o suplantador” das provas) neste segundo período, recebendo então como troféu de vitória, a Iniciação (Raquel).

[63]

Ainda hoje, essa é a técnica. A isso nos submetemos todos, consciente ou inconscientemente, nas personagens atuais. As oportunidades são-nos dadas, para demonstrar que conquistamos a humildade, ouvindo o que não nos agrada e sorrindo, sem magoar-nos; o desprendimento total, estando prontos a renunciar a tudo o que possuímos (“Vai, vende tudo o que tens, e vem, segue-me”, Luc. 10:21); o amor desinteressado a todos, mesmo aos seres mais antipáticos; a constância e a continuidade no trabalho, sem esmorecimentos nem vontades de largá-lo por quaisquer motivos, por mais fortes que nos pareçam; resolução férrea de superar as provas, sobretudo as que ferem nossa vaidade pessoal e nosso orgulho profissional; e renúncia absoluta a quaisquer resultados e a quaisquer conquistas de bens terrenos, sejam eles quais forem.

Aqueles que, tendo sido admitidos a uma Escola (mesmo que tenha outro nome), após esses anos de experimentação não lograram atingir o ponto evolutivo requerido, saem por seus próprios pés, alegando que não concordam com isto ou aquilo, ou que não “se dão” com esta ou aquela pessoa, ou que não se dispõem a renunciar a seu próprio “modo de ser” (pois, dizem, sou assim).

Para alguns espíritos que realmente não são aproveitáveis, dois ou três anos de experimentação bastam para se definirem; mas a outros, que poderiam e deveriam ser aproveitados como discípulos aceitos, é dada oportunidade maior de sete e mais sete; se após catorze anos de freqüência não “modificam sua mente” (metánoia) são afastados, para não impedirem o progresso espiritual da Escola.

Os discípulos aceitos, após darem tudo o que podem no trabalho diurno, quer como “agricultores”, arando o terreno sáfaro da humanidade; quer como “pastores”, levando ao pasto do conhecimento, à alimentação do ensino espiritual, as almas famintas e sedentas da Verdade; devem ainda, antes de relaxar-se no suspirado repouso, cingir-se a cintura e ir, durante a noite, em corpo astral ou mental, preparar a ceia e servir a seu Mestre, para que, com a aproximação propiciada pela ajuda amorosa e dedicada, aumentem cada vez mais seu conhecimento da Verdade.

Para estas tarefas, requer-se obediência cega: sacrifício pessoal do repouso; abandono a segundo plano de qualquer interesse, mesmo “justo” no mundo, se estiver fora do trabalho ordenado pelo Mestre (“não podeis servir a dois senhores, a Deus e às riquezas”. Luc. 16:13); requer-se a superação da vontade própria pessoal, em benefício da vontade do Mestre; a energia controlada nos momentos de perigo, para que as ordens do Senhor sejam cumpridas, mesmo que isso signifique rompimento dos laços sangüíneos de parentesco ou de amizades antigas e arraigadas; a isenção de ânimo para, sem titubear, colocar os interesses da obra acima dos seus; a fortaleza de mente para não se ser afetado minimamente pelas palavras ou julgamentos alheios, pelo que os outros “possam dizer”; o equilíbrio para continuar no trabalho sem perturbação, mesmo entre as grandes perturbações, que jamais deverão desnortear a mente do discípulo.

[64]

E tudo isso, terá que ser realizado sem que a emoção (animalismo) se intrometa, para que não haja atuação de vínculos menos nobres; embora classificado de “frio” e “sem sentimentos” o discípulo tem que alimentar em si mesmo o sentimento puro e espiritual do perdão e do amor, os quais, entretanto, não podem interferir nas decisões que forem “ordem superior”, para resguardar a programação prevista no desenvolvimento do trabalho.

Se tudo isso for feito, e depois que tudo isto tenha sido feito, não merecemos nenhum agradecimento de nosso Mestre: fizemos o que tínhamos que fazer e, portanto, somos servos “inúteis”.

Pode argumentar-se que, de fato, tivemos alguma utilidade no desenvolvimento do trabalho. Mas o ensino é dado para que nos convençamos da realidade: qualquer outro faria o mesmo ou melhor que nós. Nós ainda temos que agradecer a honra que nos é conferida, de poder trabalhar para tão grande Senhor! Somos “inúteis”, pois apenas cumprimos ordens, mas nada acrescentamos de nosso, Em comparação grosseira, digamos que duas pessoas se apresentem a um Banco, com certa importância na mão. A primeira vai quitar um empréstimo. Apesar de ter dado lucro ao

estabelecimento, é “inútil” para o real progresso do Banco e não merece agradecimentos: cumpriu sua obrigação. O segundo é depositante novo, que confia sua conta à casa de crédito: esse sim, será útil, e merece a gratidão do banqueiro. Nesse exemplo verificamos quanto somos realmente “inúteis”: estamos pagando empréstimos que fizemos, e não trazendo lucros extraordinários.

Anotemos que a palavra “inútil”, em grego (achreíos) talvez fosse mais bem traduzida por “não-útil”.

Se profundamente, em nossos corações, tivermos essa convicção, poderemos continuar colaborando com a Grande Fraternidade, porque apagamos nosso personalismo vaidoso e estamos “à disposição” de nossos Mestres e Senhores.

*
* * *

Neste ponto, acrescentemos uma observação.

Passa-se exatamente o mesmo nas relações entre a personagem e a individualidade, entre o pequeno “eu” e o EU verdadeiro, entre o espírito com um nome e o Espírito, cujo nome está no Livro da Vida. Nenhum direito a agradecimentos tem a personagem por ter cumprido seu dever de colaborar na evolução do EU; nenhum repouso lhe cabe, até que seu dever tenha sido integralmente cumprido; o regime não é de “assalariado” com tempo pre-fixado para a tarefa, mas de escravidão, com tempo integral dedicado ao Espírito. Não há férias, nem feriados, nem repouso remunerado: tudo para o Espírito, do Espírito e no Espírito.

Cumpramos nosso dever, sem buscar repouso, nem conforto, nem férias, nem divertimentos, prazeres, recompensas: a VIDA é superior à vida, o menos cede ao mais, o menor serve ao maior, a personagem só existe para que a Individualidade possa operar no planeta. Se esta é sua obrigação, deve ser cumprida à risca, com todo sacrifício. E no final de sua carreira, saibam nossos intelectos manifestar-se sinceramente: somos servos inúteis, fizemos o que devíamos fazer”.

OS DEZ LEPROSOS (65 – 69)

Lucas 17:11-19

- 11 E aconteceu, ao viajar para Jerusalém, que ele passou no meio da Samaria e da Galiléia.**
12 E entrando ele em certa aldeia, vieram-(lhe) ao encontro dez homens leprosos que pararam de longe,
13 e elevaram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, compadece-te de nós.
14 E, vendo-os, disse-lhes: “Indo, mostrai-vos aos sacerdotes”. E aconteceu que ao irem foram limpos.
15 Um deles porém, vendo que fora curado, regressou e, em alta voz, glorificou a Deus
16 e caiu com o rosto em terra junto aos pés dele, agradecendo-lhe: e este era samaritano.
17 Respondendo, pois, disse Jesus: “Não foram limpos os dez Onde estão os nove?
18 Não se achou quem voltasse, dando graças a Deus, senão este estrangeiro”?
19 E disse-lhe: “Levanta-te e vai; tua fidelidade te salvou”.

As traduções correntes trazem que Jesus passou “pela divisa entre a Samaria e a Galiléia”, na viagem da Galiléia a Jerusalém. Isto porque — dizem — a expressão grega *dià méson*, “pelo meio”, deve querer significar isso. Vejamos um texto: “*dià meson*: hic solum dià localiter cum accusativo: “per”; loco verbis *anà meson*, per medium; sensus debet esse: inter Samariam et Galileiam” (Max Zerwick, S. I., “Análisis Filológica”, Romae, 1960), que significa: “*dià meson*: somente aqui uso locativo com acusativo: “por”; em lugar das palavras *anà meson*, “pelo meio”; o sentido deve ser: entre a Samaria e a Galiléia.

Não se chega a compreender. Parece-nos claro, entretanto, que o sentido está explícito: pelo meio, pelo centro, da Galiléia e da Samaria. Realmente, havia três caminhos para ir-se de Cafarnaum a Jerusalém:

O primeiro seguia pelo vale do Jordão, margeando o rio mas em território samaritano; o segundo pelo

[66] meio das duas províncias, passando por Naim, Citópolis, Kesaboth (a última aldeia galiléia ao sul), Ginaia (a primeira cidade samaritana ao norte, cfr. Flávio Josefo, *Bell. Jud.* 3,3,1,4,), a planície de Gizreel, Sicar, etc.; a terceira pelo litoral mediterrâneo, passando pelo Carmelo, por Joppe, Cesaréia-sobre-o-mar, Cafar-Saba. etc.

Uma única coisa não era humanamente possível: ir de Cafarnaum a Jerusalém passando ENTRE a Galiléia e a Samaria, caminhando pelas fronteiras das duas províncias. E isso pela simples razão geográfica, de que o limite entre a Galiléia e a Samaria seguia uma linha leste-oeste, e entre Cafarnaum e Jerusalém o caminho tinha que ser norte-sul (Cfr. Gustave Dalman, “Les Itinéraires de Jesus”, Paris, Payot, 1930. págs. 276 ss). Não obstante, as traduções mantêm essa impropriedade.

“Ao entrar em certa aldeia”, tem um sentido amplo: antes de entrar, pois a lei (Lev. 13:45-46) proibia os leprosos de penetrarem em lugares habitados. Qual a aldeia? *Tarbeneth*, *Affoule*, *El-Foule*, *Sólem*? Impossível determinar. Mas, pelo número, vemos que devia estar ainda em território galileu, onde um samaritano podia bem misturar-se aos nove judeus doentes. O contrário, ou seja, nove judeus leprosos viverem em território samaritano: é que não teria sido possível.

Os dez vêm ao encontro de Jesus; mas param a distância, pedindo “misericórdia” (*elêeson*) e dando-lhe o título de *epístáta*, “mestre”, termo só usado por Lucas (em 5:5; 8:24, 45 e 9:33,49; cfr. vol. 2º pág. 71 e vol. 4º pág. 91).

Jesus manda que se vão mostrar aos sacerdotes, para verificação da cura, conforme ordenado na lei (Lev. 13:2 e 14:2) , ação diferente do que ocorrera em Luc. 5:12-14, onde a ordem foi posterior à cura, que se realizou imediatamente.

Crendo, eles obedeceram. Ainda em caminho, obtiveram a catarse ou purificação (*katharízô* é a expressão técnica para a cura da lepra).

Ao ver-se curado, um deles regressa incontinentemente e lança-se aos pés de Jesus, “glorificando a Deus” agradecendo (*eucharístôn*) a Jesus. Fato semelhante ocorreu entre o sírio Naaman (2º Reis, 5:15) que voltou para agradecer a Eliseu a cura da lepra.

Mas o único que manifestou essa gratidão era samaritano, e Jesus o assinala: não eram dez? E só o estrangeiro voltou?

Dirige-se, então, a ele e carinhosamente manda que se levante e vá para sua casa. E acrescenta: tua fidelidade te salvou, te tornou incólume.

Ainda uma vez divergimos, embora levemente, das traduções correntes que trazem “tua fé te curou, ou te salvou”. O grego diz : *hê pístis sou sésôkéense*. Já verificamos que o verbo *sôizó* (cfr. vol. 3º pág. 175) apresenta dificuldade na tradução, porque, na realidade, não é a salvação espiritual, mas a libertação a que se refere: “salvar da prisão”, socorrer, “salvar de uma queda”, amparar “salvar da miséria”, curar “salvar da doença”, defender, “salvar do ataque, tornar incólume” ao mal, etc. A “fé”, todos os dez a tiveram tanto que foram curados. Mas a fidelidade de voltar e agradecer, só o Samaritano a teve. Também curados todos o foram. Mas o acréscimo merecido por uma fidelidade maior, é a salvação da doença, isto é, o tornar-se “incólume” ao mal físico.

[68]

Jesus chama ao samaritano “estrangeiro” (*allótopos*, ou seja, natural de outro lugar, “alienígena”) porque, de fato, a Samaria fora povoada por colonos assírios, provenientes da Mesopotâmia (cfr. 2º Reis. 17:24-30).

Eis outra grande lição, apresentada por meio de um fato que, não há dúvida, deve ter ocorrido, mas cujas aparências de acontecimento externo constituem uma alegoria transparente para nossa prática evolutiva.

Jesus (a individualidade) vai para Jerusalém (cidade da adoração, centro das religiões ortodoxas) e atravessa a Galiléia (o “jardim fechado”) e a Samaria (a “vigilância”). Assim, todas as vezes que o discípulo da “Assembléia do Caminho” se dirige aos ambientes profanos, embora religiosos, deve precaver-se com redobrada vigilância no horto recluso do Eu profundo.

Infalivelmente será reconhecido pelos enfermos e “leprosos” espirituais, expulsos das comunidades religiosas, que não podem freqüentar, por serem julgados “pecadores” e “excomungados” perigosos, capazes de desviar (contaminar) as “santas e puras” ovelhas do rebanho fiel.

Reconhecido, recebe o título de “mestre”, não no sentido de Rabbi, mas de epístáta, o que “está acima” e pode ensinar a doutrina e dominar (cfr. vol. 4º pág. 91). A compaixão implorada dá a idéia de que provocará uma cura imediata, fazendo-se que eles entrem para o grupo do iniciado. Cuidado! Jesus mostra-nos que esse modo de agir está errado. Seja qual for o grupo religioso a que pertençam (judeus ou samaritanos) devem ser encaminhados para seus sacerdotes, e não desviados antes do tempo para ingressar na senda. São criaturas ainda submetidas ao carma religioso ortodoxo, e por isso não convém sejam daí arrancadas. Aos sacerdotes dos cultos “oficiais” é que devem obedecer.

Não obstante ficarem limpos dos erros, o caminho deve prosseguir sem saltos arriscados para eles mesmos.

Um deles, todavia, que já possuía ,dentro de si a “vigilância” o “samaritano” abandona os companheiros e volta a Jesus espontaneamente, verificando-se que, por estar “desperto”, pode conseguir, depois da catarse, a metánoia e a eucaristia: a observação das palavras do original grego nos despertam para esse sentido mais profundo. Vemos, então, que na posição de total humildade épesen (caiu) epí psósôpon (sobre o rosto) parà tou pódas autoú (junto aos pés dele) eucharístôn autô (agradecendo a ele), isto é unindo-se vibratoriamente em comunhão espiritual.

O único capaz disso é o “estrangeiro” (isto é, o nascido de outro lugar), o “samaritano” (ou seja, o “vigilante”, o “acordado”, o “desperto”). Os demais “judeus” (religiosos ortodoxos) não tem capacidade para afastar-se dos dogmas de suas religiões.

A lição é sublinhada para que se não perca: onde estão os outros nove curados? Só este alienígena regressou. Só o que provinha de outra fonte espiritual.

[69]

A frase final é maravilhosa: levanta-te (“eleva-te acima de ti mesmo”) e vai (segue em frente); essa tua fidelidade à ação divina te tornou incólume ao mundo terreno, com suas deficiências e moléstias.

Tenhamos, pois, muito cuidado em nosso modo de tratar os que nos pedem socorro, aqueles que, unidos a seu personalismo, ainda perambulam pelas plagas inóspitas e traiçoeiras de um planeta de provações. O exemplo está claro.

Aos membros das “Escola” é permitido perambularem por entre os religiosos ortodoxos, e recebem a força capaz de curar os enfermos. Mas são alertados para que não queiram agregá-los a si, num proselitismo perigoso: deixem que cumpram e terminem seu curso de aprendizado nos “colégios” em que foram matriculados pela Vida.

Mesmo aqueles que estão “despertos”, não devem ser aceitos de imediato: sigam seu caminho para a frente, elevando cada vez mais suas vibrações: em outras vidas posteriores, chegará a hora deles, assinalada naturalmente no relógio divino.

DENTRO DE VÓS (70 – 72)

Luc. 17:20-21

20 Interrogado pelos fariseus, quando viria o reino de Deus, respondeu-lhes e disse: "Não vem o reino de Deus de modo ostensível,

21 nem dirão: hei-lo aqui ou ali; eis porque: o reino de Deus está dentro de vós".

Estes dois versículos de Lucas que acabamos de ler, constituem uma das lições mais sublimes e profundas.

Já por várias vezes fora comentado o "reino de Deus" ou "reino dos céus" (expressão esta preferida por Mateus, para "não tomar em vão o nome de Deus" mas sempre por meio de comparações e de parábolas. Mas jamais foi definido por Jesus, por impossibilidade de definir-se o indefinível, ou de descrever-se com o intelecto finito o infinito.

Aqui, porém, é feita uma pergunta quanto ao tempo: QUANDO virá?

Esperavam todos que esse "reino" fosse humano (apesar de "divino"). e que viria com reis, áulicos, ministros e exércitos, e que terminaria com o domínio romano odiado. Mas quando, finalmente, surgiria no cenário palestinese ?

A resposta merece análise minuciosa: *ouk érchetai* (não vem), *he basiléia tou theou* (o reino de Deus) *metà paratêreseôs* (com ostentação, isto é, de modo ostensível: não pode ser observado de fora de forma visível); *oude erousin* (nem dirão) *idou hôde hê ékei* (hei-lo aqui ou ali); *idou gár* (eis porque) *he basiléia tou theou* (o reino de Deus) *entôs hurnôn estin* (dentro de vós está) .

[71]

Grande número de traduções autorizadas e aprovadas transforma o "DENTRO" (*entôs*) em "entre vós", sob as mais ocas alegações.

Esta é a palavra mais clara do Cristo, sem alegorias nem símbolos, a respeito do reino de Deus. Toda pergunta deve ser respondida com a Verdade, seja feita por quem for. E esta é uma lição secundária que depreendemos do texto. Porque se quem indaga não está à altura de entender, não entenderá. Mas se estiver preparado, perceberá todas as sutilezas. A resposta foi de clareza meridiana, e no entanto, não dizemos os fariseus, mas nem mesmo os que "se dizem" cristãos, a têm compreendido, e torcem a transparência, das palavras. Damos a prova: "entôs cum genitivo, intus, in, intra; vix in cordibus Pharisaeorum, ergo potius intra, apud vos" (Max Zerwick, S. I., 'Análisis Filológica', Romae, 1960, pág. 186); isto é: "entôs, com genitivo, dentro, em, no interior de, dificilmente nos corações dos fariseus, logo, é antes no interior de, no meio de vós"... Assim se procura modificar uma palavra certa, desde que não se compreenda algo diferente da própria crença formulada pela vaidade humana.

Já vimos (vol. 1º pág. 22) que o reino de Deus ou reino dos céus não é um reino terreno, mas um estágio evolutivo, assim como dizemos reino mineral, reino vegetal, reino animal, reino hominal, também dizemos "reino celeste, divino ou de Deus ou dos céus". Trata-se de um passo acima do reino hominal. Quando os homens, feita sua evolução através do reino humano, podem libertar-se dele, e passam a ser a consequência ou o resultado do reino hominal, atingindo o estágio de "filhos do homem", conseguem "entrar" no reino dos céus ou reino de Deus, pois este chega ou vem, e desabrocha, floresce, frutifica. . .

O reino de Deus está dentro de nós, por mais atrasados que estejamos, tal como a árvore está na semente; tal como a borboleta está na lagarta; tal como a ave está no ovo; tal como o corpo do homem está no óvulo fecundado pelo espermatozóide; tal como o adulto está no recém-nascido.

A questão é de conscientização e desabrochamento. Mas todos chegaremos a "entrar" no reino dos céus, da mesma forma que os animais "entrarão" no reino hominal.

Daí não poder dizer-se QUANDO virá: todos entrarão nele, mas cada um por sua vez, quando tudo concorrer para isso.

O reino dos céus, ou reino de Deus, que está dentro de nós, é o CRISTO DIVINO, a terceira manifestação da Divindade, que constitui a essência ultérrima de todas as coisas criadas; é o terceiro aspecto de Deus Espírito Santo, a LUZ, que quando emite o SOM (Pai, Verbo), provoca o nascimento do FILHO, a força cristônica que emerge e é, em todos os lugares e todas as coisas.

[72]

O reino de Deus é o passo gigantesco de avanço espiritual, que não se vê de fora, que não pode ser observado por olhos humanos, que chega silencioso como o nascer do sol, quando sem o menor ruído envolve de luz a Terra. É a transmutação do homem vulgar no gênio, a transformação do ignorante no sábio, a mudança de homem comum em santo, a libertação definitiva do plano animal. Em grande parte, a humanidade já compreendeu que há coisas superiores na criatura humana, tanto que abandonou a antiga definição: "O homem é um animal racional". Era, sim. E muitos ainda assim se revelam nas atitudes, nas palavras e nos pensamentos. Mas hoje já sabemos, já aprendemos, pelas lições trazidas pelos Manifestantes Divinos, que o homem é uma Centelha divina, a perambular pelo globo terráqueo em busca da perfeição.

O reino dos céus é a Felicidade Total conquistada ainda na Terra, apesar das dores e sofrimentos, de carências e humilhações.

Quem entrou uma vez no reino dos céus, dele não sai mais, embora tudo venha contra ele, até o martírio do corpo e a morte da personagem terrestre.

O reino de Deus está DENTRO DE NÓS: desenvolvamo-lo com todas as nossas energias e nossos esforços; é a única coisa que vale a pena procurar e possuir.

Vendamos todas as nossas pérolas, para conseguir essa pérola mais preciosa que todo o planeta (Mat. 13:45); desfaçamo-nos de tudo o que possuímos, para adquirir o campo onde está enterrado o tesouro valioso (Mat. 13:44); coloquemos o fermento de fidelidade absoluta, para fazer crescer dentro de nós mais rapidamente o amor (Mat. 13:33). De qualquer modo, temos que AGIR, pois nem todo o que apenas é devoto e diz "Senhor, Senhor" conseguirá entrar no reino dos céus (Mat. 7:21), já que a porta é estreita (Mat. 7:14). Mas uma coisa é certa: temos que buscar em primeiro lugar o reino dos céus e sua perfeição, porque, então, todas as coisas nos serão acrescentadas" (Mat. 6:33).

Qual o segredo, ou a técnica, para conquistá-Lo?

Para ensinar isso, os quatro evangelistas nos deixaram as preciosas anotações do ensino do Mestre Nazareno. Aí estão todos os passos necessários e todas as técnicas e segredos, tudo. E como o Pai ama a todos os seus filhos, não apenas aos judeus e aos ocidentais, há outras revelações na Índia, no Tibete, na Pérsia, etc. todas com o mesmo objetivo. Cabe à humanidade saber vê-las e praticá-las.

O "DIA" DO FILHO DO HOMEM (73 – 77)

Lucas 17:22-30

- 22 Disse então aos discípulos: "Virão dias em que ansiareis ver um dos dias do Filho do Homem e não vereis,
23 e vos dirão: hei-lo lá, ou hei-lo aqui. Não saiais nem procureis
24 Pois como, relampejando, o relâmpago fulgura de um horizonte a outro horizonte, assim será o Filho do Homem no dia dele.
25 Mas primeiro deve ele experimentar muitas coisas e ser reprovado por esta geração.
26 E como ocorreu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem:
27 comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca e veio o cataclismo e perdeu a todos.
28 Como igualmente ocorreu nos dias de Lot: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e construía,m
29 mas no dia em que Lot saiu de Sodoma, choveu do céu, fogo e enxofre e perdeu a todos,
30 Do mesmo modo será o dia em que o Filho do Homem se revelar".

A interpretação literal deste trecho dado pelas igrejas ortodoxas, não satisfaz espiritualmente: imaginam ser a volta do mesmo Jesus, o Cristo, de forma espetacular e formidanda, imenso, abarcando os céus, para o "juízo final". É a denominada parusia. O infantilismo dessa concepção pode vicejar no analfabetismo generalizado da idade média. Hoje cai no ridículo do absurdo .

Mas há indagações várias que fazer:

- a) Que significa o "dia" do Filho do Homem ?
- b) Por que ansiaria a criatura por ver "um" desses dias, sem que o pudesse conseguir.
- c) Por que haveria uma falsa localização aliciadora dos crentes?
- [74] d) Por que e como seria o aparecimento semelhante ao do relâmpago?
- e) De que forma se assemelharia, ao mesmo tempo, a uma inundação de água e a um incêndio vulcânico de fogo e enxofre?
- f) Pelas palavras parece tratar-se de fenômeno próximo a realizar-se.

Mas por que teria o Filho do Homem de experimentar dores (sofrer) antes de aparecer como um relâmpago? Se a "paixão" de Jesus se deu dentro de alguns meses a partir dessas palavras, até agora, após dois mil anos, nada apareceu nos céus com essas características. Teria Jesus se enganado?

Anotemos a recomendação de não "ir atrás" (*apelthété*) e de não "perseguir" ou "procurar" (*diôzête*) essa imaginação enganadora de um Filho do Homem hipotético: a vinda será espontânea (cfr. Mat. 24:27).

Vêm, então, as comparações:

a) com Noé, no dilúvio (tecnicamente designado como cataclismo (*kataclismós*) como no Gênesis 6:17; 7:6; 9:11 e 28), com uma enumeração de quatro funções materiais dos homens da época: comer, beber, casar (*egámoun*, isto é, o homem que busca a mulher) e dar-se em casamento (*egamízonto*, ou seja, a mulher que busca o homem). Infelizmente não há, em português, termos que possam ser usados para traduzir, com uma só palavra, o significado preciso desses verbos gregos.

b) com Lot, na "chuva de fogo e enxofre no céu", onde também são citadas seis atitudes humanas materiais dos homens: comer, beber, comprar, vender, plantar e edificar.

Notemos que a expressão é a mesma que se repete: nos dias do Filho do Homem, nos dias de Noé, nos dias de Lot; usada também no singular: o dia do Filho do Homem, no dia em que Noé entrou na arca, no dia em que Lot saiu de Sodoma, e no dia em que o Filho do Homem se manifestar.

A interpretação racional tem que ser procurada através do significado simbólico das palavras, coisa que os próprios fatos citados do Antigo Testamento vêm esclarecer.

Analise-os, pois, em primeiro lugar.

NOÉ (em hebraico No'ah, significando quietude) símbolo de alguém que não se mistura com a multidão bulhenta e rixadora, só preocupada com as atividades físicas da comida e do sexo animalizado. Mas, ao contrário, busca na quietude solitária da meditação um aprendizado mais profundo. Com efeito “aos seiscentos anos” (o SEIS exprime o penúltimo passo, cfr. vol. 4^o pág. 108) Noé consegue sobrenadar acima do populacho e permanecer a salvo em cima das águas, isto é, penetra o sentido alegórico dos acontecimentos e dos ensinamentos (cfr. vol. 4^o pág. 161). É isso que ocorre depois que mergulhou “na arca” de seu coração embora ainda acompanhado de todos os “animais” de seus veículos físicos (células, etc.).

[75]

Ora, em todo esse fato, houve realmente um “dia”, ou seja, uma LUZ, em oposição às trevas da noite interior; e não é fora de propósito o que se diz: na LUZ (no “dia”) em que Noé entrou na arca, ao perceber o sentido alegórico do ensino, enquanto a multidão humana permanecia no puro animalismo, perdendo-se todos, sem que se dessem conta do que se passava com aquele mais elevado discípulo, que foi até mesmo ridiculizado como fantasista, alucinado e louco.

Semelhantemente, no “dia” em que Lot saiu de Sodoma (que significa “aridez”) quando a humanidade algo mais esclarecida já se preocupava com problemas mais intelectuais: comprar, vender, plantar e edificar - houve uma LUZ que se fez em seu interior, e ele saiu de Sodoma, ou seja se desligou dos interesses materiais, coisa que nem sua própria esposa compreendeu, e por isso não pode acompanhá-lo, transformando-se em “estátua de sal” (matéria pura).

Em ambos os casos, a massa humana atrasada recebeu os resultados funestos de sua permanência teimosa nos planos mais baixos e a perda dos corpos animalizados foi generalizada, para que outros veículos mais adiantados lhes fossem construídos: no primeiro caso, a destruição foi pela água; no segundo, pelo fogo.

Observando-se sob esse prisma, tornam-se claras as palavras referentes ao Filho do Homem.

Já sabemos o que significava a expressão (cfr. vol. 1^o pág. 164): o ser que superou a evolução no reino hominal e passou para o grau seguinte. Essa transição é dada pela permanência do mergulho no Cristo Interno, que é o “portador da Luz” (Lúcifer) definitiva do despertar total, em plano mais elevado da consciência.

Tudo isso já devia ser perfeitamente sabido pelos “discípulos” da Assembléia do Caminho. E foi a eles que o Mestre falou. Logicamente o evangelista anotou a lição sob o véu do mistério, de forma a não ser percebida pelos profanos, como não o foi até hoje.

Então, foi dito: “chegará a época em que ansiareis ver um dos dias do Filho do Homem e não vereis”. Quer dizer: ao atingirdes certa evolução espiritual e desejardes penetrar na Luz e alcançar o grau de Filho do Homem, nem que seja momentaneamente (um dos dias), não o conseguireis dessa forma, por provocação pessoal.

Ocorre que, quando o aspirante ou mesmo o discípulo estão nessa busca ansiosa, lançam mão de todos os recursos, sobretudo na ilusão de que vão encontrar o caminho iniciático FORA deles mesmos. Aparecem, então, numerosos os que se intitulam “mestres”, pretendendo agrupar em torno de sua vaidade as almas sequiosas de aperfeiçoamento. E muitas delas, que desconhecem ou não compreendem o Evangelho, seguem quais carneiros mansos para o matadouro espiritual, e ingressam nas confrarias, fraternidades, ordens ou grupos, nos quais pontificam esses “mestres” autoneameados. E assim retardam cada vez mais a “seu dia”. Mas, como nada ocorre por acaso, essas demoras são úteis ou, talvez até, necessárias, para que haja maior amadurecimento espiritual antes do “encontro”. Enquanto vão cá e lá, em busca de um mestre externo, com endereço errado do Cristo, estão acabando de fazer a própria catarse e evoluindo um pouco mais. Aqueles que, realmente estão “no ponto”, esses recusam filiar-se a grupos: voltam-se para dentro de si mesmos, e lá encontram o caminho que buscavam.

[76]

Como reconhecer as agremiações certas, aonde ingressar para estudos, sem o risco de perder-se num desvio? São aquelas onde não há mestres, já que o único Mestre é o Cristo.

O Cristo (*Filho do Homem*) aconselha, pois, categoricamente, que “não vamos atrás deles nem os procuremos”, e dá a razão: “como, relampejando, o relâmpago fulgura de um horizonte a outro horizonte, assim será o Filho do Homem no dia dele”. Traduzindo o pensamento: da mesma forma que o relâmpago ilumina repentina e inesperadamente o céu todo, assim se dá o aparecimento do Filho do Homem no coração da criatura que amadureceu espiritualmente (1).

(1) A expressão “no dia dele” é omitida no papiro 75, em B e D (bons códices) mas aparece no Sinaitico, em A, K, L, W, X, **delta, theta; pi** e **ypsilon**. E essas palavras são “chave”: assim aparece o Filho do Homem NA LUZ DELE.

No silêncio e na quietude da meditação, (No'ah), dentro da arca do coração e fora da aridez (Sodoma) do mundo material consumido pelo fogo das ambições e pelo enxofre das paixões exacerbadas, o discípulo levanta o véu (“Lot” significa exatamente véu, e no último versículo está que o Filho do Homem “se revelará”, isto é, levantará o véu) e sente em si mesmo como um relâmpago relampejante a presença divina, e nela se perde, se desfaz, se incendeia, se infinitiza, num grau de consciência muito mais elevado que a pequenina consciência da personagem, tornando-se, então, também ele, um Filho do Homem.

Isso, porém, não lhe é dado de graça: “primeiro deve ele (o discípulo que se torna Filho do Homem) sofrer ou experimentar muitas coisas, sobretudo ser “reprovado” por sua geração atrasada que com ele habita a Terra. Todos os intérpretes atribuem essa alusão a Jesus: é “Ele” que diz que vai sofrer. Cremos, entretanto, que se refere ao novo candidato: antes de tornar-se Filho do Homem, deve ele suportar e experimentar (páthein, vol. 4^o pág. 62) muitas coisas, e deve ser rejeitado por sua geração.

São dados, então, exemplos esclarecedores: NOÉ (quietude) e LOT (véu) o conseguiram; mas um teve que penetrar nas águas da interpretação alegórica e permanecer solitário e em quietude durante quarenta dias e quarenta noites (quanto durou o “dilúvio” e quanto durou a estada de Jesus no deserto depois do “mergulho”); e Lot teve que sair de Sodoma (“aridez”, vol. 5^o pág. 11) para alcançarem o grau ambicionado, mesmo à custa, o segundo, da perda da esposa. Ambos deram testemunho de fidelidade às ordens recebidas, com desapego total de tudo o que possuíam e que perderam, o primeiro pela água, o segundo pelo fogo, antes de recomeçarem nova vida, como “homens novos” que se tornaram.

A frase final vem trazer a confirmação de tudo: “será assim o dia em que o Filho do Homem SE REVELAR (apokalyptetai, isto é, tirar o véu, Lot) que o oculta a nós mesmos, pois nós mesmos seremos os Filhos do Homem amanhã. Essa manifestação ou revelação de Filhos do Homem em nós far-se-á ASSIM, como o relampejar repentino e fulgurante, de um horizonte a outro, revestindo de LUZ, ou lucificando, todo o nosso ilimitado Espírito, em um átimo de segundo. E a massa de células que nos cerca materialmente nos veículos físicos, verá desaparecer em outras dimensões o Espírito, e, sem ele, perecerá, quer afogada nos fluidos do plano astral ou do físico, quer queimada pelo fogo e pelo enxofre que a envolve, a fim de aniquilar-lhe totalmente as impurezas e poderem as células renascer um ponto acima, na evolução.

[77]

Temos, assim; uma descrição do grande acontecimento que aguarda o Espírito em sua unificação com o Todo.

Trata-se de uma espécie de choque violento, que realmente lembra um cataclismo destruidor: tudo em torno se abate e desmorona e se desmantela e morre ab-ruptamente nesse instante solene e único em que o existir mergulha no ser, em que conscientemente o homem transfere seu centro para o Espírito adimensional (e por isso ilimitado), inespacial (e por isso infinito, porque fora do espaço), instante sublime em que a criatura se absorve no Criador, sentindo-se LUZ sem sombra, DIA sem noite, eterno, porque fora do tempo.

A descrição pode não ser entendida de pronto, sem explicação. Mas, depois de interpretada, fica tão clara a lição, tantas vezes descrita, quase com as mesmas palavras, pelos místicos de todos os climas, de todas as épocas, e de todos os cultos, que não compreendemos como já não tivesse sido percebida durante os dois milênios que nos separam de sua divulgação.

A PRECE (78 – 81)

Lucas 18:1-8

- 1 Narrava-lhes então (Jesus) uma parábola, quanto a eles deverem orar sempre e jamais negligenciar,
- 2 dizendo: “Em certa cidade havia um juiz que não temia a Deus nem respeitava os homens.
- 3 Também, naquela cidade, havia uma viúva que vinha a ele constantemente; dizendo: defende-me contra meu adversário.
- 4 E, por muito tempo, não queria, mas depois disse em si mesmo: embora não tema a Deus nem respeite os homens,
- 5 como, porém, me cansa esta viúva, defendê-la-ei, para que me não venha molestar até o fim.
- 6 Disse, então, o senhor: ouvi o que diz esse juiz não justo.
- 7 Deus, porém, não defenderá seus escolhidos que a ele clamam dia e noite, nem é misericordioso com eles ?
- 8 Digo-vos que defenderá com rapidez. Mas ao vir, acaso o filho do Homem achará fidelidade na Terra ?”

O trecho aqui apresentado, dá-nos o resumo doutrinário que, depois, é esclarecido pela narrativa parabólica.

O verbo *proseuchestai* (composto de *pros* e *éuchomai*, “orar a alguém”) tem o sujeito do infinitivo em acusativo (*autoús*) posposto ao verbo. O sentido é “orar”, com a acepção de dirigir preces, oferecer-se à Divindade, *pántote*, sempre, o tempo todo, sem negligenciar, sem cessar (*mê egkakein*).

O juiz não-justo é nos mostrado como não temente a Deus nem respeita a dor dos homens: fazia o que bem queria. A viúva vinha a ele constantemente (o verbo *êrchetō* está no imperfeito iterativo, que exprime ação repetida no passado). Ela pedia-lhe que a “defendesse”: o sentido de *ekdikêson* é “defende-me” ou “faze-me justiça”, dando a entender que a justiça consistia em defendê-la do adversário que a prejudicava. Aqui “adversário” é simplesmente *antídikos*, ou seja, a “parte contrária” num processo.

[79] Durante muito tempo o juiz resistiu às súplicas da viúva; mas viu-se tão acossado que resolveu atendê-la, para ficar livre das visitas constantes que o molestavam.

E o Mestre chama a atenção dos discípulos para a conclusão do juiz: atender, embora não fosse justo, a um pedido insistente, e daí parte para a comparação com a prece.

A primeira vista choca-nos essa comparação: também Deus só atenderá se a prece for longa e repetida, e com a finalidade de não ser “molestado” pelo crente, e não por bondade, misericórdia e justiça?

Não é esse, precisamente, o sentido de suas palavras: “Deus defenderá seus escolhidos que a Ele clamam dia e noite, pois é misericordioso com eles”. A diferença nos tempos dos verbos (*poiêsêi*, aoristo; e *makrothyméi*, presente) exprime, o primeiro uma garantia do que há de ocorrer, e o segundo uma qualidade inerente à Força Divina: o verbo *makrothyméi* pode ser até transliterado: longânime. E essa defesa será rápida.

O último versículo, em sua segunda parte, parece nada ter com o contexto da parábola: “acaso, ao vir, o Filho do Homem achará fidelidade na Terra” ? Os intérpretes colocam essa frase como uma restrição, já que é iniciada por *plên* (“contudo”): será que, no fim dos tempos, diante de tantos sofrimentos, os discípulos se manterão fiéis?

Analisemos.

ORAÇÃO - A oração não se limita a um petição ininterrupto, nem Deus é uma “pessoa” (antropomorfismo) que resolva fazer ou não fazer, atender ou negar. Deus é a LEI, implacável e impessoal, que age inapelavelmente. Não é um “pedido” que fará mudar o curso dos acontecimentos: é a mudança de vibração da pessoa interessada que pode fazer mudar o fato que estava para acontecer.

Expliquemos.

“Antônio” está com uma dívida vencida, e o credor se dispõe a cobrá-la judicialmente. Se o devedor paga a dívida, o credor não mais a processará. Houve mudança de vibração por parte do devedor, mas o credor não modificou seu modo de agir.

“Maria” está com a mão no lugar em que o lenhador vai bater o machado. A mão será decepada. Mas ao descer o machado, Maria retira rapidamente a mão, e o machado não a toca. Houve mudança de atitude de Maria, mas o lenhador prossegue impertérrito seu trabalho.

Um maquinista conduz velozmente seu trem. “João”, parado na linha férrea vai ser atropelado. Mas, ao perceber o perigo, João pula para fora dos trilhos e trem passa deixando-o incólume. Houve modificação da posição de João, mas não do maquinista.

Esses três exemplos podem revelar-nos o que é a prece. Não adiantaria ao devedor pedir ao credor que não processasse; nem Maria pedir ao machado que desviasse seu curso; nem João pedir que o trem parasse de repente.

[80] Não é o PEDIR em si que obtém o “milagre”: é a modificação de atitude e de vibração da criatura, que faz seja obtido o favor, e que propicia se faça sentir a Infinita Misericórdia da LEI; que só atinge os rebeldes incorrigíveis. Desde que a criatura se volte do lado favorável, a dor não a atinge.

Assim ocorre na prece contínua e incessante. Não é esse PEDIR que modifica a ação do Legislador, para que a LEI seja anulada ou falseada. Trata-se (psicologicamente pode provar-se isso) da modificação de atitude do pedinte: de tanto repetir, ele aos poucos transforma sua mente, adaptando-a ao novo fator que deseja seja introduzido em sua vida. E essa adaptação, embora inconsciente, decide a obtenção daquilo que ele deseja.

No entanto, essa mudança tem que ser real e objetiva. Como porém isso poderia ser interpretado mal, e muitos pretenderiam “fingir” que mudaram externamente, na expectativa do cumprimento de seu desejo, mas sem mudar intimamente, (e portanto sem fazer jus ao recebimento desejado), o Mestre, bom psicólogo, ensinou logo um método que não admite dúvidas: oração contínua e incessante. A mudança virá automaticamente para os que estiverem “maduros”. Para os imaturos, não virá a modificação mental, mas também não conseguirão uma prece contínua e incessante. Ao contrário, ao se não verem atendidos logo, desistem e se revelam quais são: impacientes, revoltados, descrentes.

O exemplo da viúva satisfaz à condição requerida: jamais se impacienta, nem rebela, nem descrê, mas volta sistematicamente ao juiz. a pedir defesa de seus direitos.

Tudo porque a LEI tem as mesmas características que o juiz não-justo: a LEI não teme a Deus (porque é o próprio Deus), nem atende em vista de títulos, nem de posições dos homens. Exatamente assim. A LEI dá, quando a criatura entra em sintonia com ela para receber.

É a imagem do copo. A LEI derrama sua misericórdia (makrothymei, no presente, ação continuada e incessante) ininterruptamente, como um jorro d'água a cair permanentemente. Se lhe chegamos um copo emborcado, de boca para baixo (revoltado!), nada captamos. Mas se sob o jorro colocamos um copo de boca para cima (sintonizado, em “posição certa”), a água enche o copo: o pedido é atendido.

Como, então, não seriam atendidos os “escolhidos”, aqueles que estão conforme a LEI? Serão atendidos, e rapidamente. Mas... será que haverá fidelidade na Terra, fidelidade REAL e não apenas aparência externa, no momento em que o Filho do Homem chegar?

Não é pela posição social, nem pelo título pomposo de reis e sacerdotes, nem pela exterioridade de virtudes físicas corpóreas, que alguém fará jus ao recebimento de benefícios celestiais, mas pela sintonia interna do SER: “os errados e as prostitutas vos precederão (a vós, sacerdotes) no reino de Deus” (Mat. 21:31).

[81] A expressão: “que a Ele clamam dia e noite” exprime a oração permanente, sem negligência. Os hermeneutas afirmam que a prece não pode ser contínua, pois há outros afazeres, mas sim reiterada. No entanto, não é esse o espírito da parábola. O que ai se diz é que devemos orar SEMPRE (pántote), sem jamais negligenciar ou cessa (mê egkakein). E isso porque a oração não é a fórmula recitada maquinalmente para pedir favores: trata-se de uma atitude espiritual do psiquismo, da sintonia do ser com o SER, jamais dele se desligando, onde quer que esteja, fazendo qualquer ato.

Orar é permanecer ligado à corrente, mesmo que não estejamos recitando fórmulas nem pronunciando palavras. E como permanecer ligado à corrente um rádio-receptor, embora não esteja transmitindo som, no momento. Jamais nos desliguemos da corrente, e nosso coração permanecerá alimentado pela eletricidade e pelo magnetismo divino a todo momento.

VAIDADE (82 – 86)

Lucas 18:9-14

- 9 Disse também esta parábola, para aqueles que confiam em si mesmos, que são justos, e desprezam os outros:**
- 10 "Dois homens subiram ao templo a orar, um fariseu e outro cobrador de impostos.**
- 11 O fariseu, de pé, dentro de si orava: Deus, agradeço-te porque não sou como os outros homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem mesmo como esse cobrador de impostos**
- 12 jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho.**
- 13 O cobrador de impostos, todavia, de pé ao longe, não queria nem sequer erguer os olhos para o céu mas batia no peito, dizendo: Deus, se propício a mim, um errado.**
- 14 Digo-vos que este desceu justificado para sua casa, mas não aquele; porque todo o que se exalta será humilhado e o que se humilha será exaltado".**

Ensino endereçado aos que se julgam bons, puros, virtuosos e, portanto, superiores aqueles que ainda conservam os vícios e erros humanos. Por causa disso, segregam-se do convívio de todos os "pecadores" e dos "viciados", fogem de sua companhia e até envergonham-se de falar com eles. Só aceitam a convivência de seus "iguais", nos quais ainda descobrem defeitos, mas enfim... acham-se generosos em tolerar sua presença.

Exatamente esse é o significado da palavra "fariseus" (*pharusim*, "separados") e deles escreveu Flávio Josefo (*Bell. Jud.* 1, 5, 2) que "se consideravam mais puros" que os demais israelitas. Precisamente isso é demonstrado pela parábola: o orgulho presunçoso e vaidoso da virtude, que fez Huberto Rohden exclamar: "Deus me livre de minhas virtudes, que de meus vícios me livrou eu".

A expressão "subir" ao templo exprimia a verdade, pois a construção fora executada no cume do Monte Morya, na cidade de Jerusalém.

[84]

Era hábito dos israelitas orarem de pé, e não de joelhos (cfr. 1º Reis, 8:55 e Mat. 6:5). Vemos que tanto um quanto o outro estavam de pé no templo. O sentimento interno que extravasava da prece de cada um é que constituía a diferença moral entre ambos, e não a posição física do corpo que de nada importa.

O fariseu enumera, satisfeito, os vícios que domina: roubo, injustiça, adultério, e as virtudes que, segundo ele, o colocam num pedestal acima do "vulgo profano que ele odeia" (*Ódi profanum vulgus et arceo*; Hor., Odes, III, 1,1). São elas:

a) o jejum, realizado duas vezes na semana, sentido evidente de "sábado", pois não se compreenderia jejuar duas vezes "cada sábado". Ora, a obrigação legal era de jejuar uma vez por ano, no dia 9 de ab, no *yom kippur*, ou dia da expiação pelo saque de Jerusalém realizado por Nabucodonosor. Era, pois, segundo o fariseu, ato altamente meritório.

b) dar o dízimo (a décima parte) "de tudo quanto ganha" (*pânta hósá ktômai*) o que também significava um acréscimo às exigências legais (Lev. 27:30-33 e Deut. 14:22-29) que só ordenava recolher o dízimo das colheitas e dos rebanhos. Dízimo "de tudo" só lemos ter sido dado por Abraão a Melquisedec (Gên. 14:20).

O cobrador de impostos limitou-se a pedir misericórdia, humildemente cômico de que era uma criatura defeituosa, com erros e vícios, embora aspirasse ao "céu", mas sem coragem sequer de olhar para ele.

E volta a frase: "quem se exalta será humilhado, e quem se humilha será exaltado", que já encontramos.

O ensino aqui trazido, à nossa meditação constitui ponto basilar no processo evolutivo; mas enquanto caminhamos ao longo da estrada, só poucos conseguem percebê-lo.

Ao observarmos as seitas ortodoxas ou não, os ambientes espiritualistas e religiosos, verificamos que a maioria absoluta faz questão das aparências externas, crente de que nisso consiste a virtude.

VIRTUDE

Analizando etimologicamente a palavra "virtude", vemos que é derivada do latim VIRTUS que, por sua vez, deriva de VIR (homem, varão, o elemento forte). E VIR é proveniente de VIS, a "força", da raiz VI, que também dá viril, violência, etc.

Então, "virtude é a qualidade de quem tem força", sobretudo moral.

[85] *Analizando a virtude do ponto de vista evolutivo, verificamos que, enquanto a criatura tem que "fazer força" para evitar o erro, o desvio do caminho certo, isso demonstra que ainda não evoluiu. Por exemplo: " não roubar " consiste em não tirar materialmente o que nos não pertence, embora se morra de vontade de fazê-lo; "castidade" é não ter contato físico corporal, ainda que os desejos mentais e emocionais sejam incontrolados; "ser religioso" é freqüentar, em dias prefixados, a casa de oração com o corpo, mesmo que a mente permaneça distante e, ao sair de lá, as ações demonstrem que não somos nada religiosos. E assim por diante. A criatura que assim age, se julga "virtuosa", porque "faz força" para adquirir bons hábitos e, geralmente, consegue praticá-los com sacrifício.*

Fazer força para melhorar não é um mal. Absolutamente. Constitui antes um grande benefício para o próprio, pois é esse exercício constante de vencer as inclinações erradas, que nos vão acostumando a não gostar delas. Assim, depois de várias encarnações que vivemos a fazer esforços continuados de virtude, acabamos acostumando-nos e forma-se então o hábito. Esse hábito plasma, no subconsciente, o instinto. Uma vez formado este, e quando agimos certo naturalmente, sem esforço e sem sequer pensar nisso, então teremos dado um passo evolutivo à frente.

Deixaremos de ser "virtuosos", para sermos "naturais" ou espontâneos, já que o hábito bom se tornou parte integrante de nossa natureza íntima.

Portanto, o esforço despendido para ser "virtuosos" (forte moral e espiritualmente) é exercício de suma vantagem no caminho evolutivo.

O erro da criatura reside em julgar que, por estar combatendo em si as más inclinações, já é evoluída, acreditando-se, por isso, superior aos outros e desprezando-os, e até mesmo evitando-lhes a companhia "para não se misturar" e não ser confundido com eles. O que também pode constituir uma "defesa" para quem não está muito seguro consigo mesmo.

Mesmo inconscientemente, a criatura "virtuosa" se compara aos outros, chegando à conclusão de que "já é diferente" e, por esse motivo agradece a Deus; ao passo que a criatura evoluída não se compara a ninguém, porque não se vê perfeita, nem repara nos outros, porque não tem tempo para isso.

Ora, a vibração da vaidade presunçosa é pior que o próprio erro em si. Porque a vaidade é a vibração oposta à humildade divina. O erro, trazendo vergonha, desperta a humildade, o que aproxima da sintonia do Sistema. A vaidade afasta deste e leva a sintonizar com o Anti-Sistema. Por isso, o cobrador de impostos, ao pedir misericórdia para seus erros, saiu do templo justificado, porque sintonizado com a humildade.

Para o fariseu todos os homens eram ladrões, injustos e adúlteros. Para o cobrador de impostos só havia preocupação consigo mesmo, a fim de pedir compaixão para seus erros. Já vimos, no capítulo anterior, que "os errados e as prostitutas precederão os sacerdotes no reino de Deus" (Mat. 21:31), não porque sejam melhores, mas porque são humildes, ao passo que os sacerdotes possuem a vaidade do posto que ocupam.

[86] *A lição é prática e se dirige especialmente aos "discípulos" das Escolas. Por terem conseguido ingresso nesses setores mais selecionados, e por terem aprendido algo mais adiantado que não é dado às massas incultas, eles facilmente são tentados a acreditar-se superiores, escolhidos, melhores, privilegiados, "iniciados" e até "mestrinhos", com todo o revestimento de vaidade que isso naturalmente traz à criatura ainda imperfeita.*

Essa parábola é um alerta vigoroso, que deve manter-se sempre presente em todos os ambientes espiritualistas, para evitar que grassem e cresçam o ciúme, a inveja, a emulação do orgulho, o julgar-se melhor que os outros, a crítica e as "fococas"; em todos esses ambientes, não faria mal uma tabuleta, lembrando a parábola do fariseu e do cobrador de impostos, ou um quadro representativo da cena instrutiva.

Porque, com os fariseus não adianta falar: eles não aceitam avisos nem, conselhos; são os melhores, sabem sempre mais, tem revelações espetaculares e elogiosas de "guias" e de "mentores" astronômicamente elevados... pois seus "mestres" são superiores a todos os mestres...

LIBELO DE REPÚDIO (87 – 100)

Mateus 19:3-12

- 3 E vieram a ele (alguns) fariseus, tentando-o e dizendo: É lícito a um homem repudiar sua mulher por qualquer motivo?**
- 4 Respondendo, disse: “Não sabeis que o Criador, de início, macho e fêmea os fez,**
- 5 e disse: por isso, um homem deixará o pai e a mãe e se aglutinará à mulher e serão os dois uma só carne?**
- 6 Por isso, já não são dois, mas uma só carne. O que Deus juntou, portanto, um homem não separe”.**
- 7 Disseram-lhe: Por que então Moisés ordenou dar carta de divórcio e repudiar?**
- 8 Disse-lhes: “Moisés, por causa da vossa dureza de coração, vos permitiu repudiar vossas mulheres, mas no início não foi assim.**
- 9 Digo-vos, porém, que quem repudiar sua mulher, a não ser por infidelidade, e casar com outra, adultera”.**
- 10 Disseram-lhe seus discípulos: Se é essa a condição do homem com a mulher, não convém casar.**
- 11 Mas disse-lhes: “Nem todos compreendem esta doutrina, mas a quem é dado:**
- 12 porque há eunucos, os quais desde o ventre materno foram gerados assim; e há eunucos os quais foram castrados pelos homens; e há eunucos os quais se castraram a si mesmos, por causa do reino dos céus. Quem pode compreender, compreenda”.**

Marcos 10:2-12

- 2 E chegando (alguns) fariseus, perguntaram-lhe, tentando-o, se era lícito a um homem repudiar sua mulher.**
- 3 Respondendo, disse-lhes: “Que vos ordenou Moisés”?**
- 4 Eles disseram: Moisés permitiu dar carta de divórcio e repudiar.**
- 5 Jesus então disse-lhes: “Pela dureza de vosso coração vos escreveu esse preceito.**
- 6 Mas no início da criação fê-lo macho e fêmea, por essa razão, um homem deixará seu pai e sua mãe e se aglutinará à sua mulher,**
- 7 e serão os dois uma só carne; assim já não são dois, mas uma só carne.**
- 8 Então, o que Deus juntou, um homem não separe”.**
- 9 E em casa, os discípulos de novo o interrogaram sobre isso**
- 10 e disse-lhes: “o que repudiar sua mulher e casar com outra, adultera contra a primeira; e se ela repudiar o homem dela e casar com outro, adultera”.**

Este trecho tem suscitado discussões teológicas e éticas. e não seremos nós que pretenderemos dizer a última palavra. Trata-se da indissolubilidade ou não do matrimônio e da liceidade de novas núpcias após o divórcio. A questão já foi ventilada no 2º volume, páginas 141 a 149, quando se tratou do adultério, comentando Mateus 5:27-32 e Luc. 16:18.

Aqui o assunto é tratado com mais pormenores, provocado por uma pergunta de “alguns” (o grego não traz artigo, deixando indeterminado o sujeito no texto).

Na época de Jesus havia duas escolas bastante influentes: a de Hillel, mais humana e tolerante e a de Chammai, rigorosa e exigente. Vejamos, então, o discutido texto do Deuteronômio (24:1-4):

“Se um homem toma uma mulher e coabita com ela, assim será: se não achar benevolência diante dele porque descobriu nela um costume inconveniente, escreverá carta de repúdio, dar-lhe-á nas mãos dela e a despedirá de sua casa. E, saindo, ela se torna de outro homem; o segundo homem, se não gostar dela e escrever-lhe carta de repúdio e lhe der nas mãos dela e a despedir de sua casa; e se morrer o segundo homem que a tomou para sua mulher, não poderá o primeiro homem que a despediu, voltando atrás, toma-la como sua mulher, depois de suja, porque isso é abominação diante do Senhor teu Deus: e não sujarás a terra que o Senhor teu Deus te deu em partilha”.

Segundo Hillel, bastaria que o homem se desgostasse ou descobrisse qualquer defeito nela (até se queimasse um prato de comida), para que fosse lícito repudiá-la. Chammai, porém, era

inflexível: só se houvesse realmente um “costume inconveniente”, isto é, se a mulher lhe fosse infiel, entregando-se a outro homem, é que se lhe poderia dar carta de repúdio.

A mulher podia casar-se, depois disso, com outro homem.

O caso da mulher é o único previsto, porque o homem tinha plena liberdade de fazer o que quisesse com seu corpo, do qual era dono absoluto, ao passo que o corpo da mulher pertencia ao homem que o “comprara”. O homem não precisava repudiar a mulher para ter outra ou outras esposas, desde que tivesse meios para pagar os 50 siclos (1) poderia comprar quantas virgens quisesse e coabitar com todas a um tempo. Na época de Moisés não havia “casamento” no sentido em que hoje o entendemos (civil e religioso ou contrato e “sacramento”): o homem era polígamo (e os mais evoluídos seres, os patriarcas, reis e sacerdotes, os homens de bem, conviviam maritalmente com várias mulheres). A regulamentação, pois, foi escrita por Moisés quanto ao repúdio, que nada tem que ver com a monogamia nem com a indissolubilidade de um vínculo que só surgiu posteriormente, com a evolução da humanidade e das leis sociais.

(1) No vol. 2º, pág. 142, 16ª linha, houve erro de revisão, tendo saído 500 ciclos, em vez de 50 siclos. (obs. neste trabalho já foi corrigido)

[89]

Não havia, mesmo na época de Jesus, cerimônia religiosa para o casamento, mas apenas, nas famílias, uma festa, em que, numa procissão, a noiva era levada por seus pais, que já haviam recebido o dinheiro (o célebre “dote”) à casa do noivo, mesmo que esse já possuísse uma, dez ou vinte outras mulheres como esposas. Só era adúltera a mulher, porque o fato de entregar seu corpo a outro homem constituía um “roubo” a seu dono, que lhe havia comprado exatamente o corpo.

Na época de Jesus, embora menos ampla, a poligamia ainda proliferava, permitida por lei. Para esses hábitos Jesus falou, e não para o costume que mais tarde se implantou (em grande parte por obra da legislação romana e da influência do cristianismo) da monogamia.

O que Jesus afirmou foi que, uma vez que o homem houvesse adquirido uma esposa (ou várias delas) não a deveria jamais repudiar, a não ser por motivo de infidelidade, isto é, a não ser que ela se entregasse a outro homem, caso em que poderia libertá-la para que fosse viver com seu novo amor. “O que Deus juntou, um homem não separe”, pois “os dois se tornaram uma só carne”: isto é, uma vez unidos, não deve haver repúdio, não deve ser expulsa de casa a mulher com que se coabitou, pois isso seria um atentado contra o mandamento de “amar ao próximo tanto quanto a si mesmo”. Depois de conviver com a mulher, é criminoso pô-la para fora de casa, a não ser que ela quisesse ir por sua espontânea vontade, para aderir a outro. Quem o fizer, a leva talvez adular (roubar o marido de outra); e se o fizer e colocar outra no lugar dela, está adulterando com a primeira, isto é, está sendo infiel àquela à qual se uniu numa só carne; e quem receber a repudiada e unir-se a ela, igualmente adultera, porque se está unindo à que pertence a outro homem.

Então, vemos taxativamente condenado o repúdio, a expulsão de casa, quando ainda existe o laço de amor, pelo menos de um lado. Quando, todavia, esse laço foi rompido de fato, porque ela se entregou a outro por amor, aí o motivo mais forte existe: a ligação feita por Deus o foi com outra pessoa: dê-se-lhe a liberdade de escolher seu caminho.

A pergunta dos fariseus prende-se, precisamente, à causa do repúdio; se é lícito repudiar “por qualquer motivo” (*katà pásan aítia*). E Jesus utiliza-se da mais perfeita técnica rabínica para responder, reportando-se ao texto do Pentateuco e citando suas palavras *ipsis litteris*, segundo a versão dos LXX, como era de seu hábito, e não no original hebraico:

“Não sabeis que o criador (*ktísas*) desde o princípio macho e fêmea os fez”?

Está citado o vers. 27 do cap. 1º do Gênesis, que se lê:

no hebraico

Elohim fez o homem à sua imagem, à imagem de elohim o fez, macho e fêmea os fez”.

A) Καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν ἄνθρωπον, κατ'εἰκόνα θεοῦ ἐποίησεν αὐτόν, ἄρσεν καὶ θῆλυ ἐποίησεν αὐτούς.

no grego: (A)

“E o deus fez o homem, segundo a imagem do deus o fez, macho e fêmea os fez”.

A) Καὶ ἐποίησεν ὁ θεὸς τὸν ἄνθρωπον, κατ'εἰκόνα θεοῦ ἐποίησεν αὐτόν, ἄρσεν καὶ θῆλυ ἐποίησεν αὐτούς.

Notemos que “macho e fêmea” no grego estão no gênero neutro (*ársen e thêlu*); e no hebraico, os termos *zakâr* e *n'qebâh* exprimem macho e fêmea tendo em vista os órgãos sexuais, isto é, literalmente, pênis e vagina.

Logo a seguir, emendando as frases com uma simples vírgula, prossegue citando o vers. 24 do cap. 2º do Gênesis: e disse:

no hebraico :

“Por isso deixará o homem seu pai e sua mãe e será ligado com sua mulher e serão uma carne”.

עַל-כֵּן יַעֲזֹב אִישׁ אֶת-אָבִיו וְאֶת-אִמּוֹ
וְדָבַק בְּאִשְׁתּוֹ וְהָיוּ לְבָשָׂר אֶחָד :

no grego (B)

“Por essa razão deixará o homem o pai dele e a mãe e se unirá à mulher dele e serão os dois uma carne”.

B) Ἐνεκεν τούτου καταλείψει ἄνθρωπος τὸν πατέρα αὐτοῦ καὶ τὴν μητέρα, καὶ προσκολληθήσεται πρὸς τὴν γυναῖκα αὐτοῦ, καὶ ἔσονται οἱ δύο εἰς σάρκα μίαν.

Daí tira a conclusão: “O que Deus juntou, um homem não separe”.

Até aqui, nada existe a respeito da monogamia: apenas é salientado que não se deve repudiar a mulher com quem se coabita, porque, unindo-se, ambos passaram a constituir um só corpo físico; e o repúdio representaria quase a amputação de uma metade do todo.

Na realidade, lemos no vers. 2 do cap. 5º do Gênesis:

no hebraico :

“Macho e fêmea os fez e abençoou-os e fez o nome dele homem (adám) no dia em que o fez”.

זָכָר וּנְקֵבָה בָּרָאם וַיְבָרַךְ אֹתָם וַיִּקְרָא
אֶת-שְׁמֵם אָדָם בְּיוֹם הַבְּרָאָה :

no grego (Γ)

“Macho e fêmea fê-los e abençoou-os e chamou o nome dele adám no dia em que os fez”.

Γ) Ἄρσεν καὶ θῆλυ ἐποίησεν αὐτούς, καὶ εὐλόγησεν αὐτούς, καὶ ἐπωνόμασε τὸ ὄνομα αὐτοῦ Ἄδαμ, ἡ ἡμέρα ἐποίησεν αὐτούς.

Portanto, há uma só unidade macho e fêmea, e seu nome é um só, *adám* (“homem”), englobando o ser completo, o duplo macho-fêmea.

Tudo isso, a nosso ver, refere-se à constituição do Espírito, que não possui distinção sexual, mas engloba em si a dupla possibilidade masculina e feminina. Quando se trata da plasmação dos veículos físicos, é que a característica dominante prevalece sobre a outra, então dá-se a encarnação como homem (varão) ou como mulher. Tanto que, no próprio Gênesis, logo no cap. 2º (após haver dito que foi feito *adám* macho e fêmea, com a ordem de multiplicar-se na terra), volta o texto a dizer: “e não existia o homem (*adám*) para trabalhar a terra” (Gên. 2:5) Como assim? Então o elohim, que já aqui é chamado YHWH, resolve formar (o verbo hebraico não é mais *baráh*, criar, mas *itsér*, formar) o homem “do pó da terra”, isto é, revesti-lo de matéria física densa. Aí, nessa situação de encarnado, é que o sexo dominante prevalece.

[91]

Então, resolve o “elohim YHWH” dar-lhe uma companheira do sexo feminino, “que lhe seja a contraparte” literalmente: “E disse elohim-YHWH, não é bom ser o homem separado, farei para ele uma auxiliar, sua contraparte”.

Temos, portanto, dois tempos distintos: a constituição (ou “criação”) do Espírito bissexual, e a formação do corpo físico no qual só se desenvolve uma das duas características. Ora, a união de dois corpos carnis de pólos opostos recompleta o Espírito bivalente: é um só Espírito em dois corpos. E quando estes se unem, por meio do ato sexual, as duas tendências, que se encontravam

Separadas, tornam a unificar-se.

A objeção dos fariseus é feita em tom de defesa da própria idéia. Sente-se que a primeira pergunta foi colocada por um discípulo de Chammai: “será que qualquer motivo é suficiente para repudiar a mulher, como diz Hillel”? Agora entra um dos discípulos de Hillel: “mas Moisés ordenou o repúdio”... E Jesus, imediatamente, corrige: Moisés PERMITIU o repúdio, o que é bem diferente...

Mas por que permitiu? Pela dureza de coração (*pròs tén sklerokardían*) que não se sensibiliza pela desgraça alheia e, egoisticamente, resolve as coisas de acordo com sua comodidade e seu prazer: se não gosta mais da mulher, manda-a embora, sem pensar nos males que lhe podem advir, ao invés de suportá-la e tratá-la bem até o fim, mesmo que seja ao lado de outras mulheres.

“De início, porém, não foi assim”. Realmente, só é conhecida o caso do repúdio de Abraão contra Hagar, por exigência de Sarah (cfr. Gên. 21.9-14), embora tivesse esse ato “parecido bem duro aos olhos de Abraão, por causa de seu filho” (Ismael).

Repete-se, então, o ensino dado em Mat. 5:32, com as mesmas palavras: “Digo-vos, porém, que quem repudia sua mulher, a não ser por infidelidade, e casa com outra, adultera: igualmente, também, quem casa com a repudiada, adultera” (2).

(2) Esta última expressão não aparece em bons códices, como o Sinaítico, mas preferimos conservá-la, porque: a) está no papiro 25 do 4º século; b) está em Mat. 5:32; c) o copista pode ter saltado a frase, erro fácil pois ambas as cláusulas terminam com a mesma palavra: **kaì gamêsêi állên moichátai, ôsaútôs kaì ho gamôn apoleyménên moichátai**. Além disso, aparece em outros bons códices.

O último versículo de Marcos crêem alguns ter sido acrescentado pelo evangelista, porque escreveu para os cristãos romanos, e nessa cidade era permitido à mulher repudiar o marido, coisa que a legislação israelita jamais admitiria. Lembremo-nos, todavia, que em 25 A.C. a irmã de Herodes o Grande, Salomé, repudiou seu marido Costobar “apesar das leis judaicas” diz Flávio Josefo (*Ant. Jud.* 15, 7, 10): e também Herodíades deixara seu tio e marido Herodes Filipe, para casar com Herodes Ântipas: por verberar isso, o Batista foi decapitado. E talvez a situação do momento, em que esse mesmo Ântipas repudiara a filha de Nabateu 4º, houvesse dado margem às perguntas dos fariseus.

[92]

Aqui entra Marcos, esclarecendo que o diálogo com os fariseus parou aí. O resto foi dito aos “discípulos”, em particular, “em casa” onde os ensinamentos podiam ser aprofundados espiritualmente.

Vem então a objeção dos discípulos: “Se essa é a condição do homem em relação à mulher, não convém casar”. Seria arriscado trazer para casa a mulher e depois ter que sofrer-la o resto da vida, por pior que ela fosse. Ainda aqui não se fala de monogamia, que só mais tarde Paulo exigiria daqueles que pretendessem o cargo de inspetores (“bispos”): “Se alguém aspira a ser inspetor, deseja belo trabalho; deve pois o inspetor ser irrepreensível, homem de uma só mulher”, ... (1ª Tim. 3:1-2).

No entanto, esse mesmo Paulo permite que a mulher cristã, abandonada pelo marido incrédulo, se case novamente, e vice-versa (1ª Cor. 7:15); é o chamado “privilégio paulino”. Mas recomenda a monogamia: “Bom é que o homem não toque mulher mas, por causa das fornicções, cada um tenha sua mulher e cada uma seu homem” (1ª Cor. 7:1-2).

Aos discípulos em particular foi dado o ensino elevadíssimo, do qual apenas as expressões enigmáticas foram escritas e publicadas, com o aviso bem claro, duas vezes sublinhado, anteposto e posposto: “Nem todos compreendem esta doutrina, mas a quem é dado”, e no fim: “Quem pode compreender, compreenda”. As duas advertências salientam a dificuldade de interpretar-se a doutrina tão resumida e enigmaticamente exposta.

Tornemos a ler as três asserções:

- a) há eunucos que foram gerados assim desde o ventre materno;
- b) há eunucos que foram castrados pelos homens;
- c) há eunucos que se castraram a si mesmos por causa do reino dos céus.

Como entender? Literal e materialmente? Ou espiritualmente?

Se as duas primeiras forem interpretadas carnalmente, a terceira também deverá sê-lo (e foi o que compreendeu e executou em si mesmo Orígenes), e não como quer Jerônimo (*Patrol. Lat.*, vol.

36, col. 135): *duorum carnalium et tertii spiritualis*, ou seja, o sentido dos dois (primeiros é carnal, do terceiro é espiritual”.

Os rabinos (cfr. Strack-Billerbeck, o.c., t.1, pág. 805/6) dividiam os eunucos em duas categorias:

a) os de nascimento (*sâris mimme'ê immô*) ou “do céu” (*sâris châmaim*) ou do sol, do calor (*sâris hâmmâh*);

b) os dos homens (*sâris 'âdâm*).

O terceiro grupo foi introduzido por Jesus e proliferou de forma estupenda nos séculos que se lhe seguiram até hoje. Daí nasceu, pelo menos doutrinariamente, senão na prática, apoiada desde o início, por todos os “pais da igreja”:

[93] a) a monogamia para ambos os sexos:

b) a indissolubilidade do vínculo matrimonial (3), sem exceções na igreja ocidental, e com a exceção da infidelidade na igreja oriental-grega, que diz que “o adultério rompe os laços matrimoniais”.

c) o culto do celibato masculino, sobretudo monacal e sacerdotal;

d) a exaltação da virgindade feminina.

(3) O matrimônio foi citado na igreja Cristã como “sacramento”, pela primeira vez, por Hugo de Saint-Victor (+ 1142) em seu “**De Sacramentis**”, 2,11 (**Patrol. Lat.** vol. 176, col. 479) e logo a seguir Pedro Lombardo (c. 1150) em seu “**Sententiae**” 4, 2, 1, cita a lista dos sete sacramentos, introduzindo, em último lugar, o matrimônio. Só no Concílio de Florença (1439) essa lista foi proclamada “dogma”. A palavra “**sacramentum**” que Agostinho escreve no **De Bono Conjugali**, 32 e no **Contra Julianum**, 3, 57, referindo-se ao matrimônio, tem o sentido exato do termo latino na época: **sâncititas sacramenti** é então, a “santidade do juramento” da fidelidade conjugal, baseado no **sacramentum** que era a palavra usada para o juramento dos soldados quando entravam para serviço do exército romano.

Antes de qualquer comentário ulterior, pedimos ao leitor que releia o que foi escrito nas páginas 143 a 149 do 2º volume desta obra.

Tudo o que escrevemos nessas páginas é mantido integralmente aqui, em vista da interpretação que dá o apóstolo Paulo das palavras aqui focalizadas: “Assim também devem os maridos amar a suas mulheres como a seus próprios corpos. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo, pois ninguém jamais aborreceu a própria carne, mas a nutre e dela cuida, como também o Cristo o faz à ekklêsía, porque somos membros de seu corpo. Por esta razão o homem deixará seu pai e sua mãe e se unirá à sua mulher e os dois serão uma só carne. Este mistério é grande, mas eu falo em relação a Cristo e à ekklêsía” (Ef. 5:28-32).

Tudo o que expendemos no primeiro comentário é válido para a personagem humana, que situa sua consciência nos veículos inferiores materiais.

Mas Paulo, como iniciado graduado na “Assembléia do Caminho”, penetrou o “mistério” (a explicação proibida aos profanos) do ensino dado aos “discípulos” em particular, e que apenas vimos acenados nos dois últimos versículos do trecho que analisamos.

[94] *Eunuco é palavra grega composta de eunê (“leito”) e êchô (“guardo”), e exprime o cargo do homem de maior confiança: o que vigiava o leito e o quarto de dormir de seu senhor. Por extensão passou a designar os grandes do reino (ainda hoje, um título de grande honra na igreja católica é o de “Camareiro do Papa”, isto é, guarda do quarto (câmara) em que dorme o Pontífice), os homens de absoluta confiança do governo, encarregados dos negócios secretos, titulares de responsabilidade, embaixadores e legados de assuntos particulares. Com o tempo, os eunucos passaram a ser vigias dos haréns dos soberanos, para cuidar de suas concubinas, a carga mais preciosa do palácio. E, para tal mister, era-lhe imposta a operação da extirpação das glândulas sexuais. Dai o sentido derivado que tomou a palavra, de “castrados”, que se popularizou, tornando-se termo depreciativo de “homem impotente e sem capacidade para procriar e para realizar”.*

Até hoje se tem interpretado as palavras do Cristo como designativas de “mantenedor de castidade”, ou seja, criatura afastada dos prazeres sexuais. Jerônimo classifica os dois primeiros casos de castimoniae necéssitas, non volúntas est, isto é, “não vontade, mas necessidade de

castidade”, e a terceira: per se enim cástitas blanda est et quém libet ad se alliciens, ou seja: “atrativa por si mesma e suave” (Patrol. Lat. vol. 26, col. 136), porque espontânea e “concedida aos que a pediram, aos que a quiseram, aos que se esforçaram para recebe-la” (his datum qui petierunt, qui voluerunt, qui ut acciperent laboraverunt, ib, col. 135).

Parece-nos evidente que Jesus, o Cristo, não podia ter tornado como modelo dos que aspiravam ao reino dos céus aqueles homens que se tornavam impotentes e deficientes, quando sabemos que a produção hormonal das glândulas sexuais é excepcional alimento das atividades intelectuais e, por esse intermédio, do vigor espiritual. Não se trata, pois, do segundo sentido derivado e depreciativo de “castrado”, mas simplesmente do significado moral que possa exprimir.

Em geral os hermeneutas interpretam: se existem homens que já nascem defeituosos nos órgãos genitais, forçados por isso a evitar as relações sexuais; se há os que são violentamente obrigados pela maldade e ambição dos homens a tornar-se incapazes para essas relações; também existem aqueles que voluntária e espontaneamente se coagem moralmente para evitar contatos com o sexo oposto, quer com o celibato masculino, quer com a virgindade feminina.

Mas há outra interpretação dos dois primeiros casos, que reputamos muito mais lógica e coerente com a doutrina do Cristo: os “eunucos” desde o ventre materno são os que já nascem com a elevação espiritual conquistada em vidas anteriores, e desde pequenos se revelam totalmente fortes e superiores às emoções sensoriais do sexo, vivendo uma vida casta e isenta de sensações fortes, como tantos exemplos de santos e místicos que a história registra, e que se tornaram modelos para a humanidade.

Os “eunucos” que foram castrados pelos homens são os que se vêem obrigados a observar o celibato ou a virgindade por decretos humanos, mesmo que sofram, e muito, com isso, como os membros masculinos e femininos das ordens e congregações religiosas, os sacerdotes e monges, a isso coagidos pelas leis eclesiásticas. E também os que, pelas circunstâncias e situações da vida, se sentem forçados a manter-se celibatários e castos, o que ocorre sobretudo com as mulheres.

Os “eunucos” que se castraram a si mesmos por causa do reino dos céus, são aqueles que, mesmo podendo e tendo todas as capacidades, resolvem espontaneamente manter a castidade, a fim de aperfeiçoar-se mais depressa. Não nasceram isentos das emoções amorosas: Não são obrigados pelos homens, porque não entraram para monastérios. Mas combatem para que — julgam — possam assim alcançar mais evolução e maior perfeição. Pelo trecho do Padre Teilhard de Chardin, que citamos no vol. 2º, não é isso o que ele pensa: “o homem encontra Deus através do amor à mulher, e vice-versa”, pode resumir-se seu pensamento. E para sintonizar com a Divindade, [95] havemos de Ter o amor que se doa, e não o amor-egoísmo, que busca a própria perfeição sem doar-se.

Mas são nuances muito pessoais, sobre que não é licito legislar. Cada um tem seu ponto de vista e deve seguir sua consciência.

* * *

Quanto às Escolas Iniciáticas, já que o ensino foi dado especialmente para elas, temos algumas considerações que fazer.

Já aqui olharemos toda a lição do ponto de vista da Individualidade, isto é, do Espírito, ao qual não afetam as ações puramente materiais da personagem transitória, pois todas elas são também transitórias e morrem com a morte da personagem. Ao Espírito só afetam as ações que partem do Espírito, envolvendo-o profundamente e baixando suas vibrações para o plano das emoções desordenadas.

Olhando sob esse prisma, sabemos que o Espírito possui uma contraparte em algum plano de vibração (cfr. Gên. 2:18, que reproduzimos mais abaixo), encarnada ou desencarnada, neste ou em outro planeta, mas sua complementação inata. Quando foi criado o homem (adám) isto é, quando a psiquê animal adquiriu a capacidade racional através do intelecto, foi feita a bipolaridade do Espírito, taxativamente declarada: fez adám macho e fêmea.

HOMINIZAÇÃO

Aproveitando o termo utilizado pelo padre Teilhard de Chardin, recordemos a narrativa bíblica.

O animal, que vivia no paraíso da irresponsabilidade (como até hoje seus iguais) podia alimentar-se de todas as árvores, menos da árvore da “ciência do bem e do mal” (raciocínio com discernimento moral). A “árvore”, representação da medula espinal encimada pelo cérebro, é maravilhoso símbolo, e Huberto Rohden já descreveu o processo: no reino vegetal, a planta está com a cabeça e os órgãos da alimentação para baixo (as raízes) e com os órgãos sexuais de reprodução

para o alto (flores e frutos). No reino animal, há um processo de horizontalização, e tanto a cabeça quanto os órgãos genitais estão no mesmo nível do solo. No homem, termina o giro de 180°, e a cabeça fica no alto, passando para baixo os órgãos sexuais.

Tudo isso figura nas entrelinhas do relato do Gênesis. Reparemos em que a proibição de comer da “árvore” do conhecimento do bem e do mal traz ameaça de um castigo, mas o homem é levado a isso pela serpente, exatamente o símbolo do intelecto, tanto assim que aí mesmo se diz que era “o animal mais astuto do éden”. Então, o desenvolvimento maior do intelecto, permitido pelo maior número de circunvoluções do cérebro físico, trouxe a possibilidade do raciocínio abstrato de conseqüências morais. Um dos castigos é “a morte”.

[97]

A expressão “se comeres do fruto da árvore do bem e do mal certamente morrerás” (Gên. 2:17) é confirmação: no dia em que adquirires o raciocínio abstrato, a “razão”, discernindo o bem do mal, morrerás como animal irracional, para nasceres como homem racional. Porque não é crível que até então os animais não estivessem sujeitos à morte... Os símbolos são belos e certos, mas a interpretação do texto segundo a “letra” faz desacreditar no relato bíblico, que se torna “incrível”, cientificamente absurdo. Por exemplo, como podia Adâm (que segundo o Gênesis foi formado diretamente por Deus, e Eva da costela dele) dizer que “o homem deixaria pai e mãe”, se ele não tivera nem pai nem mãe? E mais quando YHWH diz à serpente “andarás sobre teu ventre e comerás pó todos os dias de tua vida”, o sentido é simbólico, já que ninguém conseguiu jamais descobrir que a serpente, antes disso, tivesse pernas... ao contrário, sempre foi assim, mesmo antes dessa solene condenação. No entanto, não é difícil descobrir nessas palavras, o significado: o intelecto (serpente) caminhará sempre horizontalmente sobre a terra (raciocínio linear ou serpentino) e para toda a vida “comerá o pó” das coisas terrenas. Realmente, só quando o homem supera a fase do intelecto e atinge a mente, é que poderá verticalizar-se pela intuição, acima do intelecto rasteiro. Mas estamos saindo do assunto.

O novo ser, que abandona a animalidade irracional, sai do campo de forças da mente cósmica, a que cegamente obedecem minerais, vegetais e animais, para adquirir a liberdade de escolha, que já lhe é possível, e que vai torná-lo responsável pelo bem e pelo mal que praticar por seu livre arbítrio. Daí em diante ele terá que resolver sozinho sua estrada e percorrê-la à própria custa, com “o suor de seu rosto”.

A psiquê animal evoluiu a tal ponto, que se tornou um Espírito, um Ego consciente, ilimitado, atemporal, inespacial, participe da Mente Divina que nele habita e portanto apto a perceber, no próprio intelecto, as intuições que lhe advêm dos planos superiores, onde permanece ligado o Espírito imortal.

Trata-se, então, realmente, da CRIAÇÃO DO HOMEM, cujas origens anímicas e corporais procedem do animal, mas cuja superioridade racional é uma conquista sua própria, um prêmio a seu esforço ininterrupto, através dos reinos inferiores da natureza, conseguido por obra do impulso da Luz que sempre esteve nele, o Lúcifer da Terra, pois consigo carregava a Centelha ou Mônada divina, mas em estado latente, sem que ele mesmo se desse conta de sua grandeza interna. Agora, com o intelecto desenvolvido, o processo atinge seu clímax, a consciência desabrocha vivida, e o caminho se torna mais rápido, mas sob sua própria e pessoal responsabilidade.

Quando, CRIADO ESSE ESPÍRITO, este tem que descer à carne, para evoluir, não pode mais ter os dois sexos totalmente desenvolvidos a um tempo no corpo físico: uma parte terá sempre que atrofiar-se, para deixar que sua contraparte alcance sua maturação normal e eficiente.

[98]

O fragmento “elohista” chega até Gên. 2:3; daí começa um dos fragmentos “yahwistas” (4) em que se relata a formação do globo terráqueo e o aparecimento do corpo do homem formado de matéria (“do pó da terra”). E o verbo empregado não é mais *bará* (criar), mas *itsér* (formar). Neste segundo trecho é que aparece a distinção dos sexos: “e disse yahweh-elohim: não é bom ser o homem separado, farei para ele um auxiliar, sua contraparte” (waiiômer YHWH elohim lô-tôb heiôt haâdâm, 1'bâddô, e'echeh-lô eger b'negddô).

(4) Chamam-se fragmentos “elohistas” os trechos de Gênesis em que a divindade é apresentada com o nome de “elohim”, e “yahwistas” aqueles em que se chama “elohim-YHWH”. A esse respeito, a “Enciclopédia de la Biblia”, obra católica escreve: “No puede atribuirse al mismo autor el relato esquemático, teológico y transcendente de la creación del primer capítulo donde 'Elohim aparece como un Ser transcendente e inaccesible, creando todas las cosas con su omnipotencia y sabiduria, y el relato **folklórico, descriptivo, infantil, ingenuo y antropomórfico** del capítulo 2 donde Yahweh-'Elohim aparece modelando el cuerpo del hombre como um alfarero o sacando, como un cirujano, una costilla de Adán para formar a Eva, y haciendo

después de sastre para cubrir la desnudez de los primeros padres" ("Enciclopedia de la Biblia", Garriga, Barcelona, 1963, vol. 3^o, col. 772).

Formado o corpo do homem, faltava-lhe o complemento físico e emocional. E numa simbologia muito interessante, mostra-nos adâm formando com sua "costela" (eufemismo piedoso) no silêncio da noite, na hora do sono, o ser feminino que lhe nasce como "osso de meus ossos e carne de minha carne" (isto é, sua filha), companheira que já começava, como ele, a perder as características simiescas, porque já possuía, como ele, uma forma melhorada, embora o tipo primitivo, cientificamente conhecido como "pitecânthropus erectus". Talvez seja afoita essa teoria, mas, pelo menos, é cientificamente aceitável, mais que o "transplante" de uma costela...

Evidentemente, depois disso, e bem mais tarde, foi compreendido que o homem devia "deixar pai e mãe" (de forma e intelecto rudimentares, porque ainda símios) e aderir à sua mulher, com ele formando uma só carne no mesmo nível evolutivo um pouco superior.

Tudo isso, entretanto, refere-se ainda à personagem.

Mas em relação à individualidade, temos outra visão.

O Espírito, como vimos, se biparte para encarnar, mas a união das duas metades (macho-fêmea) foi realizada pela Vida em evolução constante, e essa jamais poderá ser separada por "um homem", nem pelas contingências da vida. Não de reencontrar-se e refundir-se num só todo, em plano superior de evolução. Mas isso já é outro assunto.

No entanto, há que descer à matéria para evoluir: a necessidade é vital, pois não há evolução fora da matéria, já o vimos (cfr. vol. 4^o pág. 54). Para isso, o Espírito deixará seu mundo próprio e sublime (seu pai e sua mãe) e se unirá à personagem, e "os dois serão uma só carne", porque o corpo físico É REALMENTE o próprio Espírito condensado, que permanece unido a ele, e homem algum tem o direito de separá-los, nem ele próprio pode "repudiar" seu alter ego (cfr. Paulo: "ninguém jamais aborreceu a própria carne, mas a nutre e dela cuida", Ef. 5:29).

A lição servia para os profanos no campo das uniões carnis do matrimônio, mas para os "discípulos" o ensino era muito mais profundo. De uma lição dada às massas, foi feita ilação para outra mais elevada e definitiva.

[99] *Tanto foi assim que, quando os discípulos, já em casa a sós com o Mestre, lhe dizem que "não vale a pena casar", este muda totalmente de assunto; se a resposta tivesse sido realmente apenas a que o Evangelho registra, seríamos tentados a perguntar com certa irreverência: "e daí?" Os três casos de "eunucos" não respondem absolutamente à objeção de que "não convinha que o homem casasse".*

O assunto tratado era bem mais sublime, daí a introdução: "nem todos podem compreender este ensino, mas só a quem é dado"; e a eles foi dado. E eles nos legaram o esquema, para que, se pudéssemos compreender, compreendêssemos.

Vejamos, inicialmente, o que pode significar o termo eunuco. Etimologicamente, o "guarda do leito"; na realidade, um alto funcionário, um título nobiliárquico; no sentido pejorativo, o que é castrado, ou seja, aquele de que foi tirada toda esperança e a possibilidade de possuir uma complementação para seu corpo físico (porque continuam aptas a amar espiritualmente).

Parece que o sentido é o terceiro, já que por duas vezes é usado o verbo eunouchízô, a primeira no aoristo passivo (eunouchísthêsan, foram castrados) a segunda no aoristo ativo eunouchisan, castraram). Isto é: nascem privados, foram privados e privaram-se a si mesmos, por uma razão sublime: o reino dos céus. Mas, privaram-se DE QUE?

Na mesma ordem de idéias: da posse de todas as complementações materiais, e não apenas do sexo.

Há os que são privados de tudo, desde o nascimento, entrando na vida terrena como criaturas paupérrimas, sem ter onde repousar a cabeça, a não ser um pedaço de chão duro. Nem sempre resignados, quase sempre revoltados.

Há os que são privados de tudo pelos homens: embora ambiciosos, tudo o que conquistam lhes é tirado, e jamais conseguem juntar nada para si mesmos.

E há os que "vendem tudo e distribuem aos pobres", e além do mais vão "seguir o Mestre" eunucos voluntários, que renunciam ao sexo, aos bens, aos parentes sangüíneos, reduzindo-se ao zero quase absoluto, como o fez Gandhi ainda neste século. Gandhi que escreveu em suas Epístolas ao Ashram, que quem pretendesse controlar o sexo, tinha que controlar também todos os sentidos e

os vícios: o gosto, o olfato, o tato, os olhos e ouvidos, e a gula, a ambição, o conforto material... se isso não fosse feito, a força sexual explodiria senão nas realizações, pelo menos nos desejos e pensamentos incontroláveis. Gandhi entendeu o sentido do termo “eunuco” que Jesus emprega neste passo do Evangelho: abstenção total de tudo o que diz respeito aos veículos inferiores, para poder conquistar o reino dos céus, ou seja, o Espírito.

[100] A maior dificuldade que sentem os seminaristas e os sacerdotes em observar o voto de castidade reside na recomendação que o Papa Bento XV fez aos reitores de seminários e superiores de ordem religiosa, de que compensassem a falta de relações sexuais com boa alimentação, bons vinhos e com os “prazeres lícitos”; ora, Gandhi, o Mestre que, neste século, melhor viveu o cristianismo evangélico, ensinou o contrário, e ensinou certo: para conservar-se casto sexualmente, abstenção total e absoluta de vinhos e bebidas fortes, de carnes, de acepipes condimentados, moderação no comer, passando em quase jejum, sem conforto de camas macias, nem de muitos agasalhos, e nenhuma concessão aos prazeres de qualquer espécie, por mais inocentes que sejam. Ou brahmacharya (castidade-abstenção) é completa, ou não existe. Isto é castrar-se e tornar-se eunuco por causa do reino dos céus: renúncia voluntária e espontânea e entusiástica e completa a TUDO o que traga sensações e emoções. Viver do Espírito, no Espírito e para o Espírito.

E vamos encontrar plena confirmação desta interpretação no próprio Evangelho, logo a seguir, no episódio do “moço rico” e na “dificuldade de os ricos conquistarem o reino dos céus” (Mat. 19:16-30; Marc. 10:17-31; Luc. 18:18-30).

Quem pode compreender, compreenda!

JESUS E AS CRIANÇAS (101 – 104)

Mateus 19:13-15

- 13 Depois, trouxeram-lhe (algumas) crianças para que impusesse as mãos sobre elas e orasse; os discípulos, porém, as reprendiam.**
- 14 Mas Jesus disse: “Deixai as crianças e não proibais que venham a mim, porque destas é o reino dos céus”.**
- 15 E depois que lhes impôs as mãos, partiu dali.**

Marcos 10:13-16

- 13 E lhe trouxeram crianças para que as tocasse; os discípulos, porém, as reprendiam.**
- 14 Vendo isto, Jesus zangou-se e disse-lhes: “Deixai virem a mim as crianças, não o proibais, porque destas é o reino de Deus.**
- 15 Em verdade vos digo, quem não receber o reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele”.**
- 16 E abraçando-as, as abençoava, pondo as mãos sobre elas.**

Lucas 18:15-17

- 15 Traziam-lhe também as criancinhas para que as tocasse; vendo-o, os discípulos os reprendiam.**
- 16 Mas Jesus, chamando-os, disse: “Deixai virem a mim as crianças e não proibais, pois destas é o reino de Deus.**
- 17 Em verdade vos digo, quem não receber o reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele”.**

Temos a impressão de que a chegada das crianças, acompanhadas das mães veio interromper os ensinamentos que eram dados aos discípulos. Daí sua impaciência e o gesto, aliado à voz, para impedir a aproximação bulhenta e irrequieta.

Foram trazidas, como é hábito no oriente, para que o Mestre, já conhecido como taumaturgo, abençoasse, colocando-lhes a mão sobre a cabeça e orando por eles.

As bênçãos eram muito comuns entre os israelitas, por parte dos mais velhos, para augurar pelo futuro dos mais moços. O Antigo Testamento traz vários exemplos dessas bênçãos, sendo célebres as de Jacob a seus doze filhos (Gên. 49:1-28) e a de Moisés as doze tribos (Deut. 33:1-29). Também o toque das mãos, com a emissão do magnetismo do taumaturgo, era tida como segura base e garantia de felicidade presente e futura.

[103]

Quando Jesus observou a cena da invasão e o esforço que faziam Seus discípulos para manter à distância as crianças e suas mães, “zangou-se” (*êganáktêsen*, de *aganaktêô*). Aliás já dera provas de apreciar os pequeninos (cfr. Mat. 18:1-5; Marc. 9:33-37; Luc. 9:46-48; vol. 4o. pág. 132 ss), e de toma-los como modelos, em vista de seu modo de agir.

A frase “Deixai virem a mim as crianças” tornou-se uma das mais citadas e queridas dos cristãos. E Jesus conclui: “delas é o reino de Deus”.

E abraçava (*enagkalisámenos*) e punha-lhes a mão sobre a cabeça, em passes que lhe deviam trazer grandes benefícios materiais, morais e espirituais.

E a lição foi dada: “em verdade vos digo, quem não receber o reino de Deus como uma criança, de modo algum entrará nele”.

Dizem os exegetas que o reino de Deus é aqui apresentado como um DOM (que pode ser recebido) e como um LUGAR (aonde se pode entrar). Essa é a compreensão mais comum e difundida: o reino de Deus ou dos céus, é o “céu”, aquele dos anjos tocando harpas sobre as nuvens, no qual os “lugares” são conquistados ainda nesta vida, e às vezes até “vendidos”.

Quantos erros fatais trouxe essa interpretação durante tantos séculos!

Nem dom, nem lugar, mas CONQUISTA: um estado de consciência em que “se entra” ou se penetra, “recebendo-o” quando se atinge determinado estágio evolutivo de elevadíssima frequência vibratória espiritual.

O reino dos céus tem que ser recebido como uma criança recebe o que lhe damos: com interesse e participação alegre de todo o ser. E nele só se penetra quando nos tornamos crianças, isto é, com a naturalidade e humildade normais à infância, que confia e ama, sem distinções nem

exigências: por mais que a mãe seja nervosa e rigorosa com seu filho pequenino e o castigue e nele bata, ele só sabe refugiar-se, mesmo depois das pancadas, no colo dessa mesma mãe, para chorar sua dor, e para reconquistar o mais depressa possível o amor daquela que é tudo para ele: é o amor integral e confiante, ilimitado e sem rancores, pleno e fiel.

* * *

No estilo da Escola iniciática, “criança” tem outro sentido: são os que se aproximam, ansiosos de penetrar no grupo fechado dos discípulos, mas ainda não suficientemente maduros para acompanhar o aprendizado sério que aí é ministrado: são as “crianças espirituais” que não podem receber o pábulo forte, como observa Paulo: “eu, irmãos não vos pude falar como a espirituais, mas como a carnis, como a criancinhas em Cristo. Leite vos dei de beber, não vos dei comida, porque ainda não podíeis. Ainda agora não podeis, porque ainda sois carnis” (1ª Cor. 3:1-3).

[104] *Acontece, porém, que não pode ser neste sentido que é exigido “ser criança”: não se vai pedir a uma criatura mais evoluída, que volte atrás em seu adiantamento, para tomar-se de novo simples “aspirante”, embora muitas vezes o aspirante demonstre maior entusiasmo e mais ardor que aqueles que já estão à frente, e, quase sempre, é bem mais humilde que aqueles, porque reconhece melhor suas deficiências e sua ignorância, enquanto os “adiantados” se incham de vaidade.*

De uma forma ou de outra, é indispensável possuir certas qualidades, para que se alcance o reino dos céus. Sem pretender enumerar todas, poderemos citar, como próprio das crianças em tenra idade, as seguintes qualidades:

1 — a **HUMILDADE**, que está sempre disposta a reconhecer sua incapacidade e a esforçar-se por aprender, sem pretender ser nem saber mais que o instrutor; e essa qualidade é básica na infância, que aceita o que se lhe ensina com humildade e fé;

2 — o **AMOR**, que se prontifica sempre a perdoar e esquecer as ofensas. A criança pode brigar a sopapos e pontapés, e sair apanhando, mas na primeira ocasião vai novamente brincar com quem a maltratou, esquecendo-se totalmente do que houve;

3 — a **ÂNSIA DE SABER**, coisa que as crianças possuem até chegar, por vezes, ao ponto de exasperar os mais velhos com suas perguntas constantes, embaraçosas e indiscretas, jamais dando-se por integralmente satisfeitas;

4 — a **PERSEVERANÇA** que, quando quer uma coisa, não desiste, mas usa de todas as artimanhas até conseguí-la, com incrível persistência e teimosia, obtendo o que quer, às vezes, pelo cansaço que causa aos adultos;

5 — a **INOCÊNCIA**, sem qualquer malícia, diante de quaisquer cenas e situações; para as crianças tudo é “natural” e limpo, mormente se são educadas sem mistérios nem segredos, pois a maldade ainda não viciou suas almas;

6 — a **SIMPLICIDADE**, tudo fazendo sem calcular “o que dirão os outros”, sem ter preconceitos nem procurar esconder qualquer gesto ou ato, mesmo aqueles que os adultos hipocritamente classificam como “vergonhosos”;

7 — a **DOCILIDADE** de deixar-se guiar, confiantemente, pelos mais idosos, sem indagar sequer “aonde vão”. Não podem imaginar traições nem enganar, porque eles mesmos são incapazes de fazer-lo, e julgam os outros por si

Se tivermos essa conduta, simples e natural, como a criança (isto é, sem forçar), estaremos com as qualidades necessárias para poder “receber” estado de consciência superior que traz à alma a paz que Cristo dá e a felicidade plena do Espírito.

O MOÇO RICO (105 – 110)

Mateus 19:16-22

Marcos 10:17-22

Lucas 18:18-23

16 E eis, vindo a ele, alguém disse: “Mestre, que de bom farei para que conquiste a vida imanente”?

17 Ele disse-lhe: “Por que me perguntas sobre o bem? Um é o bom, Se queres, porém, entrar na vida, obedece aos mandamentos”.

18 Disse-lhe: “De que modo”? Respondeu, pois, Jesus: “Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não dirás falso testemunho,

19 honra o pai e a mãe e amarás teu próximo como a ti mesmo”.

20 Disse-lhe o jovem: “Tudo isso observo desde minha mocidade; que me falta ainda”?

21 Disse-lhe Jesus: “Se queres ser perfeito, vai, vende teus bens e dá aos mendigos e terás um tesouro nos céus; e vem, segue-me”.

22 Ouvindo, porém, o jovem esse ensino, saiu entristecido, pois tinha muitas posses.

17 E saindo ele para o caminho, ocorreu alguém e, ajoelhando-se-lhe diante, perguntou-lhe: “Bom mestre, que farei para que participe da vida imanente”?

18 Jesus disse-lhe: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom, senão um só, Deus.

19 Sabe os mandamentos: não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás testemunho falso, não defraudarás, honra o pai e a mãe”.

20 Ele disse-lhe: “Mestre, tudo isso observo desde minha juventude”.

21 Contemplando-o, Jesus o amou e disse-lhe: “Uma coisa te falta: vai, vende tudo o que tens e dá aos mendigos e terás um tesouro no céu; e vem, segue-me”.

22 Ele, preocupado com esse ensino, saiu triste, porque tinha muitas riquezas.

18 E interrogou-o certo príncipe, dizendo: “Bom mestre, que farei para participar da vida imanente”?

19 Disse-lhe Jesus: “Por que me chamas bom? Ninguém é bom senão um, Deus.

20 Sabes os mandamentos: não adulterarás, não matarás, não furtarás, não testemunharás em falso, honra o pai e a mãe”.

21 Ele disse-lhe: “Tudo isso observo desde minha juventude”.

22 Ouvindo isso, Jesus disse: “Ainda te falta uma coisa: vende tudo o que tens e distribui aos mendigos e terás um tesouro nos céus; e vem, segue-me”.

23 Ao ouvir isso, ficou triste, porque era muito rico.

Quem era esse moço, na época, não se chega a saber pelas vias normais da história. Mateus e Marcos dizem “alguém”, enquanto Lucas afirma tratar-se de “certo potentado” (*archôn*, principal, chefe, príncipe). Passado o episódio, desaparece totalmente eclipsado.

[106]

Outro pormenor de Lucas é que o moço, embora muito rico, se apresenta humilde, pois se ajoelha para falar com Jesus.

Marcos e Lucas anotam o diálogo que parece ter sido o original: “Bom mestre, que farei para ter em partilha a vida imanente” (*didáskale agathé, tí poiêsô hina zôên aiônion klêronomesô;*) Mateus torce a frase “Mestre, que farei de bom”?

Jesus rejeita o título de “bom”, que só deve ser atribuído a Deus, demonstrando mais uma vez (cfr. Mat. 23:9; João 14:28 e 17:13) não julgar-se Deus, mas simples homem. Aceita, porém, o epíteto de mestre (*didáskalos*, mestre no sentido de “professor”) porque realmente o era. Jerônimo (*Patrol. Lat.* vol. 26 col. 136) procura, com belo malabarismo, justificar o dogma da divindade de Jesus: *quia magistrum vocaverat bonum et non Deum vel Dei Filium confessus erat, discit quamvis sanctum hominem comparatione Dei non esse bonum*, isto é, “porque chamara bom o mestre, mas não

confessara que era Deus, aprende que, embora sendo um homem santo, não era bom em comparação com Deus”.

Lemos em Mateus : “se queres entrar na vida, segue os mandamentos”. Ao que o moço indaga *poiãs*, “de que modo”? As traduções correntes trazem “quais”; mas para essa indagação, teria que ser usado o interrogativo *tiná*.

Em Marcos e Lucas, Jesus responde logo: “segue os mandamentos” e os cita.

Há divergência aqui também. São comuns aos três sinópticos os quatro negativos:

- 1 — não matarás
- 2 — não adulterarás
- 3 — não furtarás
- 4 — não dirás falso testemunho.

Marcos acrescenta: “não defraudarás”, ou seja, não negarás a quem quer que seja o que lhe for devido, bastante sintomático para quem era rico e podia, portanto, explorar os semelhantes.

Dos positivos, os três citam: honrarás pai e mãe; mas Mateus aduz ainda: “ama teu próximo como a ti mesmo” (Lev. 19:18).

Ao todo, então, temos sete preceitos julgados básicos para a personagem, a fim de permitir que o Espírito “entre na vida”:

1 — *não matar*, não causar prejuízo físico ao corpo, próprio ou alheio, dispensando a esse veículo os cuidados necessários à sua manutenção;

2 — *não adulterar*, afastando-se dos preceitos religiosos dos guias espirituais, para buscar emoções em outros cultos;

3 — não furtar, causando prejuízos materiais, nem a si mesmo (desperdício) nem a outros;

4 — *não dizer falsos testemunhos*, a fim de não causar prejuízos morais, por meio de mentiras e calúnias, contra si e contra outros;

5 — *não defraudar*, pagando ou dando menos que o justo e o contratado; nem contratar por preços menores que os exigidos pela justiça e pela humanidade, abusando das necessidades e da fome alheias;

[108] 6 — *honrar pai e mãe* no serviço prestado com amor filial, atendendo às necessidades deles como eles atenderam às nossas, em nossa primeira infância;

7 — *amar o próximo*, tanto quanto amamos a nós mesmos, no serviço humano prestado à humanidade, sem distinção de pessoas, de credos, de raças, de idades, de condições sociais, de laços sangüíneos.

Conforme vemos, regras práticas e eficientes para a vida diária. Nada de altos vãos místicos e ascéticos: preceitos para o comum dos homens normais e ainda materializados e apegados às personagens terrenas.

Ao ouvir as condições, o jovem retruca com simplicidade: “tudo isso tenho feito ou observado (*ephylaxa*, perfeito de duração) desde minha mocidade”. Essas últimas palavras faltam em alguns códices, mas possuem todas as características de autenticidade: é comum aos jovens falar de sua mocidade como de algo distante no passado.

Depois dessas palavras, Jesus olha para ele (*emblépsas*) e o ama (*egapésen*, de *agapáô*, que é o amor com predileção afetuosa, vol. 2 pág. 13) anotação privativa de Marcos, talvez por informação de Pedro que assistiu à cena. Voltando-se, então, para o jovem, Jesus convida-o a participar de Sua Escola, tornando-se Seu “discípulo”.

Mas para isso era indispensável aspirar à perfeição e, portanto, renunciar a todos os bens terrenos: “vai, vende tudo o que tens e distribui entre os mendigos (*diadós*, “dar em todas as direções”, bem mais forte que o simples *dós*, usado o primeiro por Lucas).

O choque foi violento demais e o rapaz ficou triste (Luc. *perilypos*), com o sobrecenho carregado (Marcos: *stygnasas*) e afastou-se. Nunca mais dele se fala no Novo Testamento, como se tivesse desencarnado.

A primeira observação a fazer é que, no episódio, narrado com simplicidade, o moço se afasta triste e macambúzio, e no entanto Jesus não manifestou tristeza: apenas aproveitou a cena para tecer comentários e dar ensinamentos aos discípulos com referência às riquezas; sobre que já falara (cfr. Mat. 6:24, vol. 2 pág. 167-8; e Luc. 16:13, vol. 6, pág. 26 ss).

A atitude do jovem foi normal e humana, e Jesus não o repreende. Apenas assinala que a perfeição requer renúncia efetiva e total. Isso denota que não existe perfeição no modo de agir do moço, embora não esteja, por isso, condenado: pode ter acesso à vida.

Nesse terreno, muitos exemplos encontramos de criaturas que se elevaram espiritualmente, isto é, que evoluíram, em tarefas outras, também indispensáveis à humanidade, ainda que não constituam “perfeição” espiritual. Assim os grandes industriais, comerciantes, artistas de todos os matizes podem firmar-se no bem, sendo fiéis aos preceitos básicos requeridos na citação de Jesus.

[109]

Observemos que a perfeição é de alguns poucos, no sentido religioso. Se todos os homens se dedicassem à perfeição religiosa e à espiritualidade, a evolução planetária ficaria paralisada. Há missionários que vêm com tarefas espirituais e missionários que vêm com tarefas materiais cuidando da parte econômica e financeira; os que plantam, os que colhem, os que armazenam para a revenda; os que desenham, os que constroem, os que decoram os edifícios; os que fabricam, estocam e distribuem as mercadorias, em troca do dinheiro que lhes possibilite prosseguir na produção de benesses; os que estudam, pesquisam e aplicam o resultado de sua ciência para proveito das criaturas humanas e dos animais e plantas; os que captam a inspiração para compor, os que orquestram e os que executam para deleite dos homens; os que legislam, julgam e governam cidades e povos na manutenção da ordem; os que defendem acusados, os que curam doentes, os que assistem nos templos, todos sem exceção, todas as profissões e trabalhos que apresentam SERVIÇO, dos mais elevados aos mais humildes, podem ser levados à Vida, embora nem todos alcancem a perfeição.

A resposta estava no mesmo nível da pergunta: para entrar na vida, são indispensáveis, mas bastam, os preceitos citados.

Todavia, se alguém busca a PERFEIÇÃO, há que primeiro desvencilhar-se de toda carga externa, de tudo o que está agregado de fora, de todas as posses (grandes ou pequenas) que tragam apego e vontade de defendê-las contra assaltos e preocupações de que não sejam roubadas, e cuidados para que se não estraguem. Dai a necessidade de vender TUDO e de distribuí-lo aos mendigos, aos que ainda desejam posses materiais.

Para conseguir a perfeição, a caminhada é longa e árdua, e qualquer carga impede que se entre através do “buraco da agulha”, a “porta estreita” de que fala o Mestre (cfr. Mat. 7:13).

Entretanto, temos que buscar interpretação mais profunda do texto. Para entrar na Escola Iniciática, deve o candidato desfazer-se de tudo, não em benefício da própria Escola (costume adotado através dos séculos pelos que ingressam nas ordens religiosas masculinas e sobretudo femininas), mas para distribuir aos mendigos. Nos capítulos seguintes veremos algo mais a respeito desse tema.

Não se pode mesmo, misturar espírito com matéria, e a Escola terá que prover, pelo trabalho, ao próprio sustento e ao sustento de seus membros.

[110]

O episódio do “moço rico” ensina-nos ainda a luta que se trava dentro de nós mesmos quando, chamados pelo Cristo Interno a maior perfeição, temos pena de atender, porque os benefícios materiais e o conforto que desfrutamos nos acenam com prazeres maiores e mais imediatos, que esse atendimento a Voz silenciosa nos forçaria a largá-los. Como deixar de gozar a comodidade de um apartamento novo, o deleite de ficar conversando, em poltrona anatômica, diante da televisão, à noite, para sacrificar-nos a estudar, a freqüentar uma reunião, a escrever um artigo? Desculpamo-nos com a “indispensável assistência a família” embora o motivo principal nós o empurremos para o porão do subconsciente e nem dele tomemos conhecimento. Deixar de ir a um cinema? Ora, trata-se de uma higiene mental necessária a quem luta a semana inteira. Estudar aos domingos? Ah! esses pertencem à família! E o chamado do Cristo para que nos dediquemos mais e mais, vai ficando postergado, irrespondido ... Vem então a solução (“sábua”, que pensamos desculpar-nos integralmente: “Pessoalmente não posso, mas arranjo meios, dinheiro, vantagens...faço minha parte... quando me aposentar”... Então, deixamos para o Cristo os ossos reumáticos da velhice, e isso mesmo, porque na velhice já não temos mais esperança de arranjar novos empregos que nos proporcionem lucros ainda maiores.

Bem tipicamente escolhido o exemplo do moço rico. Porque na mocidade é que realmente se torna difícil o abandono do que se tem e do que se sonha, se aspira e se espera ter, para mergulhar numa vida de renúncia. Ricos “velhos” são mais facilmente encontrados com disposição de sacrificar

uma parte, embora mínima, de seus bens (“sabe, tenho meus filhos, não posso prejudicá-los! a própria lei me proíbe fazer doações com o dinheiro que lhes constituirá a herança!”). No entanto, procuram doar alguma coisa para “comprar” um post mortem menos angustiado, pois lhes dói a consciência, ao recordar-se das maneiras pouco legítimas ou totalmente ilegítimas com que, por meio da exploração ignóbil dos semelhantes, conquistaram aqueles bens. Então, quando sentem o peso dos anos e, olhando para o chão, já recurvados sob o guante do tempo, vêem o retângulo da sepultura a lentamente abrir-se, amendrontam-se e se tornam generosos, a isso compelidos pelos gritos dissonantes do remorso. É o que diz o velho adágio: “o diabo, depois de velho, fez-se ermitão”.

Quem ama, procura doar-se o mais cedo possível. Qual o noivo que diz à noiva querida: “vou enriquecer primeiro; quando me aposentar, casarei contigo”? Assim, porém, fazem os jovens com o Cristo Interno que os convoca ao Amor.

DIFICULDADE DOS RICOS (111 – 119)

Mateus 19:23-30

Marcos 10:23-31

Lucas 18:24-30

23 Jesus, pois, disse a seus discípulos: “Em verdade vos digo que um rico entrará com dificuldade no reino dos céus.

24 Novamente vos digo: mais fácil é um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus!

25 Ouvindo isso, os discípulos muito se chocaram e perguntaram: “quem pode, então, salvar-se”?

26 Olhando-os, porém, Jesus disse-lhes: “Aos homens isso é impossível, mas a Deus tudo é possível”.

27 Respondendo, então, Pedro disse-lhe: “Eis que nós abandonamos tudo e te seguimos; que, pois, será para nós”?

28 Mas Jesus disse-lhes: “Em verdade vos digo, que vós, que me seguistes na reencarnação, cada vez que o Filho do Homem se sentar no trono de sua glória, sentareis também vós sobre doze tronos, discriminando as doze tribos de Israel.

29 E todo que tenha abandonado casas ou irmãos ou irmãs ou pai ou mãe ou esposa ou filhos ou campos por causa do meu nome, receberá o cêntuplo e participará da vida imanente.

30 Muitos primeiros, porém, serão últimos, e últimos serão primeiros”.

23 Olhando em torno, disse Jesus a seus discípulos: “Como entrarão com dificuldade no reino dos céus os que têm riquezas”!

24 Os discípulos porém se horrorizaram com as palavras dele. Mas respondendo Jesus disse-lhes: “Filhos, como é difícil entrar no reino de Deus!

25 É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus”.

26 Eles se chocaram terrivelmente, dizendo uns aos: “E quem poderá salvar-se”?

27 Olhando-os, Jesus disse: “Aos homens isso é impossível, mas não a Deus, pois tudo é possível a Deus”.

28 Começou Pedro a dizer-lhe: “Eis que nós deixamos tudo e te seguimos”.

29 Disse Jesus; “Em verdade vos digo, ninguém que tenha deixado casa ou irmãos ou irmãs ou mãe ou pai ou filhos ou terras, por minha causa e por causa da Boa-Nova,

30 que não receba agora, nesta oportunidade, o cêntuplo de casas e irmãos e irmãs e mães e filhos e campos, com perseguições, e no eon vindouro a vida imanente.

31 Muitos primeiros, porém, serão últimos, e últimos serão primeiros”.

24 Vendo, então, Jesus que ele se tornara triste, disse: “Como dificilmente os que têm riquezas entrarão no reino de Deus!

25 Pois é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino de Deus”.

26 Disseram, então, os ouvintes: “E quem pode salvar-se”?

27 Ele disse: “O impossível entre os homens é possível para Deus”.

28 Disse Pedro, então: “Eis que deixamos nossas coisas e te seguimos”...

29 Então ele disse-lhes: “Em verdade vos digo que ninguém há que abandone casa ou esposa ou irmãos ou pais ou filhos por causa do reino de Deus,

30 que não receba muito mais nesta oportunidade e a vida imanente no eon vindouro”.

[112]

Neste trecho, temos os primeiros comentários feitos por Jesus, enquanto se afastava o jovem rico, triste e preocupado (*stygñasas*, “de sobrecenho carregado”) com a luta íntima que nele se travara entre a vontade incontrolável de seguir o Mestre, e o apego descontrolado a seus bens entre o amor ao Espírito e o amor à matéria.

Marcos anota que Jesus “olhou em torno de si” (*periblepsámenos*), observando com penetração psicológica o efeito que nos discípulos causara a cena, e o que produziriam suas

palavras. E disse: “Como os ricos entram com dificuldade no reino dos céus!” O advérbio *dyskólôs*, “difícilmente”, é usado apenas aqui nos três sinóticos.

A impressão recolhida no semblante dos discípulos foi de horror. Justamente eles pensavam que os ricos entrariam muito mais facilmente: que não consegue um homem com dinheiro? Então Jesus resolve aprofundar o espanto e chocá-los, para que jamais esqueçam a lição, e faz uma comparação que os deixa boquiabertos: “é mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha, que um rico entrar no reino dos céus”.

Teofilacto, no século 11^o, em seus comentários evangélicos (*Patrol. Graeca* vol. 123) sugere que, em lugar de *kámelos*, “camelo”, devia ler-se *cámilos*, “cabo”, “corda grossa”, aceitando a hipótese já lançada por Cirilo de Alexandria, em sua obra “Contra Julianum”, cap. 6^o. Mas isso nada resolve. Além do que a expressão de Jesus encontra eco nos escritos rabínicos: “ninguém sonha com uma palmeira de ouro, nem com um elefante a passar pelo buraco de uma agulha” (Rabbi Raba, cfr. Strack e Billerbeck, vol. I, pág. 828). Ora, na época de Jesus os camelos eram comuns à vida cotidiana, ao passo que os elefantes constituíam recordações vagas de séculos atrás, por ocasião das guerras macedônicas. E o mesmo Jesus utiliza outra comparação com o camelo: “vós, que coais um mosquito e engolis um camelo” (Mat. 23:24).

A exclamação cheia de ternura, com que Jesus se dirige a seus discípulos, chamando-os “meus filhos” (*tékna*) parece querer abrandar o choque traumático que lhes causara. Na expressão “os que têm riquezas”, o substantivo empregado é *chrêmata*, que engloba bens móveis e imóveis, ao passo que *ktêmata* exprime apenas os imóveis.

No vers. 24 alguns códices trazem “Filhos, como é difícil aos que confiam nas riquezas entrar no reino dos céus”. Esse adendo, na opinião dos hermeneutas, é glosa antiga, para justificar os ricos que não queriam desfazer-se de suas riquezas, mas cuja amizade interessava ao clero. Knabenbauer (*Cursus Sacrae Scripturae* Paris, 1894, pág. 271) esclarece muito atiladamente: *si glossa est, apte et opportune addebat; neque enim opes incursat, sed eos qui ultra modum inhaerent*, isto é, “se é uma glosa, foi acrescentada adequada e oportunamente; pois não condena as riquezas, mas aqueles que a elas se apegam além da medida”.

[113] O trauma leva os discípulos (Lucas diz “os ouvintes”) a interrogar-se entre si: “e quem poderá salvar-se”? Realmente todos os seres humanos têm posses, embora as de alguns seja constituída de alguns trapos para cobrir a nudez. Há então clara distinção entre pobreza efetiva e pobreza afetiva. A primeira, por maior que seja, talvez a posse de simples lata velha para beber água, pode envolver apego que provoque briga se alguém lhe quiser tirar; enquanto a segunda, mesmo que se possuam bens quantiosos, é mantida com a psicologia do mero gerente ou mordomo, sem nenhum apego afetivo em relação a ela.

Após a explicação de que a Deus nada é impossível, que corta o espanto com a faca da esperança, afiada na pedra da fé e umedecida com o azeite da confiança no Amor divino, Pedro anima-se e “começa a interrogar” a respeito dos discípulos. Não transparece, em sua indagação, nem egoísmo nem ambição, mas a curiosidade temperamental e ansiosa, típica dos inquietos: “e nós? Afinal, nós deixamos tudo e te seguimos... Que acontecerá a nós?”

A resposta de Jesus, registrada por Mateus, tem um pormenor que não aparece nos outros.

Analisemos: *amên légô humin* (em verdade vos digo) *hóti hymeis hoi akolouthésantés moi* (que vós que me seguistes), *en têi palligenesíai* (na reencarnação), *hotan kathísêi ho hyiós tou anthrôpou* (cada vez que se sente o filho do homem) *epi thrônou doxês autoú* (sobre o trono de sua glória) *kathêsesthe kai hymeis* (sentareis também vós) *epi dôdeka thronoús* (sobre doze tronos) *krínontes tàs dôdeka phylàs tou Israêl* (discriminando as doze tribos de Israel).

Temos que assinalar a expressão *en têi paliggenesíai*, “na reencarnação”, termo familiar aos pitagóricos e estoicos, para exprimir o que chamamos hoje, ainda, de reencarnação: o renascimento na matéria do espírito imortal; com ele também era designada outrora a “transformação do mundo”, nos passos evolutivos que o planeta vai conquistando através dos milênios. Flávio emprega a palavra para exprimir a restauração de Israel, sentido provavelmente corrente na época, entre os israelitas, o que fez que os discípulos pensassem que Jesus vinha operar essa restauração; e isso quiçá tenha provocado o pedido de Tiago e de João (Marc. 10:35) logo a seguir. Philon de Alexandria usa essa palavra para designar o renascimento do planeta após o dilúvio. E Paulo de Tarso (Tito, 3:5) com o sentido material de reencarnação e o sentido espiritual de nascimento na individualidade ou transição do psiquismo ao espírito, tendo como resultado o surgir do “homem novo”.

Outra observação quanto ao “trono de glória”, que o Talmud denomina *kissê kakkabod*, quando diz: “Há sete coisas que precederam de 2000 anos o mundo: a Torah, o trono de glória, o jardim do Éden, a geena, a penitência, o santuário de sabedoria, e o nome do Messias. Onde estava escrita a

Torah? Com fogo negro sobre fogo branco, estava ela colocada nos joelhos de Deus, e Deus estava sentado no *trono de glória*, e o *trono de glória* se mantinha no firmamento, que está acima da cabeça dos animais sagrados” (cfr. Strack e Billerbeck, tomo I, pág. 975).

Jesus fala nos “doze tronos”, contando ainda com Judas e nas “doze tribos” de Israel que, já à Sua época, não mais se achavam divididas, pois séculos antes tinham sido conquistadas e dominadas pela tribo de Judá, unificando-se num só bloco. Sua existência, pois, era apenas simbólica.

[114] Essa frase consolida a interpretação de “palingenesia” dada por Flávio Josefo: a restauração do reino de Israel, tornando a dividi-lo em doze tribos soberanas, cada uma das quais seria governada por um dos doze discípulos. Os Apocalipses (cfr. 4º Esdras 7:75) falam na renovação messiânica do mundo, “quando o Todo-Poderoso vier renovar Sua criação”. Mas embora se acreditasse que o Messias julgaria o mundo (cfr. Mat. 25:31 ss) , neste trecho é dito que o julgamento seria feito pelos doze, a exemplo dos “juizes” de Israel (como os “sufetas” de Cartago). Já Paulo fala que “os santos julgarão o mundo” (1ª Cor. 6:2).

A promessa de julgar (ou discriminar) é benefício honroso, mas transitório, pois é um “ato”, que logo finalizará.

Outras coisas, porém são ditas, a seguir, estendendo a todos os discípulos, contemporâneos e futuros, Que tiverem abandonado tudo “por causa dele”. Marcos acrescenta: “E por causa do Evangelho (1).

(1) A palavra **Evangelho** (“Boa-Notícia”) é freqüente no vocabulário de Marcos, sendo empregada oito vezes: 1:1; 1:14; 1,15; 8:35; 10:29; 13:10; 14:9 e 16:15, contra 4 vezes em Mateus, 4:23; 9:35; 24:14 e 26:13, e nenhuma vez nos outros dois evangelistas.

A enumeração do que se abandona compreende: casas, pai, mãe, esposa, filhos, irmãos. irmãs e campos (2).

2) Em Mateus, o códice Vaticano, o mss. 2148, a itala **a** e **n**, a versão siríaca palestinese, os pais Irineu (latino) e Orígenes omitem “esposa”; mas o termo aparece nos códices sinaítico, C, K, L, W, X, **delta**, **theta**, nos mss. f 13, 28, 33, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216, 1230, 1241,1242, 1253,1344, 1365,1546, 1646, 2174, os leccionários bizantinas, as italas áurea, **c**, **f**, **gl**, **h**, **l**, **q**, a vulgata clementina as versões siríacas peschitta, curetoniana, harclense, as coptas saídica e boaídica, a armênia, a etiópia, a georgiana, os pais Basílio, João Crisóstomo, Cirilo e João Damasceno.

Quem, pois, deixar tudo isso, receberá “o cêntuplo AGORA, nesta oportunidade” (*nyn en tòi kairôi toutôi*), que só podemos interpretar como “nesta presente vida física”, pois logo a seguir se fala “no eon vindouro”, ou seja, na próxima existência.

A promessa de abandonar UM e ganhar CEM tem trazido dificuldades aos hermeneutas da letra. Jerônimo, porém, já dissera: *qui carnalia pro Salvatore dimiserit, spiritualia recipit*, ou seja: “quem pelo Salvador deixar as coisas, recebe as espirituais” (*Patrol Lat.* vol. 26, col. 139), interpretação também apoiada por Ambrósio (*Patrol. Lat.* vol. 15, col. 1296).

Outros acenam à ampliação de bens e de “família” espiritual que lucram todos os que deixam a família sangüínea, tendo como pais os superiores (Jesus, aqui mesmo, chama seus discípulos de “filhos”); como irmãos, todos os companheiros de crença (cfr. 2ª Pe. 1:4, etc.); os “convertidos” são chamados “filhos” (cfr. Gál. 4:19; 1ª Cor. 15:58; 2ª Cor, 6:11-13) e Paulo chega a chamar “mãe”, à mãe de Rufus (Rom. 16:13); quanto aos bens, eram eles colocados em comum (cfr. At. 2:44; 4:32; 11:29,30; 16:15; Gál 2:10 e 2ª Cor. 8:1 a 9:15).

Lebreton (“Le Centuple Promis”, in “Recherches de Science Religieuse”, tomo 20,1930, pág. 42-44) diz que “a renúncia nos torna senhores da riqueza, ao invés de escravos dela”, lembrando Paulo: *tanquam nihil habentes et omnia possidentes*, isto é, “como nada tendo, mas tudo possuindo” (2ª Cor. 6:10).

[115] Marcos avisa que esse cêntuplo virá “com perseguições”, embora seja promessa contida nos três sinópticos que, “no eon vindouro”, o renunciante alcançará a “vida imanente”.

O ensinamento todo termina com uma máxima axiomática: “muitos primeiros serão últimos, e últimos serão primeiros”. O venerável Beda (*Patrol. Lat.* vol. 92, col. 234) comenta: *vide enim Judam de apostolo in apóstata[m] versum et dicit quod multi erunt primi novissimi; vide latronem in cruce factum confessorem eodemque die quo pro suis crucifixus est peccatis, gratia fidei cum Christo in paradiso gaudentem, et dicit quod et novissimi erunt primi*, que significa: “vê Judas, que de apóstolo se tornou apóstata e diz que muitos primeiros serão últimos; vê o ladrão, que na cruz se tornou

confessor, e no mesmo dia em que foi crucificado por seus pecados, gozando com Cristo no paraíso, e diz que também os últimos serão os primeiros”.

Após o exemplo dado com o episódio do “moco rico”, chegam as lições teóricas explicativas, com outros exemplos e parábolas, que vamos agora começar a ver.

O comentário do Mestre precisa ser interpretado em espírito, lembrando-se, mais uma vez, que o “reino dos céus” não é O Céu, para o qual a alma iria após a morte física, lá permanecendo para a eternidade; mas antes, uma conquista realizada AQUI, NA TERRA.

Observamos que foi isso que o moço rico pediu: a VIDA IMANENTE, na união definitiva com o Cristo Interno. E o Cristo, manifestando-se através de Jesus, ensinou-lhe — nós o vimos — que para obtê-la com perfeição era mister vender tudo e distribuir o resultado aos mendigos, para depois seguir internamente. O que dificulta as interpretações das igrejas dogmáticas é ficarem rasteiras na letra material. Realmente, enquanto houver riquezas e bens, NÃO É POSSÍVEL a união íntima e permanente, porque a preocupação com a gerência dos bens, por maior que seja o desapego, distrai a criatura, levando-a para fora de si, e portanto desligando-a de seu interior, do Cristo.

Mais fácil seria passarmos um camelo pelo buraco de uma agulha, que servirmos a dois senhores tão opostos: Deus Interno (Espírito) e Dinheiro externo (matéria, que é satanás). Temos que desfazer-nos do segundo, se quisermos conquistar o primeiro.

A Deus é possível chamar com tanta insistência um rico, que ele abandone tudo e “se salve”, embora criatura humana alguma o consiga.

Estudemos, agora, o vers. 28 de Mateus em seus vários sentidos ocultos e simbólicos.

Anotemos de início que o Cristo deixa de responder à primeira parte da pergunta de Pedro: “nós que deixamos tudo o que nos pertencia (tã idíia), para só esclarecer o segundo inciso: “te seguimos”, dando a entender que o importante não é tanto “abandonar tudo”, mas sim “seguí-Lo”.

Reproduzamos o versículo: “Vós que me seguistes. na reencarnação, cada vez que o Filho do Homem se sentar sobre o trono — de sua glória, também vós sentareis sobre doze tronos discriminando as doze tribos de Israel”.

[116]

Vimos que a interpretação primeira feita pelos discípulos dizia respeito à libertação de Israel e sua soberania absoluta no mundo, tanto que Salomé, mãe de Tiago e João, pede para seus filhos os lugares mais honrosos à direita e à esquerda do novo Rei (Marc. 10:35).

Outra interpretação que dura há séculos refere-se à “renovação do mundo”, confundida com a parusia, ou seja, a segunda vinda de Jesus ao planeta para julgá-lo. Já aqui os apóstolos serão juizes de toda a humanidade.

Há mais, porém, se aprofundarmos o sentido. Neste caso, leríamos assim, parafraseando o texto: “Vós que me seguistes”, designando os que O buscaram no imo de seus corações, e O encontraram e com Ele se uniram.

“Na reencarnação”, que exprimiria a reencarnação do globo terráqueo, que se dá a cada surgimento de nova sub-raça. Sete sub-raças constituem uma “raça-raiz”; sete raças-raiz formam uma “ronda” e sete rondas completam um “manvantara”, após o qual vem o pralaya, ou repouso.

Cada sub-raça tem sua evolução confiada a um Servidor, que vem à Terra sempre acompanhado por doze discípulos que O assistem e Lhe ajudam a tarefa. Segundo essa doutrina oculta, a promessa feita aos doze discípulos ali presentes, era que eles O acompanhariam sempre em Suas encarnações, “cada vez que se sentasse no Trono de Sua glória” ou, talvez melhor, “em Sua Cátedra gloriosa” de ensino universalista; eles formariam sempre o conjunto de outras doze cátedras, a fim de espalhar o ensino e “discriminar”, ou melhor “passar pelo crivo” (sentido literal de krínein) os homens e as nações de todo o planeta, que é dividido em doze raios geométricos, representados pelos doze signos do zodíaco.

Outra leitura pode ser feita através das palavras que “ocultam” o pensamento profundo. Nesta interpretação, temos que suprimir a vírgula após as palavras “me seguistes”, como o fazem Wescott e Hort em sua edição grega de 1881, lendo-se, então: “vós que me seguistes na reencarnação”. Compreendemos: “vós que me acompanhastes nesta encarnação, recebereis, em vossos doze tronos separados, nova consagração iniciática evolutiva, cada vez que o Filho do Homem der mais um passo à frente, obtendo o direito de sentar-se no trono glorioso da vitória”.

Podemos ainda entender como um ensino dado especialmente para as Escolas Iniciáticas: os que seguiram e acompanharam o Cristo em seus corações, terão a oportunidade de conquistar a

cátedra doutrinária do ensino esotérico, para distribuí-lo aos seus discípulos no planeta, após a indispensável discriminação preliminar.

[117] *Avançando um pouco mais, podemos perceber das expressões do versículo que estudamos, um sentido mais profundo: quando a criatura que segue o Cristo, unificando-se a ELE totalmente durante sua encarnação terrena, tornando-se, portanto, Filho do Homem, ela, criatura encarnada, experimentará todas as sensações gloriosas dele. E cada vez que ele se infinitizar na glória do Trono excelso da divina Luz, ela também se sentará em seu pequeno trono de glória, podendo daí discriminar (distinguir) as “doze tribos de Israel”, ou seja, os doze caracteres básicos da humanidade conhecendo a criação toda em toda a sua amplitude, mediante a “ciência infusa” obtida pela intuição instantânea, da visão direta, pela convivência (ou simultaneidade de vivência), com o Espírito (individualidade) unido à Luz do Espírito Santo, por meio do Pai Verbo de Sabedoria, através do Cristo Interno, partícula indivisa do Cristo Cósmico ou Terceiro aspecto da Divindade. A obtenção dessa indescritível e indizível felicidade por parte da personagem terrena encarnada, pode considerar-se efetiva divinização, consagrando seu privilegiado possuidor como Adepto de alta categoria, como Manifestante divino, como Mestre em toda a amplitude do termo. Essa interpretação cabe, em sua íntegra acepção, àquela personagem histórica que nos acostumamos a amar com todo o ardor de nossos corações, e que se denominou JESUS DE NAZARÉ. Unindo-se, em Sua encarnação, ao Cristo, Sua personagem humana de Filho do Homem pôde sentar-se no trono de glória à mão direita do Pai (cfr. Mat. 25:31 e 26:64; Marc. 14:62; Luc. 22:69 e At. 7: 55,56), como já dissera David, o Bem-Amado: “Disse o Senhor ao meu Senhor, senta-te à minha mão direita”.*

No campo da Fraternidade Branca, cujo chefe supremo é Melquisedec, o Ancião dos Dias, o PAI a que se referia Jesus, o Trono de Glória é onde Ele pontifica no Grande Concílio, em Shamballa. Quando o Filho do Homem se sentar em Seu trono de glória, como Chefe e Guia do Sexto Raio da Devoção, os doze discípulos que O acompanharam em Sua reencarnação na Galiléia, permanecerão a Seu lado, fazendo a discriminação das “doze tribos de Israel”, ou seja, dos doze grandes grupos religiosos em que se subdivide a humanidade e que sucederam, espiritualmente, às doze tribos: hinduísmo, judaísmo, zoroatrismo, taóismo, xintoísmo, confucionismo, budismo, catolicismo (romano e ortodoxo), islamismo, catolicismo reformado, naturismo (umbanda) e espiritismo. Realmente, após seu sacrifício e por meio dele, Jesus “se tornou Sumo Sacerdote da Ordem de Melquisedec” (Hbr. 6:20) assumindo Seu trono de glória como um dos sete Espíritos que assistem diante do Todo-Poderoso Senhor da Terra (cfr. Apoc. 1:4). E por isso escreveu David: “Disse o Senhor (Melquisedec) ao meu Senhor (YHWH-Jesus) senta-te à minha mão direita” (Salmo 110:1; Mat. 22:44; Marc. 12:36; Luc. 20:42; At. 2:34; Heb. 1:13 e 12:2).

Mas prossigamos no texto, para não alongar-nos demasiado. Verificamos que além desse resultado (mais que recompensa) temos outros fatos citados a respeito do “deixamos tudo”.

Observemos que há uma citação nominal não apenas dos bens terrenos (casas e campos), mas dos parentes de primeiro grau, um a um, sejam consangüíneos, como pai, mãe, filhos, irmãos e irmãs, como não-consangüíneos, a esposa (ou esposo).

[118] *A igreja, com a vida monástica, colocou à letra a aplicação dessas palavras; e os monges abandonam mesmo seus parentes, chegando até, em algumas ordens, a trocar de nome, para dedicar-se ao serviço do Cristo, numa renúncia total e absoluta. Magnífico exemplo, apesar dos defeitos “humanos” que sobrevieram às regras rígidas, isto é, ao abuso que se introduziu no uso. Mas, terrenamente o sentido é esse mesmo: Cristo acima de tudo, mesmo dos amores mais belos e legítimos. Se houver objeções, dificuldades, lutas, tudo deve ser deixado para seguir o Cristo. Se houver amor por parte desses parentes, eles acompanharão o seguidor do Cristo. Se o não acompanharem, é porque mais amam a si mesmos e a suas comodidades, que ao Cristo e ao buscador do Cristo; que fiquem, pois, onde mais lhes agrada. Os atletas se libertam, por vezes, até das vestes que lhes impedem ou atrapalham a carreira. Assim deve fazer aquele que resolve correr atrás do Amor que nos chama com gemidos inenarráveis (Rom. 8:26).*

Mas não apenas os parentes “externos” deverão ser abandonados para seguir-se o Cristo: também os parentes “internos” que constituem nossa própria personagem: veículos físicos, sangue e emoções, fenômenos do astral, raciocínios e vaidades intelectuais, tudo tem que ser sacrificado, se constituir óbice para seguir o Cristo.

No entanto, a todos os que deixarem essas coisas, será dado cem vezes mais EM VALOR, pois conseguirão o domínio de tudo. Que importam as coisas materiais transitórias, a quem possui o Espírito imperecível? Cem vezes mais vale este. E o amor do Cristo é superior ao amor de cem mães, de cem pais, de cem esposas, ou filhos, ou irmãos, ou irmãs, e a posse do Espírito faz sentir a nulidade da posse temporária tão rápida e ilusória de um pedaço do planeta, ou de uma casa que a poeira do tempo destroi e derruba.

A interpretação materialista da igreja romana, como sói acontecer, acena com centenas de irmãos encarnados nas ordens religiosas, e centenas de casas conventuais de pedra, não compreendendo que nenhuma vantagem espiritual traria isso ao seguidor do Cristo: trocaria uma ilusão material por outras cem, mas todas transitórias e perecíveis. A promessa refere-se ao abandono do material para conquista do espiritual. Tanto que Marcos esclarece “com perseguições” por parte de todos os que permanecem presos à matéria (satanás) do Anti-Sistema.

E o final do versículo reforça esta interpretação quando adita: “e a VIDA IMANENTE”, ou seja, a permanente unificação interna do Espírito com o Cristo.

Aqui lembramos ainda uma vez (cfr. vol. 2º pág. 14 ss; vol. 3º pág. 158 e 173; vol. 5º pág. 139 e 152) que a “vida eterna” das traduções correntes nada significaria, já que essa vida eterna TODOS OS ESPÍRITOS a possuem por intrínseca natureza, inclusive os maus. Quanto mais avançamos na interpretação dos textos evangélicos, mais solidificamos nossa convicção de que é certo o caminho que palmilhamos.

Resta-nos examinar a última frase: “muitos últimos serão primeiros, e muitos primeiros serão últimos”. O espanto de muitos espiritualistas, qualquer que seja sua situação ou “posto”, será incalculável ao se verem preteridos na vida espiritual por pecadores, ateus materialistas. Mas não menor será o assombro destes ao se verem acima daqueles que eles consideravam luminares vivos e indiscutíveis da vida religiosa.

Os homens julgam pela aparência, pelas posições, pelas vestes e pela “virtude” externa. Mas nada disso significa realidade intrínseca nem serve de qualificação para a vida espiritual. Apenas o SER, a vibração específica do Espírito, é que situa o homem no plano vibratório próprio. Ora, quantas vezes a bondade do materialista será achada superior à do espiritualista, pelo simples fato e que o primeiro é bom sem nada esperar de retribuição, ao passo que o segundo se faz de bom na secreta e íntima esperança de obter um lugar no “céu” ou em “Nosso Lar”... o que torna sua bondade simples jogo de interesses e expectativa de polpudas recompensas espirituais após a desencarnação.

No entanto, sabemos que a frase “os últimos serão os primeiros” possui um sentido esotérico muito profundo e iniciático, que o ocultismo representa pela serpente que morde a própria cauda, onde o princípio e o fim se unem para formar o círculo perfeito. Daí o simbolismo do Sol que ilumina: o círculo perfeito, em que não há princípio nem fim (eterno) é o dispensador da luz.

Comentando a esse respeito, Luiz Goulart chamou a atenção para a representação da “hóstia” na igreja católica, que dá ao pão a forma circular: o sol que ilumina. Sendo a hóstia a manifestação da divindade, poderia a igreja ter-lhe dado a forma do triângulo equilátero, representativo da Trindade... No entanto, o símbolo ocultista do Sol prevaleceu, tanto que o “ostensório” é feito com o acréscimo externo dos raios de ouro (dourados) do sol. E quando em exposição, o “Santíssimo” figura, exatamente, um sol no apogeu de sua trajetória: cheio e brilhante.

TRABALHADORES DA VINHA (120 – 126)

Mateus 20:1-16

- 1 Pois o reino dos céus é semelhante a um homem chefe de família, que saiu desde a madrugada para engajar trabalhadores para sua vinha.
- 2 E tendo contratado com os trabalhadores um denário por dia, enviou-os para sua vinha.
- 3 E tendo saído cerca da hora terceira, viu outros ociosos em pé na praça,
- 4 e disse-lhes: “ide também vós para a vinha, e vos darei o que for justo”. Eles foram.
- 5 Novamente saiu cerca da hora sexta e da nona, e agiu da mesma forma.
- 6 E saiu cerca da undécima hora, e achou outros que lá estavam, e disse-lhes: “por que estacionais aqui desocupados o dia todo”?
- 7 Disseram-lhe: “porque ninguém nos contratou”. Disse-lhes: “Ide também vós para a vinha”.
- 8 Chegando a tarde, disse o dono da vinha a seu capataz: “Chama os trabalhadores e paga-lhes o salário, começando pelos últimos até os primeiros”.
- 9 E chegando os da undécima hora, receberam um denário cada um.
- 10 E vindo os primeiros, julgaram que receberiam mais; mas receberam um denário também eles.
- 11 E ao receber, murmuravam contra o chefe de família
- 12 dizendo: “esses, os últimos, trabalharam uma hora e os trataste como a nós, sofredores do peso do dia e do calor (do sol)”.
- 13 Respondendo, ele disse a um deles: “Companheiro, não te faço injustiça; não contrataste comigo um denário?
- 14 Toma o teu e vai; quero dar a este último tanto quanto a ti;
- 15 ou não me é lícito fazer o que quero nos meus negócios ? Ou teu olho é mau, porque eu sou bom” ?
- 16 Assim os últimos serão primeiros e os primeiros, últimos.

[121] Jesus achava-se a caminho, entre a Galiléia e Jerusalém, já tendo passado o Jordão, achando-se, provavelmente, na planície de Jericó. Essa viagem, a última que fez em direção à cidade santa, tinha seu objetivo predeterminado: a ida para o sacrifício final, previsto e predito já por duas vezes (Mat. 16:21 e 17:22-23); dentro de mais alguns dias, repetirá o aviso (Mat. 20:18-19), bem clara em Seus discípulos a idéia da importância do ato que se consumará.

Nessa viagem situa-se a parábola alegórica dos trabalhadores da vinha, em que mais uma vez é procurada uma comparação que dê idéia do que venha a ser o “reino dos céus”. A lição é privativa de Mateus.

Analisemos rapidamente os termos de nossa tradução.

Semelhante é o reino dos céus a um “homem chefe de família” (*anthrôpôi oikodespôtêi*), ou “dono de casa”, que saiu “desde a madrugada” (*hâmaprôi*, literalmente “com a madrugada”), isto é, à primeira hora (6 da manhã) ou até antes.

Era costume na Palestina, até bem poucos anos, que os desempregados (“diaristas” ou “jornaleiros”) se reunissem na praça da aldeia (“*bâzâr*”) à espera de que alguém os viesse contratar, tal como ocorre em nossas cidades, com automóveis-táxi, caminhões “a frete” e carrinhos-de-mão, que ficam nos “pontos” aguardando interessados em seus serviços. Chegando alguém que declarasse necessitar da mão-de-obra, o trabalhador pedia muito mais do que esperava obter, e o interessado oferecia muito menos do que pretendia pagar. Estabelece-se, então, a discussão: um abate, outro sobe sua oferta, até que concordem exatamente no salário normal, que é a tarifa convencional que sempre se paga pelo serviço.

Naquela época, o preço normal era um “denário”, isto é, uma dracma. Que a cena foi assim imaginada, verifica-se pela frase “tendo assim contratado de comum acordo” (*symphônêsas*). Para um homem do oriente médio, até hoje, dizer o preço, receber o dinheiro e entregar a mercadoria, não

é “negociar”: isso supõe discussão, preço alto, oferta baixa, até chegar-se a um acordo. Se tal não ocorrer, o oriental se sente psicologicamente frustrado: prefere discutir e ganhar menos, depois de meia hora de “negociação”, a receber muito mais (pelo preço inicialmente pedido) mas sem “negociação”: no fundo de sua alma, sente que não soube exercer sua profissão, que “falhou” com o freguês. Para bem compreender-se essa psicologia, só assistindo às centenas de cenas semelhantes que ocorrem nos mercados e lojas do oriente médio. Mas voltemos ao texto.

Os trabalhadores contratados foram para a vinha. Começaram o trabalho por volta das 6 horas, sabendo que o “dia” terminaria às 18 horas, quando receberiam a paga de um denário, preço convencionado e aceito por ambas as partes.

Ou a vinha era grande demais, ou o serviço maior do que pudessem dar conta os braços contratados: o chefe de família volta à praça mais quatro vezes:

- a) à hora terceira (9 horas)
- b) à hora sexta (12 horas)
- c) à hora nona (15 horas)
- d) à hora undécima (17 horas)

Os contratados à hora terceira trabalhariam durante nove horas; os da hora sexta, seis horas; os da hora nona, três horas; e os da hora undécima, uma hora apenas.

[122] Há certas incoerências: se o chefe de família foi quatro vezes à praça contratar trabalhadores, como ainda pôde, às 17 horas, encontrar trabalhadores “ociosos”, a ponto de dizer-lhes: “por que estais aqui desocupados o dia todo”? Será que das vezes anteriores os não havia visto? Nem teria sido visto por eles?

Chegando a tarde, isto é, às 18 horas, surge em cena o capataz (*epitrópos*) que aí figura como superveniente apenas para efeito de realizar os pagamentos.

O normal seria pagar primeiro os que primeiro chegaram. Mas a inversão dessa ordem normal não aborrece os trabalhadores. O que os deixa magoados é ver que os que labutaram apenas uma hora, receberam o mesmo denário que os que se esforçaram durante doze horas, com todo o calor do dia: acham que o tratamento é injusto. Não reclamam do capataz, mas, ousadamente, do próprio chefe-de-família.

Este, porém, não se aborrece. Chama o reclamante de “companheiro” (*hetaíre*), numa camaradagem inexplicável, e demonstra-lhe que não há injustiça, pois contratou com ele um denário pelo dia inteiro de trabalho. Se ele quer ser generoso, não há razão para reclamações: a justiça do contrato foi mantida.

A frase final “os últimos serão primeiros e os primeiros, últimos (cfr. atrás pág. 111) só se aplica à ordem do pagamento, e não a importância idêntica paga a todos, que foi a razão da reclamação. A não ser que se entenda que, tendo os primeiros trabalhado mais, receberam proporcionalmente menos que os últimos, que trabalharam menos e ganharam proporcionalmente mais.

Realmente, ao contratar os trabalhadores da 3ª hora, o chefe de família disse apenas que “lhes daria o que fosse justo”, sem especular preço. O mesmo parece ter sido feito com os outros.

Alguns exegetas procuram explicar essa diferença de tratamento. Maldonado diz que as horas não representam as diversas épocas do mundo, mas as idades diferentes de cada homem (diversas *cujusque hominis aetates significant*) e que os últimos trabalharam mais intensamente em uma hora, que os primeiros o dia todo (*tantum una hora quantum aliis toto die laboraverunt*, Comm. in 4 Evang. pág. 412/414).

No Talmud (Berakoth) há uma parábola que lembra esta: “a que se assemelha o caso de Rabbi Boun ben Rabbi Hiya? A um rei que tivesse engajado em seu serviço muitos trabalhadores, dos quais um era mais ativo em seu trabalho. Vendo isso, que faz o rei? Leva-o, e com ele passeia para um lado e para outro. Chegam os trabalhadores à tarde, para receber a paga, e é dado igual pagamento completo também ao que tinha passeado o dia todo. Vendo isso, queixaram-se os companheiros: estamos cansados do trabalho de um dia inteiro, e o que apenas trabalhou duas horas recebe o mesmo salário que nós. O rei explicou: é que este fez mais em duas horas, que vocês num dia inteiro. Assim, quando Rabbi Boun estudou a Lei até os 28 anos, conheceu-a melhor que um sábio ou um homem piedoso que a tivesse estudado até os cem anos”.

[123] A grande dificuldade dos exegetas reside, sobretudo, no fato de eles interpretarem o chefe-de-família como sendo Deus, e a recompensa (o “denário”) como sendo o reino dos céus, isto é, o Céu definitivo depois da morte. Tanto que João Crisóstomo busca desculpas, dizendo que “certamente no

céu não há lugar para murmurações, pois é isento de ciúme e de inveja; mas a parábola diz-nos que os convertidos gozam de tal felicidade no céu, que daria para causar inveja aos outros santos"... (Patrol. Graeca, vol. 58, col. 613). Não sabemos como tanta infantilidade possa ter partido de homens tão grandes e tão sábios!

A parábola, realmente, não é de fácil interpretação, já que esbarramos em contradições internas, que dificultam conclusões teológicas e simbólicas. A não ser que tomemos os dados da parábola grosso modo, sem dar muita importância aos pormenores (como é permitido no estilo parabólico), esbarraríamos em óbices insuperáveis. O que não cabe, positivamente, é a interpretação "à letra".

Vemos, por exemplo, uma duplicidade de tratamento por parte do chefe de família, que parece dar a entender que há privilégios e preferências inconcebíveis, partindo da Divindade: "não é lícito fazer o que quero nos meus negócios? ou teu olho é mau porque eu sou bom"? Teríamos — se se tratasse de Deus — um deus parcial, com simpatias e nepotismos que qualquer pessoa de bom senso jamais admitiria num simples e imperfeito pai terreno que — ensina a psicologia — não deve tratar um filho melhor que os outros, para que os menos queridos não fiquem justamente traumatizados. Teríamos um deus pior que os homens! Essa a dificuldade dos exegetas, porque não tinham à mão a chave-mestra: para eles, o "reino dos céus" era o céu.

Mas se sabemos que o reino dos céus é um estado de alma resultante do encontro com o Cristo Interno, verificamos que a semelhança da parábola é perfeitamente aceitável, desde que esse denário não represente absolutamente o reino dos céus: este jamais pode ser pagamento, pois é CONQUISTA individual laboriosa e lenta.

O símile traz dados psicológicos interessantes para quem dirige escolas iniciáticas ou mesmo os que simplesmente organizam grupos espiritualistas. A lição é preciosa.

As criaturas trazem, em seu âmago, a convicção profunda de que "antigüidade é posto". Então, não se julgam as pessoas pelo valor intrínseco, mas pelo "tempo de serviço". Se um funcionário trabalha oito horas por dia, acha-se com o direito de ganhar mais que outro que só trabalha quatro, sem levar em consideração o valor do serviço realizado por um e pelo outro. Essa é a mentalidade geral, sobretudo daqueles que "suportam o peso do dia e o calor do sol".

Cuidem, pois, os dirigentes de se não deixarem levar por essa mentalidade, atribuindo os primeiros postos aos discípulos mais antigos, só pelo fato de serem "mais antigos": escolham com o critério do merecimento, e não com o da antigüidade, por maiores que sejam as reclamações e as pressões. O interesse da OBRA deve estar acima das preferências de amizade, acima de tempo de serviço e acima de favores recebidos. Não é "injustiça" nem "ingratidão" preterir-se A a B, se A vale mais que B, embora B tenha feito maiores favores à obra e nela permaneça há mais tempo: o que deve decidir é o valor intrínseco e a capacidade real de produção e a fidelidade ao pensamento básico da organização. Isso traz dificuldades, dissabores e até, por vezes, inimizades ocultas ou claras. Mas se realmente ocorrer tal coisa, isso virá provar que o dirigente estava certo: se um discípulo se aborrece porque foi preterido e colocado outro no lugar que ele julgava merecer, isso prova que ele não o merecia, por estar ainda imaturo, tanto que ainda se magoa por exterioridades e faz questão de postos e de posições.

Cuidem-se os dirigentes!

Mas, a que se assemelha o reino dos céus?

A um chefe de família. O reino dos céus é obtido se alguém souber agir como o chefe de família, não como os trabalhadores.

Quem é o chefe de família? É o Espírito, a individualidade, que sai à Terra para engajar trabalhadores (personalidades ou personagens, compostas de bilhões de células) a fim de que trabalhem na sua vinha, ajudando-lhe a ascensão (1).

(1) Pietro Ubaldi, em "Grande Síntese", cap. 29, escreve: "só o relativo, que se transforma, possui tempo, isto é, ritmo evolutivo. A Lei sem limites, está a espera no eterno; o tipo preexiste ao ser que o atravessa e as formas vão e vêm".

Então ocorre que algumas pegam o trabalho pesado durante as "doze" horas, isto é, um ciclo inteiro de civilização, pois doze é o giro completo do zodíaco. Sofrem o "peso do dia" e também o

“calor do sol”, pois tem que desbastar toda a parte grosseira da hominização primitiva, do trabalho braçal, da conquista pura e simples do pão de cada dia com o suor real de seu rosto. E nesse afã atravessa todo aquele eon.

Os trabalhadores seguintes irão sendo convocados em períodos posteriores. Mas à medida que a evolução avança; cada tipo de personagem dura menos tempo: motus in fine velocior, “no fim, o movimento é mais rápido”.

Assim as do terceiro ciclo servem ao “senhor” (Espírito) que as engaja, durante nove horas, ou seja, três quartos de um eon. Os convocados no sexto ciclo, servirão durante meio eon (seis horas). Os chamados no nono ciclo trabalharão apenas um quarto de eon (três horas). Logicamente tudo isso terá que ser tomado sensu lato, e não com rigor matemático. Na parábola, aprendemos uma teoria fundamental que variará dentro de limites razoáveis.

Por ai entendemos certas coisas que constituíam interrogação sem resposta. Por exemplo, o progresso da civilização, que caminha em proporção geométrica: da primeira tentativa de vôo do mais pesado que o ar ao vôo a jato transcorreram 50 anos; deste ao vôo espacial, e em visita à lua, dez anos; mais: da primeira experiência cinematográfica (Lumière, 1900) à televisão (1940) distaram 40 anos. Mas desta às transmissões através de um satélite (Telstar) transcorrem só 20 anos! Consideremos, ainda, a diferença entre as personagens nascidas há cinqüenta anos e as atuais, o Q.I. sobe em índices incontroláveis. Assim, as últimas personagens utilizadas na evolução do Espírito, executarão seu trabalho em períodos de tempo muito menores, embora o serviço realizado seja equivalente (ou até superior) aos dos primeiros trabalhadores. Daí o salário ser idêntico em valor. Proporcionalmente, o trabalho executado também foi equivalente.

[125]

O reino dos céus, pois, é semelhante a um homem justo, que distribui a cada trabalhador o salário justo, de acordo com o valor do serviço realizado, e não do tempo empregado para realizá-lo. Assim, tanto merece aquele que necessita de dez encarnações trabalhando para consegui-lo, quanto aquele que numa só existência o conquista, porque seu esforço foi mais intenso. O Espírito é o único que pode julgar, o único que pode contratar e escolher as personagens de que necessita para “trabalharem em sua vinha”.

Pode haver uma objeção: da parábola surge a impressão de que os trabalhadores (as personagens) preexistem à escolha da individualidade, e também que elas subsistem após terem prestado seu serviço. Mas a referência cremos ser feita ao TIPO de personagem, nas diversas etapas evolutivas como diz Pietro Ubaldi: “o tipo preexiste ao ser que o atravessa, e as formas (personagens) vão e vêm”.

*

* *

Se não quisermos atribuir o ensino às relações entre individualidade e personagens transitórias, vemos que a parábola reflete o que exatamente ocorre entre o CRISTO (o Mestre) e Seus discípulos, criações Suas, filhos Seus, espiritualmente gerados e sustentados durante milênios, em trocas simbióticas.

O Mestre convoca e agrega em torno de Si os discípulos que sintonizam com Sua tônica vibratória e que, espontânea e voluntariamente aceitam trabalhar para Ele durante uma ronda. A vinha (o planeta) escolhida é vasta e o trabalho é árduo e longo. Alguns, engajados à primeira hora, tem a incumbência de desbastar o solo, de viver entre criaturas ainda rudes e primitivas. Mas prosseguem no serviço sem esmorecimento.

No entanto, a seara cresce, o serviço aumenta, outros operários são requeridos e outras convocações são feitas, às diversas épocas: no final do labor, agiganta-se a tarefa, que se tornou mais vasta e difícil. A humanidade é menos rude mas, por isso mesmo, mais intelectualizada, apresentando resistências mais difíceis de superar. O trabalho complica-se sobremaneira. Então a recompensa destes merece ser igual à dos primeiros. Apesar de discípulos e colaboradores, há sempre a expectativa de merecer mais. O Cristo, então, narra parábola para avisar, desde logo, prevenindo os porventura incautos, que nada mais receberão além do justo, pois deverão aprender a dizer: “somos servos inúteis, cumprimos nosso dever” (pág. 61).

*

* *

Aplica-se, ainda, a parábola aos homens em particular, dentro de uma só vida.

Há os que desde a infância se dedicam ao ministério e durante toda a existência dele não se

[126] *afastam, em contraposição àqueles que são convocados na mocidade, na idade adulta e outros quase na velhice (Kardec começou sua tarefa aos cinqüenta anos), mas desenvolvem sua atividade com tal eficiência, que correspondem à confiança neles pelo Mestre depositada.*

O mérito não se mede pelo tempo de serviço, mas pela qualidade dele, pelo êxito do empreendimento, pelo resultado obtido, pelo número de almas atingido, pelas vitórias alcançadas.

*

* *

Concluindo, o reino dos céus não é o pagamento dado aos trabalhadores, mas uma conquista. Há que agir, como o fez o chefe de família, aliando justiça com bondade, sem ferir direitos, mas sem submeter-se às pressões de fora. Seu critério deve prevalecer, por mais que desagrade aos outros, cuja opinião não deve importar nem influenciar. Independência “nos negócios” do Espírito, pois a responsabilidade é integral de quem age. Se errar, enganado por conselhos de outrém, é o único responsável pelo erro: por que aceitou o conselho? Não possui intelecto para raciocinar, razão para escolher, intuição para dirigi-lo?

O reino dos céus é semelhante a um chefe de família ativo que sai de casa “com a madrugada para engajar seus auxiliares, que com eles entra em acordo; que não repousa, mas está sempre à frente do serviço e várias vezes vai em busca de mais braços para a sua vinha, e permanece até o fim ativo e eficiente, sobranceiro e independente, resolvendo com firmeza embora suavemente (fórticer ac suáviter), pois chama aos trabalhadores seus “companheiros”.

Anote-se que os trabalhadores vão para a “vinha”, isto é, para o estudo simbólico do espiritualismo (cfr. vol. 1º, pág. 156). São pois alunos avançados na senda. Não obstante, a ambição e a vaidade, sendo qualidades inerentes ao intelecto, só mesmo quando alguém consegue viver na individualidade, é que as esmaga.

Quanto à “vinha”, observemos que seu simbolismo é bastante arcaico: no Antigo Testamento, encontramos o exemplo típico de Noé (Noah, que significa “quietude, isto é, contemplação) o qual, depois do dilúvio, ou seja, de sua longa meditação de quarenta dias e quarenta noites, “sobre as águas” da interpretação alegórica, faz uma “aliança” com YHWH, simbolizada no “arco-íris” (o reflexo da luz no vapor da água, isto é, o reflexo de Deus na alma humana). A seguir “planta uma vinha” (Gên. 9:20) e come de seu fruto fermentado, bebendo o VINHO DA SABEDORIA. O que lhe ocorre é maravilhoso: “embriagado e nu se acha dentro de sua tenda” (Gên. 9:21), ou seja, despojado de tudo quanto é material, entra na visão beatífica que embriaga mais que o vinho (cfr. Salmo, 22:5; Zac. 9:17; Cant. 1:1; 1:3; 5:1, etc.). Nesse estado é ridicularizado pelas criaturas ainda materializadas do anti-Sistema. Mas o exemplo é maravilhoso e o simbolismo é perfeito.

Embora menos explícito, temos, no “paganismo”, símbolo semelhante, ao vermos associados Apolo e Baco; e quando os iniciantes da Escola de Dionisos, chamados os “bacantes”, eram tidos como embriagados, ao entrarem no estado místico-profético, estavam, na realidade, em estado de transe, dançando e cantando, como o “rancho de profetas” discípulos de Samuel (cfr. 1º Sam. 10:5); a mesma acusação de embriagues ocorreu, segundo testemunho dos Atos (2:15), com os discípulos de Jesus.

RESSURREIÇÃO DE LÁZARO (127 – 130)

I - DOENÇA DE LÁZARO

João 11:1-16

- 1 Estava doente certo Lázaro de Betânia, da aldeia de Maria e de Marta sua irmã.
- 2 (Maria, cujo irmão Lázaro adoecera, era a que unguiria o Senhor com perfume e enxugaria seus pés com os cabelos dela).
- 3 Enviaram a ele, pois, as irmãs, dizendo: "Senhor, olha, aquele que amas adoeceu".
- 4 Ouvindo (isto) Jesus disse: "Essa doença não é para morte, mas para reconhecimento de Deus, para que o Filho de Deus seja reconhecido por meio dela".
- 5 Ora, Jesus amava Marta, e a irmã dela, e Lázaro.
- 6 Quando ouviu, todavia, que adoecera, ainda permaneceu dois dias no lugar em que estava.
- 7 Mais tarde, depois disso, falou aos discípulos: "Vamos à Judéia de novo".
- 8 Disseram-lhe os discípulos: "Rabi, ainda agora procuravam lapidar-te os judeus, e de novo vais lá"?
- 9 Respondeu Jesus: "Não são doze as horas do dia? Se alguém andar de dia não tropeça, porque vê a luz deste mundo.
- 10 Se no entanto andar de noite, tropeça porque a luz não está nele".
- 11 Falou isso e depois lhes disse: "Lázaro, nosso amigo, adormeceu, mas vou para que o desperte".
- 12 Disseram-lhe então os discípulos: "Senhor, se adormeceu, se salvará".
- 13 (Mas Jesus falara da morte dele, e eles julgaram que falasse do adormecimento do sono).
- 14 Então disse-lhes Jesus abertamente: "Lázaro morreu,
- 15 e alegro-me por vós porque eu não estava lá, para que creiais; mas vamos a ele".
- 16 Disse então Tomé, apelidado o Gêmeo aos condiscípulos: "Vamos nós também, para que morramos com ele".

Todo o episódio constitui sublime lição, que comentaremos a seguir. Antes, porém, analisemos os termos em que foi vazada. Divimo-la em quatro pares para facilitar as anotações.

Neste primeiro trecho observamos a localização do acontecimento e as personagens nele envolvidas.

Adoecera "certo Lázaro" (já vimos, pág. 36, que *Lázár* é o diminutivo de *Ele'azar*, "Deus socorreu"). Esse Lázaro era de Betânia. isto é *Reit-aniāh*, reminiscência talvez da *Beth-anania*, da tribo de Benjamin (cfr. Neem. 11:32). Localizava-se no *ras ech-chiyakh*, a vertente que precede, a leste, o monte das Oliveiras (cfr. G. Dalman, "Les Itinéraires de Jesus", pág. 326). Nos arredores de Betânia ficaria a casa de Marta e Maria, que é citada em Lucas (10: 38 ss) . Da crista do monte das Oliveiras até a aldeia, a distância era de cerca de três quilômetros. Os nomes das personagens citadas eram muito comuns na época (cfr. vol. 5º págs. 19, 20, 28 e 161).

Depreende-se de toda a narrativa a grande intimidade de Jesus com as duas irmãs, a tal ponto que sabiam onde o Mestre se encontrava retirado em determinada data, para chamá-Lo em caso de necessidade. E foi o que ocorreu. Em seu retiro na Galiléia recebe a notícia dada com toda a simplicidade, sem que nada fosse solicitado. Apenas o recado: "Olha, aquele que amas adoeceu". Nada mais. Só se salientava a afeição de Jesus. O resto seria decorrência desse amor.

Jesus não se abala: "a doença não é para morte, mas para reconhecimento de Deus (*all'hypèr tês doxês tou theou*) para que o Filho de Deus seja reconhecido por meio dela" (*hina doxásthês ho hyiós tou theou di'autês*). Não podemos acompanhar as traduções vulgares: "para glória de Deus e para que o Filho de Deus seja glorificado". jamais Jesus buscou gloriar-se de qualquer coisa, o que

seria demonstração de vaidade balofa e ridícula, muito própria de homúnculos, mas não do Grande Espírito Jesus, que ordenava nada se dissesse a ninguém, quando exercia seus poderes curadores. Se quisesse "glórias", poderia tê-las a qualquer momento.

Já traduzimos esse mesmo verbo (cfr. vol. 5º pág. 87) por "ter uma opinião", ou seja, "formar-se uma opinião a respeito de alguma coisa". E era isso que o Messias buscava: que a humanidade reconhecesse Sua missão por meio de Suas obras (João, 10:38). O mesmo "reconhecimento do Pai no Filho" encontraremos mais adiante (João, 14:13) quando Jesus diz: *hó ti àn astíséte en tói onómati mou, touto poiêsô, hína doxásthéi ho patêr en tói hyiôî*, ou seja: "se algo pedirdes em meu nome, fá-lo-ei, para que o Pai seja reconhecido no Filho".

Vem, depois, a anotação de que Jesus amava Marta, a irmã dela Maria e Lázaro. Aqui é usado o verbo *agapáo* ("amar com predileção") ao passo que as irmãs, ao lhe darem a notícia, falaram de "amar" com o verbo *phileín* ("amar com amizade") (vol. 2º pág. 13).

Não obstante, Jesus permanece ainda dois dias "no lugar em que se achava". Só "depois disso" anuncia aos discípulos que voltará à Judéia, numa jornada que lhes demandará dois dias. Contemos o tempo: o emissário de Marta e Maria levou 2 dias para chegar a Jesus. Êste ficou parado 2 dias. Depois gasta 2 dias para chegar a Betânia: ao todo 6 (seis) dias.

[130] Os discípulos lembram-Lhe que os judeus queriam lapidá-Lo pouco antes (cfr. João 7:1; 8:59 e 10:31 e 39) e seria imprudente colocar-se ao alcance de suas mãos homicidas. A resposta é enigmática: durante as doze horas do dia não se tropeça porque "se vê a luz do mundo"; mas se se andar à noite, tropeça-se, porque a "Luz não está nele". Já não se trata mais da luz do mundo, mas da luz própria intrínseca à criatura. Veremos o que isso significa.

Depois esclarece que "Lázaro adormeceu" (*kekoímétai*, do verbo *koimásthai*, que significa "dormir" ou "adormecer" repousando, usado no Novo Testamento com sentido de sono natural (Mat. 28:13, Luc. 22:45, At. 12:6), mas com o sentido de "morrer" (At. 7:60) quando se refere à morte de Estêvão. E prossegue: "vou despertá-lo". Os discípulos não refletiram que não podia tratar-se de sono normal, pois seria absurdo que fosse necessário ir Jesus despertá-lo após dois dias de caminhada... Duraria tanto assim um sono natural? E citam o provérbio: "se adormeceu, se salvará", pois, anota o evangelista, não tinham entendido o sentido do verbo. Então o Mestre fala abertamente (*parrésia*): "Lázaro morreu" (*apéthanen*). E chama a atenção dos doze a respeito da satisfação que lhe causou esse incidente, pois será motivo para crescer-lhes a fé (*hína pisteúséte*) garantindo maior fidelidade da parte deles a Seu ensino. E concluindo vem o incentivo: "Vamos a ele" (*ágómen pròs autoú*).

Entra, então; *Thómás* (que se convencionou denominar, em português, *Tomé*, quando a melhor tradução é, sem qualquer sombra de dúvida, *Thomás*) que João diz "ser apelidado Dídimos", isto é, "o gêmeo". Na verdade, a palavra grega "dydimos" é a tradução do hebraico *Thômás*, derivado da raiz THOM, que significa "dobrar". Daí *Thômás* significar "o gêmeo". Voltando-se para os condiscípulos (*symmathétais*) ele os anima, para que todos acompanhem e morram com o Mestre, se necessário for.

II - RESSURGIMENTO DA VIDA

João,

11:17-27

17 Chegando, então, Jesus, achou-o já há quatro dias no túmulo.

18 Ora, Betânia estava longe de Jerusalém cerca de quinze estádios.

19 Muitos dos judeus tinham vindo a Marta e Maria para que as consolassem em relação ao irmão.

20 Então Marta, quando ouviu que Jesus vinha, foi-lhe ao encontro. Maria, porém, permaneceu em casa.

21 Disse, pois, Marta a Jesus: "Senhor, se estivesse aqui, não teria morrido meu irmão;

22 mas agora sei, que tudo o que pedires a Deus, Deus te dará".

23 Disse-lhe Jesus: "Teu irmão reerguer-se-á",

24 Disse-lhe Marta: "Sei que se reerguerá na ressurreição, no último dia".

25 Disse-lhe Jesus: "Eu sou o ressurgimento da vida, Quem crê em mim, mesmo se morreu, viverá.

26 E todo o que vive e crê em mim, certamente não morrerá para o eon. Crês isto"?

27 Disse-lhe: "Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus, que veio ao mundo".

Quando Jesus atingiu os arredores de Betânia, já havia quatro dias que Lázaro fora sepultado. Isso porque, em virtude do clima quente e úmido da Palestina, e sobretudo da Judéia, a putrefação do cadáver era rápida.

Estava-se, pois, no período do "luto", que durava sete dias (cfr. Ecli. 22:13) e portanto justificadas eram as visitas de condolências (2º Sam. 10:2 e 2º Esdr. 10:2). Daí a permanência de "muitos dos judeus" de Jerusalém, que distava de Betânia apenas três quilômetros.

Marta "ouviu que Jesus vinha", por alguém que lho fora dizer, e foi a Seu encontro, a fim de poder-Lhe falar com mais liberdade, longe de testemunhas. Nem mesmo chamou Maria.

A primeira frase do encontro é carinhosa queixa, com o acréscimo de total confiança ; "tudo o que pedires a Deus te será concedido". Ao que o Mestre retruca, assegurando-lhe desde logo que seu irmão se reerguerá do túmulo. Marta não entende o sentido da frase atribuindo a promessa à esperada "ressurreição do último dia", ou seja, a que se realizaria, segundo a crença vulgar dos israelitas da época, no final do ciclo.

Mas Jesus garante, com uma de Suas afirmativas categóricas: "Eu sou o ressurgimento da vida"!

As traduções correntes dão literalmente a transferência da frase: "a ressurreição E a vida". No entanto, sentimos de modo indiscutível que estamos diante de uma *hendíades*. E o principal motivo que nos leva a compreender assim é a lógica, isto é, o sentido das palavras e da idéia (além da confirmação que encontraremos no vers. 42). Vejamos.

[132]

O termo "ressurgimento" (*anástasis*) exprime exatamente o *reerguimento* ou *resurgimento*, isto é, a volta de alguma coisa que se levanta, e que "outra vez" (*aná*) "fica de pé" (*stásis*). Ora, o que "novamente fica de pé" é a vida, que se retirara, deixando o corpo cair por terra. Então, entendemos a frase: "eu sou o que faz a vida ficar de novo em pé", ou seja : "eu sou o ressurgimento DA vida".

O que encontramos nas traduções correntes é uma redundância: "sou o ressurgimento E a vida". Só pode entender-se, por conseguinte, como *hendíades*: sou o retorno da vida (que esse era precisamente o caso em questão). O corpo de Lázaro havia cessado de viver; o Mestre o faria ressurgir, ou reerguer-se, fazendo-lhe voltar a vida: tenho o poder de fazer reviver um corpo morto.

Isso, porém, não significava ser Ele A VIDA, o que vem confirmar nossa hipótese, de refutar as traduções vulgares. Mesmo na concepção católico-romana, de que Jesus, como segunda "pessoa" da Trindade, era Deus, mesmo assim não seria "a vida", atributo do DEUS ABSOLUTO (o Espírito Santo) ou, na teoria deles, o Pai. Tanto que o próprio João (1:4) escreveu: "Nele estava a Vida", e não "ele era a vida".

HENDÍADES

Falsa a objeção de que a *hendíades* era figura retórica, somente usada pelos clássicos, e que os evangelistas eram "iletrados"; alguns os dizem até analfabetos! (1). Lembremo-nos de que Lucas, grego de nascimento e não-judeu, escrevia em estilo ático; de que Mateus era cobrador de impostos, e portanto pelo menos contabilista, com seguro conhecimento do grego, para poder entender-se com seus patrões romanos; de que João e Marcos, embora judeus, escreviam em grego, o que revela cultura acima da normal. Chamaríamos "iletrado" a um brasileiro que escrevesse um livro em inglês? ou a um francês que editasse uma obra escrita diretamente em alemão?

(1) Cfr. Brassac, "**Manoel Vigouroux-Bras ac**", **tomo 3º**, 3ª edição, **pág. 106**; Mangenot, "**Les Évangiles Synoptique**", **pág. 1**; A Dufcurcq, "**Histoire de la Fondation de l'Église**", **1909, pag. 240**; Strauss, "**Nouvelle Vie de Jésus**", **tomo 1, pag.252**.

Falsa, também a objeção de que a *hendíades* era comum só ao latim e ao grego literário. Também o hebraico está cheio dessa figura, mormente na poesia em virtude do paralelismo. E no grego e no latim a figura em estudo aparece freqüente no estilo coloquial epistolar.

Para que não parem dúvidas alinharemos alguns exemplos. Já vimos (vol. 1º pag. XII) que existem constantes *hendíades* tanto no hebraico do Antigo quanto no grego do Novo Testamentos. Recordemos que essa figura pode aparecer de duas maneiras, sempre exprimindo UMA idéia (*hen*) em DUAS palavras (*dya*):

[133]

a) ou dois substantivos ligados por uma preposição, em lugar de um substantivo e um adjetivo ("obras de fé" por "obras fiéis");

b) ou dois substantivos ligados pela conjunção "e", ao invés de o serem por uma preposição, subordinando um substantivo ao outro.

Deste segundo caso, para confirmar nossa hipótese ("ressurgimento DA Vida", em lugar de "ressurreição E vida"), apresentaremos as seguintes frases colhidas ao acaso de uma leitura nos textos originais:

A - Do hebraico:

1. - Êxodo, 15:16 - "caiu sobre eles o terror E a angústia", isto é, "caiu sobre eles o terror DA angústia" (I).

תפל עליהם אימתה ופחדך

2. - Deut. 4:6 - "porque essa é a sabedoria E inteligência", isto é, "porque essa é a sabedoria da inteligência" (II).

περὶ ἐλπίδος καὶ ἀναστάσεως
τῶν νεκρῶν ἔγω κείνομαι

3. - Deut. 33:8 - "Tua perfeição E tua doutrina para o homem santo", isto é, "a perfeição DE tua doutrina para o homem santo" (III).

תמיך ואוריך לאיש חסידך

4. - Salmo 42:5 - "em gritos pela alegria e pelo agradecimento", isto é, "em gritos pela alegria DO agradecimento" (IV).

בקול-רנה ותודה

B - Do grego:

- 1 - Marc. 6:26 - "pelo juramento E pelos convidados", isto é, "pelo juramento DIANTE DOS convidados" (V).

ἐμπιπλῶν τροφῆς καὶ εὐφροσύ-
νης

- 2 - Marc. 11:24 - "quando orardes E pedirdes", isto é, "quando orardes COM pedidos, ou pedindo" (VI).

περὶ ἐλπίδος καὶ ἀναστάσεως
τῶν νεκρῶν ἔγω κείνομαι

- 3 - Luc. 6:48 - "cavou E aprofundou", isto é, "cavou EM profundidade" (VII).

ἔσκαψεν καὶ ἐβάθυνεν

- 4 - Atos, 14:17 - "dando tempos E chuvas frutíferas", isto é, "dando tempos DE chuvas frutíferas" (VIII)-

ἕτερος, εἶδος καὶ καιρὸς
καρποφόρους

- 5 - Ibidem, - "enchendo com a alegria E o alimento", isto é "enchendo com a alegria DO alimento" (IX).

ἐμπιπλῶν τροφῆς καὶ εὐφροσύ-
νης

6 - Atos, 23 : 6 - "sou julgado pela esperança E pela ressurreição", isto é, "sou julgado pela esperança NA ressurreição" (X).

περὶ ἐλπίδος καὶ ἀναστάσεως
τῶν νεκρῶν ἔγω κοίνομαι

[134]

Conforme estamos vendo, por exemplos colhidos ao folhear a Bíblia, pudemos em cerca de uma hora de pesquisa trazer à consideração do leitor, dez exemplos de hendiades, o que prova a frequência de seu emprego, não apenas nas obras literárias clássicas, mas inclusive no grego familiar (*koiné*) em que se acha escrito o Novo Testamento.

Tendo visto a lógica da frase em si, sigamos em frente. E vamos encontrar a confirmação plena de todo o nosso raciocínio que poderia permanecer hipotético, não fora a continuação. Porque a sentença seguinte o faz tornar-se tese: "quem crê em mim, mesmo se morreu, viverá". Como verificamos, é explícita explicação, embora paratáxica: "eu sou o ressurgimento da vida, pois quem crê em mim, ainda que tenha morrido, viverá". Não é possível clareza maior.

As duas sentenças seguintes são verdadeiro clímax de espiritualidade e plena compreensão entre duas almas que se amam incondicionalmente, sem restrições nem segredos: o Mestre Amante dá à Discípula Amada a garantia de que, quem Lhe for fiel, não morrerá para o eon. E a Discípula Amada faz voto de fidelidade total e cega, confessando sentir (emocionalmente), saber (intelectualmente) e perceber (espiritualmente) através da intuição e do contato íntimo, que ela está diante do Cristo (não apenas do Jesus humano), do Filho de Deus, que se manifesta a este planeta.

III - ENCONTRO COM MARIA

João, 11:28-37

- 28 E tendo dito isto, foi e chamou Maria sua irmã, e disse-lhe secretamente: "O mestre está aqui e te chama".**
29 Logo que ouviu, ela ergueu-se depressa e foi a ele,
30 pois Jesus ainda não entrara na aldeia, mas estava no lugar onde Marta acorrera a ele.
31 Então os judeus que estavam com ela em casa e a consolavam, vendo Maria erguer-se depressa e sair, acompanharam-na, crendo que ia ao túmulo para lá chorar.
32 Quando, pois, Maria chegou onde Jesus estava, vendo-o, caiu-lhe aos pés, dizendo-lhe: "Senhor se estivesses aqui, não teria morrido meu irmão".
33 Jesus, então, quando a viu chorar, e chorarem os judeus que a acompanhavam, freuiu em espírito e se comoveu,
34 e disse: "Onde o pusestes"? Disseram-lhe: "Vem e vê".
35 Jesus ficou com os olhos rasos d'água.
36 Diziam, então, os judeus: "Vede como o amava"!
37 Alguns deles, porém, disseram: "Não podia este que abriu os olhos do cego, fazer também este não morresse"?

[135]

Depois da explosão mística, Marta regressa a casa, para chamar a irmã contemplativa. Fala-lhe "secretamente" (*láthrai*). Maria ergue-se imediatamente e vai ao encontro de seu grande Amor. Mas os visitantes a acompanham pressurosos, para confortá-la, pois julgam que vá ao sepulcro para lá chorar (*klaíein*, cfr. Mat. 2:18; Luc. 7:13; Marc. 5:38).

Maria reproduz a cena e as palavras de Marta, mas em posição de maior humildade: caída a seus pés e desfeita em lágrimas.

Ao vê-la chorar, a *psyché* sensível e delicada de Jesus "freuiu em espírito" (*enebrimésato tói pneúmati*, tal como em João 13:21) e "se comoveu" (*etárxen heautón*), ficando "com os olhos rasos d'água" (*edákrysen*). Aqui, mais uma vez nos afastamos das traduções correntes, que - comentando ser este o versículo mais curto da Bíblia - nos dão: "e Jesus chorou". Bela a imagem, sem dúvida, mas não corresponde ao que está no original. Verificamos que, em todos os passos é usado, para

"chorar", o verbo *klaíô*; mas quando se refere aqui a Jesus, neste versículo, é empregado o verbo *dákryô*, que não exprime, propriamente, "chorar", mas "ficar com os olhos marejados", ou "chegarem lágrimas (*dákryma*) aos olhos".

Os judeus, ao vê-Lo comovido, anotam que ele "o amava" (*philéô*) e, recordando-se do cego de nascença, fato que deu que falar, indagam por que não havia Ele também curado Lázaro, antes que desencarnasse.

IV - LÁZARO ERGUE-SE

João, 11:38-44

- 38** Jesus, então, freminho de novo em si mesmo, foi ao túmulo; era uma gruta, e uma pedra jazia sobre ela.
39 Disse Jesus: "Tirai a pedra". Disse-lhe Marta a irmã do finado: "Senhor, já fede, pois é de quatro dias".
40 Disse-lhe Jesus; "Não te disse que, se creres, verás a substância de Deus"?
41 Então retiraram a pedra. Jesus levantou os olhos e disse: "Pai, agradeço-te porque me ouviste.
42 Eu sabia que sempre me ouves; mas disse por causa do povo circundante, para que creiam que tu me enviaste!"
43 Tendo dito isto, clamou em grande voz: "Lázaro, vem para fora!"
44 Saiu o morto, amarrados os pés e as mãos enfaixadas, e o rosto envolto num sudário. Disse-lhe Jesus: "Desatai-o e deixai-o ir".

[136] Novamente aparece o verbo *embrimáomai*, mas já não mais *tôi pneúmati* (em espírito) e sim *en heautôi* (em si mesmo). E segue para o túmulo que, como de hábito, era uma gruta, fechada por grande pedra à entrada.

Marta avisa, à ordem de retirar a pedra, que o cadáver "já fede" (*édêózei*) porque é "de quatro dias" (*tetartaíos*, "*quatrídano*"). Desta frase servem-se alguns exegetas para assegurar que o defunto já se achava em decomposição. No entanto, o simples bom-senso e a lógica mais medíocre verificam de imediato que se trata de mera suposição, pois Marta não viu pelo raciocínio normal do que costumava ocorrer, sem dúvida devia estar putrefato: quatro dias, naquele clima quente e úmido, davam para chegar a esse ponto.

Jesus não se altera: "não te disse que se creres, verás a substância de Deus"? Aqui, realmente, não há melhor tradução para dóxa do que "substância" (2). Porém no versículo 4 acima, não cabe essa tradução mas apenas "reconhecimento". Já vimos a razão lógica. Agora vemos a confirmação dessa nossa assertiva, quando Jesus diz, agradecendo ao Pai por ouví-Lo, como sempre, para que "o povo circundante *creia que me enviaste*": exatamente! Jesus não buscava "glória" alguma, mas apenas queria ser RECONHECIDO como o Enviado do Pai. O objetivo era esse, para que Sua missão não se perdesse no vácuo do "eu não sabia"!... ou "se eu soubesse"!... Dessa forma, com Suas demonstrações violentas (outros preferem "prodigiosas") não havia modo de duvidar, a não ser por cegueira do espírito ou dureza do coração. Ainda hoje os fenômenos espíritos só têm essa finalidade: prova: a realidade da vida do Espírito. Quem não nas aceitar é o único responsável pela própria teimosia vaidosa.

(2) Cfr. Oden Casel, O.S.B., "Les Mystère du Christo", pág. 240.

Depois dessa prece, clama "em voz alta", tal como ocorrera com o filho de Jairo (Marc. 5:41) e com o filho da viúva de Naim (Luc. 7:14), talvez dando solenidade ao ritual do acontecimento. Mas usa apenas o nome do defunto e mais duas palavras *Lázare*, *déuro éxô*, "Lázaro, vem para fora".

O defunto (*tethnêkôs*) saiu. Ainda estava ligado nos pés. A ligadura dos corpos, entre os judeus não era à maneira das múmias egípcias, que apertavam em numerosas voltas de uma faixa de linho todo o corpo; entre os israelitas o cadáver era envolto num simples lençol comprido, que era ligado aos pés por uma tira de pano, que servia apenas para segurar o lençol, mas deixaria livres os movimentos para que o morto pudesse erguer-se, em caso de catalepsia. As mãos estavam "amarradas" (*keiríais*, palavra que só aparece aqui e em Prov. 7:16) com uma tira de pano, para

mantê-las unidas, a fim de que os braços não despencassem ao ser carregado o corpo. E no rosto havia um sudário (*soudários*), que era uma espécie de lenço grande, para evitar que as moscas ficassem a pousar no rosto. Como vemos, nada impossível que Lázaro se erguesse e saísse do sepulcro com seus próprios pés.

Jesus manda que o "desatem" (*áphete autón*) e o deixem caminhar livremente. E o evangelista nada diz a respeito da alegria do "morto" e dos familiares e amigos. Só lhe interessa o resultado externo que veremos logo a seguir.

[137] *A narração, privativa de João — só ele seria capaz de fazê-la, por ser o único que atingira grau iniciático superior — traz largo acervo de conhecimentos profundos e de revelações dos "mistérios", embora de forma velada para não ser percebida por ouvidos profanos, que deveriam permanecer na simples admiração por uma "ressurreição" maravilhosa, sem atentar para outros ensinamentos. Observemos.*

Betânia (beth-hananianh) significa "casa do agraciado de YHWH". Nesse local, de nome tão apropriado para o ensino, é que se desenrola a cena.

*As relações entre o Mestre e os três irmãos eram, como vimos, mais íntimas que as justificadas pela simples amizade. Entre elas havia amor: amavam-se mutuamente, não apenas com amizade (*philein*) mas com predileção (*agapâô*), o que parece denotar, claramente, elevação espiritual sintonizada reciprocamente. Os irmãos estavam a par dos rituais que se cumpriam nos graus superiores da iniciação. Como confirmação desta assertiva, veremos*

Maria, durante um banquete em casa de "Simão o leproso", na própria cidade de Betânia, derramar sobre a cabeça de Jesus, seis dias antes de sua crucificação, "uma libra (320 gramas) de nardo precioso e puríssimo, no valor de mais de trezentos denários" (salário de um trabalhador durante dez meses). E quando se levantam protestos acerca do "desperdício", o Mestre assume a defesa de Maria, afirmando que essa unção "é feita antecipadamente para seu sepultamento"; e o ato é de tal importância que, acrescenta Jesus, "onde quer que seja pregado este Evangelho, este fato será narrado" (cfr. Mat. 26:6-13; Marc. 14:3.9; João 12:1-8). Tudo isso esclarece-nos que os irmãos possuíam os segredos de certos ritos iniciáticos. Ou pelo menos que eram de toda a confiança de Jesus, que lhes permitia agir inclusive consigo mesmo.

No caso de Lázaro, tudo — os dizeres claros e os implícitos — leva a crer que se tratava de algo ligado a esses rituais, que eram normalmente praticados nas Escolas Iniciáticas antigas: para atingir o quinto grau, o candidato devia submeter-se à morte, da qual regressaria à vida, após haver experimentado, por algum tempo, a vida do espírito fora da matéria.

PORFIRIO (Sententiae, 9) escreveu: "A morte é de duas espécies: uma, que todos conhecem, quando o corpo se destaca da alma; a outra, a dos filósofos, quando a alma se destaca do corpo".

PLATÃO (Phaedon, 67 d) faz SÓCRATES dizer: "o objetivo específico dos exercícios dos filósofos é exatamente libertar a alma, colocando-a fora do corpo". O filósofo assevera ainda que o iniciado é aquele que se desembaraçou do corpo (do "órgão ostreico") e de suas influências, nada mais temendo, como imagino, de acordo com o que se passa em nossas iniciações (parádosis, Phaedon, 108 a).

De APULEIO, que descreve o máximo que lhe é permitido dos mistérios iniciáticos, a ponto de ter sido processado por isso (sabemo-lo pela auto-defesa que fez em sua "Apologia") citaremos apenas três trechos de suas Metamorfoses:

[138] *a) "Logo meus amigos e escravos domésticos e os que se me ligavam de perto pelos laços de sangue, deixando o lucro que haviam vestido pela falsa notícia de minha morte, alegres com súbito regozijo, cada um com vários presentes, se apressam à minha presença, novamente trazido dos infernos à luz do dia" (1).*

(1) Confestim dénique familiares ao vérvulae quique mihi próximo nexu ságuinis cohaerebant, luctu depósito, quem de meae mortis falso nuntio susceperant, repentino laetati gaudio, varie munerabundi ad meum festinant ílico diurnum reducemque ab ínferis conspectum (Met. XI:18).

b) "O próprio ato da iniciação é celebrado como uma morte voluntária e como uma salvação de mercê" (2).

(2) Ipsamque traditionem (apódosis) ad instar voluntariae martis et precariae salutis (Met. XI:21).

c) *"Aproximei-me dos limites da morte e passei o limiar de Proserpina, e de lá voltei, trazido através de todos os elementos" (3).*

(3) *Accessi confinium mortis et, calcato Proserpinae limine, per omnia vectus elementa remeavi (Met. XI:23).*

"Qualquer iniciação implica numa morte e numa ressurreição, com a renovação do corpo ou da alma", escreve Goblei d'Alviella ("Eleusina", pág. 19; citado em Victor Magnien, "Les Mystères d'Eleusis" pg. 75).

Os mesmos ritos eram celebrados também no Egito, conhecidos com a designação de "morte de Osíris", e todos eram figurados nos dramas sacros, que causavam distração aos profanos, mas continham ensinamentos para os iniciados. Por isso o drama (em latim denominado sacer ludus, "divertimento sagrado) dividia-se em dois grupos: a TRAGÉDIA, que apresentava o sofrimento violento (páthos), a lamentação (thrênos), a morte (teletê ou thánatos)" e a ressurreição (ou theophanía, "revelação do deus"); e a COMÉDIA, que comemorava a vitória (nikê) e o casamento (gámos, isto é, a "união mística").

Recordados esses fatos, vamos ao texto, para verificar se realmente é isso que aí é dito.

Começa o evangelista afirmando que "certo Lázaro de Betânia" adoecera. Fato corriqueiro da humanidade. Esclarece quem era esse Lázaro: o irmão de Marta e de Maria. A primeira frase é estranha: "Lázaro de Betânia, da aldeia de Maria e de Marta sua irmã". Por que não diz logo que era irmão delas? Por que apenas assinala "da aldeia delas"? Por que Lucas quando fala da estada de Jesus em Betânia (10:40) se refere "à casa de Marta", e não à casa de Lázaro que seria o homem da família? Por que esse Lázaro só aparece aqui, neste episódio, nada mais se falando a respeito dele em todo o Novo Testamento (a não ser quando João diz que os judeus "queriam matar Lázaro", fato ainda ligado a este)?

Depois surge uma anotação interessante, que parece trazer um pormenor que elucida a questão: "Maria, cujo irmão adoecera, era a que ungiu os pés (Mateus e Marcos trazem "a cabeça") do Senhor, e os enxugaria com seus cabelos". Por que essa anotação, que nada tem com o episódio narrado?

[139] *Seria para salientar que eles estavam numa mesma Escola Iniciática ou círculo, mas que, ao que tudo indica, não era a "Assembléia do Caminho"?*

Realmente nenhum deles é jamais citado na Escola de Jesus. Lázaro não era nem será Seu "discípulo", não participará do "apostolado missionário" dos futuros discípulos. Dentre as mulheres que acompanhavam Jesus, e estavam presentes à crucificação, nem Maria de Betânia nem Marta são citadas! E no entanto habitavam ali, tão pertinho: dois quilômetros e oitocentos metros...

Surge, então, nítida a impressão de que pertenciam a OUTRA ESCOLA, embora para a iniciação maior, por exigir a presença de um Hierofante, tenha sido convidado Jesus, na qualidade de Mestre inconteste, então encarnado na Palestina. São todas suposições, e não podemos trazer nenhuma PROVA desta hipótese. Mas uma coisa parece certa: Lázaro, Marta e Maria não pertenceram ao colégio apostólico de Jesus. Talvez fossem dirigentes de outra Escola, e Lázaro recebeu, algum tempo antes, num plano abaixo, a mesma iniciação que Jesus receberia em plano superior. Dizemos isso, porque a "morte" de Lázaro foi apenas o afastamento do espírito por efeito da catalepsia, enquanto a "morte" de Jesus foi violenta, com torturas físicas e derramamento de sangue.

Pela elevação espiritual como dirigente de outra Escola, era natural que eles e Jesus se amassem com predileção.

Toda a cerimônia foi cuidadosamente preparada na Escola para a iniciação de Lázaro e, quando chegou o momento de necessitarem da presença do Mestre, as irmãs mandam-No avisar, numa frase simples, semelhante até a uma "senha", dizendo apenas: "Senhor, olha, aquele que amas adoeceu".

O Mestre imediatamente compreendeu o de que se tratava, tanto que afirmou de pronto que "Essa doença não é para morte", ou seja, que dela não resultaria a morte definitiva. Antes, serviria "para reconhecimento de Deus, e para que o Filho de Deus fosse reconhecido por meio dela". Lembremo-nos de que "Filhos de Deus" são os Hierofantes, possuidores do último grau vibrando com o plano divino, cujo estado de consciência é de integração e unificação (ou transubstanciação) com Deus e com as criaturas (Ver vol. 2º pág. 129). Jesus precisava ser reconhecido como estando nesse grau, anotando em Mateus (5:9) "felizes os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus".

João anota que Jesus permaneceu ainda dois dias no lugar em que estava. Ora, dando dois dias para a ida do mensageiro, dois dias para essa parada, "e só mais tarde, depois disso" partiu, e mais dois dias para a chegada a Betânia, temos a soma de seis a sete dias, para preparação da cerimônia. E a fim de que não fosse apressado o termo previsto nem antecipado o rito, nem atrasado, houve a demora bem calculada, para que se cumprisse tudo dentro das normas ritualísticas.

[140] Mas onde estava Jesus? Pelos antecedentes e pela frase "vamos à Judéia", devia achar-se na Galiléia. Mas o "Jardim fechado" ou "horto interno" não era lugar próprio a um ritual iniciático. Dai ter ido à Judéia ("Adoração de Deus") para a cerimônia de Lázaro, tanto quanto para a Sua: "não convém a um profeta morrer fora de Jerusalém" (Luc. 13:33); e Lázaro estava a cerca de 2,8 Km de Jerusalém, dentro, pois, da aura astral da cidade "santa".

Os discípulos objetam contra a ida a um local, onde havia bem pouco, correria o risco de ser lapidado. Mas a resposta traz um ensino taxativo: "não são DOZE as horas do dia"? Sempre os números em João! Examinemos, porém, a questão das "luzes" que aqui vemos opostas: a luz deste mundo e a luz da própria criatura.

Lembremo-nos de que Jesus já falara duas vezes a esse respeito, dizendo: "Eu sou a luz do mundo" (João 8:12) e "vós sois a luz do mundo" (Mat. 5:14). São, pois, os Espíritos evoluídos que são A LUZ DO MUNDO, a luz espiritual. Mas a oposição é entre a luz deste mundo, a luz física da Terra, que brilha durante as doze horas do dia, e a luz própria de cada um, que iluminará espiritualmente o mundo.

Durante o brilho da luz diurna, quando temos oportunidade de ver as "pedras de tropeço" na estrada da vida, é fácil evitá-las ou saltá-las. Mas a noite, se não temos a luz em nós, é quase inevitável tropeçar. Por isso quando estamos ao lado do Mestre (Luz do mundo - e, não esqueçamos, o DOZE, exprime no plano divino o MESSIAS!), Seu exemplo e Sua luz nos mostram os tropeços do caminho: é dia (feminino de "deus"). Mas longe do Mestre, as sombras do mundo nos tolgem a nitidez da visão: é a noite da alma.

As DOZE horas do dia, quando o homem entra no caminho para percorrer a Senda em seus DOZE passos do círculo total (os 12 signos do zodíaco) conferem-lhe luz para conhecer as dificuldades do trânsito. Mas antes disso, na noite do anterior percurso, durante a subida lenta e triste, antes da conquista da luz própria, são fatais os tropeços. Digno de nota que os Evangelhos não falam nunca em "queda" (ptôsis), mas sempre em tropeço (skándalon). Queda parece ser algo definitivo e irremediável, paralisando a caminhada; enquanto tropeço dá sempre uma idéia de dificuldade superável e estrada prosseguida. Quase dando a entender que o pior que pode ocorrer à criatura é simples "tropeço", jamais "queda".

Depois dessa lição o Mestre dirige-se aos discípulos de Sua Escola, certo de que, pelo que já sabiam, fácil lhes seria compreender o sentido de Suas palavras: "Lázaro adormeceu, mas vou para que o desperte". Lamentavelmente não foi entendido. Apesar de tudo o que haviam aprendido na longa convivência com o Mestre, e com os segredos do Reino, os discípulos não entenderam, Nem sequer raciocinaram que ninguém dormiria dois dias seguidos sem despertar; nem que, num sono normal, não haveria mister que o Mestre se abalasse da Galiléia à Judéia só para despertá-lo, coisa que qualquer pessoa poderia fazer. Mas os melhores homens tem seus momentos de obnubilação mental: aliquando, bonus dormitat Homerus.

[141] Diante da incompreensão absoluta dos discípulos, o Mestre vê que tinham que ser tratados como profanos. Então fala "abertamente": "Lázaro morreu" (apéthanen, do verbo apotnêskô, derivado de thnêskô da mesma raiz que thánatos; essa raiz tomou o sentido, em grego, de "morrer", embora o significado original do sânscrito de onde provém, dhvantá, seja "coberto, velado, escuro" - cfr. Émile Boisacq, "Dictionnaire Etimologique de la Langue Grecque, Heidelberg, 1950, págs. 333; e Sir Monier Monier-Williams, "A Sanskrit-English Dictionary", Oxford, 1960, pág. 252). Já Plutarco dizia que eram duas as "mortes": a primeira que é a separação da alma (psychê) e do corpo (Soma), e a segunda, que é a separação da mente (noús) e da alma (psychê) (Morales, 942. f).

E como Jesus percebe o espanto na fisionomia deles, acrescenta: "Alegro-me por não ter estado lá". Assim, chegando e encontrando-o "morto" há vários dias, seria impossível que eles não cressem na força (dynamis) maravilhosa de Seus poderes (exousía), aceitando-o como Emissário do Pai e Manifestante divino.

Thomé, com o espírito jactancioso dos medrosos, propõe que todos sigam "para morrer com Ele", embora na hora do perigo real, tenham todos fugido, escondendo-se a tremer de medo...

Aqui encontramos mais dois números. Quando chegou a Betânia, é dito que o Mestre encontrou Lázaro "há QUATRO dias no túmulo".

O QUATRO é, cabalisticamente, o tetragrama sagrado (YHWH), a palavra de força e de poder, de pronúncia secreta. Mas também exprime o quaternário físico do homem, o túmulo (sêma) ou corpo (sôma) em que está sepultado o Espírito durante a encarnação (ensômatosis). Nos arcanos (cfr. vol. 4º pág. 32 e vol. 5º pág. 137) o quatro significa REALIZAÇÃO, sendo que no plano divino, é o Demiurgo, e no plano "humano-astral-nervoso" é o RESULTADO.

Logo a seguir o evangelista anota - sem que se veja normalmente razão para esse pormenor! - que "Betânia distava de Jerusalém QUINZE estádios". Ora, o QUINZE exprime, ainda nos arcanos, a ENCRUZILHADA, onde a criatura terá que escolher o caminho que deve palmilhar. É o momento em que a Mônada já descobriu as cadeias que a prendem e reconheceu as dívidas do passado, e se encontra com o que a cabala denomina "Baphomet", isto é, o conjunto de emoções desencadeadas nas vidas anteriores, cujos resultados agora enfrenta, para vencer ou para perder. Daí, nesse momento, poder tratar-se a "morte de Osíris", em que o candidato voluntariamente se submete à experiência, tentando dominar de golpe todo o somatório de suas emoções. Se sucumbir, terá que enfrentar, em numerosas vidas comuns, essas emoções, vencendo-as uma a uma, durante talvez séculos ou milênios. Se conseguir passar pela "morte", vencendo-a, dará um salto gigantesco a frente. Daí a importância desse passo iniciático, daí o risco que ele traz ao indivíduo se não estiver bem preparado, e daí a assistência indispensável de um Hierofante, pois ninguém pode realizá-lo a sós. Se o iniciado vence, matando, com sua morte, todas as suas emoções de vez, líquida o débito de seu passado, e renasce "nova criatura", Mas para isso é mister que o Hierofante (ou pelo menos um Mestre de alta categoria e poder espiritual) o desperte novamente para a vida deste plano, ou seja, o "ressuscite", isto é, faça o Espírito "ressurgir" nos veículos físicos que abandonara, e que agora se acham totalmente submetidos ao comando espiritual, sem mais possibilidade de rebelar-se para fazer cair o Espírito.

Como sempre, os números dizem muito na pena do evangelista João: o quaternário está no túmulo como "morto", aguardando a REALIZAÇÃO do Espírito, que vai decidir, nessa ENCRUZILHADA vital para sua evolução, o caminho a seguir.

[142]

Para isso, então, chega o Hierofante à Escola irmã. Marta corre-lhe ao encontro, desolada, pois embora sabendo da prova (e diante dos profanos não podia deixar transparecer que se tratava disso) contudo não esperava fosse tão longa a duração da "morte": agora, após quatro dias, já esmorecera. Sabia que, se lá estivera o Grande Mestre, Lázaro não teria desencarnado, pois teria sido salvo a tempo, e reconduzido à saúde. Agora já não será tarde? No entanto, no âmago de seu espírito, ainda resta uma esperança: "sei que Deus te dará tudo o que lhe pedires".

Acreditando o Mestre, mais uma vez, que se dirigia a pessoas cômicas dos rituais iniciáticos, assegura que "Lázaro se reerguerá" do túmulo, pois se trata de "morte" para renascimento em plano superior, e não de "separação definitiva" entre corpo e alma. Marta também não percebe: a perturbação lhe toldara a compreensão.

E quando o Cristo, o Hierofante Máximo encarnado então, abertamente se manifesta com a solene declaração, a quinta (correspondente ao quinto grau iniciático): EU SOU O RESSURGIMENTO DA VIDA!

O Cristo-Filho, onipotente e onipresente manifestação divina, terceiro aspecto da Trindade sacrossanta e invisível, que habita dentro de todas as coisas, se expressa através do corpo do homem Jesus, falando por Sua boca, na encarnação crística do Mahachohan Maitreya, e declara que, se o PAI é o Verbo-Criador, Ele, o Cristo, é o RESSURGIMENTO DA VIDA em todos os seres.

A VIDA, que é o ESPÍRITO, é comunicada pelo PAI, que é o Verbo (Som-Criador) e é mantida e ressurgida cada vez que fenece, pelo CRISTO, o Filho-Vivo, ou Filho de Deus Vivo.

Por isso Ele acrescenta: "quem crê (pisteuô) em mim", isto é, quem me mantém absoluta fidelidade (pistis), ou se mantém fielmente unido a mim, "mesmo se morreu, viverá; e todo o que já vive e crê em mim", permanecendo fiel à união comigo, "não morrerá para o eon" (eis tôn aiônion), ou seja, por todo o ciclo evolutivo.

A pergunta, se Marta acreditava em Suas palavras, ela reproduz a "confissão de Pedro", dizendo: "creio que tu és o CRISTO, o FILHO DE DEUS, que veio ao mundo". Eis a prova irrefutável da elevação espiritual de Marta que, olhando para Jesus, nesse instante, Nele não vê mais o "filho de José", o homem de Nazaré; Aquele para o qual preparava carinhosamente os peixes no melhor azeite, as ervas mais bem condimentadas, os bolos de trigo mais saborosos, as castanhas com o mel mais puro, para Quem preparava à noite a cama fresca com lençóis impecavelmente limpos, e que lhe dissera certa vez: "Marta, Marta, estás ansiosa e te preocupas com muitas coisas"... (Luc. 10:41). Mas através desse Homem maravilhoso, ela percebe com segurança, além da forma corpórea, o CRISTO que descera à forma física, mantendo-se UNO com o Pai e com o Espírito!

Essa visão dá-lhe um sobressalto: reconheceu com Quem estava lidando. Não! Não era o simples Jesus, Amigo e Mestre, que lhe falava com tanta sabedoria e profundo amor: viu ali, diante de seus olhos ofuscados, o CRISTO! E correu a chamar Maria, a contemplativa. Fala-lhe em segredo. E Maria ao saber da nova, salta de onde se achava sentada e corre para encontrá-Lo.

[143] *Quando a alma contemplativa sabe que o Amado se aproxima, por havê-Lo anteriormente chamado, deixa tudo e vai humilde prostrar-se a Seus pés. Os homens "religiosos" (Judeus) a acompanham, mas sem compreender. Pensam em termos de "defunto" e de "sepultura" e de "choro", ao passo que ela se dirige para a Vida, para a Liberdade, para a Alegria!*

O encontro provoca lágrimas em Maria. Nesse instante, já o CRISTO não apenas fala através de Jesus, mas passa a agir plenamente, eclipsando-Lhe a personagem. E a força cristônica, ao agir em toda a Sua plenitude, faz fremir a personagem física, tal como um motor forte demais para pequena embarcação, a faz vibrar com rancos surdos (embramáomai significa literalmente "fremir roncando").

Chegou a hora do despertamento daquele que se submetera voluntariamente à prova dura e difícil da "morte" do físico, para o avanço do Espírito. O poder (exousia), a força (dynamis) e a ação (érgon) do CRISTO fazem que o homem mortal sinta comoção em sua psychê, de tal forma que os olhos ficam marejados de lágrimas; não era emoção, já totalmente dominada pelo Mestre, mas consequência da vibração sublime, poderosa e elevadíssima que sobre Ele adveio.

A pergunta é direta: "onde o pusestes"?

E todos se aproximam do túmulo, lentamente, enquanto os "religiosos", sempre com sua pequena fé, acham que Ele poderia ter salvo Lázaro, tal como curara o cego de nascença. Mas agora... é tarde demais, pensam eles, e nada pode ser feito contra a morte!

*

* *

A ação potente e sobre-humana continuava a vibrar sobre Jesus: o CRISTO ATUA no Hierofante, na hora solene de realizar o ato iniciático sacrossanto de reintegrar no corpo físico o Espírito que fora colher experiências indescritíveis, por "todos os elementos". E o veículo físico de Jesus novamente "freme", enquanto se encaminha à gruta e ordena ser tirada a pedra.

A fé ainda não se firmara em Marta, que objeta ser o cadáver "de quatro dias". De acordo com o significado do número QUATRO, que já vimos atrás, temos diante dos olhos o resultado efetivo de uma realização do Hierofante, assistido pelo Demiurgo. Mas a objeção de Marta também tem sua razão de ser: os Quatro dias podem expressar-nos o temor de Marta, sobre a incapacidade de os veículos físicos de Lázaro, já arruinados, poderem suportar a força violenta e repentina do regresso do espírito. De qualquer forma, porém, é uma vacilação inexplicável, embora justificável em vista da fraqueza do espírito enquanto preso à matéria. Esse temor é revelado sob a forma do odorato: "já fede"; mas o CRISTO, seguro de Sua força e de Seu poder, retruca que "tudo é possível aquele que crê" (Marc. 9:22).

A pedra é retirada: a matéria física densa que obstaculiza a evolução é posta de lado. E dentro da gruta vê-se o corpo imóvel e cadaverizado do iniciado que se submete à prova, com as funções somáticas paralisadas pelo afastamento temporário do espírito em exercitação de aprendizado evolutivo.

A seguir o Cristo liga-se mentalmente ao Pai, o Ancião dos Dias, agradecendo, em comunhão eucarística, mais essa realização no campo da evolução espiritual. Salieta o fato de "ter sido ouvido", enquanto assevera que jamais falhou essa ligação de Suas vontades unificadas no trabalho em favor da humanidade que lenta e penosamente avança ao longo dos milênios. E justifica essa declaração em voz alta, pela necessidade de conseguir dos circunstantes a certeza de que Ele é o Enviado do Pai, para ensinar o caminho, para exemplificar as qualidades básicas do Super-Homem, traçando e desbastando a estrada que deve ser perlustrada pela Individualidade, qual Pastor divino, que, em arrostando precipícios e tempestades, segue à frente do rebanho.

Passa, então, à ação (érgon). É o Sacerdote da ordem de Melquisedec - o Pai Amado e Amante - que celebra o rito, simples e solene. E, com, voz altissonante, que faz vibrar o éter dos espaços e despertar as espíritos, ordena o regresso de Lázaro a seu corpo, e sua apresentação fora da gruta, à multidão que o aguarda.

"Lázaro, vem para fora!" é a ordem. Não apenas para fora da gruta em que estava seu corpo, mas sobretudo para fora de sua interiorização na "gruta do coração", onde havia mergulhado, para

infinitez-se em contato com o Infinito, e iluminar-se em unificação com a Luz, absorvendo o aprendizado por intuição e preparando-se para espalhar na Terra as bênçãos de sua evolução.

A exteriorização é imediatamente realizada, embora o físico não tenha conseguido acompanhar a evolução do Espírito: os pés continuavam "amarrados", as mãos "enfaixadas", e o rosto envolto num "sudário". O Mestre ordena que o novo iniciado seja libertado: que os pés tenham o poder de caminhar pelo mundo, levando a salvação às criaturas; que as mãos sejam desenfaixadas de suas ataduras cármicas, e possam abrir-se em bênçãos de serviço; e que sobretudo o rosto seja exposto ao sol da vida, para que também brilhe com a sabedoria adquirida e, através dos olhos que observam as dores humanas, irradie as vibrações de amor de que a humanidade vive sequiosa e realmente necessitada.

Aí estava, diante da pequena multidão espantada, mais um sacerdote preparado para o serviço, mais um apóstolo do bem, crescendo as fileiras de anônimos obreiros que fazem evoluir a humanidade!

*

* *

Outra interpretação poderá ser dada, quando transpusermos todas essas ações externas, para o âmbito interno do Espírito: a consagração das criaturas por obra do Cristo-Interno, fazendo-as ressurgir depois da morte a todos os estímulos físicos e da destruição de todas as emoções. Mas essa aplicação cada um dos leitores poderá fazer por si mesmo, através da meditação.

DECRETAÇÃO DE MORTE (145 – 149)

João, 11:45-54

- 45 Então muitos dentre os judeus, os que vieram a Maria e viram o que (Jesus) fez, creram nele.**
- 46 Alguns deles, todavia, foram aos judeus e lhes disseram o que fez Jesus.**
- 47 Os fariseus, pois, e os principais sacerdotes reuniram o sinédrio e disseram: “Que fazemos, já que esse homem faz muitos prodígios?”**
- 48 Se o deixarmos assim, todos crerão nele e virão os romanos e nos tirarão tanto nosso lugar quanto nossa nação”.**
- 49 Um dentre eles, porém, Caifás, sendo sumo sacerdote naquele ano, disse-lhe: “vós não sabeis nada!**
- 50 Não raciocinais que vos convém que um homem morra pelo povo e não se perca a nação toda”!**
- 51 (Isso não disse por ele mesmo; mas, sendo sumo sacerdote naquele ano, profetizou que Jesus estava para morrer pela nação.**
- 52 E não só pela nação, mas para que também os filhos de Deus dispersos, se reunissem em um).**
- 53 Então, desde esse dia, decretaram que o matariam.**
- 54 Jesus, pois, já não andava abertamente nos judeus, mas saiu dali para a região próxima do deserto, para a cidade chamada Efraim, e ali demorou com os discípulos.**

Ao evangelista interessava registrar o efeito externo que produziu a cena assistida, mas não compreendida, pelos judeus procedentes de Jerusalém: acreditaram que realmente se tratava de alguém que de fato possuía poderes muito superiores aos dos homens comuns; então só poderia tratar-se de, pelo menos, um profeta. A fidelidade à religião mosaica levou alguns a comunicar o fato aos fariseus, seita dominante, a fim de que oficialmente tomassem as medidas cabíveis: um exame rigoroso e honesto daquele homem e de suas obras, pois inegavelmente ele realizava, com simples palavras, atos humanamente impossíveis.

[146] Os que tinham visto, com seus próprios olhos, não podiam mais duvidar. E faziam questão de convencer seus amigos e de captar a simpatia dos fariseus (cfr. João, 2:23; 5:15; 7:31; 9:13) para o novo taumaturgo: era indispensável tomar conhecimento “oficial” desse profeta.

A nova espalhou-se e alarmou as “autoridades constituídas”: foi convocada uma reunião do Sinédrio, com a presença dos principais sacerdotes e dos fariseus; a questão foi colocada na pauta sob o aspecto político. A maior preocupação, sempre, dos aproveitadores, é agradar aos “chefes”, para não perderem a posição vantajosa de mando, com lucros garantidos.

Todos concordaram em que aquele carpinteiro constituía crescente dor de cabeça, pois poderia, com sua extraordinária força taumatúrgica, sublevar o povo para mais uma revolução contra os dominadores romanos: isso causaria sérios aborrecimentos e prejuízos: o “nosso lugar” (alguns interpretam como o “templo”) e a nação seriam arrasados. Mister agir! eis que eles estavam inertes, ao passo que “esse homem” se agigantava livremente diante do povo. Não interessava perquirir se era ou não o “messias”; se trazia ou não uma mensagem de YHWH; se realmente se tratava de grande e verdadeiro profeta ou de impostor: importava que não fosse atrapalhado o trem de vida que os israelitas haviam conseguido estabilizar mais ou menos, em troca de concessões em todos os campos, mormente no do caráter.

Ergue-se, então, a voz de Caifás (em hebraico, *kaifâ*, em grego *Caiáphas*, no latim da Vulgata, *Caiphás*), o qual - diz o evangelista - "era sumo sacerdote naquele ano" (*archiereús tou eniautou ekeínou*). A primeira impressão é que o sumo sacerdócio variava de ano para ano, o que não corresponde à realidade: Caifás foi sumo pontífice do ano 18 ao ano 36 (cfr. Flávio Josefo, *Ant. Jud.* 13, 2,2 e 4,3). Para permanecer tanto tempo em posição tão cobiçada, devia ser extraordinariamente subserviente aos governadores romanos. Ora, Caifás proferiu uma frase que solucionou o problema para eles, embora arrasando os companheiros com sua superioridade funcional: "não sabeis nada: não raciocinais que vos convém que um homem morra pelo povo e que não se perca a nação toda".

Trata-se de razão de estado, puramente política: se o carpinteiro, com sua ação, está pondo em perigo a comunidade, sacrifique-se: o indivíduo em benefício da coletividade.

Entretanto, sem levar em conta que sugerira ter Caifás falado como "cidadão privado" (*tís ex eutôn*) e não na qualidade de seu cargo, o evangelista afirma que, "por estar exercendo o sumo sacerdócio naquele ano, profetizou" isto é, falou mediunicamente, que "Jesus devia morrer pela nação". E o narrador acrescenta: "E não só pela nação (judaica), mas para que também os filhos de Deus dispersos (*diaskorpizô*) se reunissem em UM". Frase que é bom reter.

Desde esse dia ficou, portanto, lavrada a sentença de morte de Jesus por parte das autoridades eclesiásticas dos judeus. Já antes o haviam tentado (Cfr. João 5:18; 7:32 e 9:22) mas seus planos haviam sido sempre frustrados. Agora o decreto oral do sumo pontífice estava publicamente aceito.

[147] Jesus novamente se refugiou fora de Jerusalém, longe dos judeus sequiosos de destruí-Lo. Dirigiu-se para a região limítrofe do deserto, para uma cidade denominada Efraim (ou *Ephron* segundo Eusébio e Jerônimo: interessante o testemunho desses dois escritores, porque ambos viveram algum tempo na Palestina). Essa cidade é relacionada, geralmente, com *Bethel* (cfr. 2^o Crôn. 13:29 e F. Josefo *Bell. Jud.* 4, 9, 9). Hoje é chamada *Thayebêh*, situada a cerca de 25 km de Jerusalém. Implantada a 823 m de altitude, dela se avista belo panorama a leste: o vale do Jordão e, além dele, as cordilheiras de *Gile"ad* e de *Ammon*, a bacia setentrional do mar Morto e as montanhas de *Moab*. A oeste ao norte e ao sul, o horizonte se afasta a perder de vista.

Efraim significa "fecundidade", do verbo *pârâh*, na forma *hif 'il*).

Em Efraim Jesus "demorou" (*diatribô*) algum tempo com os discípulos, aguardando o momento oportuno. O verbo *diatribô* significa literalmente "passar algum tempo esperando" ou "entreter-se com amigos até determinado instante", etc.

A lição é altamente significativa para todos os que se dedicam ao espiritualismo, especialmente no campo da mística do mergulho e da iniciação. Os religiosos ortodoxos ("judeus") dão suma importância à fenomenologia prodigiosa, às pompas ritualísticas externas, que neles suscita entusiasmo e afervora a devoção. O entusiasmo provocado por atos dessa natureza leva-os a pretender espalhar ao máximo a notícia do acontecimento, sentindo-se eles mesmos enaltecidos pelo privilégio que tiveram de ser testemunhas oculares; e isso lhes produz a sensação de co-participarem da força taumatúrgica. No entanto, o resultado é sempre o oposto: as "autoridades" religiosas não admitem nada de grandioso senão entre os de seu grupo.

Então, cada vez que tentam espalhar notícias de fenômenos exteriores ao grupo privilegiado que está no poder, provocam com isso perseguições claras ou veladas. E o indivíduo que foi ator da cena, passa a ser suspeito e alvo de má vontade, que leva ao, desejo de destruí-lo sob qualquer desculpa e com qualquer método: físico ou moral por meio de calúnias inventadas e propaladas.

Com isso aprendemos que o silêncio é "de ouro" nestes assuntos: nada dizer a ninguém a respeito de quaisquer experiências que tenhamos feito ou venhamos a fazer. O segredo é mais necessário aqui, que mesmo em matéria de negócios. Muitas vezes, por falarmos certas coisas, perdemos oportunidades maravilhosas de obter e realizar certas experiências decisivas. Quando então chegamos a determinado ponto evolutivo, compreendemos a necessidade do silêncio mais fechado. Dai a máxima verdadeira: "quem diz que é, não é; quem é, jamais diz que é". Nunca se ouvirá, da boca de um iniciado verdadeiro, essa afirmativa. E todos aqueles que dizem sê-lo, NÃO SÃO.

A iniciação é coisa muito séria e não vem com sinais exteriores, a não ser com as dores inerentes às provas indispensáveis à evolução da criatura. Mas, de qualquer forma, aqueles que atingem esse ponto, devem manter sigilo absoluto, para que ninguém o venha a descobrir de sua boca. No máximo, serão percebidos por aqueles que estão no mesmo grau ou nos graus superiores.

[148] *Julgam muitos — encantados pela insinuante lábia dos que se intitulam a si mesmos mestres, gurus, brâmanes, swamis, etc. — que ouvindo-lhes as preleções em voz soturna de mistério e seguindo-lhes as lições ministradas a portas fechadas, e depois submetendo-se a rituais exóticos, se tornam “iniciados”, e vão subindo penosamente os degraus, estabelecidos pelos homens a seu capricho, até alcançarem os postos mais “elevados”. São, porém, ilusões necessárias, para satisfazer aos principiantes, que assim se vão preparando para, algumas encarnações mais tarde, já treinados por esses “folguedos” espirituais, poderem realmente dar os primeiros passos na senda.*

Compreendemos a necessidade de existirem essas “Escolas” ou “ordens” ou “ashrams”, porque é sempre bom que os espíritos desejosos de progredir, encontrem ambientes propícios. E como as criaturas se equilibram nos mais variados estágios evolutivos, mister se formem escolas também em todos os graus. E cada um se situa dentro de seu padrão vibratório, dos mais baixos aos mais elevados.

Feitas essas anotações, observemos a ação dos religiosos ortodoxos. A razão primordial, embora jamais abertamente confessada ao grande público, é a manutenção do poder político e do prestígio perante o povo, pois essas duas fontes lhes permitem locupletar-se em todos os sentidos. Convocam-se, então, reuniões secretas, a fim de decidir do melhor modo de agir. Nessas reuniões é que se torna mais fácil levantar um pouco o véu e falar mais claramente. Se alguém lhes atrapalha a vida, deve ser suprimido. Hoje em dia não mais se assassinam as criaturas. Mas a tradição judaica permaneceu fiel entre os herdeiros deles durante séculos, e milhares de pessoas tiveram a mesma sorte de Jesus: foram piedosamente assassinados pelas “autoridades” eclesiásticas ortodoxas, sob a alegação de que eram “hereges”, isto é, não pensavam como eles...

A orientação dada pelo “Sumo Pontífice” Caifás foi seguida sem discussões pelos inimigos de Jesus contra Ele, e mais tarde, pelos que se diziam discípulos Dele, contra pobres indivíduos que nenhum direito tinham de defesa.

No entanto, há uma frase de João que merece ser meditada: “Jesus morreu também para que os filhos de Deus dispersos se reunissem em UM”.

São essas frases soltas que freqüentemente trazem luzes fantásticas a respeito de processos que, de outro modo, não teríamos condições de perceber. Analisemos, dentro de nossas parcas possibilidades.

A “morte” de Jesus, isto é, a separação violenta e transitória do espírito de Jesus de seus veículos inferiores, provocou um choque vibratório que possibilitou novos rumos no processo evolutivo de todas as coisas.

Tudo o que existe — anjos, homens, animais, vegetais, minerais — é obra divina, criada pela Luz Absoluta, pelo Imanifestado que Se manifesta: tudo surge de Sua própria substância, e se conserva em existência dentro de Sua própria essência. Logo, tudo o que existe pode chamar-se; de direito, “filho de Deus”.

Deus é essência. Deus É. Tudo o que surge de Sua substância, existe (ex-sistit) ou seja, É, porque surgiu e se mantém sustentada por uma Força distinta de sua própria existência. Vemos, pois, que transparece clara uma distinção: a existência é da criatura, a essência é do Criador, Deus, essência última de tudo. Em outras palavras: tudo o que existe surge da substância divina e se sustenta porque permanece com a essência divina em si, embora tenha uma existência sua própria.

Ora, quando as existências passam a existir em ato, a própria condição inerente à existência é a divisão ou dispersão, pois a existência é alcançada com o mergulho no pólo negativo (Anti-Sistema) o qual é, por natureza, divisionista, dispersivo e antagônico (satânico). Daí podermos distinguir, por exemplo, milhões de moléculas e átomos de ouro, embora o “ouro” seja uma unidade coletiva única. E assim ocorre com minerais, vegetais, animais e mesmo homens: na subida evolutiva o movimento tem que ser contrário: de unificação (“amai-vos uns aos outros”), refundindo-se as partes num só todo.

O movimento de descida e divisão estava no ponto máximo. Era mister colocar-se um ponto final e dar um apoio, para que a direção do movimento de descida pudesse firmar-se, e iniciar o regresso ao ponto de partida, invertendo totalmente o sentido geral da caminhada.

Para isso foi indispensável que uma força incalculavelmente elevada espiritualmente tomasse a iniciativa de estancar a descida, para iniciar a subida. Achava-se o planeta no ponto mais baixo da

escala divisionista. E sozinho não teria meios de dar meia volta e principiar a subida árdua e difícil. Alguém tinha que fazê-lo.

Tudo foi preparado para que, na hora aprazada no relógio do infinito, se produzisse um fenômeno capaz de revirar o rumo. Seria indiscutivelmente um “salvador” da humanidade. Deu-se, pois, a encarnação especialíssima de Jesus, preparada durante várias gerações, e Nele se manifestou o CRISTO, o que foi possível pela grande pureza do espírito de Jesus e de Seu corpo.

Aí temos, portanto, a força cristônica do universo descendo com toda a Sua capacidade e mergulhando na Mente, no Intelecto, no Astral e no próprio físico de Jesus. E através do mergulho em Jesus, houve, em repercussão, o mergulho em todos os planos (humano, animal, vegetal e mineral) dessa mesma Força cristônica, que já constituía a essência de todas essas coisas. Mas a intensidade da Presença foi aumentada de muito. E a descida foi quase que paralisada. Feito isso, durante o tempo necessário para essa fixação, foi preparado o choque que permitiria o retorno da corrente, desviando-a do pólo negativo para o positivo: a retirada repentina e violenta do espírito de Jesus, durante curto período, para logo a seguir regressar. Mas esse impulso, que trouxe trevas ao planeta (Mat. 27:45; Mr. 15:33; Lc. 23:44) conseguiu libertar todas as coisas do empuxo para o divisionismo. O violento choque foi sentido em todos os planos, e todas as coisas passaram a ter a capacidade de reunificar-se (“Amai-vos uns aos outros”). Daí dizer-se que Jesus foi o SALVADOR: de fato, com o empréstimo de Sua matéria, permitiu que fosse tudo libertado da força dispersiva que, pelo impulso centrífugo, levava tudo ao divisionismo e à dispersão, e deu nova orientação, com violento impulso centrípeto.

Foi isso que entendemos da frase de João: “morreu também para que os filhos de Deus dispersos, se reunissem em UM”.

PREDIÇÃO DAS DORES (150 – 154)

Mateus 20:17-19	Marcos 10:32-34	Lucas 18:31-34
<p>17 E, subindo Jesus para Jerusalém, tomou os doze discípulos a sós e no caminho lhes disse:</p> <p>18 "Olhem, subimos a Jerusalém, e o filho do homem será entregue ao principais sacerdotes e escribas, e o condenarão à morte,</p> <p>19 e o entregarão aos gentios para escarnecer, flagelar e crucificar, e no terceiro dia será despertado".</p>	<p>32 Estavam, pois, na estrada, subindo para Jerusalém, e Jesus os estava precedendo e os que o seguiam se espantavam e temiam. E tomando de novo os doze começou a dizer-lhes o que estava para acontecer-lhe:</p> <p>33 "Olhem, subimos para Jerusalém, e o filho do homem será entregue aos principais sacerdotes e aos escribas e o condenarão à morte e o entregarão aos gentios,</p> <p>34 e o escarnecerão e cuspirão nele e o flagelarão e matarão, e no decurso de três dias se levantará".</p>	<p>31 Tomando, pois, os doze, disse-lhes: "Olhem, subimos para Jerusalém e se realizará tudo o que foi escrito por meio dos profetas sobre o filho do homem;</p> <p>32 pois será entregue aos gentios, escarnecido, injuriado, e cuspidos,</p> <p>33 e, flagelando-o, o matarão, e no terceiro dia se levantará".</p> <p>34 E eles nada disso entenderam, e era essa palavra oculta para eles, e não tiveram a gnose do que lhes dizia.</p>

Encontramos aqui mais uma advertência de Jesus a respeito do que se passaria em Jerusalém. É o terceiro aviso em Mateus (cfr. 16:21 e 17:2 2-23); o terceiro em Marcos (cfr. 8:31 e 9.30); e o quarto em Lucas, (cfr. 9:22 e 44; e 17:25). Interessante observar que Lucas, o não israelita é o único a referir-se às profecias.

"Subir a Jerusalém" era a expressão corrente, consagrada pelo uso (cfr. 2º Reis 16:5; Mat. 20:17, 18; Marc. 10:33; Luc. 2:42; 18:31; 19:28; João, 2:13; 5:1; 7:8; 11:55).

[151] Mateus e Marcos avisam que será entregue primeiro aos principais sacerdotes e escribas que "o condenarão à morte", entregando-o aos gentios para a execução (técnica muito usada, também, na igreja romana, que condena e entrega "ao braço civil", para que seja executada a sentença por ela proferida). Lucas, entretanto, nada diz dos principais sacerdotes e dos escribas: avisa que será entregue (por quem?) diretamente aos gentios. Será que, não sendo judeu, não quis magoá-los, procurando desculpá-los do crime, deixando velada a ação anterior do sinédrio, de que também não fala?

Na descrição do que ocorrerá, cada narrador acrescenta um pormenor: Mateus: para ser escarnecido (*empaíxai*), flagelado (*mastigôσαι*) e crucificado (*staurôσαι*); Marcos: será escarnecido (*empaíxousin*), cuspidos (*emptyousin*), flagelado (*mastigôsousin*) e assassinado (*apoktenóusin*); Lucas: será escarnecido (*empaichthêsetai*), injuriado (*hybristhêsetai*) cuspidos (*emptysthêsetai*), e, flagelado (*mastigôsantes*) o matarão (*apoktenóusin autón*).

No entanto, todos concordam que não será o fim. Mateus assevera que "no terceiro dia será despertado" (*têi trítêi hêmérai egerthêsetai*); Marcos: que "no transcurso de três dias se levantará" (*metá treis hemérais anastêsetai*); e Lucas (*têi hemêrai têi trítêi anastêsetai*).

A expressão de Marcos *metá treis hemérais* é geralmente traduzida como "após três dias", o que não corresponde à verdade dos fatos. Não há dúvida que *metá*, preposição com acusativo de sentido temporal, pode significar "depois". Mas encontramos, também, o sentido de "no transcurso de", "no decurso de", "no curso de", "no lapso de": cfr. Bailly, Dict. Grec-Français, in verbo: "Com idéia de tempo, o sentido é "durante": *meth'hêméran*, durante o dia, Heródoto, 1,150; Eurípedes, Oreste, 58; Bacantes, 485; *metá dyo étê*, durante dois anos, no transcurso de dois anos, F. Josefo, Bell. Jud. 1,13,1; *metá trítôn étos*, Teofrasto, História das Plantas, 4, 2, 8, no lapso de três anos". Portanto, a bem da verdade, traduzimos: "no decurso de três dias", e não "depois de três dias".

Observe-se que, desta vez, não houve protesto por parte dos discípulos, como ocorrera no primeiro anúncio dos sofrimentos.

Na caminhada para Jerusalém, Jesus segue à frente (*ên proágôn autóus*), com passo firme, qual Chefe intrépido. Os discípulos e as mulheres (cfr. Mat. 20:20 e Marc. 15:41) se acham espantados, e até apavorados (*ethamboúnto kai ephoboúnto*).

Apesar de palavras tão claras, os discípulos não compreenderam (*kai autoi oudén touótôn synékan, kai ên tò rhêma touóto kekrymménon ap'autôn, kai ouk eginôskon tà legómena*, Luc.). Tão fortes eram os preconceitos, em relação ao Messias, que julgavam fosse tudo simbólico: como poderia o "vencedor dos romanos" ser assassinado, se ele reinaria soberano sobre Israel?

A todo aquele que se acha na Senda, é pedido o sacrifício árduo de uma subida íngreme e difícil. Ninguém jamais evoluiu "sur des roulettes".

[152] *Nem todos os sofrimentos e dores são provocados pelos resultados (carmas) de ações passadas: muitas vezes (e proporcionalmente tanto mais, quanto maior é a evolução da criatura) a dor é causada pelo espasmo do empuxo para cima, ao serem arrancadas as raízes do psiquismo animal, do terreno árido e pedregoso do pólo negativo, para que o homem se transforme no super-homem.*

Quanto mais baixo na escala da espiritualidade está o indivíduo, menos sofrimento existe, de vez que ele se afina com as vibrações vigentes no Anti-Sistema. A proporção que se vai elevando; na transmutação de psychê em pneuma, mais profundas e conturbadoras e violentas e dolorosas as reações externas e internas.

Com efeito, do lado de fora da personagem, vemos aparecer grupos de pessoas, encarnadas e desencarnadas, que atacam por todos os meios imagináveis aqueles que iniciam a subida: convites insistentes para deter-se e novamente mergulhar nos velhos erros; atrações quase irresistíveis por parte de seres do sexo oposto, pretendendo enlear na teia de novos compromissos cármicos; facilidades financeiras à vista, generosamente oferecidas em troca do abandono dos novos caminhos iniciados, e tantos outros recursos de que o Anti-Sistema dispõe com largueza, para prender em seu âmbito o maior número de psyches, já que na hora em que estas lhe faltarem, sua existência entrará em colapso fatal e desaparecerá.

Mas a luta é pior dentro da própria psychê, na transformação profunda que opera para tornar-se pneuma. Analisemos.

As criaturas humanas, hoje, possuem e utilizam largamente a psychê que herdaram e desenvolveram através de toda a caminhada evolutiva pelos reinos animal e hominal. Mas a essa psyche se vai somando o pneuma, que vai conquistando terreno à psychê. O pneuma começou no reino hominal, com o aparecimento do chacra coronário no alto da cabeça (coronário, de corona, "coroa"). Esse aparecimento é descrito simbolicamente no Gênesis (3:24) da seguinte forma: "Expulsou o homem da paraíso (da irresponsabilidade animal e do desconhecimento moral) e ao oriente do jardim do Éden (oriente de órior, "nascer"; ou seja, no ponto em que começa a criatura: o alto da cabeça) pôs os querubins (rodas de fogo turbilhonantes) e o chamejar de uma espada que girava por todos os lados (o chacra ígneo de mil pétalas que gira incandescente vertiginosamente) para guardar o caminho da árvore da vida", isto é, para impedir que, uma vez iniciado o estágio hominal com o surgimento, embora rudimentar de um pneuma (Espírito) representado pelo chacra coronário ausente nos animais, jamais pudesse a criatura regressar ao estágio animal, ainda que dele estivesse bem próximo evolutivamente. Mas a vibração passou a ser de outro tipo, com outro timbre. e uma vez adquirido o pneuma, não mais poderia ser perdido.

Então, aí temos o início do processo.

E a evolução no reino hominal consiste em fazer diminuir cada vez mais a psychê, e em fazer crescer, cada vez mais, o pneuma, que paulatinamente vai conquistando a psychê; ou melhor, paulatinamente a psychê se vai transformando em pneuma e morrendo.

[153] *A evolução tende a abolir a emotividade psíquica animal, substituindo-lhe o sentimento elevado espiritual, numa transmutação lenta de várias dezenas de milênios.*

Ocorre que o psiquismo coletivo sente que as forças se lhe vão diminuindo gradativamente, e, como é óbvio, tende a reagir e a deter a evolução, a fim de não desaparecer. Então, os elementos mais afinados com o psiquismo animal inferior, recebem os impulsos de força psíquica (logicamente negativa), e tentam por todos os modos impedir a transformação que, como vimos, é lenta e dolorosa. Esses elementos influenciados pelo psiquismo inferior, açulam e procuram injetar em todos os campos, em todos os povos, por todos os meios (a imprensa periódica, as revistas, os livros, a publicidade, o rádio e a televisão, o cinema e o mais que exista) com palavras suaves e figuras embelezadas e atraentes, o que de mais baixo impera no homem. Forcejam por despertar-lhe os

instintos emotivos mais violentos, através da parte animal do sexo desenfreado e do sensualismo gozador. Com isso, visam a retardar o máximo que puderem, a transmutação da psychê em pneuma.

Muito é conseguido daqueles que estão atrasados, após mais de cem mil anos de exercícios no estágio hominal. Mas de outro lado, confortadoramente, há alguns que conhecem os segredos das coisas, e que aprendem a reagir positivamente.

É a esse sacrifício doloroso que nos referimos acima, pelo qual passam todos os que pretendem progredir espiritualmente. Cada passo dado na Senda da iniciação corresponde a um conjunto específico de dores físicas, morais e espirituais, sem as quais não é possível renascer na escala imediatamente superior. A própria natureza nos ensina isso com múltiplos exemplos. Basta abrir os olhos da mente: para nascer um ponto acima de onde se achava, a criança passa nove meses no sepulcro de uma caverna sombria, mergulhada na água e comprimida, e para sair de lá, tem que atravessar uma "porta estreita", que a aperta dolorosamente, forçando-a a chorar logo que atinge a luz: a dor foi muito grande! O homem, para dar um passo além, precisa atravessar o pórtico da chamada "morte", em que o corpo astral é arrancado do físico, causando sensações dolorosas e angustiantes. Os mesmos passos são exigidos no reino animal e até mesmo no vegetal: a semente sentir-se-á esmagada sob a terra fria, úmida e escura, experimentando uma espécie de apodrecimento, em que se rompe, para que de dentro surja a árvore frondosa, o arbusto modesto ou a ervinha humilde. Tudo poderá ser denominado a dor da expansão, o sacrifício do crescimento, o sofrimento da ascensão. Mas isso constitui uma exigência da natureza campo, sem exceção.

Nos graus superiores, a criatura não é mais forçada pela natureza ao progresso, mas conscientemente o busca; assim como no curso primário obrigamos nossos filhos ao estudo, embora o curso superior esteja na dependência da vontade livre de cada um deles.

Assim, exemplificando para nós, Jesus anuncia mais uma vez a Seus discípulos, as dores que O esperam, e que Ele terá que superar para obter mais um passo evolutivo, e também para ajudar ao planeta a evoluir globalmente com todos os seus moradores.

[154]

Para iniciar a etapa dolorosa, é indispensável que haja uma "entrega" (parádosis) nas mãos daqueles que poderão causar-lhe as dores previstas e necessárias a cada caso. Já vimos (vol. 4^o, pág. 92) que o substantivo parádosis e o verbo paradídômi são vocábulos estritamente iniciáticos, das Escolas gregas, com sentido preciso. Não se trata, pois, de uma "traição", mas de uma "tradição", algo de previsto pela Lei, algo de preparado e acompanhado pelos mentores encarregados de ajudar a evolução do candidato, assim como os enfermeiros terrenos preparam um doente que precisa de tratamento cirúrgico para o ato operatório, mas não o abandonam, nem antes, nem durante, nem depois, só lhe dando "alta" quando tiver superado a crise e estiver "fora de perigo de recaída", com seu corpo curado. Os mentores espirituais e Mestres agem da mesma forma com Seus discípulos: jamais os abandonam. E são incomparavelmente mais cuidadosos que os melhores enfermeiros terrenos...

As dores atingirão a parte física e a astral com a flagelação e a crucificação; a parte moral com a zombaria e o desprezo (cuspir na face); a personagem total com a separação violenta do espírito (assassinato).

Se durante todo esse processo o candidato conseguir manter-se firme e inalterado na Mente e no Espírito, conservando intacta sua paz interior, e inabalável sua fidelidade, a vitória lhe sorrirá brilhante, e seu Mestre o receberá de braços abertos: terá renascido um degrau acima, dominando a morte, liquídando definitivamente as emoções, superando todo o estágio hominal, e iniciando a caminhada no nível de super-homem ou de Filho do Homem. Nesse ponto, não há mais necessidade de reingressar na matéria. Mas muitos o fazem em missão sacrificial, para "salvar" humanidade e ajudar a evolução de Seus irmãos menores, ainda atrasados na estrada, enleados nos cipós grosseiros das paixões e afundados nos charcos pegajosos das emoções descontroladas do psiquismo animal predominante, donde é tão difícil sair.

Lucas adverte sem ambages, que os discípulos "nada entenderam"; que esse foi um "ensino oculto" para eles, e que, por isso, "não tinham a gnose (ouk egínoskon) das palavras (tà legómena)". Como vemos, linguajar nitidamente iniciático.

PEDIDO EXTEMPORÂNEO (155 – 166)

Mateus 20:20-28

- 20 Então veio a ele a mãe dos filhos de Zebedeu, com os filhos dela, prostrando-se e rogando algo.
- 21 Ele disse-lhe, pois: “Que queres”? Respondeu-lhe: “Dize que estes meus dois filhos se sentem um à tua direita e outro à tua esquerda em teu reino”
- 22 Retrucando, Jesus disse: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que estou para beber”? Disseram-lhe: “Podemos”!
- 23 Disse-lhes: “Sem dúvida bebereis o meu cálice; mas sentar à minha direita ou esquerda, não me compete concedê-lo, mas àqueles para quem foi preparado por meu Pai”.
- 24 E ouvindo os dez, indignaram-se contra os dois irmãos.
- 25 Chamando-os, porém, Jesus disse: “Sabeis que os governadores dos povos os tiranizam e os grandes os dominam.
- 26 Assim não será convosco; mas quem quiser dentre vós tornar-se grande, será vosso servidor,
- 27 e quem quiser dentre vós ser o primeiro, será vosso servo,
- 28 assim como o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua alma como meio de libertação para muitos”.

Marcos 10:35-45

- 35 E aproximaram-se dele Tiago e João os filho de Zebedeu, dizendo-lhe: “Mestre, queremos que, se te pedirmos, nos faças”.
- 36 Ele disse-lhes: “Que quereis que vos faça”?
37 Responderam-lhe eles: “Dá-nos que nos sentemos um à tua direita e outro à tua esquerda na tua glória”.
- 38 Mas Jesus disse-lhes: “Não sabeis o que pedis. Podeis beber o cálice que eu bebo, ou ser mergulhados no mergulho em que sou mergulhado”?
39 Eles retrucaram-lhe: “Podemos”! Então Jesus disse-lhes: “O cálice que eu bebo, bebereis, e sereis mergulhados no mergulho em que sou mergulhado,
- 40 mas o sentar à minha direita ou esquerda, não me cabe concedê-lo, mas a quem foi preparado”.
- 41 E ouvindo isso, os dez começaram a indignar-se contra Tiago e João.
- 42 E chamando-os, disse-lhes Jesus: “Sabeis que os reconhecidos como governadores dos povos os tiranizam e seus grandes os dominam.
- 43 Não é assim, todavia, convosco: mas o que quiser tornar-se grande dentre vós, será vosso servidor,
- 44 e o que quiser dentre vós ser o primeiro, será servo de todos.
- 45 Porque o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar sua alma como meio de libertação para muitos”.

[156]

Lucas (18:34) salientara que os discípulos “nada haviam entendido e as palavras de Jesus permaneciam ocultas para eles, que não tiveram a gnose do que lhes dizia”. Mateus e Marcos trazem, logo depois, a prova concreta da verdade dessa assertiva.

Mateus apresenta o episódio como provocado pela mãe de Tiago e de João, com uma circunlocução típica oriental, que designa a mãe pelos filhos: “veio a mãe dos filhos de Zebedeu com os filhos dela”, ao invés do estilo direto: “veio a esposa de Zebedeu com seus filhos”. Trata-se de Salomé, como sabemos por Marcos (15:40) confrontado com Mateus (27:56). Lagrange apresenta num artigo (cfr. “L’Ami du Clergé” de 1931, pág. 844) a hipótese de ser Salomé irmã de Maria mãe de Jesus, portanto sua tia. Sendo seus primos, o sangue lhe dava o direito de primazia. Em nossa hipótese (vol. 3º pág. 32), demos Salomé como filha de Joana de Cuza, esta sim, irmã de Maria. Então Salomé seria sobrinha de Maria e prima em 1º grau de Jesus (sua “irmã”), sendo Tiago e João “sobrinhos de Jesus”, como filhos de sua “irmã” Salomé. Então, sendo seus sobrinhos, a razão da consangüinidade continuava valendo. Além disso, Salomé como sua irmã, tinha essa liberdade, e se achava no direito de pedir, pois dera a Jesus seus dois filhos e ainda subvencionava com seu dinheiro as necessidades de Jesus e do Colégio apostólico (cfr. Luc. 8:3 e Marc. 15:41).

Como na resposta Jesus se dirige frontalmente aos dois, Marcos suprimiu a intervenção materna: realmente eles estavam de pleno acordo com o pedido, tanto que, a seu lado, aguardavam ansiosos a palavra de Jesus. A interferência materna foi apenas o “pistolão” para algo que eles esperavam obter.

Como pescadores eram humildes; mas elevados à categoria de discípulos e emissários da Boa-Nova, acende-se neles o fogo da ambição, que era justa, segundo eles, pois gozavam da maior intimidade de Jesus, que sempre os distinguia, destacando-os, juntamente com Pedro, dos demais

companheiros, nos momentos mais solenes (cfr. Mat. 9:1; 17:1; Marc. 1:29; 5:37; 9:12; 14:33 ; Luc. 8:51). Tinham sido, também, açulados pela promessa de se sentarem todos nos doze “tronos”, julgando Israel (Mat. 19:28), então queriam, como todo ser humano, ocupar os primeiros lugares (Mat. 23:6 e Luc. 14:8-10).

A cena é descrita com pormenores. Embora parente de Jesus, Salomé lhe reconhece o valor intrínseco e a grandeza, e prostra-se a Seus pés, permanecendo silenciosa e aguardando que Mestre lhe dirija a palavra em primeiro lugar: “que queres”?

Em Marcos a resposta é dos dois: “Queremos” (*thélomen*) o que exprime um pedido categórico, não havendo qualquer dúvida nem hesitação quanto à obtenção daquilo que se pede: não é admitida sequer a hipótese de recusa: “queremos”!

[157] Jesus não os condena, não os expulsa da Escola, não os apresenta à execração pública, não os excomunga; estabelece um diálogo amigável, em que lhes mostra o absurdo espiritual do pedido, valendo-se do episódio para mais uma lição. Delicadamente, porém, é taxativo na recusa. Sabe dizer um `NÃO sem magoar, dando as razões da negativa, explicando o porque é obrigado a não atender ao pedido: não depende dele. Mas não titubeia nem engana nem deixa no ar uma esperança inane.

Pelas expressões de Jesus, sente-se nas entrelinhas a tristeza de quem percebe não estar sendo entendido: “não sabeis o que pedis” Essa resposta lembra muito aquela frase proferida mais tarde, em outras circunstâncias: “Não sabem o que fazem”! (Luc. 23:34).

Indaga então diretamente: “podeis beber o cálice que estou para beber ou ser mergulhado no mergulho em que sou mergulhado”? A resposta demonstra toda a presunção dos que não sabem, toda a pretensão dos que ignoram: “podemos”!

Jesus deve ter sorrido complacente diante dessa mescla de amor e de ambição, de disposição ao sacrifício como meio de conquistar uma posição de relevo! Bem iguais a nós, esses privilegiados que seguiram Jesus: entusiasmo puro, apesar de nossa incapacidade!

Cálice (em grego *potêrion*, em hebraico *kôs* pode exprimir, no Antigo Testamento, por vezes, a alegria (cfr. Salmo 23:5; 116:13; Lament. 4:21); mas quase sempre é figura de sofrimento (cfr. Salmo 75:8; Is. 51:17,22; Ezeq. 23:31-33).

Baptízein é um verbo que precisa ser bem estudado; as traduções correntes insistem em transliterar a palavra grega, falando em batismo e batizar, que assume novo significado pela evolução semântica, no decorrer dos séculos, por influência dos ritos eclesiásticos e da linguagem litúrgica. Batismo tomou um sentido todo especial, atribuído ao Novo Testamento, apesar de ignorado em toda a literatura anterior e contemporânea dos apóstolos. Temos que interpretar o texto segundo a semântica da época e não pelo sentido que a palavra veio a assumir séculos depois, por influências externas.

Estudemos o vocábulo no mais autorizado e recente dicionário (“A Greek English Lexicon”, de Liddell & Scott, revised by Henry Stuart Jones, Londres, 1966), *in verbo* (resumindo):

“**Baptizô**, mergulhar, imergir: **xíphos eís sphagên**, “espada mergulhada na garganta” (Josefo Bell. Jud. 2.18.4): **spathion eís tò émbryon**. “espátula no recém-nascido” Soranus, médico do 2º séc. A. C. , 2.63); na voz passiva: referindo-se à trepanação Galeno, 10, 447. Ainda: **baptison seautòn eís thálassan** e **báptison Dionyson pros tèn thálassan**, “mergulhado no mar” (Plutarco 2.166 a e 914 d); na voz passiva com o sentido de “ser afogado”, Epicteto, Gnomologium 47. **Baptizô tinà hypnôi**, “mergulho alguém no sono” (Anthologia Graeca, Evenus elegíaco do 5º Séc. A. C.) e **hypnôi bebantismen** “mergulhado no sono letárgico”(Achígenes, 2º séc. , apud Aécio 6,3); **baptizô eís anaesthesían kai hypnon** “mergulhado na anestesia e no sono” (Josefo, Ant. Jud. 10,9,4); **psychê bebaptismene lypêi** “alma mergulhada na angústia” (Libânio sofista, 4º Séc. A. D., Oraciones, 64115”).

Paulo (Rom. 6:3-4) fala de outra espécie de batismo: “porventura ignorais que todos os que fomos mergulhados em Cristo Jesus, fomos mergulhados em sua morte? Fomos sepultados com ele na morte pelo mergulho, para que, como Cristo despertou dentre os mortos pela substância do Pai, assim nós andemos em vida nova”.

[158] Até agora tem sido interpretado este trecho como referente aos sofrimentos físicos de Tiago, decapitado em Jerusalém por Herodes Agripa no ano 44 (cfr. Atos, 12:2) e de João, que morreu de morte natural, segundo a tradição, mas foi mergulhado numa caldeira de óleo fervente diante da Porta Latina (Tertuliano, *De Praescriptione*, 36 *Patrol. Lat.* vol. 2, col, 49) e foi exilado na ilha de Patmos (Jerônimo, *Patrol. Lat.* vol. 26, col. 143).

As discussões maiores, todavia, se prendem à continuação. Pois Jesus confirma que eles beberão seu cálice e mergulharão no mesmo mergulho, mas NÃO CABE a Ele conceder o lugar à sua direita ou esquerda! Só o Pai! Como? Sendo Jesus DEUS, segundo o credo romano, sendo UM com o Pai, NÃO PODE resolver? Só o Pai; E Ele NÃO SABE? Não tem o poder nem o conhecimento do que se passaria no futuro? Por que confirmaria mais uma vez aqui que o Pai era maior que Ele (João, 14:28)? Como só o Pai conhecia “o ultimo dia” (Mat. 24:36). Como só o Pai conhecia “os tempos e os momentos” (At. 1:7). Como resolver essa dificuldade? Como uma “Pessoa” da Trindade poderá não ter conhecimento das coisas? Não são três “pessoas” mas UM SÓ DEUS?

Os comentadores discutem, porque estão certos de que o “lugar à direita e à esquerda” se situa NO CÉU. Knabenbauer escreve: *neque Messias in terra versans primas in caelo sedes nuno petentibus quibusque assignare potest, ac si vellet Patris aeterni decretum mutare vel abrogare* (Cursus Sacrae Scripturae, Paris, 1894, pág. 281), ou seja: “nem o Messias, estando na Terra, pode dar os primeiros lugares no Céu aos que agora pedem, como se pretendesse mudar ou abrogar o decreto do Pai eterno”. Outros seguem a mesma opinião, como Loisy, “Les Évangiles Synoptiques”, 1908, tomo 2, página 238; Huby, “Évangile selon Saint Marc”, 1924, pág. 241; Lagrange, “L’Évangile selon Saint Marc”, 1929, pág. 280, etc. etc.

Os séculos correram sobre as discussões infundáveis, sem que uma solução tivesse sido dada, até que no dia 5 de junho de 1918, após tão longa perplexidade, o “Santo Ofício” deu uma solução ao caso. Disse que se tratava do que passaria a chamar-se, por uma “convenção teológica”, uma APROPRIAÇÃO, ou seja: “além das operações estritamente trinitárias, todas as obras denominadas *ad extra* (isto é, “fora de Deus”) são comuns às pessoas da Santíssima Trindade; mas a expressão corrente - fiel à iniciativa de Jesus - reserva e apropria a cada uma delas os atos exteriores que tem mais afinidade com suas relações hipostáticas”.

Em outras palavras: embora a Trindade seja UM SÓ DEUS, no entanto, ao agir “para fora”, ao Pai competem certos atos, outros ao Filho, e outros ao Espírito Santo. Não sabemos, todavia, como será possível a Deus agir “para fora”, se Sua infinitude ocupa todo o infinito e mais além!

Os dois irmãos, portanto, pretendem apropriar-se dos dois primeiros lugares, sem pensar em André, que foi o primeiro chamado, nem em Pedro, que recebeu diante de todos as “chaves do reino”. Como verificamos, a terrível ambição encontrou terreno propício e tentou levar à ruína a união dos membros do colégio apostólico, e, isso ainda na presença física de Jesus! Que não haveria depois da ausência Dele?

Swete anota que os dez se indignaram, mas “pelos costas” dos dois, e não diante deles; e isto porque foi empregada pelo narrador a preposição *perí*, e não *katá*, que exprimiria a discussão face a face.

[159]

Há aqui outra variante. Nas traduções vulgares diz-se: “não me pertence concedê-lo, mas será dado àqueles para quem está destinado por meu Pai”. No entanto, o verbo *hetoimózo* significa mais rigorosamente “preparar”. Ora. aí encontramos *hêtóimastai*, perfeito passivo, 3ª pessoa singular; portanto, “foi preparado”.

Jesus entra com a sublime lição da humildade e do serviço, que, infelizmente, ainda não aprendemos depois de dois mil anos: é a vitória através do serviço prestado aos semelhantes. O exemplo vivo e palpitante é o próprio caso Dele: “Vim” (*élthen*) indica missão especial da encarnação (cfr. Marc. 1:38 e 2:27; e Is. 52:13 a 53:12). E essa vinda especial foi para SERVIR (*diakonêsai*), e não para ser servido (*diakonêthênai*), fato que foi exaustivamente vivido pelo Mestre diante de Seus discípulos e em relação a eles.

O serviço é para libertação (*lytron*). Cabe-nos estudar o significado desse vocábulo. “*Lytron*” é, literalmente “meio-de-libertação”, a que também se denomina “resgate”. O resgate era a soma de dinheiro dada ao templo, ao juiz ou ao “senhor” para, com ela, libertar o escravo. O termo é empregado vinte vezes na Septuaginta (cfr. Hatche and Redpath, “Concordance to the Septuagint”, *in verbo*) e corresponde a quatro palavras do texto hebraico massorético: a *kôfer*, seis vezes; a *pidion* e outros derivados de *pâdâh*, sete vezes; a *ga'al* ou *ge'ullah*, cinco vezes, e a *mehhir*, uma vez; exprime sempre a compensação, em dinheiro, para resgatar um homicídio ou uma ofensa grave, ou o preço pago por um objeto, ou o resgate de um escravo para comprar-lhe a liberdade. E a vigésima vez aparece em Números (3:12) quando o termo *lytron* exprime a libertação por substituição: os levitas podiam servir de *lytron*, substituindo os primogênitos de Israel no serviço do Templo.

Temos, portanto, aí, a única vez em que *lytron* não é dinheiro, mas uma pessoa humana, que substitui outra, para libertá-la de uma obrigação imposta pela lei.

Em vista disso, a igreja romana interpretou a crucificação de Jesus como um resgate de sangue dado por Deus ao Diabo (!?), a fim de comprar a liberdade dos homens! Confessemos que

deve tratar-se de um deus mesquinho, pequenino, inferior ao “diabo”, e de tal modo sujeito a seus caprichos, que foi constringido a entregar seu próprio filho à morte para, com o derramamento de seu sangue, satisfazer-lhe os instintos sangüinários; e o diabo então, ébrio de sangue, abriu a mão e permitiu (!) que Deus pudesse carregar para seu céu algumas das almas que lhe estavam sujeitas... Como foi possível que tantas pessoas inteligentes aceitassem uma teoria tão absurda durante tantos séculos?... Isso poderia ocorrer com espíritos inferiores em relação a homens encarnados, como ainda hoje vemos em certos “terreiros” de criaturas fanatizadas, e, como lemos também em Eusébio (*Patrol. Graeca*, vol. 21, col. 85) que transcreve uma notícia de Philon de Byblos, segundo o qual os reis fenícios, em caso de calamidade, sacrificavam seus filhos mais queridos para aplacar seu “deus”, algum “exú” atrasadíssimo.

Monsenhor Piro (o.c. vol. 9, pág. 530) diz textualmente: “entregando-se aos sofrimentos e à morte, é que Jesus pagará o resgate de nossa pobre humanidade, e assim a livrará do pecado que a havia escravizado ao demônio”!

[160] Uma palavra ainda a respeito de *pollói* que, literalmente, significa “muitos”. Pergunta-se: por que resgate “de muitos” e não “de todos”? Alguns aduzem que, em vários pontos do Novo Testamento, o termo grego *pollói* corresponde ao hebraico *rabbim*, isto é, “todos” (em grego *pántes*), como em Mat. 20:28 e 26:28; em Marc. 14:24; em Rom. 5:12-19 e em Isaías, 53:11-12).

Sabemos que (Mat. 1:21) foi dado ao menino o nome de Jesus, que significa “Salvador” porque libertará “seu povo de seus erros”; e Ele próprio dirá que traz a libertação para os homens (Luc. 4:18).

(mais da metade da pag. 160 encontra-se em branco como se lá devesse estar uma gravura)

[161] *Esta lição abrange vários tópicos:*

a) *o exemplo a ser evitado, de aspirar, nem mesmo interior e subconscientemente, aos primeiros postos;*

b) *a necessidade das provas pelas quais devem passar os candidatos à iniciação: beber o cálice e ser mergulhados”;*

c) *a decisão, em última instância, cabe ao Pai, que é superior a Jesus (o qual, portanto, não é Deus no sentido absoluto, como pretendem os católicos romanos, ortodoxos e reformados);*

d) *a diferença, mais uma vez sublinhada, entre personagem e individualidade, sendo que esta só evolui através da LEI DO SERVIÇO (5º plano)*

Vejamo-lo em ordem.

I - É próprio da personagem, com seu “eu” vaidoso e ambicioso, querer projetar-se acima dos outros, em emulação de orgulho e egoísmo. São estes os quatro vícios mais difíceis de desarraigar da personagem (cfr. Emmanuel, “Pensamento e Vida”, cap. 24), e todos os quatro são produtos do intelecto separatista e antagonista da individualidade.

O pedido de Tiago (Jacó) e de João, utilizando-se do “pistolão” de sua mãe, é típico, e reflete o que se passa com todas as criaturas ainda hoje. Neste ponto, as seitas cristãs que se desligaram recentemente do catolicismo (reformados e espiritistas) fornecem exemplos frisantes.

Entre os primeiros, basta que alguém julgue descobrir nova interpretação de uma palavra da Bíblia, para criar mais uma ramificação, em que ele EVIDENTEMENTE será o primeiro, o chefe”.

O mesmo se dá entre os espiritistas. Pululam “centros” e “tendas” que nascem por impulso vaidoso de elementos que se desligam das sociedades a que pertenciam para fundar o SEU centro ou a SUA tenda: ou foram preteridos dos “primeiros lugares à direita e à esquerda do ex-chefe; ou se julgam mais capazes de realização que aquele chefe que, segundo eles, não é dinâmico; ou discordam de alguma interpretação da doutrina; ou querem colocar em evidência o SEU “guia”, que acham não estar sendo bastante “prestigiado” (quando não é o próprio “guia” (!) que quer aparecer mais, o incita o seu “aparelho” a fundar outro centro PARA Ele !); ou a criatura quer simplesmente colocar-se numa posição de destaque de que não desfrutava (embora jamais confesse essa razão); ou qualquer outro motivo, geralmente fútil e produto da vaidade, do orgulho, do egoísmo e da ambição. Competência? Cultura? Adiantamento espiritual? Ora, o essencial é conquistar a posição de “chefe”! Há ainda muitos Tiagos e Joões, e também muitas Salomé, que buscam para seus filhos ou companheiros os primeiros lugares, e tanto os atezam com suas palavras e reclamações, que acabam vencendo. Que se abram os olhos e se examinem as consciências, e os exemplos aparecerão por si mesmos.

Tudo isso é provocado pela ânsia do “eu” personalístico, de destacar-se da multidão anônima; dai as “diretorias” dos centros e associações serem constituídas de uma porção de NOMES só para satisfazer à vaidade de seus portadores, embora estes nada façam e até, por vezes, atrapalhem os que fazem: O Anti-Sistema é essencialmente separatista e divisionista, e por isso o dizemos “satânico” (opositor).

[162]

II - As “provas” são indispensáveis para que as criaturas sejam aprovadas nos exames. E por isso Jesus salienta a ignorância revelada pelo pedido de quem queria os primeiros postos, sem ter ainda superado as dificuldades do caminho: “não sabeis o que pedis”!

O cálice que deve beber o candidato é amargo: são as dores físicas, os sofrimentos morais, as angústias provocadas pela aniquilação da personalidade e pela destruição total do “eu” pequeno, que precisa morrer para que a individualidade cresça (cfr. João 3:30); são as calúnias dos adversários e, sobretudo, dos companheiros de ideal que o abandonam, com as desculpas mais absurdas, acusando-o de culpas inexistentes, embora possam “parecer” verdadeiras, mas sempre falando pelas costas, sem dar oportunidade ao acusado de defender-se; são os martírios que vêm rijos: as prisões materiais (raramente) mas sobretudo as morais, por laços familiares; as torturas físicas (raras, hoje), mas principalmente as do próprio homem, criadas pelo “eu” personalístico, que o incita a largar tudo e a trocar os sacrifícios por uma vida fácil e tranqüila, que lhe é tão simples de obter...

Mas, além disso, há outra prova: o MERGULHO na “morte”.

Conforme depreendemos do sentido de baptizô que estudamos, pode o vocábulo significar: mergulhar ou imergir na água; mergulhar uma espada no corpo de alguém; mergulhar uma faca para operar cirurgicamente; mergulhar alguém no sono letárgico, ou mergulhar na morte.

Podemos, pois, interpretar o mergulho a que Jesus se refere como sendo: o mergulho no “coração” para o encontro com o Cristo interno; o mergulho que Ele deu na atmosfera terrena, provindo de mundos muito superiores ao nosso; o mergulho no sono letárgico da “morte”, para superação do quinto grau iniciático, do qual deveria regressar à vida, tal como ocorrera havia pouco com Lázaro; ou outro, que talvez ainda desconhecamos. Parece-nos que a referência se fez à iniciação.

Estariam os dois capacitados a realizar esse mergulho e voltar à vida sem deixar que durante ele se rompesse o “cordão prateado” ? Afoitamente responderam eles: “podemos”! Confiavam nas próprias forças. Mas era questão de tempo para preparar-se. João teve tempo, Tiago não... Com efeito, apenas doze anos depois dessa conversa, (em 42 A. D.) Tiago foi decapitado, não conseguindo, pois, evitar o rompimento do “umbigo fluídico”. Mas João o conseguiu bem mais tarde, quando pôde sair com vida (e Eusébio diz “rejuvenescido”) da caldeira de óleo fervente, onde foi literalmente mergulhado.

A esse mergulho, então, parece-nos ter-se referido Jesus: mergulho na morte com regresso a vida, após o “sono letárgico” mais ou menos prolongado, que Ele realizaria pouco mais tarde.

Esse mergulho é essencial para dar ao iniciado o domínio sobre a morte (cfr. “a morte não dominará mais além dele”, Rom. 6:9; “por último, porém, será destruída a morte”, 1^a Cor. 15:26; “a morte foi absorvida pela vitória; onde está, ó morte tua vitória? onde está ó morte, teu estímulo”?, 1^a Cor. 15:54-55; “Feliz e santo é o que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes a segunda morte não tem poder, mas serão sacerdotes de Deus e de Cristo, e reinarão com Ele durante os mil anos”, Apoc. 20:6). De fato, a superação do quinto grau faz a criatura passar ao sexto, que é o sacerdócio (cfr. vol. 4^o, pág. 99 e 104).

[163]

Modernamente o sacerdócio é conferido por imposição das mãos, com rituais específicos, após longa preparação. No catolicismo, ainda hoje, percebemos muitos resquícios das iniciações antigas, como podemos verificar (e o experimentamos pessoalmente). Em outras organizações que “se” denominam “ordens iniciáticas”, o sacerdócio é apenas um título pró-forma, simples paródia para lisonjear a vaidade daqueles de quem os “Chefes” querem, em retribuição, receber também adulações, para se construírem fictício prestígio perante si mesmos.

O sacerdócio REAL só pode ser conferido após o mergulho REAL, efetivo e consciente, plenamente vitorioso, no reino da morte. Transe doloroso e arriscado para quem não esteja à altura: “podeis ser mergulhados no mergulho em que sou mergulhado”?

A morte, realizada em seu simulacro, no sono catalético, era rito insubstituível no Egito, onde se utilizava, por exemplo, a Câmara do Rei, na pirâmide de Quéops, para o que lá havia (e ainda hoje lá está), o sarcófago vazio, onde se deitavam os candidatos. Modernamente, Paul Brunton narra ter vivido pessoalmente essa experiência (in “Egito Secreto”). Também na Grécia os candidatos passavam por essa prova, sob a proteção de Hades e Proserpina, nos mistérios dionisíacos; assim

era realizado em Roma (cfr. Vergílio, Eneida, canto VI e Plotino, Enéadas, sobretudo o canto V); assim se fazia em todas as escolas antigas, como também, vimo-lo, ocorreu com Lázaro.

Superada essa morte, o vencedor recebia seu novo nome, o hierónymos (ou seja, hierós, “sagrado”; ónymos, “nome”), donde vem o nome “Jerônimo”; esse passava a ser seu nome sacerdotal, o qual, de modo geral, exprimia sua especialidade espiritual, intelectual ou artística; costume que ainda se conserva na igreja romana, sobretudo nas Ordens Monásticas (cfr. vol. 5, página 27, nota) (1). O catolicismo prepara para o sacerdócio com cerimônias que lembram e “imitam” a morte, da qual surge o candidato, após a “ordenação”, como “homem novo” e muitas vezes com nome diferente.

(1) Veja-se, também, a esse respeito: *Ephemerides Archeologicae*, 1883, pág. 79; C. I. A. , III, 900; Luciano, *Lexiphanes*, 10; Eunapio, *In Maximo*, pág. 52; Plutarco, *De Sera Numinis Vindicta*, 22.

III- Já vimos que Jesus, cômico de Sua realidade, sempre se colocou em posição subalterna e submissa ao Pai, embora se afirmasse “unido a Ele e UNO com Ele” (João, 10:30,38; 14:10,11,13; 16:15, etc. etc.).

Vejamos rapidamente alguns trechos: “esta é a vontade do Pai que me enviou” (João, 6:40), logo vontade superior à Sua, e autoridade superior, pois só o superior pode “enviar” alguém; “falo como o Pai me ensinou” (João, 8:28), portanto, o inferior aprende com o superior, com quem sabe mais que ele; “o Pai me santificou” (João, 10:36), o mais santo santifica o menos santo; “O Pai que me enviou, me ordenou” (João, 12:49), só um inferior recebe ordens e delegações do superior; “falo como o Pai me disse” (João, 12:50), aprendizado de quem sabe menos com quem sabe mais; “o Pai, em mim, faz ele mesmo as obras” (João, 14:11), logo, a própria força de Jesus provém do Pai, e reconhecidamente não é sua pessoal; “o Pai é maior que eu” (João, 14:28), sem necessidade de esclarecimentos; “como o Pai me ordenou, assim faço” (João, 14:31); “não beberei: o cálice que o Pai me deu”? (João 18:11), qual o inferior que pode dar um sofrimento a um superior? “como o Pai me enviou, assim vos envio” (João, 20:21); e mais: “Quem me julga é meu Pai” (João, 8:54); “meu Pai, que me deu, é maior que tudo” (João 10:29); “eu sou a videira, meu Pai é o viticultor” (João, 15:1), portanto, o agricultor é superior à planta da qual cuida; “Pai, agradeço-te porque me ouviste” (João, 11:41), jamais um superior ora a um inferior, e se este cumpre uma “ordem” não precisa agradecer-lhe, “Pai, salva-me desta hora” (João, 12:27), um menor não tem autoridade para “salvar” um maior: sempre recorremos a quem está acima de nós; e mais: “Pai, afasta de mim este cálice” (Marc. 14:36); “Pai, se queres, afasta de mim este cálice” (Luc. 22:42); “Pai, perdoa-lhes porque não sabem o que fazem” (Luc. 23:34), e porque, se fora Deus, não diria: “perdoá-lhes eu” ? e o último ato de confiança e de entrega total: “Pai, em tuas mãos entrego meu espírito” (Luc. 23:46), etc.

Por tudo isso, vemos que Jesus sempre colocou o pai acima Dele: “faça-se a tua vontade, e não a minha” (Mat. 26:42, Luc. 22:42). Logo, não se acredita nem quer fazer crer que seja o Deus Absoluto, como pretendeu torná-Lo o Concílio de Nicéia (ano 325), contra os “arianos”, que eram, na realidade, os verdadeiros cristãos, e dos quais foram assassinados, em uma semana, só em Roma, mais de 30.000, na perseguição que contra eles se levantou por parte dos “cristãos” romanos, que passaram a denominar-se “católicos”.

Natural que, não sendo a autoridade suprema, nem devendo ocorrer as coisas com a simplicidade suposta pelos discípulos, no restrito cenário palestinese, não podia Jesus garantir coisa alguma quanto ao futuro. Daí não poder NINGUÉM garantir “lugares determinados” no fabuloso “céu”, como pretenderam os papas católicos ao vender esses lugares a peso de ouro (o que provocou o protesto veemente de Lutero); nem mesmo ter autoridade para afirmar que A ou B são “santos” no “céu”, como ainda hoje pretendem com as “canonizações”. Julgam-se eles superiores ao próprio Jesus, que humilde e taxativamente asseverou: “não me compete: mas somente ao Pai”! A pretensão vaidosa dos homens não tem limites!...

IV - A diferença entre a personagem dominadora e tirânica representada pelo exemplo dos “governadores de povos” e dos “grandes”, e a humildade serviçal da individualidade, é mais uma vez salientada.

Aqueles que seguem o Cristo, têm como essencial SERVIR ATRAVÉS DO AMOR e AMAR ATRAVÉS DO SERVIÇO.

Essa é a realidade profunda que precisa encarnar em nós. Sem isso, nenhuma evolução é possível.

O próprio Jesus desceu à Terra para servir por amor. E esse amor foi levado aos extremos imagináveis, pois além do serviço que prestou à humanidade, “deu sua alma para libertação de muitos”.

Esta é uma das lições mais sublimes que recebemos do Mestre.

Quem não liqüidou seu personalismo e passou a “servir”, em lugar de “ser servido”, está fora da Senda.

[165] *DAR SUA ALMA, que as edições vulgares traduzem como “dar sua vida”, tem sentido especial. O fato de “dar sua vida” (deixar que matem o corpo físico) é muito comum, é corriqueiro, e não apresenta nenhum significado especial, desde o soldado que “dá sua vida” para defender, muitas vezes, a ambição de seus chefes, até a mãe que “dá sua vida” para colocar no mundo mais um filho de Deus; desde o fanático que “dá sua vida” para favorecer a um grupo revolucionário, até o cientista que também “dá sua vida” em benefício do progresso da humanidade; desde o mantenedor da ordem pública que “dá sua vida” para defender os cidadãos dos malfeitores, até o nadador, que “dá sua vida” para salvar um quase náufrago; muitas centenas de pessoas, a cada mês, dão suas vidas pelos mais diversos motivos, reais ou imaginários, bons ou maus, filantrópicos ou egoístas, materiais ou espirituais.*

Ora, Jesus não deu apenas sua vida, o que seria pouca coisa, pois com o renascimento pode obter-se outro corpo, até bem melhor que o anterior que foi sacrificado.

Jesus deu SUA ALMA, Sua psychê, toda a Sua sensibilidade amorosa, num sacrifício inaudito, trazendo-a de planos elevados, onde só encontrava a felicidade para “mergulhar” na matéria grosseira de um planeta denso e atrasado, imergindo num oceano revolto de paixões agudas e descontroladas, tendo que manter-se ligado aos planos superiores para não sucumbir aos ataques mortíferos que contra Ele eram assacados. Sua aflição pode comparara-se, embora não dê ainda idéia perfeita, a um mergulhador que descesse até águas profundas do oceano, suportando a pressão incomensurável de muitas toneladas em cada centímetro quadrado do corpo. Pressão tão grande que sufoca, peso tão esmagador que oprime. Nem sempre o físico resiste. E quando essa pressão provém do plano astral, atingindo diretamente a psychê, a angústia é muito mais asfíxiante, e só um ser excepcional poderá suportá-la sem fraquejar.

Jesus deu Sua psychê para libertação de muitos. Realmente, muitos aproveitaram o caminho que ele abriu. Todos, não. Quantos se extraviaram e se extraviam pelas estradas largas das ilusões, pelos campos abertos do prazer, aventurando-se no oceano amplo de mâyâ, sem sequer desconfiar que estão passeando às tontas sem direção segura, e que não alcançarão a meta neste eon; e quantos, também, despencam ladeira abaixo, aos trambolhões, arrastados nelas paixões que os encegecem, pelos vícios que os ensurdecem, pela indiferença que os paralisa; e vão de roldão estatelar-se no fundo do abismo, devendo aguardar outras oportunidades: nesta, perderam a partida e não conseguiram a liberdade gloriosa dos Filhos de Deus.

[166] *Muitos, entretanto, já se libertaram. São os que se esquecem de si mesmos, os que deixam de existir e se transformam em pão, para alimentar a fome da humanidade: a fome física, a fome intelectual, a fome espiritual; e transubstanciam seu sangue em vinho de sabedoria, em vinho de santidade, em vinho de amor, para inebriar as criaturas com o misticismo puro da plenitude crística, pois apresentam a todos, como Mestre, apenas o Cristo de Deus, e desaparecem do cenário: sua personalidade morre, para surgir o Cristo em seu lugar; seu intelecto cala, para erguer-se a voz diáfana do Cristo; suas emoções apagam-se, para que só brilhe o amor do Cristo. E através deles, os homens comem o Pão Vivo descido rio céu, que é o Cristo, e bebem o sangue da Nova Aliança, que é o Cristo, e retemperam suas energias e se alçam às culminâncias da perfeição, porque mergulham nas profundezas da humildade e do amor.*

Essa é a libertação, que teve como lytron (“meio de libertação”) a sublime psychê de Jesus. Para isso, Ele deu Sua psychê puríssima e santa, entregando-a à humanidade que O não entendeu... e quis assassiná-Lo, porque Ele falava uma linguagem incompreensível de liberdade, a linguagem da liberdade, a linguagem da paz, a linguagem da sabedoria e do amor.

Deu sua psychê generosa e amavelmente, para ajudar a libertar os que eram DELE, células de Seu prístino corpo, que Lhe foram dadas pelo Pai, ao Qual Ele pediu que, onde Ele estivesse, estivessem também aqueles que Lhe foram doados (João, 17:24), para que o Todo se completasse, a cabeça e os membros (cfr. 1^o Cor. 12:27). A esse respeito já escrevemos (cfr. vol. 1^o pág. 52 e vol. 5^o págs. 114-115 e 129).

CURA DE BARTIMEU (167 – 170)

Mateus 20:29-34	Marcos 10:46-52	Lucas 18:35-43
29 E saindo eles de Jericó, acompanhou-o grande multidão.	46 E chegaram a Jericó. E saindo ele de Jericó com seus discípulos, e bastante gente, o filho de Timeu, Bartimeu, cego e mendigo, estava sentado à beira da estrada.	35 Aconteceu pois, ao aproximar-se ele de Jericó, um cego estava sentado, mendigando, à beira da estrada.
30 E eis dois cegos sentados à beira da estrada, ouvindo que Jesus passa, gritaram, dizendo: “Compadece-te de nós, senhor filho de David”!	47 E ouvindo que era Jesus o Nazareno, começou a gritar e dizer: “Jesus, filho de David, compadece-te de mim”!	36 Ouvindo passar uma multidão, indagava o que era aquilo.
31 A multidão repreendia-os, para que se calassem, mas eles gritavam mais, dizendo: “Senhor, filho de David, compadece-te de nós”!	48 E muitos mandaram que se calasse, mas ele gritava mais ainda: “Filho de David, compadece-te de mim”!	37 Disseram-lhe que era Jesus, o Nazareno, que passava.
32 parando, Jesus chamou-os e disse: “Que quereis que vos faça”?	49 E parando, Jesus disse: “Chamai-o”. E chamaram o cego, dizendo-lhe: “Confia, levanta-te, ele te chama”.	38 E gritava, dizendo: “Jesus, filho de David, compadece-te de mim”!
33 Disseram-lhe: “Senhor, que se abram nossos olhos”!	50 Alijando a capa e saltando, ele veio para Jesus.	39 E os que iam à frente mandavam que se calasse, ele porém gritava mais ainda: “Filho de David compadece-te de mim”!
34 Compadecido, pois, Jesus tocou-lhes os olhos e imediatamente enxergaram de novo e o seguiam.	51 E falou-lhe Jesus, dizendo: “Que queres que te faça”? O cego disse-lhe: “Rabboni, que eu veja de novo”!	40 Detendo-se, pois, Jesus mandou que o conduzissem a ele. Tendo chegado, perguntou-lhe:
	52 E disse-lhe Jesus: “Vai tua fé te salvou”. E imediatamente viu de novo e o acompanhou pela estrada.	41 “Que queres que te faça”? Ele disse: “Senhor, que eu veja de novo”.
		42 E Jesus disse-lhe: “Vê. Tua fé te salvou”.
		43 E de pronto viu de novo e seguiu-o, louvando a Deus. E, vendo, todo o povo deu louvor a Deus.

De início precisamos resolver uma dificuldade. Mateus e Marcos dizem que a cura foi efetuada ao sair de Jericó e Lucas que foi ao entrar na cidade. Estudemos a topografia.

[168]

A cerca de 26 ou 30 km de Jerusalém, havia uma cidade antiquíssima, chamada Jericó, construída perto da fonte de Eliseu. Citada desde Números e Deuteronômio, ficou célebre quando os israelitas, sob o comando de Josué, a tomaram, ao entrar na Terra Prometida, tendo sido derrubadas suas muralhas ao som das trombetas e dos gritos dos soldados hebreus. Era chamada a “cidade das palmeiras” (Deut. 34:3), pois estava num oásis fértil. Suas ruínas foram descobertas nas escavações de 1908-1910. Acontece que Herodes o Grande, e mais tarde Arquelau, aproveitando o oásis, construíram outra cidade mais ao sul, com o mesmo nome, no local em que o *Ouadi el-Kelt* desemboca na planície. Local maravilhoso para morar no inverno, porque as montanhas da Judéia o protegiam contra os ventos frios de oeste. Foram construídos grandes palácios suntuosos, com piscinas luxuosas, um anfiteatro e um hipódromo, termas e templos, etc. Jericó tornou-se a segunda cidade da Palestina em importância e extensão, depois de Jerusalém.

Para os israelitas Mateus e Marcos, a Jericó verdadeira era a “velha”, pois a nova era “pagã”. Para o grego Lucas, Jericó era a cidade nova. Compreende-se, então, que ao sair da velha e entrar na nova cidade, tenha o cego encontrado Jesus. Tanto assim que, logo a seguir Lucas narra o episódio de Zaqueu, que habitava a cidade nova.

Mas os cegos eram dois ou só havia um? Mateus diz que eram dois, contra a opinião de Marcos e de Lucas que afirmam ter sido um, sendo que o primeiro lhe dá até o nome, demonstrando estar muito bem informado do que ocorreu. Alguns exegetas alegam que de fato os cegos costumavam andar em duplas, para se distraírem conversando durante as longas horas de espera, e para se consolarem de seu infortúnio. Observamos, entretanto, que Mateus gosta de dobrar, como no

caso dos dois cegos, narrado em 9:27, dos dois obsidiados de Gerasa (8:28), embora Marcos (5:1-20) e Lucas (8:26-36) digam ter sido um (cfr. vol. 3o. pág. 54 ss).

Também aqui os exegetas dividem suas opiniões, procurando justificar: um dos cegos, Bartimeu, tomou a iniciativa e chamou sobre si a atenção: o outro, que o acompanhava, nem foi quase notado, a não ser por Mateus, presente à cena, pois Marcos ouviu o relato de Pedro, e Lucas só veio a saber dos fatos muito mais tarde, pela tradição oral. É o que diz Agostinho: *hinc est ergo quod ipsum solum voluit commemorare Marcus, cujus illuminatio tam claram famam huic miraculo comparavit, quam erat illius nota calamitas, isto é, “daí porque Marcos só quis recordar aquele único, cuja cura adquiriu uma fama tão grande com esse prodígio, quanto era conhecida a calamidade dele”* (Patrol. Lat. vol. 34, col. 1138).

De qualquer forma, a anotação de Marcos e Lucas, de que se tratava de “mendigos” (*prosaítés*), confirma a realidade, já que, aquela época, não havia preocupação de aproveitar os estropiados: desde que a criança nascesse defeituosa, só havia um caminho: a mendicância.

O local escolhido pelos dois era excelente: passagem obrigatória para todos os peregrinos que, por ocasião da Páscoa que se aproximava, vinham da Transjordânia e da Galiléia, dirigindo-se para Jerusalém.

Quanto ao nome dado em arameu, observamos que geralmente (cfr. Marc. 3:17. 7:11,34; [169] 14:26, etc.) é dado primeiro o nome, e depois o significado; no entanto aqui se inverte: primeiro aparece a tradução, “filho de Timeu”, e depois o nome “Bartimeu”. Portanto, nome patronímico, como tantos outros (cfr. Barjonas, Bartolomeu, Barjesus, Barnabé, Baraquias, Barrabás, Barsabás, etc.).

Ao perceber a pequena multidão bulhenta que passava, o cego indagou de que se tratava, e foi informado de que era o taumaturgo-curador Jesus o Nazareno, filho de David.

A Palavra “Nazareno” aparece com mais freqüência sob a forma “Nazoreu” (*nâshôray* e *nazôraios*, em hebr. e grego). Porém, não se confunda essa palavra com “nazireu”! Com efeito, nos evangelhos temos onze vezes a forma nazoreu (Mt. 2:23 e 26:71; João, 18:57, e 19:19; Atos, 2:22; 3:6; 4:10; 6:14; 22:8; 24:5 e 26:9) contra seis vezes a forma “nazareno” (Marc. 1:24; 10:47; 14:67 e 16:6, e Luc. 4:34 e 24:19). Mesmo neste local o texto de Mateus varia nos códices entre *nazarenu* (Vaticano e outros) e *nazoreu* (Sinaítico e outros).

Ao saber de quem se tratava, o cego gritou em altos brados, pedindo compaixão. A multidão tenta fazê-lo calar-se, mas ele não quer perder aquela oportunidade e grita mais forte ainda.

Marcos dá pormenores vivos: Jesus pára e manda chamá-lo. Lucas, médico, é mais preciso na linguagem: Jesus “manda que o tragam até Ele”. O espírito leviano da alma coletiva demonstra sua psicologia: já não mais o repreendem para que se cale; ao invés, o encorajam e ajudam, como se tudo proviesse da generosidade deles!

Ao saber-se chamado, o cego arroja de si o manto, para não atrapalhá-lo na rapidez dos movimentos, e levanta-se de um salto, lépido e esperançoso. Jesus pergunta-lhe o que quer Dele: dinheiro? A resposta do cego é clara: “Senhor (Marcos manteve o arameu *Rabboni*) que eu veja de novo”! O verbo *anablépô* dá a entender que não se tratava de cego de nascença.

Como sempre, Jesus atribui a cura, que foi instantânea, à fé ou confiança (*pistis*) do cego. A certeza de obter o favor era tão firme, que foi possível curá-lo.

E o cego “acompanhou Jesus pela estrada”. feliz de estar novamente contemplando a luz e de poder ver o homem que o tirara das trevas.

Aqui novamente deparamos com um fato que simboliza uma iluminação obtida por um espírito que sabe o que quer e que quer o que sabe. Não é pedida nenhuma vantagem pessoal, mas a luz da compreensão.

Bartimeu (filho do “honorável”), embora mergulhado nas trevas em que o lançaram seus erros, ainda sabe reconhecer o momento propício de uma invocação, para obter a visão plena do espírito, e sabe segui-la depois que a obteve, acompanhando Jesus pela estrada da vida.

Apesar de muita gente querer impedir que o cego grite ter compaixão, este não desiste de sua pretensão. Sua confiança é ilimitada; e esse espírito está enquadrado na primeira bem-aventurança: “felizes os que mendigam o espírito, porque deles é o reino dos céus”.

O mendigar a plenos pulmões, diante da multidão, sem deixar vencer-se pelas vozes que nos querem obrigar a calar, tem esse resultado: “ entramos no reino dos céus “, seguindo o Cristo na

[170] *estrada, sem mais largá-lo. Realmente, é esse o primeiro passo para o início da caminhada na Senda: VER; com o intelecto aberto e com a alma liberta dos preconceitos mundanos... E, uma vez obtida a luz, saber abandonar tudo, para seguir o Mestre excelso.*

Hoje não temos mais o Mestre Jesus em corpo a perambular pelas ruas de nossas cidades. Mas quantas vezes passa o Cristo por nós e, distraídos, deixamos escapar a oportunidade.

Passa o Cristo no meio da multidão azafamada, preocupada pelos negócios, interesseira de vantagens materiais, e não sabemos descobrir-Lo, e deixamos desvanecer-se o ensejo.

Passa o Cristo entre os furacões e as tempestades de nossa alma, e nós; atormentados e dominados pelas emoções, nem reparamos em Sua passagem.

Passa o Cristo silencioso nas solidões tristes das horas vazias, nos abandonos cruéis de todos os amigos, nas fugas amedrontadas de nossos companheiros, e não percebemos Sua vibração misteriosa e profunda a convocar-nos ao Seu coração amoroso.

Quantas vezes já terá passado o Cristo. sem que o tenhamos percebido!

ZAQUEU (171 – 174)

Lucas. 19:1-10

- 1 E tendo entrado, (Jesus) atravessava Jericó.**
- 2 E eis um homem, de nome chamado Zaqueu, que era chefe dos coletores de impostos e rico.**
- 3 E procurava ver Jesus quem era, e não podia, por causa da multidão, porque ele era baixo de estatura.**
- 4 E correndo à frente, subiu a um sicômoro para vê-lo, porque estava para passar por aquela (rua).**
- 5 E quando chegou ao lugar, Jesus levantou os olhos e lhe disse: "Zaqueu, apressa-te a descer, pois hoje devo permanecer em tua casa".**
- 6 E desceu às pressas e o hospedou com alegria.**
- 7 E vendo(-o) todos murmuravam, dizendo: "entrou para hospedar-se com um homem desorientado".**
- 8 Levantando-se, Zaqueu disse ao Senhor: "Eis que a metade de meus bens, Senhor, dou aos mendigos, e se defraudei alguém em algo, restituo quadruplicado".**
- 9 Disse-lhe então Jesus: "Hoje aconteceu a salvação em tua casa, porque também este é filho de Abraão,**
- 10 pois o filho do homem veio procurar e salvar o perdido".**

O texto é privativo de Lucas. O episódio é ligado ao anterior, da cura do cego, quando Jesus entrou na cidade nova de Jericó. Lucas, que de modo geral não cita nomes, demonstra neste passo tratar-se de tradição segura.

Zaqueu (em grego *Zakchaíos*, em hebraico *Zakhkhay*, cfr. Esdr. 2:9 e Neh. 7:14) significa "o justo" ou o "puro". Sua designação como *architelônês*, por ser essa palavra um *hápax*, é de tradução insegura. Mas deve tratar-se de um Chefe-dos-Coletores ou Coletor-Principal. Era rico, pois como vimos (vol. 2º pág. 88) devia dar ao governo o montante das cobranças de impostos de seu bolso, ressarcindo-se, depois, nas coletas individuais que fazia, e isso lhe rendia o lucro. Sendo Jericó a segunda cidade do país em importância, os impostos aí cobrados deviam ser elevados, bem como os lucros.

[172] Tendo ouvido falar a respeito do carpinteiro que era aclamado Rabbi, tinha grande curiosidade de conhecê-lo. E Jesus passava por Jericó. Ocasião propícia única! Mas o povo era muito e ele era de baixa estatura. Olhou a direção em que ia a onda de gente, correu à frente e, agilmente, trepou num sicômoro, que era árvore não muito alta, mas esgalhada. Lá aguardou a turba.

Quando a multidão ia passando, distinguindo ele o simples e majestoso porte do Mestre galileu, seu coração pulsava mais violento e mais rápido. Mas o choque maior veio quando Jesus olhou para o alto da árvore e fixou-o com seu olhar límpido e penetrante. E se deteve! E lhe dirigiu a palavra, chamando-o pelo nome! Ao ouvir a frase, espontânea e tranqüila - "Zaqueu, apressa-te descer, pois hoje devo permanecer em tua casa"! - o coração quase lhe pulou pela boca! Era muito mais do que pretendia e do que esperava. E desceu quase que de um salto. Escreveu Ambrósio (*Patrol. Lat.* vol. 15 col. 1792) que "caiu da árvore como um fruto maduro" (*Zacchaeus in sycómoro, novum videlicet novi témporis pomum*).

Entrou no meio da multidão, unindo-se a ela e conduzindo-a a seu palacete. A multidão murmurava: em Jericó, cidade sacerdotal por excelência, Jesus vai hospedar-se na casa de um judeu vendido aos odiados dominadores romanos!

Ao chegar à entrada da casa de Zaqueu para e se dirige a Jesus, falando de forma a que o povo o escute: "Dou metade de meus bens aos mendigos e, se defraudei alguém, restituo quadruplicado". É uma justificativa pública de seu modo de agir, que Jesus tacitamente aceita. E também de modo a ser ouvido, declara: "Hoje aconteceu a salvação em tua casa". E dirigindo-se claramente à multidão: "porque também este é filho de Abraão, e o filho do Homem veio procurar e salvar o perdido".

Entraram. Fechou-se a porta. Dissolveu-se aos poucos o grupo de admiradores e curiosos.

As traduções correntes vertem os verbos: "darei...restituirei"... no futuro, como se fora novo modo de agir de Zaqueu, a partir daquele momento, provocado pela alegria de hospedar o Mestre. Não nos parece assim. O presente do indicativo é claro e concordante em todos os códices: *didómi* e *apodídómi*. Sendo um presente do indicativo, exprime uma ação continuada, não só no momento atual, mas que vem do passado, revelando um hábito: Zaqueu costumava já dar a metade dos bens aos mendigos e restituir quadruplicado o que cobrasse sem querer, acima da conta. E talvez por já agir assim, e portanto ser um espírito de evolução, é que Jesus vai a ele.

Realmente, segundo o Êxodo (21:37) a restituição quádrupla devia ser feita em caso de roubo; mas tratando-se de simples fraude, a Lei (Lev. 5:24 e Num. 5:6-7) mandava que se restituísse a importância mais um quinto (isto é, mais 20%). Jesus não se impôs a Zaqueu nem lhe pediu que abandonasse suas riquezas e o seguisse: apenas o homenageia com Sua presença.

O fato pode ter parecido sempre a todos com um acontecimento ocasional e simples: passando por uma cidade onde não costumava deter-Se, Jesus escolhe uma casa grande para hospedar-se com os doze discípulos mais as mulheres que O acompanhavam.

[173] Como conhecia Jesus aquele homem? Não nos esqueçamos de que Mateus também era coletor de impostos em Cafarnaum e fatalmente devia conhecer o colega, nem que fosse apenas de nome, e saber de sua generosidade. No entanto, sendo Zaqueu Chefe-dos-Coletores, talvez Mateus fosse, em Cafarnaum, um de seus subordinados funcionais, e costumasse prestar a ele suas contas. São suposições, mas cremos que tem lógica: "onde há uma explicação natural, não deve buscar-se uma milagrosa", é o princípio teológico. Ora, por indicação de Mateus, podia Jesus já se estar dirigindo para a casa de Zaqueu quando, na rua, Mateus que Lhe estava próximo e O conduzia, viu Zaqueu sobre a árvore e mostrou-o a Jesus: "Mestre, olhe lá Zaqueu em cima daquele sicômoro"! E Jesus a ele se dirige, chamando-o pelo nome.

Supõem alguns autores (Agostinho, Ambrósio, Crisóstomo e os modernos Loisy e Reuss) que a frase de Jesus: "ele também é filho de Abraão", signifique que Zaqueu era gentio. Nada, porém, autoriza essa hipótese. O nome é do mais puro hebraico e o "também" pode referir-se muito melhor a "apesar de ser coletor-de-impostos, ele também é filho de Abraão como qualquer outro israelita".

Alguns textos, como as "Homilias" e as "Recognitiones" de Clemente dizem que Zaqueu aderiu a Pedro no apostolado, tornando-se mais tarde "inspetor" (bispo) em Cesaréia (*Patrol. Gr. vol. 2º col. 152 e vol. 1, col. 1131*). Clemente de Alexandria o identifica ao futuro apóstolo *Matias* (*Patrol. Gr. vol. 8 col. 1249*).

Episódio significativo no simbolismo profundo que apresenta.

Eis um exemplo do encontro com o Cristo, bem típico, e de uma clareza meridiana.

Cristo responde sempre a nosso chamado. E nas entrelinhas da narrativa, transparece a busca ansiosa de Zaqueu que procura vê-Lo. Sabia que o Cristo lá estava, não no retiro do deserto mas entre a multidão rumorosa de grande cidade. E esforça-se por encontrá-Lo.

Quer ao menos vê-Lo. Sobe, então, suas vibrações (simbolizada essa elevação pela subida na árvore) porque é humilde, isto é, natural, e reconhece sua pequenez. Essa maneira de agir, elevar-se por ser pequeno, traduz seu desejo ardente do encontro.

Além disso, sua atuação na vida é de profundo desprendimento: distribui a metade de seus bens aos mendigos... Não se limita a uma percentagem do dízimo: vai à metade, sem temer descapitalizar-se. E se ocorre algum engano nas contas e cobra a mais restitui quatro vezes o valor. Renúncia sincera, sem prender-se ao que a Lei estabelece. Em geral a Lei determina o "mínimo", e até mesmo os que "se dizem" espiritualistas, se esforçam por burlar a lei, pagando menos do que ela estipula. Zaqueu, o "justo", fazia espontaneamente a sua parte, com maravilhosa generosidade, pelo muito amor que de seu coração "puro" brotava.

Tendo como base de vida a renúncia, e realizando a busca com excepcional ânsia, teve a resposta merecida: "hoje me hospedarei em tua casa". Não há frase mais consoladora nos evangelhos. Nada vale tanto em nossa vida, do que quando a Voz Interna diz aos ouvidos de nossa alma: "hoje me hospedarei em tua casa" (cfr. "se alguém me amar seguirá minha doutrina, e o Pai o amará e virá a ele e fará morada nele", João, 14:13).

O simbolismo é por demais claro: é a lição com o exemplo vivo e com pormenores. Observemos.

[174] *Para que o Cristo se manifeste, as condições percebem-se manifestas:*

1º - *Indispensável que a criatura seja "justa" ou "pura" (Zaqueu) em seu íntimo, mesmo que toda a "multidão" julgue tratar-se de um "desorientado" ou "errado" (hamartôlos). Seja justo, ou seja, ajustado às vibrações superiores, e seja puro, isto é desprendido de tudo, vazio de tudo (cfr. vol. 2º, pág. 122 e 123).*

2º - *Indispensável que não tenha apego a seus bens e os distribua generosamente (a metade, e não apenas o supérfluo) ajudando os necessitados.*

3º - *Indispensável que a criatura queira buscar o Cristo, não apenas com a boca, mas com efetivo esforço, correndo para encontrá-Lo.*

4º - *Indispensável que se conheça, vendo-se como é: pequeno.*

5º - *Indispensável que eleve suas vibrações (a subida no sicômoro).*

Não esqueçamos que o sicômoro é a "figueira da Índia". E a figueira (cfr. vol. 1º pág. 156) representa, no ocultismo, exatamente "a floração interna das qualidades morais e espirituais, isto é, a evolução em si mesma, a transmutação da seiva interior da árvore nas flores da perfeição, não abertas para o exterior, mas inclusas ou fechadas em si mesmas, florescendo para o íntimo".

Tudo isso adapta-se perfeitamente a Zaqueu - e aí vemos a exatidão absoluta das palavras exemplos e símbolos do Novo Testamento, sobretudo nas palavras de Jesus - cujas virtudes floresciam internamente, embora de fora todos o julgassem "pecador".

Pode perguntar-se por que não se fala em figueira, e sim em sicômoro.

Porque sendo a figueira uma árvore baixinha, quase um arbusto, não poderia Zaqueu subir nela. E sendo em grego as palavras de grande semelhança, e uma composta da outra (figueira - sykê, ao lado de sykomoros), qualquer pessoa poderia perceber o esoterismo do ensino (1).

(1) Daí defendermos a tese de que os Evangelhos devem ser lidos e meditados na língua original (grego), para que se percebam as minúcias dos significados. Pelo menos os comentadores devem fazê-lo; pois baseando-se nas traduções correntes, os comentadores são muitas vezes levados a trair, com interpretações erradas, absurdas e até por vezes contrárias, o texto verdadeiro do ensino do Mestre, conforme está no original.

Quando essas condições são colocadas, não tenhamos dúvida; aguardemos. Quando menos o esperarmos, o Cristo virá ao nosso encontro, e hospedar-se-á em nossa casa. Se a iniciativa tem que partir de nós, a vinda Dele só depende Dele: mas não falhará. A resposta é infalível. E Sua vinda será como o relâmpago, que ilumina e incendeia repentinamente do oriente ao ocidente, do princípio ao fim.

OS TALENTOS (175 – 180)

Mateus 25:14-30

- 14 Pois é como um homem, que se ia ausentar do país, e chamou seus servos e lhes entregou seus bens
- 15 e a um deu cinco talentos, a outro dois, e a outro um, a cada qual segundo sua capacidade; e partiu.
- 16 Imediatamente foi o que recebera cinco talentos e operou com eles e lucrou outros cinco.
- 17 Igualmente o de dois, lucrou outros dois.
- 18 Mas o que recebera um, foi, cavou a terra, e escondeu o dinheiro de seu senhor.
- 19 Depois de muito tempo, vem o senhor daqueles servos e ajusta contas.
- 20 E vindo o que recebera cinco talentos, trouxe outros cinco, dizendo: "Senhor, entregaste-me cinco talentos; olha outros cinco talentos que lucrei".
- 21 Disse-lhe seu senhor: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra na alegria de teu senhor".
- 22 Chegando também o de dois talentos, disse: "Senhor, entregaste-me dois talentos; olha outros dois talentos que lucrei".
- 23 Falou-lhe seu senhor: "Muito bem, servo bom e fiel; foste fiel no pouco, confiar-te-ei o muito; entra na alegria de teu senhor".
- 24 Vindo também o que recebera um talento, disse: "Senhor, conheço-te que és homem duro, colhendo onde não semeaste e recolhendo onde não distribuístes,
- 25 e amedrontado, escondi teu talento na terra; olha (aqui) tens o teu".
- 26 Respondendo, então, disse-lhe seu senhor: "Servo infeliz e tímido, sabias que colho onde não semeei e recolho onde não distribuí?
- 27 Devias, então, ter confiado meu dinheiro aos banqueiros e, vindo eu, teria recuperado o meu com juros.
- 28 Tomai-lhe, portanto, o talento, e dai-o ao que tem dez talentos,
- 29 pois a todo o que tem, será dado e superabundará; mas de quem não tem, ser-lhe-á tomado até o que tem.
- 30 E o servo inútil lançai-o nas trevas exteriores; aí haverá o choro e o ranger de dentes".

Lucas 19:11-28

- 11 Ouvindo eles isto, continuando disse uma parábola, por estar ele próximo de Jerusalém, eles pensarem que estava para aparecer de imediato o reino de Deus.
- 12 Disse então: "Certo homem ilustre partiu para um país longínquo, a fim de conseguir para si um reino e voltar.
- 13 Tendo chamado dez servos seus, deu-lhes dez minas e disse-lhes: "negociai até que eu volte".
- 14 Seus concidadãos, porém, o odiavam, e enviaram uma embaixada atrás dele, dizendo: "Não queremos que este seja rei sobre nós"!
- 15 E aconteceu que, ao regressar, ele assumiu o reino e mandou fossem chamados aqueles servos aos quais dera o dinheiro, para saber o que tinham lucrado.
- 16 Chegou, pois, o primeiro, dizendo: "Senhor, tua mina rendeu dez minas".
- 17 E disse-lhe: "Muito bem, servo bom, porque te tornaste fiel no mínimo, tem poder sobre dez cidades".
- 18 E veio o segundo, dizendo: "A tua mina, senhor, rendeu cinco minas".
- 19 Disse também a esse: "Também tu serás sobre cinco cidades".
- 20 E outro veio dizendo: "Senhor eis tua mina, que eu mantinha guarda da num lenço,
- 21 pois te temia, porque és homem austero, tiras o que não puseste e colhes o que não semeaste".
- 22 Disse-lhe: "Por tua boca te julgo, servo infeliz. Sabias que sou homem austero, tirando o que não pus e colhendo o que não semeei?
- 23 E por que não colocaste meu dinheiro no banco? E vindo eu, então, o exigiria com juros".
- 24 E aos presentes disse: "Tirai dele a mina e dai-a ao que tem as dez minas",
- 25 E disseram-lhe: "Senhor, tem (já) dez minas"!
- 26 "Digo-vos que a todo a que tem, lhe será dado, e do que não tem, até o que tem lhe será tirado.
- 27 Entretanto, esses meus inimigos que não queriam que eu reinasse sobre eles, trazei-os aqui e trucidai-os diante de mim".
- 28 Tendo dito: isso, partiu à frente deles, subindo para Jerusalém.

Aparece aqui mais uma comparação (parábola) de como funciona a lei em relação às pessoas humanas, dando-nos a tese e a antítese.

Narrada por Mateus e Lucas, anotamos nos dois textos diferenças fortes quanto à forma, embora o fundo seja o mesmo. Pelas frases do "senhor" aos "servos" e pela conclusão, todavia, certificamo-nos de que a parábola é a mesma.

Alguns exegetas sugerem que, em Lucas, tenha havido a fusão (ou confusão) de duas parábolas, uma do pretendente ao trono, outra das "minas" (cfr. Buzy, "Les Paraboles", Paris, 1932, pág. 542-548).

Pensamos que a alusão ao pretendente ao trono tenha sido silenciado por Mateus, por haver ele escrito para israelitas na Judéia, onde ainda reinavam os "Herodes", ao passo que Lucas, dirigindo-se os gentios, estava mais livre. Com efeito, o "homem ilustre" que pretendeu a investidura como "rei" e foi solicitar o cetro a Roma, identifica dois episódios historicamente ocorridos na vida material. Trata-se de Herodes o Grande, em 40 A.C. (cfr. Josefo, *Ant. Jud.* 14,14,4-5) e de Arquelau, em 4 A.D. (cfr. Josefo, *Ant. Jud.*, 17,9,3-4 e *Bell. Jud.* 2,2,1-3). O segundo só obteve o título de "tetrarca" e foi, efetivamente, seguido por uma embaixada de judeus que o odiavam por causa de sua violência; e chegaram até Augusto, em Roma, rogando-lhe não o fizesse "rei". Em seu regresso, foram cruéis as represálias de Arquelau contra seus inimigos.

Outra diferença notada entre as duas narrativas é quanto as importâncias entregues aos servos. Diz Mateus que três servos receberam dez, cinco e um talento, e Lucas afirma que dez servos foram contemplados com uma mina cada um, embora no final, só sejam pedidas contas de três deles.

[177] O tipo de moeda também varia. Mateus fala em "talentos", que era a maior unidade monetária judaica, equivalendo ao peso de 42,533 k, com valor de 60 minas e 3.000 siclos. Do talento se conserva um espécime (um *kikkâr*) no Museu Bíblico de Santana em Jerusalém. Modernamente o talento pode ser equiparado a 2.000 dólares norte-americanos, ao passo que a mina (que vale 100 dracmas) tem o valor de pouco menos de 34 dólares.

Em ambos os casos, não se procura propriamente o rendimento do dinheiro (que poderia com mais segurança ter sido entregue a um "trapezista" (banqueiro, como diríamos hoje); mas o desejo é experimentar os homens, a respeito de administração de bens, para concluir-se sobre as tarefas que lhes poderiam posteriormente ser cometidas.

Para isso, é lhes concedido longo tempo (*metá pólyn chrónon*) e, ao regressar, são pedidas as contas.

Os dois primeiros, em Mateus, obtiveram cem por cento de lucro. São elogiados e convidados a "entrar na alegria do senhor", com a promessa de que lhes seriam confiadas grandes tarefas, já que se desincumbiram tão bem das "pequenas". Em Lucas o primeiro consegue multiplicar por dez e o segundo por cinco a quantia recebida. Proporcionalmente são prepostos a dez e cinco cidades, como governadores, associando-se ao governo do novo rei.

Ambos os evangelistas têm a mesma conclusão: "a quem tem será dado, de quem não tem será tirado até o pouco que tem", frase que já fora proferida em outra oportunidade (Mat. 13:12; Marc. 4:25; Luc. 8:18, vol. 3^o pág. 43). A esse respeito escrevemos: "quantos, após uma vida inteira dedicada ao sacerdócio, ao ministério, ao mediunismo mais puros, se acham, depois do túmulo, de mãos vazias: perderam até o pouco que julgavam ter, porque estavam em direção errada, já que buscavam Deus fora de si mesmos e serviram a Deus através de vaidades e honras humanas" (vol. 3^o pág. 49).

*

* *

A lição primordial para a personagem humana, é a da REENCARNAÇÃO. Com essa interpretação é que entendemos a alegoria (*mâchâl*).

Realmente, cada criatura recebe ao "entrar na vida", determinada quantidade ou qualidade de "talentos", mas sempre de acordo com sua capacidade (ou força = *dynamis*) de fazê-los frutificar. Alguns dez talentos. São os mais capazes, que aproveitam a oportunidade e os fazem multiplicar-se. Tanto é assim, que o "senhor" deixa com cada um os talentos que lucrou (pelo menos, na parábola eles não são pedidos de volta). De fato, o que cada indivíduo conquista com seu esforço em cada existência, passa a pertencer-lhe de direito, agregando-se à sua individualidade eterna.

Outros são menos capazes: produziram menos no passado. São-lhes confiados cinco talentos e, dentro do que lhes for possível, os multiplicarão.

[178] Mas muitos recebem pouco: um só talento. E passam uma vida inteira sem conseguir fazê-lo multiplicar-se. Talvez tenham oportunidade de cursar colégios e até de diplomar-se mas estacionam lamentavelmente. Perdem as melhores oportunidades. Deixam-se escoar-se os minutos e as horas em divertimentos e ócios. Os dias esgotam-se, somam-se em semanas, meses e anos, em sucessivos zeros improdutivos. Futilidades e conversas sem objetivo. Preguiça indolente e busca apenas de gozos físicos. A desencarnação suas prende-os de mãos vazias, após uma existência improfícua. E nada fazem com os títulos acadêmicos conquistados. Cristalizam no nível em que os colocou a vida pelas facilizações adquiridas na juventude. Nem um passo á frente. Podem e não querem. Não entram pelas portas que se lhes abrem às escâncaras. Para que? A esses, quando regressam novamente ao planeta, nada mais lhes será dado. Nenhuma facilidade de estudo. Nada lhes sorri. Desejam aprender, mas faltam-lhes as oportunidades. O pouco que tinham lhes foi tirado. Castigo? Não: resultado cientificamente controlado da vida anterior improdutiva: paralisaram a mente por vontade própria, para dar largas à indolência: agora estão com os neurônios destreinados, com o intelecto amodorrado, e por mais que se esforcem, as dificuldades agigantam-se: foi-lhes tirado o pouco que tinham, o talento que em outra vida lhes fora dado, porque lá o deixaram sem frutificar. Agora estão desarmados. Não por castigo nem por vingança; mas porque eles mesmos desgastaram sua matéria-prima.

Elucidemos com um exemplo prático. A cada aluno é distribuída uma folha de papel em branco, para escrever sua prova. Na demora da espera, alguns alunos rabiscam a folha com desenhos e garatujas. Quando soa o momento de iniciar, o papel deles está todo sujo, e eles não têm mais onde escrever, sendo reprovados: até o papel que tinham lhes é tirado. Não houve castigo, mas desperdício do material (talento) que lhes havia sido entregue.

Assim, quem não usa o intelecto, deixa-o atrofiar-se: perde, pois, o pouco que tinha, não porque lho tirem, mas porque o deixou embotado e, uma vez embotado, as dificuldades automaticamente crescem.

O prêmio dado aos que produziram é a "entrada na alegria" e a promessa de que, no futuro, maiores responsabilidades e possibilidades lhes serão atribuídas. Em Lucas, por tratar-se de "rei", é dado aos vencedores da prova a participação no governo.

A penalidade imposta aos displicentes, que dão desculpa de temor ou de prudência, em Mateus, é a perda do que têm e mergulho nas trevas exteriores (reencarnação dolorosa). Em Lucas aparece a condenação à morte dos inimigos que se opuseram ao reinado do "homem ilustre". Aqui temos, pois, um exemplo do que foi acima dito: "os governadores tiranizam... os grandes dominam" (Mat. 20:25, Marc. 10:42).

Chama-nos a atenção, em toda a parábola, a freqüência do emprego de termos técnicos das Escolas iniciáticas. Vejamos:

[179] *O homem "entrega" (paradídômi) os talentos, de acordo com a "capacidade" (dynamis) de cada um; estes "operam" (ergázomai) com os talentos. Mas o infeliz que recebera um só talento, o "esconde" (kryptô), até que o senhor chama os servos ao "ajuste de contas" (synaírei lógon, que também poderia ser traduzido "tomar a doutrina" ou "tornar a lição"), e os convida a entrar na "alegria" (cháran) quando venceram. A estes, em Lucas, é dado o "poder" (exousia).*

Eis, então, uma cena que precisa ser interpretada dentro dos ensinamentos esotéricos.

Nas Escolas, o candidato recebe a entrega (parádosis ou traditio) dos símbolos sagrados, que podemos resumir, nas escolas gregas, à espiga de trigo (como nos evangelhos o episódio dos discípulos no trigal, Mat. 12:1-8; Marc. 2:23-28 e Luc. 6:1-5; vol. 2º pág. 98 ss). Em João, há uma referência ao "pão" (João, 6:35,48), que depois aparece nos demais anotadores (Mat. 26:26; Marc. 14:22; Luc. 24:30, etc.).

Observemos que na iniciação grega os símbolos eram a espiga de trigo e a uva; na iniciação judaica passaram a ser o resultado de ambos: o pão e o vinho, que Melquisedec já utilizara (cfr. Gên. 14:18). Na parábola, observamos que a experiência é feita com dinheiro, para preparação ainda dos aspirantes à iniciação (cfr. atrás pág. 31).

O símbolo é "mostrado" (deíknymi) e entregue, de acordo com a força (dynamis) de cada discípulo, tal como o faz Jesus, ao mostrar o pão e dá-lo: "tomai e comei". O hierofante, denominado aqui "homem ilustre" (ánthrôpos eugenês) introduz o iniciando na Senda e dá-lhe os símbolos para que, por meio de exercícios espirituais, se desenvolva. E "retira-se para fora de seu país"

(apodêmôn), ou seja, afasta-se do ambiente do discípulo, para que este possa demonstrar sozinho sua força (dynamis). O tempo é mais que suficiente e, pois o Mestre só regressa "após longo tempo" (metà pólyn chrónon).

Durante essa espera, os discípulos têm que "produzir obras" (ergázomai), fazendo que os talentos se multipliquem, "colocando a luz em cima do castiçal" (Mat. 5:14-16; Luc. 11:33,36). Quem a mantém "escondida" (kryptô) é réu de egoísmo, e deixa o trabalho, a ação ou atividade (érgon) improdutivo, não havendo desculpa na hora de "tomar a doutrina" (synaírei lógon) ou "prestar as contas".

Se o trabalho (érgon) foi bem executado, o candidato adquire "poder" (exousía) e entra na "alegria" (cháran) do Mestre, demonstrando-se capaz de dirigir outras criaturas pela mesma Senda. Não se tornará "Mestre", mas poderá formar um pugilo de outros discípulos, proporcionalmente ao rendimento que obteve.

Aí temos, portanto, o modo de agir da Escola Iniciática Assembléia do Caminho. Nada de promoções por "pistolão" (cfr. Mat. 22:10; Marc. 10:37) nem por beleza física, nem por amizade: é duramente de acordo com a capacidade e a força de cada um.

* *

*

[180] Outra interpretação, corroborando a reencarnação, se entendermos o "homem ilustre" como o "Eu Verdadeiro", isto é, o Espírito ou individualidade, que deixa ao "espírito" ou personalidade a incumbência de descer ao plano físico a fim de produzir experiências e multiplicar os talentos que a Espírito Eterno lhe empresta. No momento da destruição da personagem, o Espírito: vem buscar o resultado para incorporá-lo a seu acervo. Se a personagem conseguiu multiplicar os talentos com seu trabalho ou sua ação (érgon), receberá como prêmio a concessão da alegria de tornar-se, no planeta, um "nome famoso", por ter aproveitado bem os dons recebidos. Se nada obteve na encarnação, e nada pode restituir ao Espírito senão o que ele já tinha (pois jamais se perde o que se conquistou), então a personagem desaparece nas trevas do túmulo, sem que ninguém se lembre dele; seu nome cai no olvido mais total. Permanece um dos milhões de anônimos que perambulam pela superfície do globo.

A parábola é um aviso de suma importância para todos, mas especialmente para os que penetraram no Caminho e SABEM: sua responsabilidade é incomparavelmente maior que a daqueles que ainda estão adormecidos na psychê, ou alma puramente animal. Os que "já tem Espírito" (Judas, 19) terão que prestar contas rigorosas, porque já receberam maior número e melhor qualidade de "talentos".

ONDE ESTÁ JESUS? (181)

João 11:55-57

55 Estava próxima, porém, a páscoa dos judeus, e muitos daquela região subiam a Jerusalém antes da páscoa para purificar-se.

56 Procuravam, então, Jesus e diziam uns aos outros, estando no templo: "Que pensais? Não virá (ele) à festa"?

57 Os principais sacerdotes e os fariseus tinham dado ordem para que, se alguém soubesse onde (ele) estava, o denunciasse, para prendê-lo.

A demora do Mestre com Seus discípulos, em Efraim, não foi longa, pois estava próxima a festa da páscoa, a terceira narrada por João (cfr. 2:13 e 6:4 ss). A entrada em Jerusalém se daria por Betânia, pois Jesus seguia normalmente a estrada que vinha de Jericó.

A purificação no templo, antes da Páscoa, era rito legal (Núm. 9:10 e 2^o Crôn. 30:17-18).

E nesse burburinho de gente de todas as partes, uma preocupação sobressaía a tudo: viria Jesus? Sempre aparecia em Jerusalém esse profeta, de porte régio, majestoso em sua simplicidade. Mas desta vez, a nota dominante era a exigência do Sinédrio: sua cabeça estava "a prêmio"; quem O visse, era obrigado a denunciá-Lo.

A denúncia hoje é extemporânea. Mas a curiosidade em torno dos grandes vultos é sempre a mesma. Todos querem saber se aqueles que se tornam alvo de admiração e estima, agirão desta ou daquela maneira. Nem sempre é por procurar imitá-los, mas pelo menos para ter assunto para comentários.

Outra categoria de pessoas, os espíritos que já compreenderam e iniciaram a caminhada, também estão sempre inquietos, para saber se o "Mestre" virá ou não.

Páscoa ou "passagem" simboliza uma transição que pode assumir grande importância para o discípulo. Contará com a presença sensível daquele que, por ser o Mestre, se responsabilizou por sua orientação?

Não só os que desejam "matá-lo", mas os próprios discípulos, se pudessem, prenderiam o Mestre a si monopolizando-o para uso próprio, para convivência privativa.

Virá o Mestre? Quando virá? Como aparecerá? Quanto tempo se demorará conosco? A expectativa gera ansiedade, e esta perturba profundamente a percepção da chegada do Mestre que, talvez, já esteja presente, ajudando apenas a pacificação silenciosa interior, para fazer finalmente ouvir Sua voz.

A UNÇÃO EM BETÂNIA (182 – 185)

Mateus 26:6-13

- 6 Estando, pois, Jesus em Betânia, em casa de Simão o leproso,
- 7 aproximou-se dele uma mulher que tinha um (vaso de) alabastro de perfume caríssimo e derramou por cima da cabeça dele, reclinado (à mesa).
- 8 Vendo isso, os discípulos aborreceram-se, dizendo: "Para que esse desperdício?"
- 9 Pois podia isto ser vendido por muito e ser dado aos mendigos".
- 10 Sabendo-o, Jesus disse: "Por que causais dissabor à mulher? pois realizou bela ação para mim,
- 11 já que sempre tendes mendigos entre vós, mas a mim nem sempre tendes.
- 12 Lançando este perfume sobre meu corpo, ela fê-lo para preparar o sepultamento.
- 13 Em verdade vos digo: onde quer que seja pregada esta boa-nova, em todo o mundo, será dito o que ela fez, para memória dela".

Marcos 14:3-9

- 3 Estando ele em Betânia, na casa de Simão o leproso, reclinado (à mesa), veio uma mulher trazendo um (vaso de) alabastro de perfume caríssimo de nardo autêntico; e quebrando o alabastro, derramou-o na cabeça dele.
- 4 Alguns estavam indignados, dizendo entre si: "Para que se fez esse desperdício de perfume?"
- 5 Pois podia esse perfume ser vendido por mais de trezentos denários e ,dado aos mendigos". E murmuravam contra ela.
- 6 Mas Jesus disse: "Deixai-a; por que lhe causais dissabor? Bela ação realizou em mim,
- 7 pois sempre tendes mendigos entre vós, e todas as vezes que quiserdes, podeis beneficiá-los; mas a mim nem sempre tendes.
- 8 Ela fez o que pôde: ungiu por antecipação meu corpo para o sepultamento.
- 9 Em verdade vos digo, onde quer que seja pregava esta boa-nova, em todo o mundo, também o que ela fez será falado, para memória dela".

João 12:1-8

- 1 Então, seis dias antes da páscoa, Jesus veio a Betânia, onde estava Lázaro, o morto que Jesus despertou dos mortos.
- 2 Fizeram-lhe, pois, uma ceia lá, e Marta servia, e Lázaro era um dos que se reclinavam (à mesa) junto com ele.
- 3 Então Maria, tomando uma libra de perfume de nardo autêntico caríssimo, ungiu os pés de Jesus e enxugou com os cabelos dela os pés dele. A casa ficou cheia do odor do perfume.
- 4 Disse Judas, o iscarotes, um dos discípulos dele, o que iria entregá-lo:
- 5 "Por que esse perfume não foi vendido por trezentos denários e dado aos mendigos"?
- 6 Disse isso, não porque se importasse com os pobres, mas porque era ladrão e, tendo a caixinha, levava o que (nela) se punha.
- 7 Disse então Jesus: "Deixa-a, para que o conserve para o dia de meu sepultamento,
- 8 pois, os pobres sempre tendes entre vós, mas a mim nem sempre, tendes".

[183]

Por João, sabemos que SEIS DIAS antes da festa da Páscoa, ou seja, sábado, dia 1 de abril do ano 31, Jesus estava em Betânia, na casa de Simão, o leproso, tomando parte numa ceia.

Quem era esse Simão? Supõem alguns que seja o mesmo Simão o fariseu que convidou Jesus a jantar (Luc. 7:36). Mas seria muita coincidência que, na mesma casa, se repetisse a mesma cena, em duas ocasiões distintas, por duas mulheres diferentes, porque, evidentemente, o andamento do fato é totalmente diverso, e Maria de Betânia não era, positivamente, a "pecadora", como Jerônimo já dissera (*Patrol. Lat.* vol. 36, col. 191). Diz o mesmo autor (*Patrol. Lat.* vol. 36, col. 131) que o epíteto "leproso" deve ter sido mantido como recordação de pristina enfermidade curada por Jesus, tal como Mateus continua a denominar-se "coletor de impostos" mesmo após abandonar a profissão. Outros sugerem que Simão deve ser o pai de Lázaro, já que a família estava aí reunida: Marta servia à mesa, Lázaro estava presente e Maria ungiu-lhe o corpo. E o evangelista sublinha: "Lázaro, o morto (1) que Jesus despertou dos mortos".

(1) Lázarus, sinaítico, B, L, W, X, itálicos (a, aur., c, e, rl), siríacas (pèschitto e palestinese), coptas (saidica e boáfrica), Diatessaron, Crisóstomo, Nonnus.

Lázarus ho tethnêkôs, papiro 66, A, D, K, delta, theta, pi, psi, 065, 0217, 0250, fl, f13, 28, 33, 565, 700, 892, 1009, 1010, 1071, 1079, 1195, 1216; 1230, 1241, 1242, 1344, 1365, 1546, 1646, (2148 sem ho), 2148c, 2174, lecionários bizantinos, itálicos (b, d, f, ff2), Vulgata, siríacas (sinaítica e harclease), coptas (boáfrica, achmímica e sub-achmímica), gótica, armênia, Geórgia o Chrônica Paschalis.

Mateus fala em "perfume caríssimo", enquanto Marcos e João definem "nardo autêntico". O nardo (*nardostachys jatamansi*), da família das valerianas, era planta que provinha da Índia. Plínio (Hist. Nat. 13, 2,16) o diz *nardum índicum* e o descreve (Hist. Nat. 12, 26, 47): *de folio nardi plura dici par est ut principali in unguentis. Sincerum quidem levitate deprehénditur et colore rufo odorisque suavitate et gustu maxime siccante os, saporei jucundo. Pretium spicae in libras centum denarios*, isto é, "pode dizer-se muitas coisas da folha do nardo, como principal nos perfumes. O legítimo se conhece pela leveza, pela cor ruça e pela suavidade do cheiro, agradável de sabor mas fortemente adstringente na boca. O preço da espiga é de cem denários por uma libra". Depois de industrializado em perfume, o nardo devia custar três ou quatro vezes mais. No entanto, o mesmo naturalista avisa, logo adiante, que há falsificação do nardo: é o nardo sírio, o gaulês, o céltico e o cretense, cujo valor é muito menor. O perfume era embalado em pequenas ânforas de alabastro ou de ônix, artísticas, com gargalo fino e comprido, de muita elegância.

Uma contradição forte, porém, deparamos. Mateus e Marcos asseveram que o perfume foi derramado na cabeça, enquanto João diz que o foi nos pés, que Maria enxugou com os cabelos dela. Como explicar o fato, já que João estava presente à ceia, que descreve com pormenores silenciados pelos outros?

[184]

Terá havido confusão com a cena da "pecadora" (Luc. 7:39)? Pela distância entre os episódios e a época em que João escreveu seu Evangelho (cerca de meio século depois), pode realmente admitir-se uma confusão ou lapso de memória. Os outros dois evangelistas escreveram a menos distância no tempo. Pelas palavras de Jesus a posteriôri, e por serem duas testemunhas a afirmar a unção na cabeça, aceitamos essa versão como verdadeira, embora a dúvida não possa ser historicamente resolvida.

Em decorrência da quebra do precioso vaso de alabastro e do perfume que escorreu, recendendo pela casa toda, alguns dos discípulos (João limita o protesto a Judas) lamentaram o "desperdício", já que podia ter-se vendido aquela preciosidade, distribuindo o produto pelos mendigos. Trezentos denários era o salário de um trabalhador durante um ano!

Mas Jesus levanta Sua voz em defesa de Maria, como o fizera com a "pecadora" (Luc. 7:40). E diz que "mendigos sempre os tereis convosco". Já o testificara o Deuterônômio (15:11): "não faltarão pobres no meio do povo". E o Mestre prossegue: "mas a mim nem sempre tereis". Era uma despedida.

Depois, vem a justificação do ato: "ela me ungiu o corpo (logo não foram apenas os pés) para o sepultamento (*entaphiásmōn*). E a seguir a profecia: "onde quer que esta boa-nova seja difundida, no mundo inteiro, será narrado o que ela fez, em sua memória" (é o hebraico *zikkârôn* e o arameu *dukerânâ*, a comemoração de um fato ou de uma pessoa).

Nessa defesa, Marcos registrou belíssima frase de Jesus: "Ela fez o que pode"! Mais tivesse podido, mais teria feito.

João acusa Judas, abertamente, de ladrão: carregava o dinheiro do grupo, porque estava a seu cargo a guarda da caixinha (*glôssóxomon*, que exprimia primitivamente uma caixeta, onde se guardavam as lingüetas da flauta, cfr. 2^o Crôn. 24:8-10).

Muito mais importante o episódio no setor das iniciações.

Jesus mesmo o revela: "o perfume serviu para preparar o corpo para os ritos do sepultamento (entaphiásmōn). Por isso, Maria realizou "uma bela ação" (kalôn érgon ergázomai).

Interessam-nos aqui apenas as ações fundamentais. Observamos que o trio de Betânia estava novamente reunido, executando um ritual iniciático; como se, da outra Escola, tivessem querido seus membros colaborar com Jesus na conquista do 5^o Grau. E surge um pormenor de grande importância: passa-se a cena SEIS dias antes da grande imolação de Jesus, que ocorrerá no SÉTIMO dia após a unção prévia.

Então, em resumo: SEIS dias antes do sacrifício, que será sangrento (diferente do de Lázaro), o mesmo grupo sacerdotal reunido (Lázaro, Marta e Maria), na mesma cidade de Betânia, embora na residência de Simão, e sem outras testemunhas que os discípulos do Colégio apostólico, sendo já aqui Lázaro, o morto que regressou dos mortos, o assistente, Marta a diaconissa (servia, Martha diêkónei) e Maria a celebrante, esta unge o corpo de Jesus, derramando sobre Sua cabeça uma libra de nardo autêntico, proveniente da Índia, onde Jesus provavelmente passara alguns anos de Sua juventude (cfr. Nicolau Notovitch, "A Vida Desconhecida de Jesus"). Era, pois, algo de especial e de específico, que chegara da região dos Mestres de Sabedoria.

Cerimônia tocante, comovedora e sublime. E quando é objetado pelos que não sabiam do rito, que poderia ter sido o perfume vendido para dar-se o dinheiro aos mendigos, Jesus ergue a voz tentando explicar a realidade do que ocorrera em relação ao simbolismo.

Unamos as frases dos três narradores: "Deixai-a. Por que lhe causais dissabor? Realizou em mim uma bela ação (érgon é a palavra específica do trabalho espiritual). Ela fez o que pôde: ungiu meu corpo (temos a impressão de que o nardo escorreu da cabeça, por todo o corpo, até os pés, que então Maria enxugou com seus cabelos) preparando-o antecipadamente para o sepultamento".

Com efeito, o nardo era adstringente, da família das valerianas, e portanto anestésico ou analgésico. E essa preparação foi antecipada, porque não houve tempo de ungi-lo após a crucificação. Tendo sido pregado na cruz às 15 horas, seu corpo foi retirado do madeiro antes das 18 horas, permanecendo portanto pouco mais de duas horas na cruz. E logo a seguir, às pressas, para que não se ferisse o sábado que começava às dezoito horas, foi colocado no túmulo virgem de José de Arimatéia, sem tempo para qualquer preparação próxima com unguentos.

A unção com nardo deu a Seu corpo uma vibração particular, fortalecendo as células epidérmicas e mesmo penetrando no derma, para que pudesse suportar as dores e ferimentos que Lhe iam ser causados pelos maus tratos, flagelações e ferimentos contuso-perfurantes que O atormentariam nos dias tristes que estavam por chegar. Nada sabemos, mas talvez essa unção com nardo autêntico é que tenha provocado, no sudário, que ainda hoje se conserva em Turim, a impressão, em negativo fotográfico, das marcas do corpo de Jesus, por inteiro.

Outra frase de Jesus, que merece atenção: "deixa-a, para que o conserve para o dia de meu sepultamento". Conservar o que? Parece que o corpo. Não pode compreender-se aí outro sentido. Havia mister que o corpo pudesse suportar tudo, resistindo a todas as feridas e pancadas. Que sabemos nós das propriedades do nardo legítimo? E da absorção que as células podem fazer dessa essência aromática, conservando-a em si durante sete dias? De qualquer forma, o ritual é de suma beleza. E que se trata de um ritual, o próprio Jesus se encarregou de salientar, explicando a finalidade do ato de Maria.

E até hoje, dois mil anos depois, jamais faltou Sua profecia: onde quer que se pregue a Boa Nova, esse gesto de Maria é narrado para sua maior glória: ter colaborado no supremo sacrifício de Jesus, fazendo tudo o que podia para ajudá-Lo.

Permita-nos o Pai ter sabedoria suficiente para penetrar a fundo esses ensinamentos tão elevados e sublimes!

CONTRA LÁZARO (186)

João, 12:9-11

- 9** Soube, então, grande multidão de judeus, que Jesus estava lá, e veio, não só por Jesus, mas também para ver Lázaro que (ele) despertara dos mortos.
- 10** Resolveram, porém, os principais sacerdotes, que também Lázaro fosse morto,
- 11** Porque muitos, por causa dele, se afastavam dos judeus e criam em Jesus.

A curiosidade humana é insaciável. Sabendo que Jesus se encontrava em Betânia, muitos judeus para lá acorreram. Lá estava o profeta condenado pelo Sinédrio. Mas também lá estava Lázaro que, após o ressurgimento do túmulo por ação de Jesus, se tornara um atrativo para todos. Como seria o homem que experimentara a morte e voltara de lá?

Aos sacerdotes, "autoridades constituídas", é que não agradava isso. Lázaro era uma testemunha "viva" da força de Jesus. E numerosos eram os judeus que abandonavam os sacerdotes do templo, para acreditar que Jesus era, de fato, um profeta, e talvez o próprio Cristo, e tudo isso contribuía, para decréscimo do prestígio do Sinédrio. Para sanar essa dificuldade, havia um meio: também Lázaro devia ser sacrificado à sanha egoísta dos sacerdotes...

Para a individualidade, a lição é clara: todos os que agirem em benefício dos homens, ou forem beneficiados pelos Mestres, serão perseguidos e se possível, serão assassinados, para que as provas desapareçam e os homens passem a crer que se tratava apenas de uma invenção ou de uma alucinação, ainda que coletiva.

Não nos assustemos: quem teve a força de ajudar uma vez, poderá fazê-lo pela segunda vez.

Além disso, não é a perda de um corpo carnal que nos levará à perdição. Outro poderá ser reconstruído. O que nos atinge e degrada é a ingratidão para com nossos benfeitores; é o egoísmo, o orgulho, a vaidade e a ambição, que nos fazem descer até os últimos degraus da involução. Fidelidade absoluta coragem desassombrada, humildade natural e espontânea, e serviço ativo por amor, manterão nossos Espíritos na altura sublime do Cristo que nos ama e nos chama com "gemidos inenarráveis" (Rom. 8:26). Ouçamos-Lhe a voz e sigamo-Lo: a felicidade suprema reside Nele!

Referência do original por Assuntos.

Obs. Muitas outras referencias podem ser encontradas Com os recursos de pesquisa.

Administrador não justo, O	26	Maria, Encontro com	134
Bartimeu, Cura de	167	Moço rico, O	105
Correção Fraternal	57	Onde está Jesus	181
Crianças, Jesus e as	101	Oração	79
Cura de Bartimeu, A	167	Ovelha perdida, A	12
Decretação de morte	145	Pedido extemporâneo	155
Dentro de vós	71	Perdão, O	55,59
Dia do Filho do Homem, O	73	Prece A	78
Dificuldade dos ricos	111	Predição das dores	150
Discípulo, Ser	6	Publicano, O	82
Doença de Lázaro	127	Reencarnação	49,177
Dracma perdida	15	Repúdio, Libelo de	87
Encontro com Maria	134	Ressurgimento da Vida	131
Escândalos	46	Ressurreição de Lázaro	127
Eunucos	92	Rico e Lázaro, O	34
Fariseu	82	Rico, O Moço	105
Filho pródigo O	17	Ricos Dificuldade dos	111
Hendíades	132	Servos inúteis	61
Hominização	95	Talentos, Os	175
Jesus e as crianças	101	Trabalhadores da vinha, Os	120
Lázaro A ressurreição de	12 7	Trigo e o joio" ,	
Lázaro contra	186	Explicação da parábola	41
Lázaro, doença de	127	Trigo e o joio, O	39
Lázaro, e o rico	45	Unção em Betânia, A	102
Lázaro, reergue-se	135	Vaidade	82
Leprosos, Os dez	65	Virtude, A	84
Libelo de repúdio	87	Zaqueu	171

**COMPOSTO E -IMPRESSO PELA
GRÁFICA JORNAL DAS MOÇAS
RUA EUCLIDES DA CUNHA, 106
RIO, GB, 1969**